

Arcanos Celestes

Emanuel Swedenborg

Arcanos Celestes

Que foram revelados na Escritura Santa
ou Palavra do SENHOR, a saber,
que estão no Gênesis e no Êxodo
juntamente com as
maravilhas que foram vistas
no Mundo dos Espíritos e no Céu dos Anjos

Por um servo do SENHOR
(Emanuel Swedenborg)

Tradução da
Editio Tertia, Londini, 1949
pelo
Rev. Cristóvão R. Nobre

Sociedade Religiosa “A NOVA JERUSALÉM”
Rua das Graças, 45 - Fátima
CEP 20.240.030 - Rio de Janeiro, RJ

1999

Nota do Editor

Caro leitor,

Esta é uma obra singularíssima: os *Arcanos Celestes*, do latim “*Arcana Coelestia, que foram revelados na Escritura Santa ou Palavra do SENHOR, a saber, que estão no Gênesis e no Êxodo, juntamente com as maravilhas que foram vistas no mundo dos espíritos e no céu dos anjos*”. Seu autor, Emanuel Swedenborg, sob o pseudônimo de “um servo do SENHOR”, publicou-a entre os anos de 1749 e 1756, em Londres, em oito volumes num formato grande. Uma reimpressão da obra, revisada pelo Dr. Immanuel Tafel, foi feita em Tübingen, entre 1833 e 1842. E a terceira edição latina, tomada como base desta tradução, foi feita em 1949, em Londres, pela Swedenborg Society. Já teve várias edições em inglês e também foi publicada em outras línguas européias.

Este primeiro volume em português vai até o capítulo 6 de *Gênesis* e aparece agora, exatamente 250 anos depois que o primeiro volume em latim foi impresso na Inglaterra.

O primeiro esforço para traduzir os *Arcanos Celestes* para o nosso idioma foi empreendido por volta de 1920 pelo Sr. Levindo Castro de La Fayette, dirigente da Associação Geral da Nova Jerusalém no Brasil. Os manuscritos dessa tradução do Sr. La Fayette, bem como os de outras traduções que fez dos demais títulos teológicos do nobre sueco, encontram-se ainda na biblioteca da Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”. Em 1982, o Rev. A. J. Heilman deu início à tarefa de atualizar a ortografia da tradução do Sr. La Fayette e também fazer umas poucas e necessárias revisões, a fim de aproximá-la mais do texto original latino. Em 1984, essa incumbência passou ao atual editor. Este, depois de trabalhar alguns anos nessa tarefa, convenceu-se, porém, de que seria mais apropriado abandonar a obra do Sr. La Fayette e iniciar uma tradução nova. Isto se devia a várias razões, sendo a principal delas o fato de a tradução do Sr. La Fayette ter ficado tão alterada que não se poderia mais atribuí-la propriamente àquele dedicado tradutor. Outra razão foi a necessidade de se manter maior uniformidade de estilo e consistência no emprego dos termos doutriniais. O editor conservou, porém, o mesmo intuito do Sr. La Fayette, a saber, de trazer ao vernáculo um texto com a maior fidelidade possível ao original, ainda que com sacrifício da elegância, especialmente no que se refere às passagens e citações diretas da Bíblia.

Nos seus *Arcanos Celestes*, quando transcrevia os versículos da Bíblia, Emanuel Swedenborg era extremamente cuidadoso, mantendo no latim estrita proximidade com o texto hebraico, inclusive conservando a mesma ordem dos vocá-

bulos, quando possível. Procedia assim ser coerente com o conteúdo e a finalidade de sua obra. Com efeito, nos próprios *Arcanos Celestes* mostra-nos que existe um sentido interno ou espiritual em cada frase, vocábulo e mesmo cada letra da Palavra, especialmente no Antigo Testamento. Esse sentido estava sendo desvendado por ele pela primeira vez, mediante singular inspiração Divina. Por causa desse sentido interno, a forma de cada uma das expressões, bem como sua posição e seus vocábulos, não eram acidentais mas obedeciam à série de um relato interior e espiritual. Quando os profetas e antigos escritores escolhiam cada um dos vocábulos que iam escrevendo, a mesma ordem era observada por eles, ainda que inconscientemente, conduzidos pela Providência Divina. Portanto, a forma das Escrituras Santas, especialmente na sua parte hebraica, não era fortuita nem decorria de usos de linguagem da época. Antes, destinava-se a expressar e seguir uma história interna ali oculta, numa única e sublime mensagem, desde o *Gênesis* até o *Apocalipse*. Aliás, é a existência desse sentido espiritual que faz a Palavra ser santa, Divina e inspirada em todas e cada uma das coisas.

Consciente disso, pois, e em absoluta coerência com essa revelação, Swedenborg não podia se prender à tradução da Bíblia que usava intensamente em seus estudos, a versão de Schimidius, mas teve de fazer nova tradução do hebraico e do grego, com o fim de preservar a ordem da série do sentido interno. Às vezes, foi necessário mesmo transliterar vocábulos, fazendo-os diferentes de como estavam nas traduções correntes, por causa do significado espiritual das letras e, em alguns casos, por causa dos sons mesmos, já que, no original, os próprios sons correspondem a afeições e pensamentos específicos. É em decorrência disso que expressões aparentemente estranhas e termos ambíguos aparecem no seu texto, mas foram eliminados, por exemplo, na *King James* e em *João Ferreira de Almeida*, pois imaginou-se tratar-se de hebraísmos. Mesmo no latim, quando Swedenborg traduziu muitas dessas expressões, elas continuaram estranhas ou com semelhantes ambigüidades. Várias dessas expressões foram explicadas detalhadamente em seu sentido interno e, então, tornaram-se claras e perfeitamente lógicas. Só o sentido interno revelaria sua razão de ser.

Alguns exemplos dessas passagens podem ser citados aqui, como as expressões “morrendo morrerás”, “comendo comerás”, nas falas dos personagens do jardim do Éden. Também é peculiar a ordem inversa dos números dos anos de idade das pessoas citadas na genealogia de *Gênesis* cap. 5, em que a unidade vem primeiro, depois a dezena e por fim a centena, como a respeito de Methushelah (Matusalém), que viveu “nove anos, sessenta anos e novecentos anos”; aí o hebraico inverte os numerais e, assim, também Swedenborg o faz no latim. O motivo está, certamente, no sentido espiritual ou, talvez, no sentido celeste, mas não nos é explicado e talvez esteja acima de nossa percepção. Entretanto, é suficientemente claro para os anjos, pois que a Palavra foi escrita também para a vida e o deleite deles. Por essa razão, tivemos a preocupação de manter tanto quanto possível no português a mesma ordem das palavras que está no hebraico e no latim.

A necessidade do uso consistente dos termos deve-se ao fato de que, na Palavra, nenhum vocábulo é tomado no lugar de outro. Foi tarefa difícil em razão da abundância de termos empregados no latim ter de cair inevitavelmente em poucas alternativas em nossa língua.

Quanto à questão dos nomes próprios, na maioria dos casos foi dada preferência a formas mais próximas dos nomes originais, preterindo-se formas já consagradas na língua portuguesa, como nos exemplos: “Adam” em vez de Adão, “Abraham” em vez de Abraão, “Nebuchadenezzar” em vez de Nabucodonosor, “Reuben” em vez de Rúbens. A razão se prende não só ao significado espiritual mas também à utilidade de se poder ver alguma coisa desse sentido já na própria formação da palavra. Por exemplo: “Reuben” (em vez de Rúbens) vem diretamente da expressão “re u ben” proferida por Léia, que quer dizer: “Vê, um filho!”, significando entender (ver) a verdade (filho). Além disso, ficamos sabendo que, no hebraico, os próprios sons dos nomes são correspondenciais, e as alterações adotadas permitem a pronúncia mais correta.

Eis algumas das razões pelas quais o texto bíblico de *Gênesis* nesta obra diferirá dos de *João Ferreira de Almeida* e *Antônio Pereira de Figueiredo*. Aqui, o leitor encontrará um texto que talvez lhe pareça rude ou demasiadamente simples. Mas assim é a letra da Palavra na língua original. Por isso que ela foi representada por João Batista, homem áspero, que se vestia de peles de camelo, tinha um discurso contundente e franco, alimentava-se de gafanhoto mas também de mel silvestre; e o que ele falava nem sempre era o que a humanidade queria ouvir mas o que precisava saber para sua salvação.

Eis porque a tradução de um livro teológico de Swedenborg não pode ser considerada como a tradução de um obra de literatura comum, visto que se trata de um texto doutrinal divinamente inspirado. E, nas passagens em que Swedenborg cita diretamente a Palavra, trata-se de um texto pleno de toda a santidade, ao qual não se pode acrescentar nem tirar coisa alguma, mesmo quanto à menor partícula.

O editor reconhece e agradece a inestimável colaboração que recebeu de Raymundo de Araujo Castro Filho que, auxiliado por sua esposa, Eloah, sugeriu modificações importantes no latim. Agradece também a amabilidade de Lygia Dalcin, pela revisão do português, e de Patrícia Santoro, que fez a leitura do texto final e conferiu as referências bíblicas. Todavia, toda a responsabilidade quanto à forma definitiva desta obra deve ser atribuída somente ao próprio editor.

Finalmente, por adotar e seguir os mesmos princípios de tradução que o Sr. Levindo Castro de La Fayette, o Editor transcreve aqui o texto com que o Sr. Levindo prefaciou suas traduções:

“Aviso

“Para que os leitores não estranhem a ordem das palavras que devo seguir na tradução de todos os Escritos de Swedenborg, em que são citadas as passagens

das Sagradas Escrituras, cumpre-me dizer as razões que me levaram a proceder assim.

“Em seu tratado sobre o Juízo Final, diz Swedenborg: *“Posso afirmar que, no Apocalipse, tudo, até a menor palavra, encerra em si um sentido espiritual, e neste sentido todas as coisas da Igreja quanto ao seu estado espiritual, desde o começo até o fim, foram plenamente descritas; e pelo fato de cada palavra significar um espiritual, daí resulta que nenhuma palavra pode faltar sem que a série das coisas no sentido espiritual sofra uma mudança; é por isso que no fim desse livro se diz: ‘se alguém tirar palavras do livro desta profecia, DEUS tirará sua parte do livro de vida e da Cidade Santa e das coisas que foram escritas neste livro’ (22:19). O mesmo acontece com os livros da Palavra do Antigo Testamento; nesses, também cada coisa e cada palavra contém um sentido interno ou espiritual, por isso nenhuma palavra pode também ser tirada. Daí vem que, pela Divina Providência do SENHOR, esses livros foram conservados intactos até a um iota, desde o tempo em que eles foram escritos, pelo cuidado de muitos homens que contaram até os seus menores sinais; foi isso providenciado pelo SENHOR por causa da santidade que aí está encerrada em cada iota, em cada letra, em cada palavra e em cada coisa” - JF 41.* Daí resulta de modo evidente que nenhuma palavra, por mais insignificante que possa parecer, deve ser desprezada.

“Eis ainda o que diz Swedenborg, a respeito da conjunção “E” que se encontra tantas vezes: *“Na língua original, uma série não se distingue de uma outra por sinais de intervalo, como nas outras línguas; mas tudo parece contínuo desde o começo até o fim: as coisas que estão no sentido interno são igualmente contínuas, e dimanam de um estado da coisa a um outro; quando, porém um estado termina, e que sucede um outro que deve ser notado, ele é indicado por ‘fui’ ou ‘factum’, e uma mudança de estado menos notável é indicada por ‘et’. Eis porque esses vocábulos se deparam tantas vezes na Palavra” (AC 4987).*

“Cumpre também”, acrescenta Swedenborg, *“ser muito circunspecto quando se trata de suprir palavras por causa da elucidação do sentido, e não fazê-lo senão quando isso é absolutamente indispensável”.* Basta um exemplo para se provar: Em Lucas, 17:31, se diz daquele que estiver no campo: *‘Ne revertatur ad posterum’*; naturalmente se é levado a traduzir assim: Não volte para as coisas que estão atrás de si. Contudo, importa não suprir coisa alguma, é o que Swedenborg diz positivamente, e dá a razão desse fato: *“Se em Lucas se diz: ‘Não volte para as coisas que estão atrás de si’, é porque os anjos celestes não querem nomear coisa alguma que pertença ao Doutrinal; é por esta razão que nada foi nomeado, mas que se diz: ‘Para atrás de si’ (AC 2454).* Se, por conseguinte, numa tradução em língua vulgar, há: *‘Não volte para as coisas que estão atrás de si’,* embora não haja sido designado coisa alguma nominativamente, a palavra ‘coisas’ basta para apresentar doutrinais à idéia dos Anjos celestes, porque se trata do campo que significa a doutrina, e desde então esses Anjos ficam perturbados” .

“Eles também ficam perturbados quando se inverte, por exemplo, a ordem das palavras na Oração Dominical, que diz: “Na terra como no Céu”, em vez de “como no Céu também na terra” (*sicut in coelo et in terra*); porquanto é inverter também a ordem na série das coisas espirituais que o sentido interno encerra, e por conseguinte lançar confusão nas mentes dos Espíritos e dos Anjos, que estão no sentido interno, quando o homem que pronuncia ou ouve pronunciar a Palavra está no sentido da letra.

“A única objeção que poderia ser feita é que o SENHOR, nos Evangelhos, não dá literalmente as passagens que Ele cita. Isto, porém, em vez de ser uma objeção, é, ao contrário, um argumento a mais a favor. Com efeito, se o SENHOR, nos Evangelistas, não dá literalmente as passagens que Ele cita, é porque tudo o que Ele pronunciava era o Verbo, e, por conseguinte, envolvia um sentido interno e, assim, a Sua citação, prendendo-se ao que precedia e ao que seguia, isto é, ao que Ele tinha dito e ao que Ele ia dizer, devia ser apropriada a isso, para formar no sentido interno uma série que não era a mesma que a de que fazia parte no Antigo Testamento a passagem citada. É, pois, um argumento a mais a favor da importância da série no sentido interno, série que nunca deve ser alterada; por isso, para conservá-la intacta, o SENHOR prefere não citar exatamente. Acresce que, em *Matheus 27:9 e 10*, a passagem citada é atribuída a Jeremias, embora ela esteja em *Zacarias* e não em *Jeremias*. Não há aí erro de copista como poderiam crê-lo, porque tal erro teria sido corrigido e não o teriam deixado subsistir; mas essa mudança de nome foi feita com intenção para a série do sentido interno, porque, segundo a correspondência, o nome de Jeremias convinha ao assunto então tratado nesse sentido.

“Em referência à construção gramatical e aos hebraísmos, se, como diz Le Bois des Guays, Seb. Schmidt e os bons tradutores da Bíblia os mantiveram fielmente em suas versões latinas, eles que não tinham conhecimento algum das maravilhas do sentido interno, como poderíamos hoje, em um só instante, nos mostrar menos escrupulosos que esses fiéis tradutores, quando agora essas maravilhas nos foram, pela Divina misericórdia do Senhor, desvendadas nos escritos de Swedenborg?”

Rev. C. R. Nobre

Mai de 1999

Esquema da Obra, pelo Autor

Os ARCANOS CELESTES, que foram revelados na Escritura Santa ou Palavra do SENHOR, estão contidos na explicação que é o sentido Interno da Palavra; sobre a natureza deste sentido, vide as coisas que a respeito dela foram mostradas pela experiência, n.º 1767-1777; n.ºs 1869-1879; e, além disso, no contexto, n.ºs 1-5, 64-66, 167, 605, 920, 937, 1143, 1224, 1404, 1405, 1408, 1409, 1502 no fim, 1540, 1659, 1756, 1783, 1807. As Maravilhas vistas no Mundo dos Espíritos e no céu dos anjos foram postas antes e depois de cada um dos capítulos nesta primeira parte.

- i. Da ressurreição do homem dentre os mortos e sua entrada na vida eterna, n.ºs 168 -181.
- ii. Da entrada do ressuscitado na vida eterna, n.ºs 182 -189.
- iii. Continuação da entrada do homem na vida eterna, n.ºs 314 - 319.
- iv. A natureza da vida da alma ou espírito ali, n.ºs 320 - 323.
- v. Alguns exemplos do que espíritos tinham pensado na vida do corpo sobre a alma ou espírito, n.ºs 443 - 448.
- vi. Do céu e da alegria celeste, n.ºs 449 - 459.
- vii. Continuação do céu e da alegria celeste, n.ºs 537 - 546.
- viii. Continuação do céu e da alegria celeste, n.ºs 547 - 553.
- ix. Das sociedades que constituem os céus, n.ºs 684 - 691.
- x. Do inferno, n.ºs 692 - 700.
- xi. Dos infernos daqueles que passaram a vida nos ódios, vingança e crueldade, n.ºs 814 - 823.
- xii. Dos infernos daqueles que passaram a vida nos adultérios e lascívia; depois, do inferno dos dolosos e das impostoras, n.ºs 824-831.
- xiii. Dos infernos dos avaros; da Jerusalém impura e dos ladrões no deserto; depois, dos infernos excrementícios daqueles que viveram em meras volúpias, n.ºs 938 - 946.
- xiv. De outros infernos, que foram distintos dos anteriores, n.ºs 947 -970.
- xv. Das vastações, n.ºs 1106 -1113.

- xvi. Da Igreja Antiquíssima, que é chamada Homem ou Adam, n°s 1114 -1129.
- xvii. Dos antediluvianos que pereceram, n°s 1265 -1272.
- xviii. Da situação do Máximo Homem e também do lugar e da distância na outra vida, n°s 1273 -1278.
- xix. Continuação da situação e do lugar, bem como da distância e do tempo na outra vida, n°s 1376 -1382.
- xx. Da percepção dos espíritos e dos anjos e das esferas na outra vida, n°s 1383 -1400.
- xxi. Continuação da percepção e das esferas na outra vida, n°s 1504 -1520.
- xxii. Da luz em que os anjos vivem, n°s 1521 -1534.
- xxiii. Continuação da luz em que os anjos vivem, e também de seus lugares paradisíacos e suas habitações, n°s 1619 -1633.
- xxiv. Da linguagem dos espíritos e dos anjos, n°s 1634- 1650.
- xxv. Continuação da linguagem dos espíritos e de suas diversidades, n°s 1757 -1764.
- xxvi. Da Escritura Santa ou Palavra em que estão encerradas coisas Divinas que se manifestam diante dos bons espíritos e anjos, n°s 1767 -1777.
- xxvii. Continuação da Escritura Santa ou Palavra, n°s 1869 -1879.
Várias coisas a respeito dos espíritos e anjos em geral, n°s 1880 -1885.

Livro de Gênesis

1. Nenhum mortal compreende, pela letra, que a Palavra do Antigo Testamento contém arcanos do céu e todas e cada uma das coisas se referem ao SENHOR, ao Seu Céu, à Igreja, à fé e às coisas que são da fé. Pois, pela letra ou sentido literal, ninguém vê outra coisa a não ser aquilo que em geral se refere aos externos da Igreja Judaica, quando, todavia, há em toda parte coisas internas que nunca se manifestam nos externos, além das pouquíssimas que o SENHOR revelou e explicou aos apóstolos, como, por exemplo, que os sacrifícios significam o SENHOR e a terra de Canaan e Jerusalém significam o céu, pelo que este é chamado “Canaan”, “Jerusalém Celeste” e semelhantemente “Paraíso”.

2. Mas o mundo cristão ainda ignora completamente que todas e cada uma das coisas, mesmo as mais singulares, até o menor iota, significam e envolvem coisas espirituais e celestes; por isso, também, pouco cuida do Antigo Testamento. Mas, só pelo fato de que a Palavra é do SENHOR e vem do SENHOR, eles podem saber que ela não poderia existir se não tivesse em seu interior coisas tais as que são do céu, da Igreja e da fé. De outro modo não pode ser chamada Palavra do SENHOR e nem se pode dizer que tem em si alguma vida. Pois de onde vem a vida senão das coisas que são da vida, isto é, senão do fato de todas e cada uma das coisas se referirem ao SENHOR, Que é a vida mesma? Por isso, tudo o que interiormente não se referir ao SENHOR, não vive; até mesmo um vocábulo, na Palavra: se não envolvê-Lo ou não se referir a seu modo a Ele, não é Divino.

3. Sem uma tal vida, a Palavra é morta quanto à letra. Com efeito, a Palavra é como o homem, que, como se conhece no mundo cristão, é externo e interno. O homem externo separado do interno é o corpo e, assim, é morto; o interno é o que vive e faz o externo viver. O homem interno é a sua alma. Assim a Palavra, que, quanto à letra somente, é como um corpo sem alma.

4. Pelo sentido da letra, só, quando a mente a ele se adere, não se pode ver em parte alguma que esse sentido contém tais coisas; como esta primeira parte de *Gênesis*: pelo sentido da letra não se pode em parte alguma conhecer outra coisa senão que aí se trata da criação do mundo e do jardim do Éden, que é chamado Paraíso, e, depois, de Adam como o primeiro homem criado. Quem pensa outra coisa? Mas que estas coisas contém arcanos que ainda não foram revelados em parte alguma, pode-se ver muito bem pelo que se segue. Que, por exemplo, o primeiro capítulo de *Gênesis* trata, no sentido interno, da nova criação do homem ou de sua regeneração em geral, e da Igreja Antiquíssima em particular. E, na verdade, é assim: não há o menor vocábulo que não represente, signifique e envolva [algo espiritual].

5. Mas nenhum mortal jamais pode saber que a coisa é assim, a não ser pelo SENHOR. Por isso é permitido manifestar de antemão que, pela Divina misericórdia do Senhor, foi-me concedido estar, agora desde alguns anos, continuamente e sem interrupção, em associação com espíritos e anjos, ouvi-los falar e falar igualmente com eles. Daí foi dado ouvir e ver coisas surpreendentes que há na outra vida, que nunca vieram ao conhecimento ou à idéia de homem algum. Lá, fui instruído sobre espíritos de diversos gêneros; sobre o estado das almas após a morte, sobre o inferno ou o estado lamentável dos infiéis; sobre o céu ou o estado felicíssimo dos fiéis; e, principalmente, sobre a doutrina da fé que é reconhecida no céu universal. Pela Divina misericórdia do Senhor, muitas coisas sobre estes assuntos serão ditas na seqüência.

Gênesis Capítulo Primeiro

1. *No princípio criou Deus o céu e a terra.*
2. *E a terra era vácuca e vazia, e [havia] escuridão sobre as faces do abismo; e o Espírito de Deus Se movia¹ sobre as faces das águas.*
3. *E disse Deus: Haja luz; e foi feita a luz.*
4. *E viu Deus a luz, que [era] boa; e separou Deus entre a luz e entre as trevas.*
5. *E chamou Deus à luz, dia; e às trevas chamou noite. E houve tarde, e houve manhã, o dia primeiro.*
6. *E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas e haja separação entre as águas para as águas.*
7. *E fez Deus a expansão; e separou entre as águas que [estavam] abaixo da expansão e entre as águas que [estavam] acima da expansão. E assim se fez.*
8. *E chamou Deus à expansão, céu. E houve tarde, e houve manhã, o dia segundo.*
9. *E disse Deus: Ajuntem-se as águas abaixo do céu em um único lugar, e apareça o seco. E assim se fez.*
10. *E chamou Deus ao seco, terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares. E viu Deus que [era] bom.*

¹ No latim tem-se "se motitans"; no hebraico, "merachephet", que quer dizer **chocar** (ovos) e também estremecer, vibrar; abalar.

11. *E disse Deus: Faça germinar a terra a erva tenra, a erva dando semente, a árvore de fruto dando fruto, segundo a sua espécie, no qual esteja a sua semente, sobre a terra. E assim se fez.*
12. *E produziu a terra a erva tenra, a erva dando semente, segundo a sua espécie, e a árvore dando fruto, no qual [estava] a sua semente, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom.*
13. *E houve tarde, e houve manhã, o dia terceiro.*
14. *E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para separação entre o dia e entre a noite. E serão para sinais, e para tempos determinados e para dias e anos.*
15. *E serão por luminares na expansão dos céus, para darem luz sobre a terra. E assim se fez.*
16. *E fez Deus dois luminares grandes: o luminar grande para dominar no dia, e o luminar menor para dominar na noite, e as estrelas.*
17. *E os pôs Deus na expansão dos céus, para darem luz sobre a terra.*
18. *E para dominar no dia, e na noite, e para separar entre a luz e entre as trevas. E viu Deus que [era] bom.*
19. *E houve tarde, e houve manhã, o dia quarto.*
20. *E disse Deus: Façam as águas produzir abundantemente o réptil, a alma vivente. E a ave voe sobre a terra, sobre as faces da expansão dos céus.*
21. *E criou Deus as baleias grandes e toda alma vivente que rasteja, que as águas produziram abundantemente, segundo a sua espécie. E toda ave de asas, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom.*
22. *E os abençoou Deus, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e a ave será multiplicada na terra.*
23. *E houve tarde, e houve manhã, o dia quinto.*
24. *E disse Deus: Produza a terra alma vivente segundo a sua espécie; a besta e o que se move; e a fera desta terra segundo a sua espécie. E assim se fez.*
25. *E fez Deus a fera da terra segundo a sua espécie; e a besta segundo a sua espécie; e todo réptil do humo, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom.*
26. *E disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem, segundo a Nossa semelhança. E dominarão sobre os peixes do mar, e sobre a ave dos céus, e sobre a besta, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra.*
27. *E criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.*

28. *E os abençoou Deus; e disse-lhes Deus: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e subjugai-a. E dominai sobre os peixes do mar e sobre a ave dos céus, e sobre todo [ser] vivo que rasteja sobre a terra.*
29. *E disse Deus: Eis, dou-vos toda erva dando semente, que [há] sobre as faces de toda a terra, e toda árvore em que [há] fruto. A árvore que produz semente vos será para comida.*
30. *E a toda fera da terra, e a toda ave dos céus, e a tudo o que rasteja sobre a terra, em que [há] alma vivente, [dou] todo verde da erva, para alimento. E assim se fez*
31. *E viu Deus tudo o que fez, e eis, [era] muito bom. E houve tarde, e houve manhã, o dia sexto.*

Conteúdo

6. Os seis “dias” ou tempos, que são os tantos estados sucessivos da regeneração do homem, são, quanto ao gênero, assim:

7. O primeiro estado é o que precede, tanto o que vem desde a infância quanto o que está mais perto da regeneração, e é chamado “vácuo, vazio e escuridão”. E o primeiro movimento, que é a misericórdia do SENHOR, é o “Espírito de DEUS Se movendo sobre as faces das águas”.

8. O segundo estado existe quando se faz distinção entre as coisas que são do SENHOR e as que são próprias do homem. As que são do SENHOR são chamadas, na Palavra, “reliquias” e aqui são principalmente as cognições da fé que o homem apreendeu desde a infância; ficam encerradas e não se manifestam antes que o homem chegue a esse estado, o qual raramente existe hoje sem tentação, infortúnio e tristeza, que fazem que as coisas do corpo e do mundo — assim, as que são do próprio — repousem e morram, por assim dizer. Assim as coisas que são do homem externo são separadas das que são do interno. No interno estão as reliquias, encerradas pelo SENHOR para esse tempo e esse uso.

9. O terceiro estado é o da penitência, no qual o homem, pelo interno, fala piedosa e devotamente e produz bens, como as obras de caridade, que, entretanto, são inanimadas, pois pensa fazê-las de si. São chamadas “erva tenra”, depois “erva de semente” e, em seguida, “árvore de fruto”.

10. O quarto estado é quando o homem é tocado pelo amor e iluminado pela fé. Decerto, anteriormente falou piedosamente e produziu bens, mas por um estado de tentação e de angústia e não pela fé e caridade; por esta razão, a fé e a caridade são agora acesas no homem interno, e são chamadas “dois luminares”.

11. O quinto estado existe quando ele fala pela fé e, daí, se confirma no

vero e no bem. As coisas que então produz são animadas e se chamam “peixes do mar e aves dos céus”.

12. O sexto estado existe quando, pela fé e daí pelo amor, ele fala os veros e faz os bens. As coisas que então produz são chamadas “alma vivente e besta”. E como então começa a agir ao mesmo tempo pela fé e pelo amor, torna-se homem espiritual, que é chamado “imagem”. Sua vida espiritual se deleita e se sustenta com as coisas que são das cognições da fé e as que são das obras de caridade, que se chamam “sua comida”. E sua vida natural se deleita e se sustenta com as coisas que são do corpo e dos sentidos, das quais vem o combate, até que o amor reina e o homem se torna celeste.

13. Dos que estão sendo regenerados, nem todos chegam a este estado, mas alguns, e hoje a maioria, chegam somente ao primeiro; alguns apenas ao segundo; alguns ao terceiro, quarto, quinto; raramente ao sexto e quase ninguém ao sétimo.

Sentido Interno

14. Na seqüência, pelo SENHOR entende-se unicamente o Salvador do mundo, JESUS CRISTO, e é chamado “SENHOR” sem outros nomes. Ele é reconhecido e adorado como o SENHOR no céu inteiro, porque Ele tem todo o poder nos céus e nas terras; e também mandou, dizendo:

“Vós Me chamais SENHOR; bem o dizeis, porque Eu sou” (Jo. 13:13).

E os discípulos, depois da ressurreição, O chamaram SENHOR.

15. No céu inteiro não se conhece outro Pai senão o SENHOR, porque são Um, como Ele disse:

“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ... disse Felipe: Mostra-nos o Pai; ... Disse-lhe Jesus: Há tanto tempo estou convosco e não Me conhecestes, Felipe? Quem viu a Mim, viu o Pai; como pois tu dizes, mostra-nos o Pai? Não crês que Eu estou no Pai, e o Pai está em Mim? ... Crede-Me que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim” (Jo. 14:6, 8-11).

16. Vers. 1: “No princípio criou DEUS o céu e a terra”. O “princípio” chama-se o tempo antiqüíssimo; e pelos profetas, em vários lugares, “dias da antigüidade” como também “dias da eternidade”. O princípio envolve também o primeiro tempo quando o homem é regenerado, porque então nasce de novo e recebe vida. Daí é que a regeneração mesma é chamada nova criação do homem. “Criar, formar e fazer”, em quase toda parte nos profetas, significam, com diferenças, regenerar; como em *Isaías*:

“Todo aquele que é chamado pelo Meu nome, e para a Minha glória o criei, o formei e também o fiz” (43:7).

Por isso o SENHOR é chamado Redentor, Formador desde o útero, Feitor e também Criador, como no mesmo profeta:

“Eu JEHOVAH, Santo vosso, o Criador de Israel, Rei vosso” (43:15);
em David (*Salmos*):

“O povo criado louvará JAH” (102:19).

No mesmo:

“Envias o espírito Teu, serão criados, e renovas as faces do humo” (104:30).

Que o “céu” signifique o homem interno, e a “terra” o homem externo antes da regeneração, será visto pelo que se segue.

17. Vers. 2: *“E a terra era vácuca e vazia, e [havia] escuridão sobre as faces do abismo; e o Espírito de DEUS Se movia sobre as faces das águas”*. O homem, antes da regeneração, é chamado “terra vácuca e vazia” e também “humo” no qual nada é semeado de bem e vero. O “vácuo” é onde nada há de bem e o “vazio” é onde nada há de verdade. Daí vem a escuridão ou a demência e a ignorância a respeito de todas as coisas que são da fé no SENHOR, por conseguinte, de todas as que são da vida espiritual e celeste. Tal homem é descrito pelo SENHOR em *Jeremias*:

“Tolo é o Meu povo; [eles] não Me conheceram. São filhos estultos e não inteligentes. Sábios para fazer o mal e não sabem fazer o bem. Vi a terra, e eis, vácuca e vazia; e os céus, e não tinham sua luz” (4:22,23).

18. “As faces do abismo” são as suas cobiças e daí as falsidades pelas quais e nas quais está inteiramente. E como não possui luz alguma, é como o abismo ou uma coisa confusa e obscura, chamada, em muitos lugares na Palavra, profundezas do mar e abismos, que são secos ou devastados antes de o homem ser regenerado; como em *Isaías*:

“Desperta como nos dias da antigüidade, nas gerações das eternidades... Não és Tu que secas o mar, as águas do abismo grande, e fazes das profundezas do mar um caminho, para que passem os redimidos? ... Os redimidos de JEHOVAH voltarão” (51:9-11).

Tal homem também, quando examinado do céu, mostra-se semelhante a uma massa negra que nada tem de vital. As mesmas expressões envolvem em geral a vastação do homem, que é referida em muitas passagens nos profetas e que precede a regeneração. Porque antes que o homem possa saber o que é o vero e ser tocado pelo bem, as coisas que impedem e se opõem devem ser removidas. Assim, o velho homem deve morrer antes que o novo possa ser concebido.

19. Pelo “Espírito de DEUS” se entende a misericórdia do SENHOR, da qual se diz “chocar”, como de ordinário a galinha o faz sobre os ovos; aqui, sobre as coisas que o SENHOR esconde no homem e que são chamadas “reliquias” em vários lugares na Palavra. São as cognições do vero e do bem, que nunca vêm à luz

antes que as coisas externas sejam devastadas. Aqui, essas cognições são chamadas “faces das águas”.

20. Vers. 3: “*E disse DEUS: Haja luz; e foi feita a luz*”. O primeiro estado existe quando o homem começa a saber que o bem e o vero são em alguma coisa superiores. Os homens inteiramente externos nem mesmo sabem o que é o bem e o vero, pois pensam ser boas todas as coisas que são do amor de si e do amor do mundo, e pensam ser veros todas as que favorecem a esses amores; assim, não sabem que esses bens são males e esses veros são falsidades. Quando, todavia, é concebido de novo, o homem começa a saber pela primeira vez que os seus bens não são bens. E quando entra ainda mais na luz, começa a saber que o SENHOR é, e que o SENHOR é o bem e o vero mesmos. Que se deva saber que o SENHOR é, Ele mesmo o disse em *João*:

“Se não crerdes que Eu sou, morrereis em vossos pecados” (8:24).

Além disso, que o SENHOR seja o bem mesmo, ou a vida, e o vero mesmo, ou a luz, e, assim, que não exista bem e vero senão pelo SENHOR, também é dito em *João*:

“No princípio era o Verbo [Palavra], e o Verbo estava em DEUS, e DEUS era o Verbo... todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada foi feito do que se fez; nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, mas a luz aparece nas trevas; ... Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem ao mundo” (1:1,3, 4,9).

21. Vers. 4 e 5: “*E viu DEUS a luz, que [era] boa; e separou DEUS entre a luz e entre as trevas. E chamou DEUS à luz, dia; e às trevas chamou noite*”. A “luz” é dita boa porque vem do SENHOR, que é o bem mesmo. As “trevas” são as coisas que existem antes de o homem ser concebido e nascer de novo. Pareciam-se com a luz, porque o mal parecia o bem, e o falso parecia o vero; mas são trevas e são os próprios do homem, que permanecem. Todas as coisas que são do SENHOR são comparadas ao “dia”, porque são da luz; e todas as que são próprias do homem são comparadas à “noite”, porque são da escuridão. Assim é dito muitas vezes na Palavra.

22. Vers. 5: “*E houve tarde, e houve manhã, o dia primeiro*”. Daí já se pode saber o que é a “tarde” e o que é a “manhã”. “Tarde” é todo estado precedente, porque é de sombra ou de falsidade e ausência da fé. “Manhã” é todo estado seguinte ou de verdade e das cognições da fé. A “tarde” significa em geral todas as coisas que são próprias do homem; mas a “manhã” significa todas as que são do SENHOR, como se vê pelo que foi dito por David:

“O Espírito de JEHOVAH falou em mim, e o Seu discurso esteve sobre a minha língua. Disse o DEUS de Israel, a mim falou a Pedra de Israel. ...Ele é como a luz da manhã quando nasce o sol, manhã sem nuvens, quando, pelo esplendor, pela chuva, a erva tenra sai da terra” (II Sam. 23: 2,3,4).

Pois que a “tarde” é quando não há fé, e a “manhã” quando há fé, o Advento do SENHOR ao mundo foi chamado “manhã”, e o tempo em que Ele vem, porque então não há fé alguma, é chamado “tarde”, como em *Daniel*:

“O Santo me disse: Até a tarde, quando se faz a manhã, dois mil e trezentos” (8:14,26).

Semelhantemente, a “manhã” na Palavra é compreendida como todo advento do SENHOR; assim, é um vocábulo que se refere à nova criação.

23. Nada há de mais comum na Palavra do que o “dia” ser entendido como o tempo mesmo, como em *Isaías*:

“Próximo está o dia de JEHOVAH... Eis, o dia de JEHOVAH vem... O céu movei-rei, e tremerá a terra de seu lugar... no dia do ardor de Minha ira ... Próximo a vir está o Seu tempo, e os dias não serão alongados” (13:6,9,13, 22).

E, no mesmo profeta:

“Nos dias da antigüidade a antigüidade sua ... E sucederá naquele dia que Tiro será posta em esquecimento por setenta anos, como os dias de um rei” (23:7,15).

Como o “dia” está em lugar do tempo, também é tomado pelo estado desse tempo, como em *Jeremias*:

“Ai de nós, porque o dia declinou, porque se estenderam as sombras da tarde” (6:4);

e no mesmo profeta:

“Se fizerdes vã a Minha aliança do dia e a Minha aliança da noite, de modo que não haja o dia e a noite em seu tempo” (23:20,25);

depois:

“Renova os nossos dias, como os dos antigos” (Lam. 5:21).

24. Vers. 6: *“E disse DEUS: Haja uma expansão no meio das águas e haja separação entre as águas para as águas”*. Depois que o Espírito de DEUS ou a misericórdia do SENHOR produziu no dia as cognições do vero e do bem e deu a primeira luz que o SENHOR é, e que o SENHOR é o bem mesmo e o vero mesmo, e que não existe bem e vero senão pelo SENHOR, então distingue entre o homem interno e externo, assim, entre as cognições que estão no homem interno e os conhecimentos que são do homem externo. O homem interno é chamado “expansão”; as cognições que estão no homem interno são chamadas “águas acima da expansão”; e os conhecimentos do homem externo são chamados “águas debaixo da expansão”. O homem, antes de ser regenerado, nem mesmo sabe que existe o homem interno, ainda menos o que é o interno; pensa que não são distintos, porque está imerso nas coisas corporais e mundanas. Também imergiu nestas as coisas que são do homem interno e, de coisas distintas, fez uma unidade confusa e obscura. Por esta razão, primeiro se diz “haja uma expansão no meio das águas”, depois, “haja

separação para as águas entre as águas”, mas não “separação das águas entre as águas”. Logo depois é dito assim (Vers. 7,8): “*E fez DEUS a expansão, e separou entre as águas que estavam debaixo da expansão e entre as águas que estavam acima da expansão; E assim se fez E chamou DEUS à expansão céu*”. [2] A segunda coisa, pois, que o homem observa, quando é regenerado, é que começa a saber que existe um homem interno, ou que as coisas que estão no homem interno são bens e verdades, que são do SENHOR, só. O homem externo, quando está sendo regenerado, é tal que sempre pensa que os bens que pratica, os pratica por si mesmo, e os veros que diz, por si os diz. E como é tal, ele é por esse modo conduzido pelo SENHOR a praticar o bem e a falar o vero como se por si próprio. Por isso precede a separação das coisas que estão abaixo da expansão, e segue a das que estão acima da expansão. É também um arcano celeste que o homem, por meio dos próprios — tanto pelos enganos dos sentidos quanto pelas cobiças — seja conduzido e direcionado pelo SENHOR para as coisas que são verdadeiras e boas, e, assim, que todos e cada um dos momentos da regeneração procedam da tarde para a manhã, como do homem externo para o interno, ou da terra para o céu. Por isso, agora a expansão ou homem interno é chamada “céu”.

25. “Expandir a terra, e estender os céus” é locução habitual nos profetas onde se trata da regeneração do homem, como em *Isaiás*:

“Assim disse JEHOVAH, Redentor teu e Formador teu desde o útero: Eu, JEHOVAH, que faço todas as coisas, que estendo os céus só, e que expando a terra por Mim mesmo” (44:24);

depois, onde se trata do advento do SENHOR, diz-se claramente:

“A cana esmagada não quebrará, e o pavio que fumeja não apagará; em verdade produzirá o juízo;”

isto é, Ele não dissipa os enganos nem extingue as cobiças, mas direciona para o vero e o bem; assim segue-se:

“DEUS JEHOVAH cria os céus e os estende, expande a terra e as suas produções; dá alma ao povo sobre ela, e espírito aos que nela andam” (42:3-5).

Além do que é mencionado algumas vezes em outros lugares.

26. Vers. 8: “*E houve tarde, e houve manhã, o dia segundo*”. O que é “tarde”, o que é “manhã” e o que é “dia”, vide acima, no vers. 5.

27. Vers. 9: “*E disse DEUS: Ajuntem-se as águas abaixo do céu em um único lugar, e apareça o seco; e, assim, se fez*”. Quando o homem toma conhecimento de que existe o homem interno e externo, e que os veros e bens influem do homem interno desde o SENHOR, ou pelo homem interno até o externo, ainda que não pareça ser assim, então as coisas que estão nele, ou seja, as cognições do vero e do bem, são encerradas em sua memória e admitidas entre conhecimentos. Com efeito, tudo o que é insinuado na memória do homem externo, seja natural, seja espiritual ou seja celeste, ali permanece como conhecimento e desde então é elabo-

rado pelo SENHOR. Essas cognições são as “águas ajuntadas num único lugar” e chamadas “mares”. Mas o homem externo mesmo é chamado “seco” e, logo depois, “terra”, conforme as coisas que se seguem.

28. Vers. 10: “*E chamou DEUS ao seco, terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares. E viu DEUS que [era] bom*”. Que as “águas” signifiquem as cognições e os conhecimentos, é coisa muito comum na Palavra; daí é que os “mares” significam o acúmulo de cognições e conhecimentos, como em *Isaías*:

“*Cheia será a terra do conhecimento de JEHOVAH, como as águas cobrem o mar*” (11:9);

e, no mesmo profeta, onde se trata da falta de cognições e conhecimentos:

“*As águas faltarão ao mar; o rio se esgotará e se secará, e as correntes se retirarão*” (19:5,6).

Em Ageu, onde se trata da Nova Igreja:

“*Eu, que abalo os céus e a terra, e o mar e o seco; e abalarei todas as nações, e virão [ao] desejo [venient desiderium] de todas as nações, e encherei esta casa de glória*” (2:6,7);

E, sobre o homem que vai ser regenerado, em *Zacarias*:

“*Será, aquele, um dia conhecido de JEHOVAH, nem dia nem noite; e sucederá que, para o tempo da tarde haverá luz; e será que nesse dia sairão águas vivas de Jerusalém, uma parte delas para o mar oriental e outra parte delas para o mar posterior*” (14:7,8).

Em David, onde se descreve o homem vastado que vai ser regenerado e que adorará o SENHOR:

“*JEHOVAH não despreza os Seus vencidos; louvá-Lo-ão os céus e a terra, os mares e tudo o que neles rasteja*” (Sal. 69: 33,34).

Que “terra” signifique receptáculo, vê-se em *Zacarias*:

“*JEHOVAH, que estende os céus e que estabelece a terra, e que forma o espírito do homem em seu meio*” (12:1).

29. Vers. 11, 12: “*E disse DEUS: Faça germinar a terra a erva tenra, a erva dando semente, a árvore de fruto dando fruto, segundo a sua espécie, no qual [esteja] a sua semente, sobre a terra. E assim se fez E produziu a terra a erva tenra, a erva dando semente, segundo a sua espécie, e a árvore dando fruto, no qual [estava] a sua semente, segundo a sua espécie. E viu DEUS que [era] bom.*” Quando a terra – ou o homem — foi assim preparada para que pudesse receber do SENHOR as sementes celestes e produzir alguma coisa do bem e do vero, então o SENHOR faz primeiro germinar alguma coisa tenra que é chamada “erva tenra”; depois, alguma coisa mais útil que se semeia de novo e é chamada “erva dando semente”; enfim, algum bem que frutifica e é chamado “árvore dando fruto no qual [está] a sua semente”, cada um “segundo a sua espécie”. A princípio, o homem que

está sendo regenerado é tal que pensa que o bem que faz vem de si mesmo, e o vero que diz vem de si mesmo, quando todavia a coisa se passa assim: todo bem e todo vero vêm do SENHOR. Por isso, quem pensa que essas coisas vêm de si mesmo não tem ainda a vida da verdadeira fé, que pode todavia receber depois. Com efeito, ainda não pode crer que o bem e o vero vêm do SENHOR, porque está no estado de preparação para receber a vida da fé. Este estado é representado aqui pelas coisas inanimadas, e o estado da vida da fé é representado depois pelas coisas animadas. [2] Que o SENHOR seja o Semeador, a “semente” seja a Palavra Mesma e a “terra” seja o homem, Ele Mesmo Se dignou a dizê-lo em *Mateus 13: 19-24; 37-39; Marcos 4:14-21; Lucas 8:11-16*. Também o descreve de modo semelhante:

“O reino de DEUS é assim como se um homem lançasse a semente à terra, e dormisse e se levantasse de noite e de dia; e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como, porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga e em seguida o grão cheio na espiga” (Mc. 4:26-28).

Pelo “reino de DEUS” se entende, num sentido abrangente, o céu universal; num sentido menos abrangente, a verdadeira Igreja do SENHOR; num sentido particular, todo aquele que está na verdadeira fé ou é regenerado pela vida da fé, pelo que é também chamado “céu”, porque no céu está, e “reino de DEUS” porque o reino de DEUS está nele. É o que o SENHOR mesmo ensina em *Lucas*:

“JESUS, interrogado pelos fariseus: Quando vem o reino de DEUS?, respondeu-lhes e disse: O reino de DEUS não vem com visível aparência, nem dirão: Ei-lo aqui, ou, Ei-lo ali; porque eis que o reino de DEUS está dentro de vós” (17:20,21).

Este é o terceiro estado sucessivo da regeneração do homem e o seu estado de penitência; procede, semelhantemente, da sombra para a luz, ou da tarde para a manhã; por isso se diz no versículo 13: *“E houve tarde, e houve manhã, o dia terceiro”*.

30. Vers. 14-17: *“E disse DEUS: Haja luminares na expansão dos céus, para separação entre o dia e entre a noite. E serão para sinais, e para tempos determinados, e para dias e anos. E serão por luminares na expansão dos céus, para darem luz sobre a terra. E assim se fez. E fez DEUS dois luminares grandes: o luminar grande para dominar no dia, e o luminar menor para dominar na noite, e as estrelas. E os pôs DEUS na expansão dos céus para darem luz sobre a terra”*. Não se pode compreender bem o que são os “luminares grandes” se não se sabe primeiro qual é a essência da fé e, então, qual é a sua progressão nos que são criados de novo. A essência mesma e a vida da fé é o SENHOR, só, pois aquele que não crê no SENHOR não pode ter a vida, como Ele mesmo disse em *João*:

“Quem crê no Filho tem a vida eterna, quem porém não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanecerá sobre ele” (3:36).

[2] A progressão da fé nos que são criados de novo dá-se assim: primeiro não há neles vida alguma, pois a vida não está no mal e no falso, mas no bem e no

vero. Depois eles recebem do SENHOR a vida pela fé; primeiro, pela fé da memória, que é a fé do conhecimento; depois, pela fé do entendimento, que é a fé intelectual; finalmente, pela fé do coração, que é a fé do amor ou salvífica. A fé do conhecimento e intelectual foi representada pelas coisas inanimadas desde o vers. 3 até o 13. A fé vivificada pelo amor é representada pelas coisas animadas desde o vers. 20 até o 25. Por isso, agora se trata, aqui, pela primeira vez, do amor e da fé que vem do amor, que são chamados “luminares”. O amor é o “luminar grande” que domina de dia, e a fé que vem do amor é o “luminar menor” que domina de noite. E como eles fazem um, se diz deles no singular *sit* [haja], e não *sint* [no plural] luminares. [3] O amor e a fé no homem interno são como o calor e a luz no externo corpóreo; por isso aqueles são representados por estes. Daí também foi dito que os luminares foram postos na expansão dos céus, ou no homem interno; o luminar grande em sua vontade e o menor em seu entendimento. Mas aparecem na vontade e no entendimento somente como a luz do sol nos objetos. É só a misericórdia do SENHOR que, pelo amor, toca a vontade e pela verdade, ou fé, o entendimento.

31. Que os “luminares grandes” signifiquem o amor e a fé, e que também sejam denominados sol, lua e estrelas, vê-se em vários lugares nos profetas, como em *Ezequiel*:

“Cobrirei os céus, quando te tiver apagado, e obscurecerei suas estrelas; o sol cobrirei com uma nuvem e a lua não fará luzir sua luz; todos os luminares de luz nos céus escurecerei sobre ti, e darei trevas sobre a terra” (32:7,8),

onde se trata de Faraó e do Egito, pelos quais se entende na Palavra as coisas dos sentidos e dos conhecimentos; aqui, que tinham extinguido o amor e a fé pelas coisas dos sentidos e dos conhecimentos. Em *Isaías*:

“O dia de JEHOVAH... para pôr a terra em desolação;... pois as estrelas dos céus e as suas constelações não farão luzir sua luz; o sol se escurecerá ao levantar e a lua não fará resplandecer sua luz” (13:9, 10).

Em *Joel*:

“Vem o dia de JEHOVAH, dia de trevas e de escuridão; diante dele treme a terra, os céus são abalados, o sol e a lua enegrecem e as estrelas retiram seu esplendor” (2:2,10).

Em *Isaías*, onde se trata do Advento do SENHOR e da iluminação das nações, assim, de uma Igreja nova, e, em particular, de cada um dos que estão nas trevas e recebem a luz e são regenerados:

“Levanta-te, e sê iluminada, porque vem a tua luz. Eis, as trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos; e sobre ti se levantará JEHOVAH, e as nações andarão à tua luz, e os reis ao esplendor de teu levantar. JEHOVAH te será por luz de eternidade; não mais se porá o teu sol, nem se recolherá tua lua, porque JEHOVAH te será por luz de eternidade” (60:1-3,19, 20).

Em *David (Salmos)*:

“JEHOVAH faz os céus em inteligência ... expande a terra sobre as águas... faz os grandes luminares ... o sol para dominar no dia ... e a lua e as estrelas para dominarem na noite” (136:5-9).

E no mesmo:

“Glorificai JEHOVAH, sol e lua; glorificai-O, todas as estrelas de luz; glorificai-O, céus dos céus, e vós, águas que estais acima dos céus” (Sal. 148:3,4).

[2] Em todos estes lugares, os luminares significam o amor e a fé. Como os luminares representavam e significavam o amor e a fé no SENHOR, ordenou-se na Igreja Judaica que se acendesse um luminar perpétuo desde a tarde até a manhã, pois tudo o que foi ordenado àquela Igreja era representativo do SENHOR. Deste luminar se diz assim:

“Manda aos filhos de Israel que recolham o óleo para o luminar, para fazer arder a lâmpada continuamente. Na tenda da congregação, fora do véu que está sobre o testemunho, ali o porão Arão e seus filhos, desde a tarde até a manhã, diante de JEHOVAH” (Êx. 27:20,21).

Que estas coisas signifiquem o amor e a fé que o SENHOR acende e faz luzir no homem interno e, por meio do homem interno, no homem externo, será mostrado em seu lugar, pela Divina misericórdia do Senhor.

32. O amor e a fé são chamados, a princípio, os “luminares grandes”; depois, o amor o “luminar grande” e a fé o “luminar menor”; e se diz do amor que ele “dominará no dia” e, da fé, que ela “dominará na noite”. Como estas coisas são arcanos e estão ocultas, sobretudo neste fim dos dias, é permitido, pela Divina misericórdia do Senhor, revelar como são. Se estão ocultas, sobretudo neste fim dos dias, é porque agora é a consumação do século, e o amor é quase nulo e por conseguinte a fé, como o próprio SENHOR predisse nos Evangelistas, nestas palavras:

“O sol se escurecerá, e a lua não dará luz, e as estrelas cairão do céu, e as virtudes do céu serão abaladas” (Mt. 29:25).

Pelo “sol” entende-se aqui o amor que será “escurecido”; pela “lua” a fé que não dá luz; pelas “estrelas”, as cognições da fé que caem do céu, as quais são as “virtudes e os poderes dos céus”. A Igreja Antiquíssima não reconheceu outra fé senão o amor mesmo. Os anjos celestes também não reconhecem outra fé exceto a que é do amor; o céu universal é do amor, pois nos céus não existe outra vida exceto a vida do amor. Daí vem toda felicidade, que é tanta, que nenhuma coisa dela pode ser descrita nem pode ser compreendida por alguma idéia humana. Os que estão no amor amam o SENHOR de coração, mas sabem, dizem e percebem que todo amor, assim toda vida que é do amor, só, e, assim, toda felicidade, vêm unicamente do SENHOR, e que, por si próprios, eles não têm nada do amor, da vida e da felicidade. Que o SENHOR seja Aquele de Quem procede todo amor, isso foi também representado pelo “grande luminar”, ou o sol, quando Ele foi transfigurado, pois:

“*Sua face resplandeceu como o sol e as vestes tornaram-se como a luz*” (Mt. 17:2).

Pela “face” são significados os íntimos, e pelas “vestes” as coisas que procedem dos íntimos; assim pelo “sol”, o Divino do SENHOR ou o Amor, e pela “luz” o Seu Humano ou a sabedoria que procede do amor.

33. Qualquer um pode saber muito bem que não existe jamais a vida sem algum amor, e que não existe jamais a alegria exceto aquela que procede do amor; de fato, tal é o amor, tal é a vida e tal é a alegria. Se removesses os amores, ou, o que é o mesmo, as cobiças — porque elas são do amor — cessaria logo o pensamento e serias como morto. Isto me foi mostrado por experiência viva. Os amores de si e do mundo apresentam certa semelhança com a vida e a alegria, mas porque são inteiramente contrários ao verdadeiro amor, o qual é que se deve amar o SENHOR acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, pode-se ver que eles são, não amores, mas ódios. Pois quanto mais alguém ama a si mesmo e ao mundo, mais odeia o próximo e, assim, o SENHOR. Por isso, o verdadeiro amor é o amor ao SENHOR, a verdadeira vida é a vida do amor que vem do SENHOR, e a verdadeira alegria é a alegria desta vida. Só pode haver um único Amor verdadeiro; por conseguinte, só pode haver uma única vida verdadeira, de onde procedem as verdadeiras alegrias e as verdadeiras felicidades, como as dos anjos nos céus.

34. O amor e a fé nunca podem ser separados, porque constituem uma só e mesma coisa. Por isso, no princípio, quando se trata dos luminares, eles são tomados por um só, e se diz: “Haja (sit) luminares na expansão dos céus”. É permitido referir coisas admiráveis a este respeito. Os anjos celestes, porque estão pelo SENHOR em um tal amor, estão por este amor em todas as cognições da fé, e pelo amor, em uma tal vida e em uma tal luz de inteligência, que dificilmente se poderia descrever. Por sua vez, os espíritos que estão no conhecimento dos doutriniais da fé, sem o amor, estão em uma vida tão fria e em uma luz tão escura, que nem podem aproximar-se da primeira entrada do átrio dos céus sem fugir para trás. Dizem terem de certo modo acreditado no SENHOR, mas não viveram como Ele ensinou. O SENHOR fala deles assim, em *Mateus*:

“*Nem todo aquele que Me diz: SENHOR, SENHOR, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a Minha vontade; muitos Me dirão naquele dia: SENHOR, SENHOR, por Teu Nome não profetizamos?*” (E as coisas que se seguem) (7:21,22).

[2] Por aí se vê que aqueles que estão no amor também estão na fé e, assim, na vida celeste, mas não os que dizem estar na fé e não estão na vida do amor. A vida da fé sem o amor é como a luz do sol sem o calor, como sucede no inverno, quando nada cresce, mas todas as coisas ficam entorpecidas e mortas. Mas a fé que procede do amor é como a luz do sol no tempo da primavera, quando todas as coisas crescem e florescem, porque é o calor do sol que as produz. Sucede semelhantemente nas coisas espirituais e celestes, que são comumente representadas na Palavra pelas coisas que estão no mundo e sobre a terra. A ausência da fé, e a fé sem

o amor, são também comparadas pelo SENHOR ao inverno, onde Ele predisse a consumação do século, em *Marcos*:

“Orai para que vossa fuga não se dê no inverno, pois aqueles serão dias de aflição” (13:18,19).

A “fuga” é o último tempo também para todo homem que morre. O “inverno” é a vida sem nenhum amor e os “dias de aflição” são o seu estado miserável na outra vida.

35. Há no homem duas faculdades: a vontade e o entendimento. Quando o entendimento é governado pela vontade, então estas faculdades constituem, ambas, uma mente só, assim uma só vida, pois, então, o que o homem quer e faz, ele também o pensa e a isso se aplica. Mas, quando o entendimento está em desacordo com a vontade, como nos que dizem ter a fé mas vivem de modo diferente, a unidade da mente então está dividida em duas partes: uma quer elevar-se ao céu, a outra tende para o inferno. E, como a vontade faz tudo, o homem inteiro se precipitaria no inferno, se o SENHOR não Se compadecesse dele.

36. Os que separaram a fé do amor não sabem o que é a fé. Quando estão na idéia da fé, alguns dentre eles não sabem outra coisa senão que é um mero pensamento; outros, que é um pensamento no SENHOR; e poucos, que é a doutrina da fé. Mas a fé é não somente o conhecimento e o reconhecimento de tudo o que a doutrina da fé abrange, mas é, principalmente, a obediência a tudo que esta doutrina ensina. A primeira coisa que ela ensina e a que se deve obedecer é o amor ao SENHOR e o amor ao próximo, e quem não está nesses amores não está na fé. Isso o SENHOR ensina assim, em *Marcos*, de um modo tão claro que é impossível duvidar:

“O primeiro de todos os preceitos é: Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é um só Senhor; por isso amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua mente, e de todas as tuas forças; é este o primeiro preceito. E o segundo, semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro preceito maior que estes” (12:28-32).

Em *Mateus*, Ele o chama “o primeiro e grande mandamento”, e diz que “a lei e os profetas dependem desses mandamentos” (22:34 a 40). A “lei e os profetas” são a doutrina universal da fé e toda a Palavra.

37. É dito que os luminares “serão para sinais e para tempos determinados, e para dias e para anos”. Estas palavras contêm mais arcanos do que podem ser ditos no momento, ainda que nenhum apareça no sentido da letra. Por ora, basta dizer que, em relação às coisas espirituais e celestes, há, no universal e nos singulares, sucessões que são comparadas às sucessões nos dias e anos. As sucessões nos dias são: da manhã ao meio-dia, daí à tarde e, pela noite, à manhã. As dos anos são semelhantes: da primavera ao verão, daí ao outono e, pelo inverno, à primavera. São as alterações de calor e luz, e também as das frutificações da terra. Com essas alterações se comparam as das coisas espirituais e celestes. A vida sem tais alterações e diversidades seria uniforme e, por conseguinte, nula. E não seria possível

discernir, distinguir e ainda menos perceber o bem e o vero. Essas alterações são chamadas “estatutos” na Palavra, como em *Jeremias*:

“Disse JEHOVAH, que dá o sol para luz do dia, e os estatutos da lua e das estrelas para a luz da noite: ... Estes estatutos não se retirarão de diante de Mim” (31: 35,36)

E no mesmo profeta:

“Assim disse JEHOVAH: Se não estabeleci Minha aliança de dia e de noite, os estatutos do céu e da terra...” (33:25)

Mas, pela Divina misericórdia do Senhor, tratar-se-á destas coisas no capítulo 8, vers. 22, do *Gênesis*.

38. Vers. 18: *“E para dominar no dia, e na noite, e para separar entre a luz e entre as trevas; e viu DEUS que era bom”*. Pelo “dia” se entende o bem, pela “noite” o mal; por isso os bens são chamados obras do dia, e os males obras da noite. Pela “luz” se entende o vero e pelas “trevas” o falso, como o SENHOR fala:

“Os homens amaram mais as trevas do que a luz... quem pratica a verdade vem para a luz” (Jo. 3:19 -21).

Vers. 19: *“E houve tarde, e houve manhã, o dia quarto”*.

39. Vers. 20: *“E disse DEUS: Façam as águas produzir abundantemente o réptil, a alma vivente. E a ave voe sobre a terra, sobre as faces da expansão dos céus”*. Depois que os grandes luminares foram acesos e postos no homem interno, e daí o externo recebeu luz, então, o homem começa pela primeira vez a viver. Antes, mal se pode dizer que vivesse, pois o bem que fez, pensou que o fizesse por si mesmo; e o vero que falou, que de si mesmo o dissera. E, como o homem é morto em si e nele nada há senão o mal e o falso, por isso, tudo o que ele produz por si mesmo não é vivo, a ponto de não poder por si mesmo fazer o bem que em si é o bem. Que o homem por si mesmo não possa sequer pensar no bem nem querê-lo, e por conseqüência fazê-lo, a não ser que seja pelo SENHOR, qualquer um vê pela doutrina da fé, porque o SENHOR diz em *Mateus*:

“Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem” (13:37).

O bem não pode vir senão da Fonte mesma, que é única, como também diz:

“Ninguém é bom, exceto um, Deus” (Luc. 18:19).

Contudo, sempre que o SENHOR ressuscita o homem à vida ou o regenera, permite a princípio que ele pense assim, pois, então, o homem não pode compreender de outro modo, nem pode de outro modo ser conduzido a crer e daí a perceber que todo bem e todo vero vêm do SENHOR, só. Enquanto pensou assim, seus veros e bens foram comparados à “erva tenra”, depois à “erva dando semente” e em seguida à “árvore de fruto”, coisas que são inanimadas. Mas, agora, quando é vivificado pelo amor e pela fé e crê que é o SENHOR Quem opera nele todo bem que faz e todo vero que diz, então, é comparado primeiro aos “répteis das águas” e às “aves que voam sobre a terra”, e depois às bestas, que são, todas, coisas animadas e cha-

madras “almas viventes”.

40. Pelos “répteis” que as águas produzem são significados os conhecimentos que pertencem ao homem externo. Pelas “aves” em geral, as coisas racionais e também as intelectuais, estas últimas pertencendo ao homem interno. Que “os répteis das águas ou peixes” signifiquem os conhecimentos, vê-se em *Isaías*:

“Vim, e nenhum varão. Por Minha repreensão farei secar o mar, tornarei os rios em deserto. Fétido será o seu peixe, por não haver água, e morrerá de sede. Vestirei os céus de negridão” (50:2,3).

[2] É ainda mais claro em *Ezequiel*, onde o SENHOR descreve o novo templo ou uma nova Igreja em geral e o homem da Igreja ou regenerado, pois todo aquele que é regenerado é um templo do SENHOR. Assim se diz:

“O SENHOR JEHOVAH disse a mim: Estas águas que sairão para o limite em direção ao Oriente... e virão ao mar, no mar conduzidas, e sãs tornar-se-ão as águas.

“E sucederá que toda alma vivente que rastejar por onde quer que venha a água dos rios, viverá. E haverá peixe em quantidade mui grande, porque ali chegarão estas águas. E sararão, e tudo viverá por onde vier o rio.

“E sucederá que estarão de pé sobre ele pescadores desde Engedi até En-Eglaim; estarão com redes estendidas. Seu peixe será segundo a sua espécie, como o peixe do grande mar, em mui grande quantidade” (47:8 a 10).

Os “pescadores desde Engedi até En-Eglaim com redes estendidas” significam aqueles que ensinam as verdades da fé ao homem natural. [3] Que as “aves” signifiquem as coisas racionais e intelectuais, isto consta nos Profetas, como em *Isaías*:

“...Que chama do oriente o pássaro [volucrum], da terra longínqua o varão do Meu conselho” (46:11).

Em *Jeremias*:

“Vi, e eis, nenhum homem, e todas as aves dos céus fugiram” (4:25).

Em *Ezequiel*:

“Plantarei um rebento de um alto cedro, e ele produzirá ramo e dará fruto, e tornar-se-á um cedro magnífico, e debaixo dele habitarão todas as aves de todas as asas; à sombra de seus ramos habitarão” (17:23).

E em *Oséias*, onde se trata da Nova Igreja ou do regenerado:

“E farei por eles uma aliança, naquele dia, com a fera do campo, e com a ave dos céus, e com tudo o que se move no humo” (2:18).

Que a “fera” não signifique uma fera nem a “ave” uma ave, qualquer um pode ver, porquanto o SENHOR firma uma aliança nova com eles.

41. Tudo o que é próprio do homem não tem vida em si e, quando se manifesta à vista, mostra-se duro como um osso e negro. Ao contrário, tudo o que é

do SENHOR tem vida, é espiritual e celeste em si e, quando se manifesta à vista, mostra-se humano e vivo. E — o que talvez pareça incrível mas é bem verdadeiro — cada palavra, cada idéia e cada uma das mínimas coisas do pensamento de um espírito angélico são vivas. Em seus singularíssimos há uma afeição que procede do SENHOR, Que é a vida mesma. Por isso, as coisas que vêm do SENHOR têm vida em si, porque têm a fé em si, e são significadas aqui pela “alma vivente”. Também têm uma espécie de corpo aqui significada por “aquele que se move” ou “que rasteja”. Todavia, estas coisas ainda são arcanos para o homem, mas são aqui lembradas só porque aqui se trata da alma vivente e do movente.

42. Vers. 21: “*E criou DEUS as baleias grandes e toda alma vivente que rasteja, que as águas fizeram rastejar, segundo a sua espécie; e toda ave de asas, segundo a sua espécie. E viu DEUS que [era] bom*”. Como foi dito, os “peixes” significam os conhecimentos, agora animados pela fé que vem do SENHOR e, assim, vivos. As “baleias” significam as coisas gerais dos conhecimentos, sob os quais e pelos quais existem os particulares. Nada há no universo que não esteja sob algum geral a fim de que exista e subsista. Os cetáceos ou baleias são algumas vezes nomeados nos Profetas e ali significam as coisas gerais dos conhecimentos. Faraó, rei do Egito, por quem é representada a sabedoria ou inteligência humana, isto é, a ciência em geral, é chamado “a grande baleia”, como em *Ezequiel*:

“*Eis-Me contra ti, Faraó, rei do Egito, grande baleia deitada no meio dos teus rios, que disse: Meu é o rio, eu o fiz para mim*” (29:3).

[2] E em outro lugar:

“*Levanta uma lamentação sobre Faraó, rei do Egito, e dize-lhe: ...E tu [foste] como uma baleia nos mares, e avançaste em teus rios, e conturbaste as águas com teus pés*” (32:2);

por tais coisas são significados aqueles que querem entrar nos mistérios da fé por meio dos conhecimentos, assim por si próprios. Em *Isaías*:

“*Naquele dia, JEHOVAH visitará com sua espada dura, e grande, e forte, sobre o Leviatã, a serpente alongada, e sobre o Leviatã, a serpente tortuosa, e matará as baleias que estão no mar*” (27:1);

por “matar as baleias no mar” é significado que nem mesmo as coisas gerais eles sabem. Em *Jeremias*:

“*Devorou-me, conturbou[-me] Nebuchadnezzar, rei de Babel; tornou-me vaso vazio, engoliu-me como baleia; encheu seu ventre de minhas delícias, lançou-me fora*” (51:34),

isto é, ele, assim, trouxe as cognições da fé, que aqui são as “delícias”, como a baleia fez com Jonas, onde a “baleia” é tomada pelos que possuem os gerais das cognições da fé como conhecimentos e, assim, agem.

43. Vers. 22: “*E os abençoou DEUS, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e a ave será multiplicada na terra*”. Tudo o

que tem em si a vida procedente do SENHOR frutifica e se multiplica imensamente, não tanto durante o tempo em que o homem vive no corpo, mas de um modo admirável na outra vida. “Frutificar”, na Palavra, se diz das coisas que são do amor, e “multiplicar” das que são da fé. O fruto, que é do amor, tem a semente pela qual se multiplica tanto. A bênção do SENHOR também significa, na Palavra, frutificação e multiplicação, porque estas procedem dela.

Vers. 23: “E houve tarde, e houve manhã, o dia quinto”.

44. Vers. 24 e 25: *“E disse DEUS: Produza a terra alma vivente segundo a sua espécie; a besta e o que se move, e a fera desta terra segundo a sua espécie. E, assim, foi feito. E fez DEUS a fera da terra segundo a sua espécie, e a besta segundo a sua espécie, e tudo o que rasteja no humo segundo a sua espécie. E viu DEUS que [era] bom”.* O homem, como a “terra”, nada pode produzir de bem se antes não forem semeadas nele as cognições da fé pelas quais saiba o que deve crer e fazer. Pertence ao entendimento o ouvir a Palavra e à vontade o praticá-la. Ouvir a Palavra e não praticá-la é dizer que se crê e todavia não viver de acordo [com a crença]. Tal indivíduo separa essas duas coisas e divide a mente, e é chamado “insensato” pelo SENHOR:

“Todo aquele que ouve as Minhas palavras e as pratica, comparo-o ao varão prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; mas todo aquele que ouve as Minhas palavras e não as pratica, comparo-o ao varão insensato que edificou a sua casa sobre a areia” (Mt. 7:24,26).

Como se mostrou, as coisas que pertencem ao entendimento foram significadas pelos “répteis, que as águas fizeram rastejar, e pela ave sobre a terra e sobre as faces da expansão”. As que pertencem à vontade são significadas aqui pela “alma vivente que a terra produz”, pela “besta e o que rasteja” e, depois, pela “fera desta terra”.

45. Os que viveram nos tempos antiqüíssimos assim designaram as coisas que pertencem ao entendimento e as que pertencem à vontade. Daí é que nos Profetas, e constantemente na Palavra do Antigo Testamento, semelhantes coisas são representadas pelos gêneros de animais. As bestas são de duplo gênero: há as más, porque são nocivas, e há as boas, porque são mansas. As coisas más que estão no homem foram significadas pelas bestas más, como os “ursos, lobos e cães”; as coisas que são boas e agradáveis o foram pelas bestas mansas e também pelos “bezerros, ovelhas e cordeiros”. Aqui, como se trata daqueles que devem ser regenerados, as bestas são boas e mansas e significam as afeições. As coisas que são inferiores e tiram mais do corpóreo são chamadas “feras dessa terra” e são as cobiças e volúpias.

46. As “bestas” significam as afeições no homem — as más nos maus e as boas nos bons — o que se pode ver por muitas passagens na Palavra, como em *Ezequiel*:

“Eis, Eu estou convosco, e Me voltarei para vós para serdes lavrados e semeados; e multiplicarei sobre vós o homem e a besta, e serão multiplicados e frutificarão; e vos farei habitar segundo as vossas antigüidades” (36:9-11);
onde se trata da regeneração. Em Joel:

“Não temais, bestas do Meu campo, porque ervosas se tornam as moradas do deserto” (2:22).

Em David:

“Eu, tolo... como besta fui perante DEUS” (Sal. 73:22).

Em Jeremias:

“Eis, dias virão, e sementarei a casa de Israel e a casa de Jehudah com semente de homem e semente de besta... e velarei sobre eles para edificar e plantar” (31:27,28);

aí se trata da regeneração. [2] Que a “fera” signifique coisas semelhantes, vê-se em Oséias:

“Farei por eles uma aliança, naquele dia, com a fera do campo, e com a ave dos céus, e com o réptil da terra” (2:18);

em Jó:

“Da parte da fera da terra nada temerás, pois com as pedras do campo [é] a tua aliança, e a fera do campo te será pacífica” (5:22,23);

em Ezequiel:

“Firmarei convosco uma aliança de paz e farei cessar da terra a fera má, para que habitem no deserto confiantemente” (34: 25);

em Isaías:

“A fera do campo Me honrará, porque dei águas no deserto” (43:20);

em Ezequiel:

“Em seus ramos fizeram ninho todas as aves dos céus, e sob os seus ramos geraram todas as feras do campo, e em sua sombra habitaram todas as grandes nações” (31:6),

tratando-se, assim, da Assíria, pela qual é significado o homem espiritual, que é comparado ao Jardim do Éden. Em David:

“Glorificai JEHOVAH todos os Seus anjos, glorificai-O da terra, ó baleias, árvore frutífera, fera e toda besta, o réptil e a ave de asa” (Sal. 148:2-4, 7-9,10);

aqui, exatamente as mesmas coisas são nomeadas, como as “baleias, a árvore frutífera, a fera, a besta, o réptil e a ave”. Nunca se poderia dizer a elas que “glorificassem JEHOVAH” a menos que por elas fossem significadas coisas no homem. [3] Nos Profetas se distingue muito bem entre “bestas” e “feras da terra” e entre “bestas” e “feras do campo”. De tal modo os bens são chamados “bestas” que

aqueles que no céu estão mais perto do SENHOR são chamados “animais”, tanto em *Ezequiel* como em *João*:

“Todos os anjos estavam ao redor do trono, e os anciões, e os quatro animais; e caíram perante o trono sobre as suas faces, e adoraram o Cordeiro” (Apoc. 7:2; 19:4).

São chamadas, também, “criaturas” às quais o Evangelho deve ser pregado, porque devem ser criadas de novo:

“Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc. 16:15).

47. Estas palavras contêm arcanos da regeneração; isto se pode ver também pelo que foi dito no versículo anterior, que “a terra produziu a alma vivente, a besta e a fera da terra”, e no versículo seguinte, em outra ordem, que “DEUS fez a fera da terra e depois a besta”. Com efeito, primeiro o homem produz como por si próprio, e também depois, até se tornar celeste. E, como a regeneração começa do homem externo e progride para o interno, por isso aqui há outra ordem e os externos precedem.

48. Por aí se pode ver agora o que é o quinto estado, em que o homem fala pela fé que é do entendimento e daí se confirma no vero e no bem; as coisas que ele então produz são animadas e se chamam “peixes do mar” e “aves dos céus”. E o que é o sexto estado, quando fala os veros e faz os bens pela fé que é do entendimento e daí pelo amor que é da vontade; as coisas que ele então produz se chamam “alma vivente e besta”. E, como agora começa a agir pela fé ao mesmo tempo que pelo entendimento, e também a agir pelo amor, torna-se homem espiritual, que é chamado “imagem”, de que agora se tratará.

49. Vers. 26: *“E disse DEUS: Façamos o homem à Nossa imagem, segundo à Nossa semelhança. E dominarão sobre os peixes do mar, e sobre a ave dos céus, e sobre a besta, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra”*. Na Igreja Antiquíssima, com cujos membros o SENHOR falava face a face, Ele lhes aparecia como Homem. Muitas coisas podem ser referidas sobre isto, mas ainda não é o momento. Daí, a ninguém chamavam “homem” exceto a Ele e às coisas que a Ele pertencessem. Nem a si próprios chamavam “homem”, mas somente às coisas que percebiam ter tido pelo SENHOR, como todo bem do amor e todo vero da fé, coisas estas que diziam ser “do homem” por serem do SENHOR. [2] Daí é que, nos Profetas, pelo “Homem” e pelo “Filho do Homem” se entende, no sentido supremo, o SENHOR, e no sentido interno a sabedoria e a inteligência, e daí todo aquele que é regenerado, como em *Jeremias*:

“Vi a terra, e eis, vácuca e vazia; e os céus, e, eis, não havia a sua luz... vi, e eis, nenhum homem; e todas as aves dos céus fugiram” (4:23,25).

Em *Isaías*, onde pelo “homem”, no sentido interno, se entende o regenerado, e, no sentido supremo, o SENHOR mesmo, como Um só:

“Assim disse JEHOVAH, o Santo de Israel e Formador seu: Eu fiz a terra, e o homem sobre ela Eu criei; Minhas mãos estenderam os céus, e todo o exército deles comandi” (45:11,12).

[3] Por isso um Homem era visto pelos profetas, como Ezequiel:

“...Acima da expansão como que em aparência de pedra safira, [havia] uma semelhança de trono, e acima da semelhança de trono, uma semelhança como a aparência de homem, acima, no alto” (1:26).

E ao ser visto por Daniel foi chamado “Filho do Homem” ou “Homem”, o que é o mesmo:

“Vi, e eis, com as nuvens do céu, como um Filho do Homem que vinha, e chegou até o Ancião de dias; e fizeram-No aproximar-Se até Ele, e foi-Lhe dado o domínio, e a glória, e o reino. E todos os povos, e nações e línguas O servirão. O Seu domínio [será] um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino, [um reino] que não perecerá” (Dan. 7:13,14).

[4] O SENHOR também muitas vezes Se chama “Filho do Homem” ou “Homem”; e, como em *Daniel*, predisse Seu advento em glória:

“Verão o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu com poder e glória” (Mt. 24:30);

as “nuvens do céu” são o sentido literal da Palavra; “poder e glória”, o sentido interno da Palavra, o qual se refere unicamente ao SENHOR e ao Seu reino, em todas e cada uma das coisas, sentido do qual vêm poder e glória.

50. As coisas que as pessoas da Igreja Antiquíssima entenderam por “imagem de DEUS” são tantas que não podem ser descritas. O homem ignora inteiramente que ele é dirigido pelo SENHOR por meio de anjos e espíritos, e que, com todo homem, há pelo menos dois espíritos e dois anjos. Pelos espíritos, faz-se a comunicação do homem com o mundo dos espíritos, e, pelos anjos, com o céu. Sem a comunicação do homem com o mundo dos espíritos pelos espíritos e com o céu pelos anjos, ele não poderia de maneira alguma viver. A sua vida depende inteiramente desta conjunção; pereceria num instante se os espíritos e anjos se retirassem. [2] Enquanto não é regenerado, o homem é dirigido de modo diferente do que quando é regenerado. Quando não é regenerado, há nele espíritos maus que dominam sobre ele de tal modo que os anjos, ainda que presentes, quase nada podem fazer senão apenas conduzi-lo, para que não se precipite num mal extremo, e dirigi-lo para algum bem; e isto eles fazem mesmo pelas próprias cobiças dele, para dirigi-lo ao bem, e pelos enganamentos dos sentidos, para dirigi-lo ao vero. Então ele tem comunicação com o mundo dos espíritos pelos espíritos que nele estão, mas não tanto com o céu, porque os espíritos maus dominam e os anjos somente o desviam. [3] Quando, porém, é regenerado, os anjos então dominam e lhe inspiram todas as coisas boas e verdadeiras, bem como o horror e temor pelos males e falsidades. É verdade que os anjos conduzem, mas somente administram, pois só o SENHOR é Quem dirige o homem por meio dos anjos e espíritos. E, visto que isto se faz pelo

ministério dos anjos, aqui se diz primeiro no plural: “façamos o homem à Nossa imagem”. Mas porque é sempre o SENHOR quem dirige e ordena, no versículo subsequente se diz no singular: “criou-o DEUS à Sua imagem”. É o que o SENHOR diz claramente também em *Isaías*:

“Assim disse JEHOVAH, Redentor teu e Formador teu desde o útero: Eu, JEHOVAH, faço todas as coisas, estendo os céus só, expando a terra por Mim mesmo” (44:24).

Os próprios anjos confessam que nenhum poder há neles, mas que agem só pelo SENHOR.

51. No que se refere à “imagem”, ela não é semelhança, mas “segundo a semelhança”, pelo que é dito: “façamos o homem à Nossa imagem, segundo a Nossa semelhança”. O homem espiritual é “imagem”, mas o homem celeste é “semelhança” ou *éfigie*. Neste capítulo se trata do homem espiritual e no seguinte do celeste. O homem espiritual, que é a imagem, é chamado pelo SENHOR de “filho da luz”, como em *João*:

“Quem anda nas trevas não sabe para onde vai; enquanto tendes luz, crede na luz, para que filhos da luz sejais” (12:35,36).

Também é chamado “amigo”:

“Vós sois Meus amigos se fizerdes tudo o que Eu vos mando” (Jo. 15:14,15).

Mas o homem celeste, que é a “semelhança”, é chamado “filho de DEUS” em *João* (1:12,13):

“A todos os que receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de DEUS, aos que crêem em Seu nome, que nasceram não dos sangue [sanguinibus], nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de DEUS”.

52. Enquanto o homem é espiritual, o seu domínio procede do homem externo para o interno, assim como se diz aqui: “dominarão sobre os peixes do mar, e sobre a ave dos céus, e sobre a besta, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra”. Quando, porém, se torna celeste e age pelo bem do amor, então o domínio procede do homem interno para o externo, como o SENHOR descreve a Si mesmo e assim, ao mesmo tempo, descreve o homem celeste que é a Sua semelhança, em *David*:

“Fizeste-O dominar sobre as obras de Tuas mãos, todas as coisas puseste sob os Seus pés, o rebanho e toda a manada, e também as bestas dos campos, e a ave dos céus, e os peixes do mar, o que passa pelas veredas dos mares” (Sal. 8:6-8)

Por isso, aqui se diz, primeiro, “bestas”, em seguida “aves”, depois “peixes do mar”, porque o homem celeste procede do amor que é da vontade. É diferente, porém, com o homem espiritual, em quem precedem os “peixes” e as “aves”, que pertencem ao entendimento que é da fé, e em seguida vêm as “bestas”.

53. Vers. 27: “*E criou DEUS o homem à Sua imagem, à imagem de DEUS o criou*”. Aqui se diz duas vezes “imagem”; isto é porque a fé, que é do entendimento, é chamada “Sua imagem”, porém o amor, que é da vontade, é chamado “imagem de DEUS”, que no homem espiritual vem depois mas no homem celeste vem antes.

54. “*Macho e fêmea os criou*”. O que se entende por “macho e fêmea” no sentido interno, foi coisa bem conhecida pela Igreja Antiquíssima. Todavia, foi o contrário com os seus descendentes, quando pereceu o sentido interior da Palavra e também este arcano. Os casamentos eram as suas maiores felicidades e delícias, e comparavam aos casamentos todas as coisas que a eles podiam ser comparadas, para daí perceberem a felicidade do casamento. E, como eram homens internos, deleitavam-se somente nos internos; viam as coisas externas somente com os olhos, mas pensavam sobre as coisas que elas representavam, a fim de que as coisas externas nada fossem, mas apenas algo pelo qual pudessem refletir sobre as internas, das internas sobre as celestes e, assim, sobre o SENHOR, que era tudo para eles, e, por conseqüência, sobre o casamento celeste, do qual percebiam vir a felicidade dos seus casamentos. Por isso chamavam “macho” o entendimento no homem espiritual, e “fêmea” a vontade; e quando estas duas faculdades agiam como uma diziam haver o casamento. Dessa Igreja veio a forma que se tornou habitual de chamar a Igreja mesma, por causa da afeição do bem, de “filha” e “virgem”, como “virgem de Sião”, “virgem de Jerusalém” e também “esposa”. Mas, sobre este assunto, vide o capítulo seguinte, versículo 23, e o capítulo 3, versículo 15.

55. Vers. 28: “*E os abençoou DEUS, e disse-lhes DEUS: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e subjugai-a. E dominai sobre os peixes no mar, e sobre a ave dos céus, e sobre todo [ser] vivo que rasteja sobre a terra*”. Como os antiquíssimos chamavam a conjunção do entendimento e da vontade, ou da fé e do amor, “casamento”, tudo o que este casamento produzia de bem eles chamavam “frutificações”, e tudo o que produzia de vero, “multiplicações”. Daí, ocorre de modo semelhante nos Profetas, como em *Ezequiel*:

“Multiplicarei sobre vós o homem e a besta, e eles se multiplicarão e frutificarão, e vos farei habitar conforme as antigüidades vossas, e vos farei mais bem do que em vossos princípios, e conhecereis que Eu [sou] JEHOVAH; e farei andar sobre vós o homem, povo Meu, Israel” (36:8-11);

por “homem” entende-se aqui o homem espiritual, que é também chamado “Israel”; pelas “antigüidades” entende-se a Igreja Antiquíssima; pelos “princípios”, a Igreja Antiga de após o dilúvio; o fato de vir antes a “multiplicação”, que é do vero, e depois seguir a “frutificação”, que é do bem, é porque se trata daquele que deve ser regenerado, não do que já foi regenerado. [2] Quando o entendimento é unido à vontade, ou a fé ao amor, o homem é chamado pelo SENHOR de “terra casada”, como em *Isaías*:

“Não se dirá mais à tua terra: Devastada; mas tu serás chamado: Meu benelplácito nela, e a tua terra: Casada, porque JEHOVAH se agrada de ti, e tua terra será casada” (62:4).

Por conseguinte, os frutos que pertencem ao vero são chamados “filhos”, e os frutos que pertencem ao bem são chamados “filhas”, e isto muito freqüentemente na Palavra. [3] A terra está “cheia” quando há muitos veros e bens. Com efeito, quando o SENHOR abençoa e diz, isto é, quando Ele opera, o bem e o vero crescem imensamente, como Ele diz:

“O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, tendo tomado, semeou em seu campo; ele é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas quando cresce é a maior de todas as hortaliças e se torna árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham em seus ramos” (Mt. 13:31,32).

O “grão de mostarda” é o bem do homem antes de ser espiritual, que é “a menor de todas as sementes” porque o homem pensa que faz o bem por si mesmo. O que ele faz por si mesmo nada é senão o mal; mas, como está em estado de regeneração, há algum bem, mas é o menor de todos. Quando, enfim, a fé se conjunge ao amor, torna-se maior, e “hortaliça”. Finalmente, quando é conjunta, torna-se “árvore” e, então, “as aves dos céus”, que, aqui também, são os veros ou as coisas do entendimento, “aninham-se” em “seus ramos”, que são os conhecimentos. Quando o homem é espiritual, do mesmo modo que quando se torna espiritual, ele está em combate, e por isso se diz “subjugai a terra”, e “dominai”.

56. Vers. 29: *“E disse DEUS: Eis, dou-vos toda erva dando semente, que está sobre as faces de toda a terra, e toda árvore na qual [há] fruto; a árvore que produz semente vos será para comida”.* O homem celeste se deleita unicamente com as coisas celestes que, como convêm à sua vida, são chamadas “comidas celestes”. O homem espiritual se deleita com as coisas espirituais que, como convêm à sua vida, são chamadas “comidas espirituais”. O homem natural, semelhantemente, se deleita com as coisas naturais que, como são de sua vida, são chamadas “comidas” e são, em primeiro lugar, os conhecimentos. Aqui, como se trata do homem espiritual, suas comidas espirituais são descritas por representativos: as espirituais pela “erva dando semente” e pela “árvore na qual [há] fruto”, que, em geral, se chama “árvore que produz semente”. As suas comidas naturais são descritas no versículo seguinte.

57. A “erva dando semente” é todo vero que se refere a um uso. A “árvore na qual [há] fruto” é o bem da fé. O “fruto” é o que o SENHOR dá ao homem celeste, mas a “semente”, da qual vem o fruto, é o que Ele dá ao homem espiritual. Por isso se diz: “a árvore que produz semente vos será para comida”. Que a comida celeste se chame “fruto da árvore”, vê-se pelo capítulo seguinte, onde se trata do homem celeste. Aqui se relatará somente o que o SENHOR falou por meio de *Ezequiel*:

“Junto ao rio eleva-se, sobre a sua margem, aquém e além, toda árvore de comida; a sua folha não cairá e não será consumido o seu fruto; em seus meses renasce, porque as suas águas saem do santuário; e seu fruto será para comida, e sua folha para remédio” (47:12).

As “águas que saem do santuário” significam a vida e a misericórdia do SENHOR, que é o “Santuário”; o “fruto”, a sabedoria, que lhes serve de comida; a “folha” é a inteligência, que para eles existe por causa do uso e é chamada “remédio”. Que, porém, a comida espiritual seja chamada “erva”, é dito por David:

“...Meu Pastor, nada me faltará; em pastos de erva [Tu] me fazes deitar” (Sal. 23:1,2).

58. Vers. 30: *“E a toda fera da terra, e a toda ave dos céus, e a tudo o que rasteja sobre a terra, em que [há] alma vivente, [dou] todo verde da erva, para alimento. E, assim, foi feito”*. Aqui é descrita a comida natural deste mesmo homem. O seu natural é aqui significado pela “fera da terra” e pela “ave dos céus” aos quais foram dados a hortaliça e o verde da erva para alimento. De uma e de outra comida, tanto da natural como da espiritual, assim se diz em David:

“JEHOVAH faz germinar a grama para a besta e a erva para o serviço do homem, para fazer sair pão da terra” (Sal. 104: 14),

onde a “besta” está em lugar da fera da terra e da ave dos céus ao mesmo tempo, sendo ambas nomeadas ali nos vers. 11 e 12.

59. Que somente o verde da erva e a hortaliça sejam aqui o alimento do homem natural, o caso é este: quando o homem está sendo regenerado e se torna espiritual, está continuamente em combate; por isso a Igreja do SENHOR é chamada “combatente”. Pois antes as cobiças dominavam, porque o homem todo se compõe de meras cobiças e das falsidades daí provenientes. Quando está sendo regenerado, suas cobiças e falsidades não podem ser abolidas num só instante, pois isto seria destruir todo o homem, porquanto não adquiriu outra vida para si. Por isso é que os espíritos maus permanecem muito tempo com ele, para que excitem suas cobiças e, assim, elas sejam dissipadas por meios inumeráveis e, mesmo, para que possam ser conduzidas pelo SENHOR para o bem e, assim, o homem possa ser reformado. No tempo do combate, os maus espíritos, que têm o maior ódio por tudo o que é bom e verdadeiro, isto é, tudo o que pertence ao amor e à fé no SENHOR, que são unicamente os bens e veros porque estes têm em si a vida eterna, nenhum outro alimento deixam ao homem senão o que é comparado à hortaliça e ao verde da erva. Mas o SENHOR lhe dá também a comida que é comparada à erva dando semente e à árvore na qual há fruto, as quais pertencem à tranqüilidade e à paz com suas alegrias e felicidades, e isto por intervalos. [2] Se o SENHOR não protegesse o homem a todo momento, mesmo o menor de todos, ele pereceria imediatamente, pois reina no mundo dos espíritos um ódio tão destruidor contra as coisas que são do amor e da fé no SENHOR, que é impossível descrevê-lo. Posso asseverar com certeza que a coisa é assim, porque já há alguns anos tenho estado na outra vida com os espíritos,

ainda que estivesse também no corpo, e fui cercado pelos maus, até pelos piores, e, algumas vezes, por milhares, aos quais foi permitido derramar os seus venenos e me infestar de todos os modos que pudessem. Contudo, não puderam fazer mal a um fio de cabelo sequer, tão protegido que fui pelo SENHOR. Por tantos anos de experiência, fui instruído muito bem sobre o mundo dos espíritos, sua natureza e, também, sobre os combates que aqueles que estão sendo regenerados não podem deixar de sustentar para que alcancem a felicidade da vida eterna. Mas, como ninguém pode ser instruído por essa descrição geral de modo que tenha uma fé isenta de dúvida, os particulares sobre esses assuntos serão relatados na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

60. Vers. 31: “*E viu DEUS tudo o que fez, e eis, muito bom. E houve tarde, e houve manhã, o dia sexto*”. Aqui se diz “muito bom” e nos versículos anteriores somente “bom”, porque agora as coisas que são da fé fazem um com as coisas que são do amor. Assim é feito o casamento entre as coisas espirituais e as celestes.

61. São chamadas espirituais todas as coisas que são das cognições da fé, e celestes todas as que são do amor ao SENHOR e para com o próximo; estas pertencem à vontade e aquelas ao entendimento do homem.

62. Os tempos e os estados da regeneração do homem, em geral e em particular, se dividem em seis e se chamam os dias de sua criação, pois, gradualmente, de não-homem que era, ele se torna a princípio alguma coisa, mas pouca; depois, mais, até o sexto dia, em que se torna “imagem”.

63. Durante esse tempo o SENHOR combate continuamente por ele contra os males e falsos, e pelos combates o confirma no vero e no bem. O tempo do combate é o tempo da operação do SENHOR; por isso o regenerado é chamado, nos Profetas, “obra dos dedos de DEUS”; Ele não descansa antes de o amor tornar-se o principal; então cessa o combate. Quando a obra chega a ponto de a fé ser conjunta ao amor, é chamada “muito boa”, porque, então, o SENHOR o conduz como “semelhança” Sua. No fim do sexto dia, os maus espíritos se afastam e são substituídos pelos bons, e o homem é introduzido no Céu ou Paraíso celeste, do qual se tratará no capítulo seguinte.

64. Eis aqui, então, o sentido interno da Palavra, a sua vida mesma, que não se manifesta jamais pelo sentido da letra. Mas os arcanos são em tão grande número que volumes não bastariam para explicá-los. Aqui foram ditas somente umas pouquíssimas coisas, tais que possam confirmar que se trata da regeneração e esta procede do homem externo para o interno. Assim os anjos percebem a Palavra. Eles nada absolutamente sabem o que é da letra, nem mesmo um único vocábulo que tenha significado mais próximo, ainda menos os nomes das terras, das cidades, dos rios, das pessoas, que ocorrem tantas vezes nos livros históricos e proféticos. Têm somente a idéia das coisas significadas pelos vocábulos e pelos nomes; por “Adam” no Paraíso percebem a Igreja Antiquíssima, não porém a Igreja, mas a fé

da Igreja Antiquíssima no SENHOR; por “Noach” [Noé], a Igreja remanescente com os descendentes até os tempos de Abraham; por “Abraham”, não aquele que viveu, mas a fé salvífica que ele representou; e, assim, por diante. Desse modo, eles percebem as coisas espirituais e celestes inteiramente separadas dos vocábulos e dos nomes.

65. Quando eu lia a Palavra, alguns espíritos foram elevados à primeira entrada do Céu e dali falaram comigo. Diziam que não entendiam a mínima coisa de uma palavra ou de uma letra ali, mas somente as coisas que elas significavam no sentido interior mais próximo, as quais eles diziam ser tão belas, estar numa seqüência tão organizada e os tocar tanto que as chamavam “glória”.

66. Quanto ao gênero, há quatro estilos na Palavra: o primeiro, o que foi da Igreja Antiquíssima. O modo de eles se expressarem era tal que, quando nomeavam coisas terrestres e mundanas, pensavam sobre as coisas espirituais e celestes que elas representavam. Por isso, não só se exprimiam por meio de representativos, mas também os compunham em uma espécie de série histórica, por assim dizer, para lhes dar mais vida, o que lhes era muito deleitável. É esse estilo que foi entendido quando Ana profetizou, dizendo:

“Falai o que é alto, alto; saia o que é antigo de vossa boca” (1 Sam. 2:3).

Esses representativos se chamam, em David, “enigmas da antigüidade” (Sal. 78:2-4). É dos descendentes da Igreja Antiquíssima que Moisés obteve os relatos da Criação, desde o Jardim do Éden até os tempos de Abraham. **[2]** O segundo estilo é o histórico, que está nos livros de Moisés — desde os tempos de Abraham e depois — e em *Josué, Juizes, Samuel e Reis*, nos quais os relatos históricos são absolutamente tais como estabelecidos no sentido da letra, não obstante todas e cada uma das coisas conterem coisas inteiramente diferentes no sentido interno, do que se tratará em sua ordem na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. **[3]** O terceiro estilo é o profético, que nasceu do estilo da Igreja Antiquíssima, o qual eles muito veneravam. Mas esse não é contínuo nem está em aparência histórica como o dos antiquíssimos, mas é disperso, quase nunca inteligível exceto no sentido interno, onde profundos arcanos se acham dispostos seguindo uma ordem conexa e se referem ao homem externo e interno, aos vários estados da Igreja, ao Céu mesmo e, nos íntimos, ao SENHOR. **[4]** O quarto estilo é o dos Salmos de David, que é intermediário ao proféticos e à linguagem comum. Ali, sob a pessoa de David como rei, trata-se, no sentido interno, do SENHOR.

Gênesis

Capítulo Segundo

67. Como, pela Divina misericórdia do Senhor, me foi dado saber o sentido interno da Palavra — sentido no qual se acham encerradas coisas secretíssimas que nunca antes chegaram ao conhecimento de ninguém, nem podem chegar a não ser que se saiba como são as coisas na outra vida, pois os muitíssimos assuntos que estão no sentido interno da Palavra consideram, relatam e envolvem tais coisas — foi-me concedido expor o que tenho ouvido e visto há alguns anos, por me ter sido dado estar associado a espíritos e anjos.

68. Não ignoro que muitos irão dizer que ninguém pode falar com espíritos e anjos enquanto vive no corpo; e muitos dirão que são fantasias; outros, que eu terei transmitido essas coisas para captar a fé; outros dirão o mesmo de modos diferentes. Mas nada disso me detém, porque vi, ouvi e senti.

69. O homem foi criado pelo SENHOR de tal modo que pudesse falar ao mesmo tempo com espíritos e anjos, enquanto vivesse no corpo, como também sucedeu nos tempos antiqüíssimos, pois sendo um espírito envolto em um corpo, o homem é um com eles. Como, porém, no transcurso do tempo, os homens se imergiram nas coisas corporais e mundanas de tal forma que quase não se ocupam de outras coisas, o acesso foi, por conseguinte, fechado. Mas, logo que se afastam as coisas corpóreas nas quais se está imerso, o caminho se abre e se está entre os espíritos e se associa a sua vida com eles.

70. Como é permitido revelar as coisas que durante alguns anos tenho ouvido e visto, será dito aqui, em primeiro lugar, o que se passa com o homem quando é ressuscitado, ou de que maneira ele, da vida do corpo, entra na vida da eternidade. E, para que eu soubesse que os homens vivem após a morte, foi-me dado falar e conversar com muitos que conheci na sua vida do corpo, e, de fato, não por um dia ou uma semana, mas por meses e quase um ano, com os quais falei e conversei como no mundo. Ficaram muito admirados pelo fato de que, quando viveram no corpo, eles e muitos outros estivessem em uma incredulidade tal que pensavam que não viveriam após a morte, quando o fato é que, após a morte do corpo, passam-se apenas alguns dias antes que se esteja na outra vida, pois há uma continuação da vida.

71. Mas como essas revelações seriam esparsas e desconexas se fos-

sem interpostas nas que estão no texto da Palavra, é permitido, pela Divina misericórdia do Senhor, acrescentá-las em certa ordem e fazê-las preceder e seguir qualquer dos capítulos, além de outras que serão intercaladas aqui e ali.

72. Assim, no fim deste capítulo é permitido dizer de que maneira o homem é despertado dos mortos e entra na vida da eternidade.

Gênesis

Capítulo Segundo

1. *E foram acabados os céus e a terra, e todo o exército deles.*
2. *E acabou Deus no dia sétimo a obra Sua, que fez. E descansou no dia sétimo de toda a obra Sua, que fez.*
3. *E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou, porque nele descansou de toda a obra Sua, que criou Deus fazendo.*
4. *Estas são as natividades dos céus e da terra, quando os criou, no dia em que Jehovah Deus fez a terra e os céus.*
5. *E nenhum rebento do campo havia ainda na terra, e nenhuma erva do campo ainda germinava, porque Jehovah Deus não fizera chover sobre a terra, e homem nenhum para cultivar o humo.*
6. *E fez subir um vapor da terra, e regou todas as faces do humo.*
7. *E formou Jehovah Deus o homem, pó do humo; e soprou em suas narinas respiração de vidas; e o homem tornou-se alma vivente.*
8. *E plantou Jehovah Deus um jardim em Éden para o oriente, e pôs ali o homem a quem formou.*
9. *E Jehovah Deus fez brotar do humo toda árvore desejável à vista e boa para comida; e a árvore de vidas no meio do jardim; e a árvore da ciência do bem e do mal.*
10. *E um rio saindo do Éden para regar o jardim; e daí era dividido e tornava-se em quatro cabeças.*
11. *O nome do primeiro, Pishon, o que circunda toda a terra de Havilah, onde há ouro.*
12. *E o ouro desta terra é bom; ali há o bdélio e a pedra shoham².*
13. *E o nome do segundo rio, Gichon, o que circunda toda a terra de Cush.*

² Shoham ou Schoham é, talvez, o mesmo que ônix.

14. *E o nome do terceiro rio, Hiddekel³, o que vai orientalmente para Asshur⁴; e o quarto rio, ele é Phrath⁵.*
15. *E tomou Jehovah Deus o homem e pô-lo no jardim do Éden para cultivá-lo e para guardá-lo.*
16. *E Jehovah Deus ordenou ao homem a respeito dele, dizendo: De toda árvore do jardim, comendo comerás⁶.*
17. *Mas da árvore da ciência do bem e do mal, não comerás dela, porque no dia em que comeres dela, morrendo morrerás⁷.*

Conteúdo

73. O homem, quando de morto se torna espiritual, de espiritual se torna celeste, do qual agora se trata; versículo 1.

74. O homem celeste é o “sétimo dia no qual o SENHOR descansa”; versículos 2,3.

75. O seu conhecimento e o seu racional são descritos pelo “rebento e pela erva do humo regado pelo vapor”; versículos 5,6.

76. Sua vida é descrita pela “inspiração de uma alma de vidas”; versículo 7.

77. Depois, a sua inteligência é descrita pelo “jardim em Éden para o oriente”, no qual as “árvores desejáveis à vista” são as percepções do vero, e as árvores boas para comida” são as percepções do bem. O amor é descrito pela “árvore de vidas” e a fé pela “árvore da ciência”; versículos 8,9.

78. A sabedoria é descrita pelo “rio no jardim”, e daí por “quatro rios”, dos quais o primeiro é o bem e o vero; o segundo é a cognição de todas as coisas que pertencem ao vero e ao bem, ou ao amor e à fé, as quais são do interno do homem; o terceiro é a razão, o quarto é a ciência, que são do externo do homem. Todos procedem da sabedoria, e esta procede do amor e da fé no SENHOR; versículos 10-14.

³ *Hiddekel ou Hidekkel= o mesmo que Tigris.*

⁴ *Asshur= Assíria.*

⁵ *Phrath= Eufrates.*

⁶ *Literalmente do hebraico = 'akol to'kel, repetição enfática do verbo comer que Swedenborg traduz para o latim como edendo edas.*

⁷ *Literalmente do hebraico = moth tamuth, ênfase do verbo morrer que Swedenborg traduz moriendo morieris.*

79. O homem celeste é um tal jardim. Mas como este pertence ao SENHOR, é-lhe concedido usufruir de todas estas coisas, mas não possuí-las como suas; versículo 15.

80. E lhe é permitido conhecer, por toda percepção que vem do SENHOR, o que é o bem e o vero, mas não por si mesmo e pelo mundo, ou inquirir os mistérios da fé por meio das coisas dos sentidos e dos conhecimentos, pelas quais o seu celeste morre; versículos 16,17.

Sentido Interno

81. Neste capítulo se trata do homem celeste; no capítulo precedente tratou-se do homem que, de morto, tornou-se espiritual. Mas, como hoje se ignora o que é o homem celeste, mal se sabe o que é o espiritual e o que é o morto, pode-se descrever brevemente qual é um e qual é outro, para que se saiba quais são as diferenças. Primeiro: o homem morto não reconhece outro vero e bem além daquele que é do corpo e do mundo, e também o venera. O homem espiritual reconhece o vero e o bem espirituais e celestes, todavia, pela fé, pela qual também ele age e não assim pelo amor. O homem celeste crê no vero e no bem espirituais e celestes e os percebe; não reconhece outra fé a não ser aquela que procede do amor, pelo qual ele também age. [2] Segundo: o fim do homem morto visa somente à vida do corpo e do mundo; não sabe o que é a vida eterna e o que é o SENHOR, e, se sabe, não crê. O fim do homem espiritual visa à vida eterna e, assim, ao SENHOR. O fim do homem celeste visa ao SENHOR e, assim, ao Seu reino e à vida eterna. [3] Terceiro: o homem morto, quando está em luta, quase sempre sucumbe; e, quando não está em luta, os males e falsos governam nele, e ele é o servo. Seus laços são externos, como o temor da lei, da perda da vida, da riqueza, dos proveitos e da reputação, por causa dessas coisas mesmas. O homem espiritual está em luta, mas sempre vence. Seus laços, pelos quais age, são internos e são chamados laços da consciência. O homem celeste não está em luta; e, se os males e falsos o assaltam, ele os despreza. Por isso é também chamado “vencedor”. Não tem laços aparentes pelos quais age, mas é livre; os laços, que não aparecem, são as percepções do bem e do vero.

82. Vers. 1: “*E foram acabados os céus e a terra, e todo o exército deles*”. Por estas palavras se entende que o homem agora se tornou espiritual, a ponto de ser o “sexto dia”. O “céu” é o seu homem interno e a “terra” é o externo. O “exército deles” são o amor, a fé e as cognições do amor e da fé que antes foram significados pelos “grandes luminares e as estrelas”. Que o homem interno se chame “céu” e o externo “terra”, pode-se ver pelas passagens da Palavra citadas no capítulo precedente. Permite-se acrescentar o que se diz em *Isaías*:

“Farei o varão mais raro do que o ouro sólido, e o homem mais do que o ouro precioso de Ofir; por causa disso, ferirei de terror os céus, e a terra será sacudida de seu lugar” (13:12,13);

e em outro lugar:

“Terás esquecido JEHOVAH o feitor teu, Que estende os céus e funda a terra;... mas porei Minhas palavras em tua boca, e na sombra da [Minha] mão... te esconderei, para estender o céu e fundar a terra” (51:13,16);

pelo que é evidente que o “céu” e a “terra” são predicados do homem. Na verdade, aí se trata da Igreja Antiquíssima, mas as coisas interiores da Palavra são tais que tudo o que é dito sobre a Igreja, aplica-se a todo membro da Igreja, o qual, se não fosse uma Igreja, não poderia ser parte dela, assim como o que não é um templo do SENHOR não pode ser o que é significado pelo “templo”, que é a Igreja e o céu. É daí que a Igreja Antiquíssima também se chama “homem” no singular.

83. Diz-se que “os céus e a terra e todo o exército deles” “foram acabados”, quando o homem se torna o “sexto dia”, pois, então, a fé e o amor fazem um; e, quando fazem um, o amor, e não a fé, começa a ser o principal, isto é, o celeste, e não o espiritual, começa a ser o homem celeste.

84. Vers. 2 e 3: *“E acabou DEUS no dia sétimo a obra Sua, que fez. E descansou no dia sétimo de toda a obra Sua, que fez. E abençoou DEUS o dia sétimo e o santificou, porque nele descansou de toda a obra Sua, que criou DEUS fazendo”*. O homem celeste é o “sétimo dia”; como ele foi elaborado pelo SENHOR durante seis dias, é chamado “Sua obra”. E, porque então cessa a luta, diz-se do SENHOR que “descansou de toda a obra Sua”. Por isso o sétimo dia é santificado e chamado “sábado”, de “descanso”. E, assim, o homem foi criado, formado e feito. É o que se percebe claramente por essas palavras.

85. Que o homem celeste seja o “sétimo dia” e que o sétimo dia tenha sido por isso santificado e chamado sábado, de “descanso”, são arcanos ainda não revelados. Isso vem também de se ter ignorado o que é o homem celeste e de poucos saberem o que é o espiritual que, por causa dessa ignorância, foi confundido com o celeste, quando a verdade é que existe muita diferença entre eles, como se vê no n.º 81. Quanto ao que concerne ao sétimo dia e ao homem celeste que é o “sétimo dia” ou sábado, vê-se pelo fato de o próprio SENHOR ser o sábado; por isso Ele disse também:

“O Filho do Homem é o SENHOR do sábado” (Marcos 2:28),

palavras que envolvem que o SENHOR é o Homem Mesmo e o Sábado Mesmo. Seu reino nos céus e nas terras é daí chamado “sábado” ou a eterna paz e o repouso. A Igreja Antiquíssima, de que se trata aqui, era o “sábado” do SENHOR mais do que as Igrejas que a seguiram. [2] Toda Igreja seguinte e íntima do SENHOR é também o “sábado”, assim como todo regenerado, quando se torna celeste, porque é a semelhança do SENHOR. Precedem seis dias de luta ou de labor. Essas coisas foram representadas na Igreja Judaica pelos dias de labor e pelo séti-

mo que era o “sábado”, pois tudo o que foi instituído naquela Igreja era representativo do SENHOR e de Seu reino. O mesmo foi também representado pela “arca, quando se punha a caminho e quando repousava”; pelas “suas marchas no deserto” eram representadas as lutas e tentações; pelo “repouso”, o estado de paz. Por isso, quando ela se punha a caminho, Moisés dizia:

“Levanta-Te, JEHOVAH, e sejam dispersados os inimigos Teus, e fujam os que Te odeiam de diante de Tuas faces. E quando repousava, dizia: Volta, JEHOVAH, aos miríades de milhares de Israel” (Núm. 10:35,36);

a respeito da arca, foi dito ali que

“partia da montanha de JEHOVAH para lhes buscar descanso” (Ibidem, 33).

O descanso do homem celeste é descrito pelo “sábado” em *Isaiás*:

“Se desviares do sábado o teu pé, de fazer o teu desejo no dia da Minha santidade; e chamares as coisas que pertencem ao sábado delícias ao Santo JEHOVAH, honradas; e o honrares, não seguindo teus caminhos; nem buscares o teu desejo e falares [tua] palavra, então serás delicioso a JEHOVAH, e te farei transportar sobre as alturas da terra, e te alimentarei com a herança de Jacob” (58:13,14).

O homem celeste é tal que age não pelo seu desejo, mas pelo beneplácido do SENHOR, que é o desejo para ele. Goza, assim, de paz e felicidade internas, que aqui são expressas por “ser elevado sobre as alturas da terra”, e, ao mesmo tempo, de tranquilidade e prazer externos, que são significados por “ser alimentado com a herança de Jacob”.

86. Quando o homem espiritual que se tornou o “sexto dia” começa a se tornar celeste — do qual se trata aqui em primeiro lugar — é a “véspera do sábado”, o que foi representado na Igreja Judaica pela santificação do “sábado” a partir da tarde. O homem celeste é a “manhã”; dele se tratará logo a seguir.

87. Que o homem celeste seja o “sábado” ou descanso, é também porque cessa a luta, quando ele se torna celeste. Os maus espíritos se afastam e os bons se aproximam e, então, vêm os anjos celestes. Quando estes estão presentes, os maus espíritos não podem ficar, mas fogem para longe. E, como não foi o homem mesmo quem lutou, mas o SENHOR, só, pelo homem, diz-se que “o SENHOR descansou”.

88. Quando se torna celeste, o homem espiritual é chamado “obra de DEUS”, pois que só o SENHOR lutou por ele e o criou, formou e fez. Por isso se diz aqui: “DEUS acabou no dia sétimo a Sua obra”, e se repete: “descansou de toda a Sua obra”. Nos Profetas, ele é freqüentemente chamado “obra das mãos e dos dedos de JEHOVAH”, como em *Isaiás*, onde se trata do regenerado:

“Assim disse JEHOVAH, o Santo de Israel e Formador seu: Sinais pedi-Me... acerca de Meus filhos; e acerca das obras de Minhas mãos ordenai-Me. Eu fiz a terra, e o homem sobre ela criei. Eu, as Minhas mãos estenderam os céus, e

a todo o exército deles ordenei... Porque, assim, disse JEHOVAH, que cria os céus, Ele, o DEUS que forma a terra e que a faz; Ele, que a firma, não a criou vazia: para ser habitada a formou. Eu, JEHOVAH... e não há outro DEUS além de Mim” (45:11,12, 18, 21);

daí se vê que a nova criação ou regeneração é obra do SENHOR, só. Os vocábulos “criar” “formar” e “fazer” são empregados bem distintamente, como aqui em Isaías: “...que cria os céus, forma a terra e a faz”, e, depois, em outro lugar:

“...Todo o que é chamado pelo Meu nome, e para a Minha glória o criei, o formei e também o fiz” (Isa. 43:7).

Dá-se de modo semelhante no capítulo precedente e neste, como aqui: “descansou de toda a obra Sua, que criou DEUS fazendo”; e isto sempre com uma idéia distinta no sentido interno. Bem como onde o SENHOR é chamado Criador, ou Formador e Feitor.

89. Vers. 4: *“Estas são as natividades dos céus e da terra, quando os criou, no dia em que JEHOVAH DEUS fez a terra e os céus”*. “Natividades dos céus e da terra” são as formações do homem celeste. Que agora se trate de sua formação, vê-se claramente de cada um dos exemplos que se seguem, como: que “nenhuma erva ainda tinha germinado”, “nenhum homem para cultivar o humo”, e também que “JEHOVAH DEUS tenha formado o homem” e, em seguida, “toda besta e a ave dos céus”; e, entretanto, a formação desses fora tratada no capítulo precedente. Por isso, aqui se trata de um outro homem, o que é ainda mais claro pelo fato de se dizer agora, pela primeira vez, “JEHOVAH DEUS”. No que precedeu, onde se tratou do homem espiritual, foi dito somente “DEUS”. E, também pelo fato de agora se dizer “humo” e “campo”, e, no que precedeu, apenas “terra”. E ainda pelo fato de que neste versículo o céu é posto primeiro, antes da terra, e depois a terra antes do céu. A causa disto é que a “terra” significa o homem externo e o “céu” o interno. No homem espiritual, a reforma começa da terra ou do homem externo, mas aqui, onde se trata do celeste, começa do homem interno ou do céu.

90. Vers. 5 e 6: *“E nenhum rebento do campo havia ainda na terra, e nenhuma erva do campo ainda germinava, porque JEHOVAH DEUS não fizera chover sobre a terra, e homem nenhum para cultivar o humo. E fez subir um vapor da terra, e regou todas as faces do humo”*. Pelo “rebento do campo” e pela “erva do campo” se entendem, em geral, tudo o que seu homem externo produz. A “terra” é o homem externo quando era espiritual; o “humo”, assim como o “campo”, é o homem externo quando se torna celeste; a “chuva”, que logo depois é chamada “vapor”, é a tranqüilidade da paz, quando cessa a luta.

91. Mas, se não se conhece o estado do homem quando de espiritual se torna celeste, de modo nenhum se pode perceber o que estas coisas envolvem, porque são mais secretas. Quando é espiritual, o homem externo ainda não quer prestar obediência ao interno ou servi-lo, pelo que há a luta. Quando, todavia, se torna celeste, então, o homem externo começa a obedecer e a servir ao interno, pelo que

cessa a luta e há a tranqüilidade (vide n.º 87). Essa tranqüilidade é significada pela “chuva” e pelo “vapor”, pois é como um vapor que vem do interno e rega e banha o externo. Essa tranqüilidade, que pertence à paz, produz as coisas que são chamadas “rebento do campo” e “erva do campo”, que são particularmente as coisas racionais e os conhecimentos de uma origem celeste espiritual.

92. Ninguém pode conhecer a qualidade da paz do homem externo, quando cessa a luta, ou o desassossego proveniente das cobiças e falsidades, exceto aquele que conhece o estado de paz. Esse estado é tão prazeroso que excede toda idéia de prazer. Não é somente a cessação da luta, mas a vida provindo de uma paz interior, afetando o homem externo de tal modo, que é impossível descrever. Os veros da fé e os bens do amor então nascem, derivando a sua vida do prazer da paz.

93. O estado do homem celeste, agraciado com a tranqüilidade da paz, recreado pela chuva e liberto da servidão do mal e do falso, é assim descrito pelo SENHOR através de *Ezequiel*:

“Firmarei com eles uma aliança de paz, e farei cessar a fera má da terra, e habitarão seguramente no deserto, e dormirão nos bosques; e lhes darei, e aos contornos de Minha colina, bênção; e farei descer a chuva em seu tempo, chuvas de bênção serão. E a árvore do campo dará o seu fruto, e a terra dará a sua produção; e estarão sobre o seu humo em segurança, e saberão que Eu sou JEHOVAH, quando tiver rompido as correias do seu jugo, e os tiver libertado da mão dos que os fazem servir... Vós sois Meu rebanho, rebanho do Meu pasto; homem sois vós, Eu sou vosso DEUS” (34:25-27,31).

E se diz em *Oséias* que isso se faz no terceiro dia, que na Palavra significa a mesma coisa que o sétimo:

“Vivificar-nos-á depois de dois dias, no dia terceiro nos erguerá, e viveremos diante d’Ele; e conheceremos, e prosseguiremos em conhecer JEHOVAH, como a aurora preparada para a Sua saída; e virá a nós como chuva, como chuva serôdia que rega a terra” (6:2,3).

E isso é comparado ao germe do campo por *Ezequiel*, onde se trata da Igreja Antiga:

“Como germe do campo te tornei, e cresceste, e aumentaste, e te tornaste ornamento dos ornamentos” (16:7);

depois:

“Ao broto das plantações, e às obras das mãos de JEHOVAH DEUS” (Isa. 60:21).

94. Vers. 7: *“E formou JEHOVAH DEUS o homem, pó do humo; e soprou em suas narinas fôlego de vidas; e o homem tornou-se alma vivente”*. “Formar o homem, pó do humo” é formar o seu homem externo, que antes não era homem; pois é dito no vers. 5 que não havia homem para cultivar o humo. “Soprar em suas narinas fôlego de vidas” é dar-lhe a vida da fé e do amor. “O homem se

tornou alma vivente” é que o homem externo também tornou-se vivo.

95. Aqui se trata da vida do homem externo; nos dois versículos anteriores tratou-se da vida de sua fé ou do entendimento, neste se fala da vida de seu amor ou da vontade. Anteriormente, o homem externo não queria obedecer e servir ao interno, mas continuamente lutava contra ele; por isso o externo não era, então, homem. Agora, porém, depois que se tornou celeste, o externo começa a prestar obediência e servir ao interno, e, assim, se torna homem também e isso pela vida da fé e pela vida do amor. A vida da fé o prepara e a vida do amor faz que seja homem.

96. Foi dito que JEHOVAH DEUS “soprou pelas narinas”. A coisa assim se passa: na antigüidade e na Palavra, pelas “narinas” se entendia tudo o que era agradável por causa do odor, que significa a percepção. Por isso, freqüentemente se lê a respeito de JEHOVAH que Ele “cheirou o cheiro de repouso” dos holocaustos e das coisas que O representavam e ao Seu reino. E, pelo fato de serem as coisas que são do amor e da fé muito agradáveis a Ele, é dito que “soprou pelas narinas fôlego de vidas”. Daí vem que o Ungido de JEHOVAH, ou o SENHOR, Se chama “sopro das narinas” (*Lam. 4:20*). E Ele mesmo significava isso quando soprou sobre os discípulos, em *João*:

“Soprou e disse: Recebei o Espírito Santo” (20:22).

97. Que a vida seja descrita pelo sopro e pelo fôlego, a razão é também que os homens da Igreja Antiquíssima percebiam os estados do amor e da fé por meio dos estados da respiração, estados esses que foram sucessivamente mudados em seus descendentes. Ainda não se pode dizer coisa alguma sobre essa respiração, porque hoje são coisas inteiramente ocultas. Os antiquíssimos conheceram bem isso, assim como os que estão na outra vida, mas nesta terra não há mais ninguém que o saiba. Daí é que assemelham o espírito ou a vida ao vento. Também o SENHOR, quando falou da regeneração do homem, disse em *João*:

“O vento [spiritus] sopra onde quer; e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem ou para onde vai; assim é todo o que é gerado pelo espírito” (3:8).

Semelhantemente, em David:

“Pela palavra de JEHOVAH os céus foram feitos; e pelo espírito [ou sopro] de Sua boca, todos os seus exércitos” (Sal. 33:6);

e, no mesmo:

“Recolhes o espírito deles, expiram e ao seu pó retornam; envias o Teu espírito, são criados e renovas as faces do humo” (Sal. 104:29, 30).

Que o “fôlego” seja tomado em lugar da vida do amor, vê-se em *Jó*:

“O espírito está no homem, e o fôlego de Shaddai os faz entender” (32:8);

e depois, no mesmo:

“O espírito de DEUS me fez, e o fôlego de Shaddai me vivificou” (33:4).

98. Vers. 8: “*E plantou JEHOVAH DEUS um jardim em Éden para o Oriente, e pôs ali o homem a quem formou*”. Pelo “jardim” é significada a inteligência; pelo “Éden”, o amor; pelo “Oriente” o SENHOR. Assim, pelo “jardim em Éden para o Oriente” é significada a inteligência do homem celeste que flui do SENHOR por meio do amor.

99. No homem espiritual, a vida ou a ordem da vida é tal que o SENHOR influi, realmente, pela fé em suas coisas intelectuais, racionais e dos conhecimentos. Mas, como o seu homem externo luta com o interno, parece que a inteligência não flui do SENHOR, mas de si próprio, pelas coisas dos conhecimentos e racionais. No homem celeste, porém, a vida ou a ordem da vida é que o SENHOR influi pelo amor e pela fé do amor em suas coisas intelectuais, racionais e dos conhecimentos. E como não há luta, percebe-se que, assim, é. Em consequência, a ordem, que ainda está invertida no espiritual, é restabelecida no celeste. Essa ordem ou esse homem chama-se “jardim em Éden para o Oriente”. [2] No sentido supremo, o “Jardim plantado por JEHOVAH DEUS em Éden para o Oriente” é o SENHOR mesmo. No sentido íntimo, que também é o sentido universal, é o reino do SENHOR e o céu, no qual o homem é colocado, quando se torna celeste. Seu estado consiste, então, em estar com os anjos no céu e ser como se fosse um entre eles. Pois o homem foi criado de modo que, durante o tempo em que vive na terra, esteja ao mesmo tempo no céu. Então se abrem todos os seus pensamentos e as idéias dos pensamentos, até as palavras e as ações, em que estão os celestes e espirituais e se manifestam até o SENHOR. Pois em cada um há a vida do SENHOR, o que faz que se tenha a percepção.

100. Que o “jardim” signifique a inteligência e “Éden” o amor, é evidente também em *Isaías*:

“JEHOVAH consolará Sião; consolará todas as suas devastações, e fará seu deserto como o Éden e a sua solidão como o jardim de JEHOVAH; contentamento e alegria se acharão nela, confissão e voz de canto” (51:3),

onde “deserto, contentamento e confissão” são vocábulos que exprimem, no profeta, as coisas celestes da fé ou que pertencem ao amor; “solidão, alegria e voz de canto”, todavia, significam as coisas espirituais da fé, que também pertencem ao entendimento. Aquelas se referem ao “Éden”, estas ao “jardim”. Porque nesse profeta ocorrem pares de expressões sobre a mesma coisa, das quais uma significa coisas celestes e a outra espirituais. Além disso, ver-se-á no vers. 10 o que é o “jardim em Éden”.

101. Que o SENHOR seja o “Oriente”, vê-se também em várias passagens na Palavra, como em *Ezequiel*:

“Conduziu-me à porta, a porta que olha o caminho do oriente, e eis, a glória do DEUS de Israel veio do caminho do oriente; e Sua voz era como voz de muitas águas; e a terra resplandecia de Sua glória” (43:1,2,4).

Como o SENHOR é o Oriente, daí vinha o santo costume, na Igreja repre-

sentativa Judaica, antes da edificação do templo, de voltarem a face para o oriente quando oravam.

102. Vers. 9: “*E JEHOVAH DEUS fez brotar do humo toda árvore desejável à vista e boa para comida; e a árvore de vidas no meio de jardim; e a árvore da ciência do bem e do mal*”. “Árvore” significa percepção; “árvore desejável à vista”, a percepção do vero; “árvore boa para comida”, a percepção do bem; “árvore de vidas”, o amor e a fé procedente do amor; “árvore da ciência do bem e do mal”, a fé que vem dos sentidos ou dos conhecimentos.

103. Que as “árvores” signifiquem aqui percepções, é porque se trata do homem celeste. É diferente quando se trata do espiritual, porque tal é o sujeito, tal o predicado.

104. Mas hoje se ignora o que é a percepção. É uma espécie de sensação interna que, vindo unicamente do SENHOR, diz se uma coisa é um vero e se é um bem. A percepção era bem conhecida na Igreja Antiquíssima. Para os anjos, é tão manifesta, que por ela sabem o que é vero e o bem, sabem o que vem do SENHOR e o que vem deles próprios e também conhecem a natureza de alguém que deles se aproxima, por uma só das suas idéias. No homem espiritual não há percepção, mas consciência; no homem morto não há sequer a consciência, e a maior parte das pessoas não sabe o que é consciência e ainda menos o que é percepção.

105. A “árvore de vidas” é o amor e a fé que procede do amor; “no meio do jardim” é na vontade do homem interno. O que o SENHOR possui primeiro no homem e no anjo é a vontade, que na Palavra se chama “coração”. Mas, como ninguém pode fazer o bem por si mesmo, a vontade ou o coração não pertence ao homem, embora seja atribuída ao homem. O que pertence ao homem é a cobiça, que ele chama vontade. Como a vontade está no meio do jardim, onde se acha a “árvore de vidas”, e no homem a vontade nada mais é senão cobiças, por isso a “árvore de vidas” é a misericórdia do Senhor, de Quem procedem todo amor e toda fé, por conseguinte toda vida.

106. Mas, no que se segue se dirá em maior número de vezes o que é “árvore do jardim” ou percepção, o que é “árvore de vidas” ou amor e a fé procedente do amor, e o que é a “árvore da ciência” ou a fé dos sentidos e do conhecimento.

107. Vers. 10: “*E um rio saindo do Éden para regar o jardim; e daí era dividido, e tornava-se em quatro cabeças*”. “Um rio saindo do Éden” significa a sabedoria procedendo do amor, que é o “Éden”; “regar o jardim” é dar inteligência; por conseguinte, “ser dividido em quatro cabeças” é a descrição da inteligência pelos quatro rios, como se segue.

108. Quando os antiquíssimos comparavam o homem a um jardim, também comparavam a sabedoria e as coisas que pertencem à sabedoria a rios. E não só comparavam, mas as chamavam assim, pois tal era a sua linguagem. Sucedeu de

modo semelhante mais tarde, nos Profetas, que ora comparavam, ora nomeavam assim. Como em *Isaías*:

“Levantar-se-á nas trevas a tua luz, e a tua escuridão será como a luz do dia... e serás como um jardim regado, e como uma fonte de águas cujas águas não faltarão” (58:10,11),

onde se trata daqueles que recebem a fé e o amor. Depois:

“Como vales são plantadas, como jardins junto ao rio; como sândalos JEHOVAH plantou, como cedros junto às águas” (Núm. 24:6),

onde se trata dos regenerados. Em *Jeremias*:

“Bem-aventurado o varão que confia em JEHOVAH... será como árvore plantada junto às águas, e sobre o ribeiro estende suas raízes” (17:7,8).

Elas não são comparadas ao jardim e à árvore em *Ezequiel*, mas assim referidas:

“As águas fizeram-na crescer, a profundidade das águas a exaltou; um rio corria ao redor de sua planta, e seus canais de água enviou a todas as árvores do campo... tornou-se bela em sua grandeza, no comprimento dos seus ramos, porque sua raiz era para muitas águas. Os cedros não a obscureciam no jardim de DEUS, os abertos não igualavam os seus ramos e os plátanos não eram como seus galhos. Nenhuma árvore no jardim de DEUS lhe era igual em sua beleza; bela a fiz na multidão de seus ramos, e invejavam-na todas as árvores do Éden, que estavam no jardim de DEUS” (31:4,7-9).

Por aí se vê que os antiqüíssimos, quando comparavam o homem ou, o que é o mesmo, as coisas que estão no homem, a um jardim, também juntavam as águas e os rios que o irrigavam, e pelas “águas e os rios” entendiam as coisas que o fazem crescer.

109. Que a sabedoria e a inteligência, como foi dito, pertençam somente ao SENHOR ainda que apareçam no homem, isto é dito claramente, por meio de semelhantes representativos, em *Ezequiel*:

“Eis, águas que saem de debaixo do limiar da casa para o Oriente, porque a face da casa é o Oriente... e disse: Estas águas que saem para o limite do lado do Oriente e descem sobre a planície, e vêm para o mar, no mar [serão] conduzidas e sararão as águas.

“E sucederá que toda alma vivente que rasteja, por toda a parte onde vier a água dos rios, viverá ... E junto ao rio se eleva sobre sua margem, aquém e além, toda árvore para comida; não murchará seu ramo, e não será consumido o seu fruto; em seus meses renascerá. Porque as suas águas saem do Santuário; e daí seu fruto será para comida e sua folha para remédio” (47:1,8,9,12);

aqui, o SENHOR é significado pelo “Oriente” e pelo “Santuário de que vêm as águas dos rios”. Semelhantemente em *João*:

“Mostrou-me um rio puro de água da vida, brilhante como cristal, saindo do trono de DEUS e do Cordeiro. No meio de sua praça, e do rio, aquém e além, a árvore da vida dando doze frutos, segundo cada mês dando o seu fruto, e a folha da árvore era para remédio das nações” (Apoc. 22:1,2).

110. Vers. 11 e 12: *“O nome do primeiro, Pishon, o que circunda toda a terra de Havilah, onde há ouro. E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio e a pedra shoham”*. O primeiro rio ou “Pishon” significa a inteligência da fé pelo amor; a “terra de Havilah”, a mente; o “ouro”, o bem; “bdélio” e “shoham”, o vero. A razão pela qual o “ouro” foi citado duas vezes é que o ouro significa o bem do amor e o bem da fé que procede do amor. E foram citados “bdélio” e “shoham” porque um significa o vero do amor e o outro o vero da fé que procede do amor. Tal é o homem celeste.

111. Dificilmente se pode dizer, todavia, como são essas coisas no sentido interior, porque são coisas hoje desconhecidas, como o que é a fé que procede do amor ou o que é a sabedoria e o que é a inteligência que dela procede. Pois os homens externos mal conhecem outra coisa além dos fatos do conhecimento [*scientia*], aos quais chamam inteligência, sabedoria e fé. Nem mesmo sabem o que é o amor, e muitos não sabem o que é a vontade e o entendimento, e que estes constituem uma só mente, quando, todavia, cada uma dessas coisas é distinta e até muito distinta, e todo o céu é distintamente ordenado pelo SENHOR segundo as diferenças do amor e da fé, que são inumeráveis.

112. Mas saiba-se que não existe sabedoria alguma a não ser a que procede do amor, assim, do SENHOR; nem jamais inteligência alguma a não ser a que procede da fé, assim, também, do SENHOR; e não existe jamais bem algum a não ser pelo amor, assim, pelo SENHOR; e não existe jamais vero algum a não ser pela fé, assim, pelo SENHOR. As coisas que não procedem do amor e da fé, por conseguinte, do SENHOR, são chamadas por nomes semelhantes, mas são espúrias.

113. Nada é mais comum na Palavra do que o bem da sabedoria ou do amor ser representado pelo ouro. Todo o ouro na arca, no templo, na mesa de ouro, no candelabro, nos vasos, sobre as vestes de Arão, significava e representava o bem da sabedoria ou do amor. É semelhante nos Profetas, como em *Ezequiel*:

“Em tua sabedoria e em tua inteligência fizeste para ti riquezas, e puseste ouro e prata em teus tesouros” (28:4),

onde se diz claramente que da sabedoria e da inteligência vêm ouro e prata, ou o bem e o vero, pois “prata” aí significa o vero, como também a prata na arca e no templo. Em *Isaiás*:

“Multidão de camelos te cobrirá, dromedários de Midiã e de Ephah, todos eles de Sheba virão, ouro e incenso trarão e os louvores de JEHOVAH anunciarão” (60:6).

Como também os sábios do oriente que vieram a JESUS quando Ele nasceu:

“E prostraram-se e O adoraram; e abriram os seus tesouros e Lhe ofereceram dádivas: ouro, incenso e mirra” (Mt. 2:11),

onde, também, o “ouro” significa o bem; “incenso e mirra”, as coisas que são agradáveis, porque procedem do amor e da fé, e daí se chamam “louvores de JEHOVAH”. Por isso se diz em David:

“...Viverá, e lhe dará do ouro de Sheba, e rogará por ele perpetuamente; todo dia o abençoará” (Sal. 72:15).

114. Também o vero da fé, na Palavra, é significado e representado pelas pedras preciosas, como no peitoral do juízo e sobre os ombros do éfode de Aarão. No peitoral, o ouro, o jacinto, a púrpura, o escarlata duplamente tinto e o linho fino [*xylino*] representavam as coisas que pertencem ao amor; as pedras preciosas representavam as coisas que pertencem à fé procedente do amor. Semelhantemente as duas pedras do memorial sobre os ombros do éfode, que eram shoham circundadas por fundos de ouro (Êx. 28:9-22). É o que está dito claramente em *Ezequiel*, onde se trata do homem que possui as riquezas celestes, a sabedoria e a inteligência:

“Cheio de sabedoria, e perfeito em beleza, estiveste no Éden, o jardim de DEUS; de toda pedra preciosa era tua cobertura, rubi, topázio e diamante; tarshish, shoham e jaspe; safira, crisópraso, esmeralda; e ouro, obra dos teus tambores e das tuas flautas, estava em ti; no dia em que foste criado, eles foram preparados; perfeito foste em teus caminhos, desde o dia em que foste criado” (28:12, 13, 15).

Qualquer um pode ver que tais expressões significam as coisas celestes e espirituais da fé e não pedras. Mesmo cada uma das pedras representava algum essencial da fé.

115. Quando nomeavam as terras, os antiqüíssimos entendiam as coisas que elas significavam. É como os que hoje têm a idéia de que a “terra de Canaan” e o “Monte Sião” significam o céu: esses, quando falam esses nomes, nem mesmo pensam na terra ou no monte, mas somente nas coisas que esses significam. Assim é aqui, com a “terra de Havilah” que também é mencionada em *Gênesis* 25:18, onde se trata dos filhos de Ismael, “que habitavam desde Havilah até Shur, que estava junto às faces do Egito ao que vem a Asshur”. Os que estão na idéia celeste não percebem, por essa expressão, outra coisa a não ser a inteligência e as coisas que fluem da inteligência. Como também por “circundar” — no que foi dito que o rio Pishon circunda toda a terra de Havilah — eles percebem “influir”. É como o fato de a pedra shoham que estava sobre os ombros do éfode de Aarão ser circundada por um fundo de ouro (Êx. 28:11), no que eles percebem que o bem do amor influi no vero da fé. O mesmo acontece muitas vezes em outras passagens.

116. Vers. 13: *“E o nome do segundo rio, Gichon, o que circunda toda a terra de Cush”*. O “segundo rio”, que é chamado “Gichon”, significa a cognição de todas as coisas que são do bem e do vero ou do amor e da fé; a “terra de Cush”

significa a mente ou faculdade. A mente é constituída pela vontade e pelo entendimento. As coisas relacionadas com o primeiro rio se referem à vontade e as relacionadas com o segundo, ao entendimento, ao qual pertencem as cognições do bem e do vero.

117. A terra de Cush ou Etiópia abundava também em ouro, pedra preciosa e produtos aromáticos que, como foi dito, significam o bem, o vero e as coisas agradáveis que pertencem ao bem e vero, tais como as das cognições do amor e da fé. Isso se pode ver pelas passagens citadas acima, no n.º 113, em *Isaiás 60:6*, *Mateus 2:1,11*, David [*Salmo*] *72:15*. Por “Cush” ou Etiópia, assim como por “Sheba”, entendem-se coisas semelhantes na Palavra. Isto se vê nos Profetas, como em Sofonias, onde também se nomeiam os rios de Cush:

“De manhã, Seu juízo dará por luz... porque então Me voltarei para povos de lábio claro, para que invoquem, todos eles, o nome de JEHOVAH, para que O sirvam de um só ombro... d'além dos rios de Cush, os adoradores Meus... trarão Minha oferta” (3:5,9,10).

E em *Daniel*, onde se trata do rei do norte e do sul:

“Dominará sobre os tesouros [recondita] de ouro e de prata, e sobre todas as coisas desejáveis do Egito; e os líbios e egípcios estarão sob seus passos” (11:43).

Em *Ezequiel*:

“Os mercadores de Sheba e de Raama, eles [eram] os teus mercadores nos primeiros de todos os aromáticos, e em toda pedra preciosa, e em ouro” (27:22),

que significam igualmente as cognições da fé. Em David, onde se trata do SENHOR, por conseguinte do homem celeste:

“Nos dias dEle florescerá o justo e [haverá] abundância de paz até que não haja mais lua... os reis de Tarshish e das ilhas levarão ofertas; os reis de Sheba e de Seba trarão dons” (Sal. 72:7,10);

pelas coisas que antecedem e seguem, vê-se que essas expressões significam coisas celestiais da fé. Coisas semelhantes são significadas pela rainha de Sheba, que veio a Salomão, propôs-lhe enigmas e trouxe-lhe produtos aromáticos, ouro e pedras preciosas (*I Reis 10:1-3*), pois todas as coisas que estão nos históricos da Palavra, bem como nos Profetas, significam, representam e envolvem arcanos.

118. Vers. 14: *“E o nome do terceiro rio, Hiddekel, o que vai orientalmente para Asshur; e o quarto rio, ele é Phrath”*. O “rio Hiddekel” é a razão ou a perspicácia da razão; “Asshur” é a mente racional; que o rio vá “orientalmente para Asshur” significa que a clareza da razão vem do SENHOR, pelo homem interno, à mente racional, que pertence ao homem externo. “Phrath” ou “Eufrates” é o conhecimento, que é o último ou o termo.

119. Que “Asshur” signifique a mente racional ou o racional do homem,

vê-se claramente nos Profetas, como em *Ezequiel*:

“Eis, Asshur [era] um cedro no Líbano, de ramos formosos, de bosque umbroso e alta estatura; e entre espessos [ramos] estava o seu broto. As águas fizeram-na crescer, a profundidade das águas a exaltou, um rio corria ao redor de sua planta” (31: 3,4).

O racional é chamado “cedro no Líbano”; o “broto entre [ramos] espessos” significa os conhecimentos da memória, que são assim. Em *Isaías* é ainda mais claro:

“Naquele dia haverá uma vereda do Egito para Asshur, e virá Asshur ao Egito, e o Egito a Asshur, e os egípcios servirão a Asshur. Naquele dia, Israel será o terceiro com o Egito e Asshur, bênção no meio da terra, que JEHOVAH Zebaoth abençoará, dizendo: Bendito o meu povo, o Egito, e a obra de Minhas mãos, Asshur, e a Minha herança, Israel” (19:23-25);

aí e em outros lugares, pelo “Egito” é significado o conhecimento; por “Asshur”, a razão; por “Israel”, a inteligência.

120. Como o Egito, o Eufrates também significa a ciência ou os conhecimentos, bem como as coisas dos sentidos das quais provêm os conhecimentos. É o que se vê pela Palavra nos Profetas, como em *Miquéias*:

“Diz a inimiga: Onde está JEHOVAH teu DEUS?... [No] dia em que Ele edificará as tuas muralhas; nesse dia, longe estará o estatuto; nesse dia, e até ti Ele virá de Asshur, e até às cidades do Egito e até o rio [Eufrates]” (7:10-12);

assim falaram a respeito do Advento do SENHOR, Que vai regenerar o homem para fazê-lo semelhante ao celeste. Em *Jeremias*:

“Que há para ti no caminho do Egito, para beber as águas de Schichor? E que há para ti no caminho de Asshur, para beber as águas do rio [Eufrates]? (2:18),

onde o “Egito” e o “Eufrates” são tomados semelhantemente pelos conhecimentos e “Asshur” pelos raciocínios daí derivados. Em David:

“Fizeste sair uma vide do Egito, expulsaste as nações e a plantaste; ...estendeste a sua ramagem até o mar, e até o rio (Eufrates) os seus ramos” (Salmo 80:9,11),

onde também o rio Eufrates é tomado pelas coisas dos sentidos e dos conhecimentos. Com efeito, o Eufrates era o limite entre Asshur e os domínios de Israel, como o conhecimento da memória é o limite da inteligência e da sabedoria do homem espiritual e celeste. A mesma coisa é significada por estas palavras que foram ditas a Abraham:

“À tua semente darei esta terra, desde o rio do Egito até o rio grande, o rio Eufrates” (Gên. 15:18);

estes dois limites significam coisas semelhantes.

121. Por esses rios pode-se ver qual é a ordem celeste ou como procedem as coisas que pertencem à vida, a saber: procedem do SENHOR, que é o Oriente. D'Ele vem a sabedoria, pela sabedoria a inteligência e pela inteligência a razão; assim, pela razão são vivificados os conhecimentos, que são da memória. Esta é a ordem da vida; tais são os homens celestes. Como os anciões de Israel representavam os homens celestes, por isso foram chamados “sábios, inteligentes e entendidos” (*Deut.* 1:13, 15). Semelhantemente se disse a respeito de Bezaleel, que construiu a arca,

“que era cheio do espírito de DEUS, em sabedoria, em inteligência e em conhecimento [scientia], e em toda obra” (Êxodo 31:3, 35:31, 36:1,2).

122. Vers. 15: *“E tomou JEHOVAH DEUS o homem e pô-lo no jardim do Éden para cultivá-lo e para guardá-lo”*. Pelo “jardim do Éden” são significadas todas as coisas que estão no homem celeste, das quais se trata aqui; por “cultivá-lo e guardá-lo” é significado que lhe foi concedido fruir de todas essas coisas, mas não possuí-las como suas, porquanto são do SENHOR.

123. Que todas e cada uma das coisas sejam do SENHOR, o homem celeste reconhece porque o percebe. O homem espiritual também o reconhece, todavia de boca, porque o sabe pela Palavra. O homem mundano e corpóreo não o reconhece nem o admite, mas diz que são suas todas as coisas que estão nele e pensa que pereceria inteiramente, se as perdesse.

124. Que a sabedoria, a razão e o conhecimento [*scientia*] não sejam do homem, mas do SENHOR, vê-se claramente pelo que Ele o ensinou, como em *Matheus*, onde Se compara ao Pai de família que plantou uma vinha, circundou-a com uma sebe e arrendou-a a agricultores (21:33). Em *João*:

“O Espírito da verdade vos conduzirá em toda a verdade; pois não falará por si mesmo, mas tudo o que ouvir, falará; ...ele Me glorificará, porque receberá do que é Meu, e vos anunciará” (16:13,14);

depois, no mesmo livro:

“Não pode o homem tomar coisa alguma a não ser que lhe seja dada do céu” (3:27).

Aquele a quem foi dado saber pelo menos uns poucos arcanos do céu, esse sabe que, assim, é.

125. Vers. 16: *“E JEHOVAH DEUS ordenou ao homem a respeito dele, dizendo: De toda árvore do jardim, comendo comerás”*. “Comer de toda árvore” é conhecer e saber, pela percepção, o que é o bem e o vero, pois, como foi dito, a percepção é a “árvore”. As pessoas da Igreja Antiquíssima tinham, por meio de revelações, cognições da verdadeira fé, pois falavam com o SENHOR e com os anjos. Também eram instruídas por visões e sonhos que lhes eram agradabilíssimos e paradisiacos. Tinham continuamente uma percepção vinda do SENHOR, que era tal que, quando pensavam pelas coisas que eram da memória, logo percebiam se eram

ou não conforme o vero e o bem, a ponto de que, quando o falso se apresentava, não só se desviavam, mas também lhe tinham horror. Tal é também o estado dos anjos. Mas, em lugar da percepção da Igreja Antiquíssima, sucedeu depois a cognição do vero e do bem pelas coisas reveladas antes, por conseguinte pelas coisas reveladas na Palavra.

126. Vers. 17: “*Mas da árvore da ciência do bem e do mal, não comerás dela, porque no dia em que comeres dela, morrendo morrerás*”. Essas expressões, bem como as anteriores, significam que é permitido, por toda percepção vinda do SENHOR, conhecer o que é o vero e o bem, mas não por si mesmo e pelo mundo, ou inquirir os mistérios da fé pelas coisas dos sentidos e dos conhecimentos, pelo que morre o celeste do homem.

127. A vontade das pessoas de inquirir os mistérios da fé por meio das coisas dos sentidos e dos conhecimentos foi a causa da queda não só da Igreja Antiquíssima, isto é, de sua posteridade — de que se tratará no capítulo seguinte — mas também é a causa da queda de toda Igreja, pois daí procedem não só as falsidades, mas também os males da vida.

128. O homem corpóreo e mundano diz em seu coração: “Se eu não for instruído a respeito da fé e das coisas que pertencem à fé, por meio dos sentidos para que eu veja, ou pelos conhecimentos para que eu entenda, não creerei”; e confirma-se em que as coisas naturais não podem ser contrárias às espirituais. Por isso, quer instruir-se pelos sentidos a respeito das coisas celestes e Divinas, o que, todavia, é tão impossível quanto um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Quanto mais deseja saber por esse meio, mais se cega, até o ponto de não crer em mais nada, nem mesmo que exista algum espiritual ou a vida eterna. Isso vem do princípio que adotou. É isto que é “comer da árvore da ciência do bem e do mal”; quanto mais ele come dessa árvore, mais fica morto. Aquele, todavia, que não quer saber pelo mundo mas pelo SENHOR, esse diz em seu coração que se deve crer no SENHOR, isto é, nas coisas que o SENHOR falou na Palavra porque são verdades, e, por este princípio, ele pensa. Ele se confirma pelas coisas racionais, científicas, sensuais e naturais, e as que não são confirmatórias, ele as separa.

129. Qualquer um pode saber que os princípios adotados, até os mais falsos, governam o homem, e que todo conhecimento e todo raciocínio favorecem esses princípios, pois inúmeros assentimentos lhe ocorrem e, assim, ele se confirma nos falsos. Por isso, aquele cujo princípio é não crer em coisa alguma antes que veja e entenda, nunca pode crer, pois não vê as coisas espirituais e celestes com os olhos nem as compreende pela imaginação. Mas a ordem verdadeira é que a pessoa saiba pelo SENHOR, isto é, pela Palavra; então todas as coisas sucedem e ela é esclarecida também nas coisas racionais e dos conhecimentos. Porquanto jamais se proibiu instruir-se pelos conhecimentos, pois eles são úteis à vida e deleitáveis, e nem se proibiu aos que estão na fé pensar e falar como os eruditos do mundo, mas por este princípio: que creia na Palavra do SENHOR e confirme as verdades espiri-

tuais e celestes pelas verdades naturais, tanto quanto possível em termos familiares ao mundo erudito. Portanto, o princípio será procedente do SENHOR, não de si mesmo. Esta é a vida, mas aquela é a morte.

130. Aquele que quer saber pelo mundo, seu “jardim” são as coisas do sentido e do conhecimento; seu “Éden” é o amor de si e do mundo; seu “oriente” é o ocidente ou ele mesmo; seu “rio Eufrates” é todo o seu conhecimento, que é condenado; o “outro rio”, onde está “Asshur”, é o raciocínio insensato e daí as falsidades; o “terceiro rio”, onde está “Cush” são os princípios do mal e do falso daí derivados, que são as cognições de sua fé; o “quarto” é a sabedoria derivada daí, que na Palavra se chama magia; por isso o “Egito”, que significa a ciência depois de esta ter-se tornado magia, significa uma tal pessoa, e mesmo pelo fato de ela querer saber por si mesma, do que se fala em várias passagens na Palavra. Desses, assim se diz em *Ezequiel*:

“Assim disse o SENHOR Jehovih: Eis que Eu estou contra ti, Faraó, rei do Egito, baleia grande, que se deita no meio de seus rios, que disse: Meu, o meu rio, e eu o fiz para mim; ...e estará a terra do Egito em solidão e devastação; e conhecerão que Eu sou JEHOVAH, por causa do que disse: Meu rio, e eu o fiz” (29:3,10).

Tais pessoas são também chamadas “árvore do Éden no inferno” no mesmo profeta, onde também se trata de Faraó ou do Egito, nestas palavras:

“...Quando o tiver feito descer ao inferno, com os que descem à cova... A quem te tornaste semelhante em glória e em grandeza entre as árvores do Éden? Quando tiveres de descer com as árvores do Éden à terra inferior, no meio dos incircuncisos, com os traspassados à espada. Este é Faraó e toda a sua turba” (31:16,18),

onde as “árvores do Éden” estão em lugar dos conhecimentos e das cognições provenientes da Palavra que, assim, profanam pelos raciocínios.

Gênesis
Capítulo Segundo
(Continuação)

18. *E disse Jehovah Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei um auxílio como se [estivesse] nele [tanquam apud illum].*
19. *E formou Jehovah Deus, do humo, toda besta do campo, e toda ave dos céus, e (os) trouxe para o homem, para ver como lhes chamaria; e tudo o que o homem chamava a uma alma vivente, isso era o seu nome.*
20. *E o homem chamava pelos nomes a toda besta, e à ave dos céus, e a toda fera do campo. E para o homem não se achou um auxílio como se [estivesse] nele.*
21. *E Jehovah Deus fez cair um sono profundo sobre o homem e este adormeceu. E tomou uma das costelas dele, e cerrou a carne em seu lugar.*
22. *E Jehovah Deus edificou a costela que tomou do homem em mulher, e a trouxe para o homem.*
23. *E disse o homem: Esta, agora, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; por causa disso será chamada esposa, porque do varão ela foi tomada.*
24. *Por isso deixará o varão seu pai e sua mãe, e ligar-se-á à sua esposa, e serão uma [só] carne.*
25. *E estavam ambos nus, o homem e a esposa dele, e não se envergonhavam.*

Conteúdo

131. Trata-se da descendência da Igreja Antiquíssima, que ambicionava um *proprium*.

132. Aqui se trata do *proprium* que foi concedido ao homem, porque ele é tal que não se contenta em ser conduzido pelo SENHOR, mas deseja guiar-se também por si mesmo e pelo mundo, ou pelo *proprium*; vers. 18.

133. Primeiramente lhe é dado conhecer as afeições do bem e as cognições do vero concedidas a ele pelo SENHOR, mas ainda ambiciona um *proprium*; vers. 19 e 20.

134. Por isso, é posto no estado do *proprium* e lhe é dado um *proprium*, que é descrito pela costela edificada em mulher, vers. 21 a 23.

135. Então a vida espiritual e celeste é adjunta a um *proprium*, para que pareçam um; vers. 24.

136. E a inocência é insinuada pelo SENHOR no *proprium* para que não fosse sempre desagradável; vers. 25.

Sentido Interno

137. Em três capítulos de *Gênesis* se trata em geral da Igreja Antiquíssima, que é chamada “homem”, desde seu primeiro tempo até o último, quando pereceu. Na parte precedente deste capítulo tratou-se de seu estado mais florescente, quando era homem celeste; aqui e agora se trata dos seus descendentes, que ambicionavam um *proprium*.

138. Vers. 18: “*E disse JEHOVAH DEUS: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei um auxílio como se [estivesse] nele [tanquam apud illum]*”. Por “estar só” é significado que ele não se contentava mais em ser conduzido pelo SENHOR, mas desejava sê-lo por si mesmo e pelo mundo. Pelo “auxílio como se [estivesse] nele” é significado o *proprium* que, na seqüência, também é chamado “costela edificada em mulher”.

139. Nos tempos antigos, “habitar sós” se dizia dos que eram conduzidos pelo SENHOR, como o eram os homens celestes, porque os males ou maus espíritos não mais os infestavam. Isso também foi representado na Igreja Judaica pelo fato de os judeus habitarem sós, depois de haverem expulsado as nações. Por isso, algumas vezes se diz na Palavra, sobre a Igreja do SENHOR, que ela é só, como em *Jeremias*:

“Levantai-vos, subi a uma nação sossegada, que habita em segurança... não tem portas, e não tem ferrolhos; sós eles habitam” (49:31).

Na profecia de Moisés:

“Israel habitará seguro, só” (Deut. 33:28);

o que está ainda mais claro na profecia de Bileam [Balaão]:

“Eis o povo; só habita, e entre as nações não é contado” (Núm. 23:9),

onde as “nações” estão em lugar dos males. Essa descendência da Igreja Antiquíssima não quis habitar só, isto é, não quis ser homem celeste ou ser conduzida pelo SENHOR como o homem celeste, mas quis estar entre as nações, como a Igreja Judaica. E como teve esse desejo, é dito: “não é bom que o homem esteja só”; porque já está no mal aquele que o deseja, e isso lhe é concedido.

140. Que pelo “auxílio como se [estivesse] nele” seja significado o *proprium*, pode-se ver pela natureza do *proprium* e pelo que se segue. Mas como esse homem da Igreja, do qual agora se trata, era de boa índole, foi-lhe concedido um *proprium*, mas um tal que parecesse seu; por isso é dito “auxílio como se [estivesse] nele”.

141. A respeito do *proprium*, podem-se dizer inúmeras coisas, a saber, como é o *proprium* no homem corpóreo e mundano, como é no homem espiritual e como no homem celeste. No homem corpóreo e mundano, o *proprium* é tudo o que lhe pertence, pois ele não conhece outra coisa senão o *proprium*; se perdesse o *proprium* — como foi dito — pensaria ter perecido. No homem espiritual, também aparece um *proprium* semelhante, pois ele, ainda que saiba que o SENHOR é a vida de todos, que Ele dá a sabedoria e a inteligência, por conseguinte o pensar e o agir, e que sempre diga isto, todavia não crê assim. O homem celeste, porém, reconhece que o SENHOR é a vida de todos, que Ele dá o pensar e o agir, pois percebe que, assim, é; e nunca deseja um *proprium*; e, ainda que não deseje tal, contudo o SENHOR lhe dá um *proprium* que foi conjunto com toda percepção do bem e do vero e a toda felicidade. Os anjos estão em um tal *proprium* e, portanto, em suprema paz e tranqüilidade, porque no *proprium* deles há as coisas que são do SENHOR, Quem dirige esse *proprium* deles, ou os dirige por meio do *proprium*. Esse *proprium* é o celeste mesmo; o *proprium* do homem, todavia, é corpóreo e infernal. A respeito do *proprium*, porém, serão ditas mais coisas no que se segue.

142. Vers. 19 e 20: “E formou JEHOVAH DEUS, do humo, toda besta do campo, e toda ave dos céus, e (os) trouxe para o homem, para ver como lhes chamaria; e tudo o que o homem chamava a uma alma vivente, isso era o seu nome. E o homem chamava pelos nomes a toda besta, e à ave dos céus, e a toda fera do campo. E para o homem não se achou um auxílio como se [estivesse] nele.” Pelas “bestas” são significadas as afeições celestes; pelas “aves do céu”, as espirituais; ou, pelas “bestas” as coisas que são da vontade, e pelas “aves” as que são do entendimento; “trazer para o homem para ver como lhes chamaria os nomes” é dar-lhe a conhecer a qualidade delas; e que os tenha “chamado pelos nomes” é que ele co-

nheceu a qualidade delas. E embora soubesse quais eram as afeições do bem e as cognições do vero dadas pelo SENHOR, ainda assim ambicionava um *proprium*, o que é expresso, do mesmo modo que antes, por “não se achou um auxílio como se [estivesse] nele”.

143. Hoje, pode parecer estranho que pelas “bestas” e pelos “animais” se designaram, na antigüidade, afeições e coisas semelhantes no homem. Mas, porque então as pessoas se achavam na idéia celeste, e como também essas coisas são representadas por animais no mundo dos espíritos, e, na verdade, por animais aos quais elas são semelhantes, por essa razão eles não entendiam outra coisa quando falavam assim. Na Palavra, em toda parte em que se nomeiam as bestas, quer em geral, quer em particular, não se entendem outras coisas. Toda a Palavra profética está repleta de expressões semelhantes. Por isso, quem não sabe o que cada besta significa em particular não pode jamais entender o que a Palavra contém no sentido interno. Mas, como foi dito antes, as bestas são de dois gêneros: as más, por serem nocivas, e as boas, por serem inofensivas. Pelas boas, como as ovelhas, os cordeiros e os pombos, são significadas as afeições do bem; aqui é semelhante, porque se trata do celeste ou do homem celeste e espiritual. Que as “bestas” em geral signifiquem as afeições é o que já foi confirmado por algumas passagens da Palavra, como foi visto anteriormente nos n^os 45 e 46, de modo que não há mais necessidade de confirmá-lo.

144. Que “chamar pelo nome” signifique conhecer a qualidade: saiba -se que pelo “nome” os antigos não entendiam outra coisa senão a essência da coisa, e por “ver e chamar pelo nome” entendiam conhecer a qualidade. Era por essa razão que davam aos seus filhos e filhas nomes em conformidade com as coisas que eram significadas, pois cada nome encerrava alguma coisa singular da qual e pela qual conheciam a origem e a qualidade, como também se verá pelas coisas que se seguem, onde se tratará, pela Divina misericórdia do Senhor, dos doze filhos de Jacob. Como, pois, os nomes encerravam a origem e a qualidade, por “chamar pelo nome” não entendiam outra coisa. Essa locução lhes era familiar, e quem a não compreende fica admirado de que tais coisas sejam significadas.

145. Na Palavra também, pelo “nome” é significada a essência da coisa, e por “ver e chamar pelo nome” é significado conhecer a qualidade, como em *Isaías*:

“Dar-te-ei os tesouros das trevas, e as riquezas escondidas dos ocultos, para que saibas que Eu sou JEHOVAH, que te chamo pelo teu nome, DEUS de Israel, Meu eleito, e chamei-te pelo teu nome, pus-te sobrenome, e não Me conheces-te” (45:3,4);

aí, por “chamar pelo nome” e “pôr sobrenome” é significado saber de antemão a qualidade. No mesmo profeta:

“Chamar-te-ás por um nome novo, que a boca de JEHOVAH declarará” (62:2);
isto é, que se tornaria outro, como se vê pelo que ali antecede e se segue.

No mesmo:

“Ó Israel, não temas, pois te redimi, chamei-te por teu nome, tu és Meu” (43:1),

isto é, que Ele conhecia a qualidade. Novamente, no mesmo:

“Erguei para o alto os vossos olhos e vede quem criou estas coisas, que faz sair em número o exército deles, chamará a todos pelo nome” (40:26),

isto é, que Ele conhece a todos. No *Apocalipse*:

“Tens uns poucos nomes em Sardes que (não) contaminaram suas vestes... O que vencer será revestido de vestes brancas, e não riscarei o seu nome do livro da vida, e confessarei o seu nome diante de Meu Pai, e diante dos Seus anjos” (3:4,5).

Em outro lugar:

“Aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro” (13:8).

Nestas passagens, pelos “nomes” não se entendem nomes, mas qualidades; nem é o nome de alguém jamais conhecido no céu, mas a sua qualidade.

146. Por aí se pode ver a conexão das coisas que são significadas: no versículo 18 é dito que “não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei um auxílio como se [estivesse] nele” e logo depois se trata das bestas e aves, das quais, entretanto, se falara precedentemente, e se diz o mesmo imediatamente a seguir, que “para o homem não se achou um auxílio como se [estivesse] nele”. Isto significa que, embora lhe fosse concedido conhecer a sua qualidade quanto às afeições do bem e aos conhecimentos do vero, ele, porém, ainda ambicionava um *proprium*. Com efeito, os que são tais que desejam um *proprium* começam a desprezar as coisas que são do SENHOR, de qualquer modo que elas lhes sejam representadas e demonstradas.

147. Vers. 21: *“E JEHOVAH DEUS fez cair um sono profundo sobre o homem, e este adormeceu. E tomou uma das costelas dele, e cerrou a carne em seu lugar”*. Pela “costela”, que é o osso do peito, se entende o *proprium* do homem, em que há pouca coisa de vital, e, na verdade, um *proprium* que lhe é caro; pela “carne em lugar da costela” se entende o *proprium* em que há o vital; pelo “sono profundo” se entende esse estado em que o homem foi posto, para que lhe parecesse ter um *proprium*, estado esse que é semelhante ao sono, porque nesse estado não sabe outra coisa senão que vive, pensa, fala e age; quando, todavia, começa a saber que isso é falso, então acorda como de um sono e está em vigília.

148. Que o *proprium* do homem, e, na verdade, um *proprium* que lhe é caro, seja designado pela costela, que é o osso do peito, é porque entre os antiqüíssimos o peito significava a caridade, pois que ali se acham o coração e os pulmões. E os “ossos” significavam as coisas que têm menos valor, porque neles há um mínimo de vital. A “carne”, porém, significava coisas que têm algum vital. A causa

dessas significações é um profundo arcano conhecido dos antiqüíssimos do qual se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

149. Na Palavra, também, o *proprium* é significado pelos “ossos”, e mesmo um *proprium* vivificado pelo SENHOR, como em *Isaías*:

“JEHOVAH... saciará nas sequidões a tua alma, e mesmo teus ossos fortificará; e serás como um jardim irrigado” (58:11).

No mesmo:

“Então vereis, e alegrar-se-á o vosso coração, e os vossos ossos germinarão como a erva” (66:14).

Em David:

“Todos os meus ossos dirão: Ó JEHOVAH, quem é como Tu?” (Sal. 35:10).

É ainda mais evidente em *Ezequiel* onde se diz que os ossos receberiam carne e neles seria introduzido um espírito:

“A mão de JEHOVAH... me pôs no meio do vale, e ele estava cheio de ossos... e disse-me: Profetiza sobre estes ossos, e dize -lhes: Ó ossos secos, ouvi a Palavra de JEHOVAH; assim diz o SENHOR JEHOVAH a esses ossos: Eis que Eu faço vir um espírito sobre vós, e vivereis; e porei nervos sobre vós, e farei subir carne sobre vós, e estenderei sobre vós pele, e porei em vós um espírito. e vivereis, e sabereis que eu sou JEHOVAH” (37:1, 4-6).

[2] Quando visto do céu, o *proprium* do homem aparece inteiramente como alguma coisa óssea, inanimada e muito disforme, portanto morta em si mesma. Mas, vivificado pelo SENHOR, mostra-se como carne. Pois o *proprium* do homem não é outra coisa senão o que é morto em si mesmo, ainda que lhe pareça ser alguma coisa e, de fato, como se fosse tudo. Tudo o que vive nele, vive pela vida do SENHOR, a qual, se fosse retirada, ele cairia morto como uma pedra, pois ele é só um órgão de vida; mas tal é o órgão, tal é a afeição da vida. Somente o SENHOR tem um *proprium*: pelo *proprium* Ele redimiu o homem e pelo *proprium* Ele salva o homem. O *proprium* do SENHOR é a Vida; pelo *proprium* do SENHOR é vivificado o *proprium* do homem, que é morto em si. O *proprium* do SENHOR é também significado por estas palavras do SENHOR em *Lucas*:

“Um espírito não tem carne e ossos como Me vedes ter” (24: 39,40).

É significado também pelo fato de que “o osso do cordeiro pascoal não seria quebrado” (Êx. 12:46).

150. O estado do homem quando está no *proprium* ou quando crê viver por si mesmo é comparado a um sono profundo, e até era chamado sono profundo pelos antigos. Na Palavra, é dito que o espírito de um sono profundo foi derramado sobre eles [*Isaías* 29:10] e dormiram. Que o *proprium* do homem seja morto em si, ou ele não tenha vida alguma por si mesmo, isto foi mostrado no mundo dos espíritos a um tal ponto, que os espíritos maus — que nada mais amam senão o *proprium*, e insistem obstinadamente que vivem por si mesmos — foram convencidos

por viva experiência e reconheceram que não vivem por si mesmos. [2] Foi-me concedido, já há alguns anos, saber mais do que qualquer outro como se dá o caso com o *proprium* do homem, isto é, que não tenho pensado a menor coisa por mim mesmo, e me foi dado perceber claramente que toda idéia do pensamento influía, e, algumas vezes, de que maneira e de onde ela influía. Por isso, o homem que crê que vive por si mesmo está no falso, e isso pelo fato de que aquele que crê que vive por si mesmo, apropria-se de todo mal e falso, dos quais ele nunca se apropriaria se cresse como as coisas são.

151. Vers. 22: “E JEHOVAH DEUS edificou a costela, que tomou do homem, em mulher, e a trouxe para o homem.” Por “edificar” é significado erguer o que caiu; por “costela” um *proprium* não vivificado; por “mulher” um *proprium* vivificado pelo SENHOR; por “trazer para o homem”, que um *proprium* lhe foi dado. Como a descendência dessa Igreja não quis ser homem celeste como o foram seus pais, mas quis conduzir-se a si mesma, e, assim, ambicionava um *proprium*, este lhe foi concedido, mas vivificado pelo SENHOR. Por isso, o *proprium* é chamado “mulher” e, depois, “esposa”.

152. Qualquer um que reflita apenas levemente pode saber que a mulher não veio da costela do varão, e que estas palavras envolvem mais arcanos do que alguém jamais soube até hoje. E que o *proprium* seja significado pela mulher, pode-se saber por isto, que a mulher é que foi enganada, pois nada jamais engana o homem a não ser o *proprium* ou, o que é a mesma coisa, o amor de si e do mundo.

153. Diz-se “costela edificada em mulher”, mas não que a mulher foi criada ou formada ou feita, como precedentemente, onde se tratou da regeneração. Que tenha sido dito “edificada” a causa vem de que “edificar” significa erguer aquilo que havia caído. Na Palavra ocorre de modo semelhante onde “edificar” se diz dos males, “erigir” se diz dos falsos, e “renovar” se diz de uns e outros, como em *Isaías*:

“Edificação as devastações da eternidade, as primeiras desolações erigirão, e renovarão as cidades da devastação, as desolações de geração e geração” (61:4);

as “devastações”, aqui e em outros lugares, designam os males; as “desolações”, os falsos; àqueles se aplica o vocábulo “edificar” e a estes, “erigir”, como em outro lugar também nos profetas, onde esta relação é cuidadosamente observada. Em *Jeremias*:

“Ainda te edificarei, para que sejas edificada, ó virgem de Israel” (31:4).

154. Nada de mal e falso pode jamais existir que não seja o *proprium* e proveniente do *proprium*, pois o *proprium* do homem é o mal mesmo, donde o homem nada é senão o mal e o falso. Isto se tornou evidente para mim pelo fato de que os *propria*, quando se apresentam à vista no mundo dos espíritos, aparecem tão disformes, que é impossível figurar-se algo mais disforme, com diversidade segun-

do a natureza do *proprium*, de sorte que aquele a quem os seus *propria* se apresentam à vista têm horror de si mesmos e querem fugir como de um diabo. Mas, ao contrário, os *propria* que foram vivificados pelo SENHOR aparecem belos e formosos, com variedade segundo a vida à qual o celeste do SENHOR pode ser aplicado. E, na verdade, os que foram dotados de caridade, ou foram por ela vivificados, aparecem como meninos e meninas com faces formosíssimas; e os que o foram pela inocência aparecem como criancinhas nuas adornadas de vários modos, cingidas com grinaldas de flores à volta do peito, com diademas em torno de suas cabeças, vivendo e brincando numa aura diamantina, com a percepção de uma felicidade que vem dos íntimos.

155. Estas palavras, que “a costela foi edificada em mulher”, encerram mais coisas intimamente ocultas do que jamais se poderia saber pela letra. Porque a Palavra do SENHOR é tal que nos íntimos se refere ao SENHOR mesmo e ao Seu Reino, de onde procede toda a vida da Palavra. Aqui, semelhantemente, há o casamento celeste que é referido nos íntimos. O casamento celeste é tal que está no *proprium*, e um *proprium* vivificado pelo SENHOR é chamado Noiva do SENHOR e Esposa. O *proprium* assim vivificado pelo SENHOR tem a percepção do bem do amor e do vero da fé; assim, tem toda sabedoria e inteligência conjuntas com uma felicidade inefável. Mas a qualidade desse *proprium* vivificado que se chama Noiva e Esposa do SENHOR não pode ser descrita em poucas palavras. Dir-se-á somente que os anjos percebem que vivem pelo SENHOR e, quando não refletem, não sabem outra coisa senão que vivem por si. Mas há uma afeição geral tal que, quando eles se afastam do bem do amor e do vero da fé, mesmo na mínima coisa, percebem uma mudança. Por isso, estão em sua paz e felicidade, que é inefável, quando estão na percepção geral de que vivem pelo SENHOR. É este *proprium* que também se entende em *Jeremias*, onde se diz:

“Criou JEHOVAH algo novo na terra: uma mulher cercará um varão” (31:22); aqui também, é o casamento celeste que é significado; pela “mulher” é significado um *proprium* vivificado pelo SENHOR; “cercar” se diz a respeito da mulher, pois o *proprium* é tal que cerca (ou circunda), como a costela tornada carne circunda o coração.

156. Vers. 23: “E disse o homem: Esta, agora, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne; por causa disso será chamada esposa, porque do varão foi tomada”. “Osso dos meus ossos, e carne da minha carne” significa o *proprium* do homem externo; “osso” o *proprium* não tão vivificado; “carne”, o *proprium* vivificado; “varão”, porém, significa o homem interno que, como é ligado ao homem externo — como será dito no versículo seguinte — esse *proprium*, que antes era “mulher”, é aqui chamado “esposa”; “esta, agora” significa que se tornou assim, porque o estado foi mudado.

157. Como “osso dos ossos e carne da carne” significava o *proprium* do homem externo no qual está o interno, na antigüidade chamavam-se “osso dos os-

sos” e “carne da carne” a todos os que podiam ser chamados *proprium*, quer fossem da mesma casa ou da mesma família, ou entre si relacionados por algum parentesco, como Jacob e Labão:

“Verdadeiramente, meu osso e minha carne és tu” (Gên. 29:14).

Abimelech, dirigindo-se aos irmãos de sua mãe e à família da casa do pai de sua mãe, disse:

“Recordai-vos que eu sou osso vosso e carne vossa” (Juizes. 9:1-3).

Também as tribos de Israel, falando de si mesmas, a David:

“Eis-nos aqui, nós somos osso teu e carne tua” (II Sam. 5:1).

158. Que “varão” signifique o interno do homem ou, o que é a mesma coisa, o inteligente e o sábio, vê-se em *Isaías*:

“Eu olho, e nenhum varão, e dentre eles nenhum conselheiro” (41:28), isto é, não há sábios e inteligentes. Em *Jeremias*:

“Correi pelas praças de Jerusalém, e vede... se achais um varão, se há um que faça o juízo, que busque a verdade” (5:1);

“o que faz juízo” se diz do sábio, e “o que busca a verdade” se diz do inteligente.

159. Mas não se percebe facilmente como são essas coisas, a não ser que se saiba qual é o estado do homem celeste. O estado do homem celeste é tal que o homem interno é distinto do externo, e mesmo a ponto de ele perceber as coisas que são do interno e as que são do externo, e de que maneira o externo é governado pelo SENHOR por meio do interno. Todavia, o estado dessa descendência foi tão mudado por ter ela desejado um *proprium*, que é do homem externo, que não percebia mais que o homem interno fosse distinto do externo, mas acreditava que o interno fosse um com o externo, pois tal se torna a percepção quando se deseja um *proprium*.

160. Vers. 24: “Por isso deixará o varão seu pai e sua mãe, e ligar-se-á à sua esposa, e serão uma [só] carne”. “Deixar pai e mãe” é o homem interno, pois é o interno que concebe e pare o externo; “ligar-se à esposa” é que o interno esteja no externo; “em uma [só] carne” é que estejam ali juntos. E como antes o interno era espírito e pelo interno o externo, agora se tornaram “carne”. Assim a vida celeste e espiritual foi associada a um *proprium* como se fossem um.

161. Essa descendência da Igreja Antiquíssima não era má, mas ainda boa. E, como desejava viver no homem externo ou no *proprium*, este lhe foi dado pelo SENHOR, mas, por misericórdia, foi-lhe insinuado o celeste espiritual. Não se pode saber de que maneira o interno e o externo fazem um ou de que maneira aparecem como um, a não ser que se conheça o influxo de um no outro. Só para que se tenha uma idéia, seja, por exemplo, a ação: se nela não houver a caridade ou o amor e a fé, e nestes, o SENHOR, a ação não é uma ação que se possa chamar obra

da caridade ou fruto da fé.

162. Todas as leis do vero e da retidão fluem de princípios celestes ou da ordem da vida do homem celeste, pois todo o céu é um homem celeste nisto, que só o SENHOR é o Homem Celeste e é Tudo em todas e cada uma das coisas do céu e do homem celeste. Daí é que elas se chamam celestes. Porque toda lei do vero e da retidão, principalmente a lei dos casamentos, descende de princípios celestes, ou da ordem da vida do homem celeste. Há um casamento celeste do qual e segundo o qual serão todos os casamentos nas terras. Esse casamento é tal que há Um só SENHOR e um só céu, ou uma só Igreja cuja cabeça é o SENHOR. Daí vem a lei dos casamentos, que serão entre um varão e uma esposa. E, quando os casamentos são assim, representam o casamento celeste e são um exemplar do homem celeste. Essa lei foi não só revelada aos varões da Igreja Antiquíssima, mas também inscrita no seu homem interno. Por isso o varão tinha, então, uma só esposa e constituía uma só casa. Todavia, quando seus descendentes deixaram de ser homens internos e se tornaram externos, então tomaram várias esposas. [2] Como os varões da Igreja Antiquíssima representaram, por seus casamentos, o casamento celeste, o amor conjugal era para eles como o céu e a felicidade celeste. Quando, porém, a Igreja declinou, eles não percebiam mais a felicidade no amor conjugal, mas no prazer com várias esposas, prazer que é do homem externo. Isso foi o que o SENHOR chamou “dureza de coração”, razão pela qual foi-lhes permitido, por Moisés, tomar várias esposas, como o SENHOR Mesmo ensina:

“Por causa da dureza de vossos corações Moisés vos escreveu este preceito; mas desde o início da criação DEUS os fez macho e fêmea; por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se ligará à sua esposa, serão os dois uma só carne, pelo que não são mais dois, mas uma só carne. Por isso, o que DEUS conjugiu, o homem não separará” (Mc. 10:5-9).

163. Vers. 25: “E estavam ambos nus, o homem e a esposa dele, e não se envergonhavam”. Que “estavam nus e não se envergonhavam” significa que eram inocentes, a saber, que o SENHOR tinha insinuado a inocência no *proprium* deles para que este não fosse desagradável.

164. Como foi dito, o *proprium* do homem não é outra coisa senão o mal, e, quando se mostra à vista, é muito disforme. Todavia, quando a inocência e a caridade são insinuadas pelo SENHOR no *proprium*, este se mostra bom e formoso, conforme as coisas que foram ditas no n.º 154. Caridade e inocência são coisas que não só desculpam o *proprium*, ou o mal e o falso no homem, mas o anulam, por assim dizer. É como qualquer um pode ver pelas crianças: quando elas se amam mutuamente e aos pais, e, ao mesmo tempo a inocência infantil brilha, então os males e falsos mesmos não só não se mostram, mas também são agradáveis. Daí se pode saber que ninguém pode ser admitido no céu a não ser que tenha alguma inocência. É como o SENHOR disse:

“Deixai vir a Mim as criancinhas e não as impeçais; das tais é o reino de DEUS. Amém vos digo: quem quer que não recebe o reino de DEUS como uma criancinha, não entrará nele. Tomando-as pois nos braços, impôs -lhes a mão e as abençoou” (Mc. 10:14-16).

165. Que a “nudez de que não se envergonhavam” signifique a inocência, vê-se claramente pelas coisas que se seguem; quando eles se afastaram da integridade e da inocência, então se envergonharam da nudez e ela lhes pareceu opróbrio, pelo que se esconderam. Também pelas coisas que são representadas no mundo dos espíritos igualmente se pode ver que a nudez de que não se envergonhavam significa a inocência. Com efeito, quando os espíritos querem se desculpar e provar que não são culpados, mostram-se nus, para atestarem inocência. Mas isto se pode ver principalmente pelo fato de que os inocentes estão no céu, os quais se mostram como criancinhas nuas e, segundo a espécie de inocência, cingidos de grinaldas. Todavia, os que não estão tanto na inocência mostram-se cobertos de vestidos tão graciosos e luzentes que seriam tomados por seda diamantina, tal como os anjos que foram vistos algumas vezes pelos profetas.

166. Estas são as coisas que a Palavra contém neste capítulo, mas as que foram expostas são poucas. E, como se trata do homem celeste, que hoje quase ninguém conhece, estas poucas coisas não podem deixar de parecer um tanto obscuras.

167. Mas, se alguém soubesse quantos arcanos estão contidos em cada versículo, ficaria espantado. São tantos os arcanos ali contidos que seria impossível contá-los. Isso se manifesta muito pouco na letra. Para se dizer em poucas palavras: no mundo dos espíritos as palavras, como estão no sentido da letra, são representadas de modo vivo, em uma ordem admirável; pois o mundo dos espíritos é representativo, e tudo o que é representado de modo vivo é percebido no outro céu pelos espíritos angélicos quanto às mesmas particularidades das coisas representadas. e tudo o que é percebido pelos espíritos angélicos é percebido pelos anjos do terceiro céu de forma plena e abundante, em idéias angélicas inexprimíveis e, até, segundo o beneplácito do SENHOR, com uma variedade indefinida. Tal é a Palavra do SENHOR.



Da ressurreição do homem dentre os mortos e de sua entrada na vida eterna

168. Como é permitido descrever, em série, o modo pelo qual da vida do corpo o homem entra na vida da eternidade, como se disse, isso foi mostrado,

não por ouvir dizer, mas por uma viva experiência, para que se soubesse como o homem é despertado.

169. Fui reduzido a um estado de insensibilidade quanto aos sentidos corpóreos, portanto quase ao estado dos que estão morrendo, conservando íntegra, entretanto, a vida interior com o pensamento, com a respiração conveniente à vida e, depois, com uma respiração tácita, para que eu percebesse e retivesse na memória as coisas que acontecem aos que são ressuscitados dos mortos.

170. Estavam presentes anjos celestes que ocupavam a província do coração, de sorte que parecia que, quanto ao coração, eu me via unido a eles a tal ponto que, enfim, quase não me restava coisa alguma que me pertencesse além do pensamento e a percepção daí, e isto durante algumas horas.

171. Eu estava, assim, afastado da comunicação com os espíritos do mundo dos espíritos; eles supunham que eu saíra da vida do corpo.

172. Além dos anjos celestes que ocupavam a província do coração, também dois anjos estavam assentados junto à minha cabeça; e percebi que, assim, se dava com cada pessoa.

173. Os que estavam assentados à cabeça guardavam profundo silêncio, somente comunicando seus pensamentos por meio da face, para que eu percebesse que em mim fora introduzida outra face, e até duas faces, porque eram dois anjos. Quando os anjos percebem que as suas faces são recebidas, então, sabem que o homem morreu.

174. Depois de reconhecerem as suas faces, introduziram, algumas mudanças em torno da província da boca e, assim, comunicavam seus pensamentos; pois os celestes geralmente falam pela província da boca. Foi-me concedido perceber a sua linguagem cogitativa.

175. Um odor aromático, como de cadáver embalsamado, se fez sentir, pois quando os anjos celestes estão presentes, o que é cadavérico é sentido como aromático. E, quando os maus espíritos sentem tal odor, não podem se aproximar.

176. Durante esse tempo eu estava, quanto à província do coração, muito estreitamente unido aos celestes, o que foi percebido e também sentido pelo pulso.

177. Foi-me insinuado que as coisas que o homem pensou no momento da morte, as quais são piedosas e santas, são mantidas pelos anjos. Também foi insinuado que os que morrem geralmente pensam mais na vida eterna e raramente na salvação e na felicidade. Por isso os anjos os mantêm no pensamento da vida eterna.

178. Eles são mantidos durante muito tempo nesse pensamento pelos anjos celestes, antes de estes anjos se retirarem e eles serem deixados com anjos

espirituais, aos quais depois se associam. Durante esse tempo eles não sabem outra coisa senão que vivem no corpo, mas obscuramente.

179. Logo que os interiores corpóreos se resfriam, as substâncias vitais são separadas do homem, em qualquer parte em que estejam, mesmo se forem encerradas em mil formas de labirinto. Pois a eficácia da misericórdia do SENHOR — que eu antes tinha percebido como uma atração viva e forte — é tal que nada de vital pode permanecer.

180. Depois que fui ressuscitado, por assim dizer, os anjos celestes que estavam assentados à cabeça ficaram junto de mim por algum tempo, e não falavam a não ser tacitamente. Por sua linguagem cogitativa eu percebia que eles consideravam como nada todos os enganos e falsidades, e mesmo se riam deles, não como objetos de escárnio, mas como coisas de que não se deviam ocupar. A linguagem deles, quando também começam a falar com as almas daqueles com quem estão a princípio, é uma linguagem cogitativa, sem ser sonora.

181. Assim ressuscitado pelos celestes, o homem está ainda numa vida obscura. Quando chega o tempo em que ele deve ser entregue aos anjos espirituais, então, depois de um certo prazo, os celestes se afastam, quando os espirituais se aproximam. E foi mostrado de que maneira eles operam para que ele receba o uso da luz. Sobre este ponto, vide a continuação no início do capítulo que agora segue.



Gênesis Capítulo Terceiro

Continuação a respeito da entrada do ressuscitado na vida eterna

182. Quando os anjos celestes estão com o ressuscitado, não o abandonam, pois amam a todo homem. Mas, quando a alma é tal que não pode mais ficar na companhia dos celestes, ela então anseia ir-se embora deles. Quando isso acontece, vêm anjos espirituais que lhe dão o uso da luz, pois, antes, ele nada via, mas somente pensava.

183. Mostrou-se de que maneira esses anjos procedem. Parecia que eles de algum modo faziam rolar para o septo nasal a túnica do olho esquerdo, a fim de se abrir o olho e ser concedido o uso da luz. O homem não percebe outra coisa senão que isso se faz assim, mas é uma aparência.

184. Quando a membrana parece ter sido rolada, aparece alguma coisa lúcida mas obscura, assim como quando o homem vê através das pálpebras no primeiro despertar. E ele está num estado tranqüilo, ainda guardado pelos celestes. Então, aparece alguma coisa sombreada, de cor celeste, com uma estrelinha. Mas foi percebido que isso se faz com variedade.

185. Em seguida, parece que algo se desenrola brandamente da face, e a percepção lhe é induzida. Os anjos, então, têm o maior cuidado para que não venha dele idéia alguma que não seja a mais suave ou do amor, e lhe é dado conhecer que é um espírito.

186. Então, ele é iniciado em uma vida que, a princípio, é feliz e contente, porque lhe parece ter entrado na vida eterna. Isso é representado por uma luminosidade branca que formosamente se aproxima do dourado, pela qual é significada a sua primeira vida, a saber, que é do celeste com o espiritual.

187. Que ele seja depois acolhido na sociedade de bons espíritos, isso é representado por um jovem montado num cavalo que ele dirige para o inferno, mas o cavalo não pode dar um passo. Ele é representado assim, por um jovem, porque logo que chega à vida eterna está entre anjos, e, assim, parece-lhe estar como se na flor da juventude.

188. A vida que se segue é representada pelo fato de ele apeiar do cavalo e ir a pé, porquanto o cavalo não pode se mover do lugar. E lhe é insinuado que

deve ser instruído nas cognições do vero e do bem.

189. Em seguida, vêem-se caminhos oblíquos elevando-se, suavemente, que significam que, pelas cognições do vero e do bem e pelo reconhecimento de si, pouco a pouco ele deve ser conduzido para o céu; pois, sem o reconhecimento de si e sem as cognições do vero e do bem, ninguém pode ser para ali conduzido. Vide a continuação no fim deste capítulo.



Gênesis

Capítulo Terceiro

1. *E a serpente era mais astuta do que toda fera do campo que Jehovah Deus fez. E [ela] disse à mulher: Assim disse Deus: Não comereis de toda árvore do jardim?*
 2. *E disse a mulher à serpente: Do fruto da árvore do jardim comeremos;*
 3. *E do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem toqueis nele, para que disso não morrais.*
 4. *E disse a serpente à mulher: Morrendo não morrereis¹.*
 5. *Porque Deus sabe que no dia em que comerdes dele serão abertos os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.*
 6. *E viu a mulher que a árvore era boa para comer, e que era apetecível aos olhos, e desejável era a árvore para dar inteligência; e tomou de seu fruto e comeu. E deu também ao seu varão com ela, e [ele] comeu.*
 7. *E foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folha de figueira, e fizeram cintas² para si.*
 8. *E ouviram a voz de Jehovah Deus passando no jardim, na viração do dia. E o homem se escondeu, e a esposa dele, da face de Jehovah Deus, no meio da árvore do jardim.*
-

- 1 Vide nota a este respeito referida no versículo 17, capítulo II.
- 2 Na Vulgata: *perizomata*, do gr. *perizoma* = cinto.
9. *E clamou Jehovah Deus ao homem, e lhe disse: Onde tu estás?*
10. *E disse: Tua voz ouvi no jardim e temi, porque eu estou nu, e me escondi.*
11. *E disse: Quem te deu a saber que tu estás nu? Ou não comeste da árvore de que te ordenei que não comesses dela?*
12. *E disse o homem: A mulher, que deste [para estar] comigo, ela me deu da árvore, e comi.*
13. *E disse Jehovah Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me enganou, e comi.*

Conteúdo

190. Trata-se do Terceiro Estado da Igreja Antiquíssima, que ambicionava o *proprium* até a ponto de amá-lo.

191. Porque, pelo amor de si ou o *proprium*, eles então começavam a crer somente naquilo que compreendessem por meio dos sentidos, o seu sensual é representado pela “serpente”; o amor de si ou o *proprium* é representado pela “mulher” e o racional pelo “varão”.

192. Por essa razão, a serpente ou o sensual persuadiu a mulher para que sondasse as coisas que são da fé no SENHOR, se eram ou não assim, o que é significado por “comer da árvore da ciência”; e que o racional do homem tenha consentido, isto é significado pelo fato de que “o varão comeu”; vers. 1-6.

193. Mas eles perceberam que estavam no mal, por esse resíduo de percepção, que é significado por isto, que “os olhos foram abertos” e que “ouviram a voz de JEHOVAH”, vers. 7 e 8; pela “folha de figueira com que fizeram cintas para si”, vers. 7., e depois pela vergonha ou pelo ato de se esconderem “no meio da árvore do jardim”, vers. 8 e 9, como também pelo reconhecimento e pela confissão, vers. 10-13, é evidente que permaneceu neles a bondade natural.

Sentido Interno

194. Vers. 1: “*E a serpente era mais astuta do que toda fera do campo que JEHOVAH DEUS fez. E [ela] disse à mulher: Assim disse DEUS: Não comereis de toda árvore do jardim?*” Pela “serpente” se entende aqui o sensual do homem, em que ele confia; pela “fera do campo”, aqui, como antes, se entende toda afeição

do homem externo; pela “mulher”, o *proprium*; que a serpente tenha dito: “Assim disse DEUS: Não comereis de toda árvore?” significa que, a princípio, eles tinham estado em dúvida. Trata-se da terceira descendência da Igreja Antiquíssima, que começou a não crer nas coisas reveladas a não ser que vissem e sentissem que elas assim eram. Aqui e no versículo logo seguinte se descreve o primeiro estado deles, que era um estado dubitativo.

195. Os antiquíssimos não apenas comparavam às bestas e às aves todas as coisas que estavam no homem, mas até as chamavam assim. Tal era a linguagem deles, a qual se manteve na Igreja Antiga de após o dilúvio e foi conservada igualmente nos Profetas. Chamavam de “serpentes” as coisas sensuais do homem, porque, como as serpentes estão próximas da terra, também as coisas sensuais estão próximas do corpo; daí chamavam de “veneno de serpente” aos raciocínios pelos sensuais sobre os mistérios da fé, e aos próprios raciocinadores chamavam de “serpentes”. Porque estes se entregam muito aos raciocínios pelas coisas do sentido ou pelas coisas visíveis como as que são terrestres, corpóreas, mundanas e naturais, é dito que “a serpente era mais astuta do que toda fera do campo” . [2] Diz-se semelhantemente em David:

“Aguçam a sua língua como serpente, o veneno da áspide está sob os lábios deles” (Sal. 140:3),

onde se trata daqueles que seduzem os homens por meio dos raciocínios. No mesmo:

“...Andam errados desde o útero, falando mentiras. Têm veneno semelhante ao veneno de serpente. Como a venenosa áspide surda tapa o seu ouvido para não ouvir a voz dos que murmuram, dos que se associam às sociedades de sábios” (58:3 a 5);

aqui são chamados “venenos de serpente” os raciocínios que são tais que nem mesmo ouvem o que é sábio ou a voz dos que sabem. Daí ter havido entre os antigos esta locução, que “a serpente tapa o ouvido”. Em *Amós*:

“Como se aquele que chega à casa apoiasse sua mão na parede e uma serpente o mordesse. Porventura não será de trevas o dia de JEHOVAH e não de luz? e de escuridão, e não haverá esplendor nele?” (5:19,20);

a “mão na parede” é o próprio poder e a confiança nas coisas dos sentidos, de onde resulta a cegueira que é descrita. [3] Em *Jeremias*:

“A voz do Egito irá como de uma serpente, porque com força eles irão, e virão a ela com machados, como rachadores de lenha. Cortam a sua floresta, dito de JEHOVAH, porque não será investigada, pois foram multiplicados mais do que o gafanhoto, e não têm número. Será envergonhada a filha do Egito; será entregue nas mãos do povo do norte” (46:20,22 a 24).

“Egito” é o raciocínio sobre as coisas Divinas pelas coisas sensuais e científicas; os raciocínios são chamados “voz de serpente”, e a cegueira decorrente daí é significada pelo “povo do norte”. Em *Jó*:

“Veneno de áspides ele sugará, língua de víbora o matará; não verá os ribeiros, as correntes dos rios de mel e manteiga” (20:16,17);

“rios de mel e manteiga” são as coisas espirituais e celestes, que não serão vistas pelos racionadores; os raciocínios são chamados “veneno de áspides e língua de víbora”. Abaixo, nos versículos 14 e 15, serão vistas mais coisas sobre a serpente.

196. Na antigüidade, foram denominados serpentes aqueles que tiveram confiança mais nas coisas dos sentidos do que nas coisas reveladas. Hoje é ainda pior, porque há não só os que em nada crêem exceto se virem e sentirem, mas há, também, os que se confirmam por meio de conhecimentos ignorados pelos antiqüíssimos e, assim, se cegam muito mais. Para que se saiba de que modo os que concluem sobre as coisas celestes por meio das coisas dos sentidos, dos conhecimentos e das coisas filosóficas se cegam a ponto de, depois, não mais verem ou ouvirem coisa alguma, e serem não só serpentes surdas mas até serpentes voadoras, que são mais perniciosas, de que também se trata na Palavra, seja, para exemplo, o que eles crêem a respeito do espírito. [2] Quem é sensual, ou quem crê só nos sentidos nega que o espírito existe, porque não o vê; afirma que o espírito nada é, dizendo: “Pois não o sinto; o que vejo e toco, isto sei que existe”. Quem é científico, ou quem conclui pelos conhecimentos diz: “Que é o espírito senão talvez um sopro, ou um calor, ou alguma coisa que se deduz de sua ciência, que na morte se dissipa? Acaso os animais também não têm corpo, sentidos, um análogo de razão? e dizem que eles morrerão e o homem viverá!” Assim ele nega que o espírito existe. Os filósofos, que querem ser mais engenhosos do que os outros, falam do espírito em termos que eles mesmos não conhecem, por estarem em contestação sobre esses termos. Afirmam não ser aplicável ao espírito um só vocábulo que tire alguma coisa do material, do orgânico ou da extensão. Assim subtraem o espírito de suas idéias, de sorte que este se dissipa para eles e se torna nada. [3] Os mais sensatos, porém, até dizem que o espírito é o pensamento. Mas, quando raciocinam sobre o pensamento, como eles o separam do que é substancial, acabam concluindo que deve dissipar-se, quando o corpo expira. Assim, todos os que raciocinam pelas coisas dos sentidos, pelos conhecimentos e pelas coisas filosóficas negam que o espírito existe; e, quando o negam, não crêem em coisa alguma do que se diz sobre o espírito e as coisas espirituais. Mas, ao contrário, se os simples de coração são interrogados, dizem que sabem que o espírito existe porque o SENHOR disse que eles viveriam após a morte. Estes não extinguem o seu racional, mas vivificam-no pela Palavra do SENHOR.

197. Entre os antiqüíssimos, que foram homens celestes, pela “serpente” era significada a circunspeção. Assim era semelhantemente significado o sensual pelo qual se faziam circunspectos, para que não fossem prejudicados pelos males. É o que se vê pelas palavras do SENHOR aos discípulos:

“Eis, Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt. 10:16);

depois, também, pela “serpente de bronze” que foi erigida no deserto, pela qual é significado o Sensual do SENHOR, que é, Ele só, Homem Celeste, e Quem somente tem a circunspeção e provê para todos. Por isso, os que olharam para Ele foram preservados.

198. Vers. 2 e 3: “*E disse a mulher à serpente: Do fruto da árvore do jardim comeremos; e do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse DEUS: Não comereis dele, nem toqueis nele, para que disse não morrais.*” O “fruto da árvore do jardim” é o bem e o vero que lhes tinham sido revelados desde a Igreja Antiquíssima; o “fruto da árvore que está no meio do jardim, do qual não comeriam”, é o bem e o vero da fé, sobre os quais não deviam instruir-se por si mesmos; “não tocar nele” é que não pensassem no bem e vero da fé por si mesmos ou pelos sentidos e pelos conhecimentos; que “daí morreriam” é que, assim, pereceria a fé ou toda sabedoria e inteligência.

199. Que o “fruto da árvore, do qual não comeriam”, signifique o bem e o vero da fé que lhes foram revelados desde a Igreja Antiquíssima, ou as cognições da fé, pode-se ver por isto, que é dito que eles comeriam do “fruto da árvore do jardim” e não “da árvore do jardim”, como fora dito anteriormente, onde se tratou do homem celeste ou da Igreja Antiquíssima, cap. 2, vers. 16. A “árvore do jardim”, como foi dito, significa a percepção que é do bem e do vero; o bem e vero daí derivado é aqui chamado “fruto”. A mesma significação de fruto ocorre muitas vezes na Palavra.

200. Aqui se diz que a árvore da ciência estava no meio do jardim, enquanto anteriormente, no cap. 2, vers. 9, se diz que é a árvore de vidas que está no meio do jardim e não a árvore da ciência. Isto é porque o “meio do jardim” significa o íntimo, e o homem celeste ou o da Igreja Antiquíssima era árvore de vidas, que é o amor e daí a fé. Mas desse homem que se pode chamar celeste espiritual, ou dessa posteridade, o seu “meio do jardim” ou seu íntimo era a fé. Isso não pode ser descrito mais amplamente, porque hoje se ignora inteiramente de que qualidade foram aqueles que viveram nesse tempo antiquíssimo. Sua índole era absolutamente diversa da que existe hoje em alguém. Essa índole, só para que se tenha uma idéia, era tal que pelo bem eles conheciam o vero, ou pelo amor sabiam o que pertence à fé. Quando, todavia, essa geração expirou, sucedeu outra que tinha uma índole absolutamente diversa da deles, a saber, que não era pelo bem que se conhecia o vero, ou pelo amor às coisas que fossem da fé, mas que pelo vero conhecia-se o bem, ou pelas coisas que pertencem às cognições da fé conheciam-se as que são do amor; e, na maioria deles, quase não havia mais coisa alguma além do que sabiam. Tal mudança se deu após o dilúvio, para que o mundo não percesse.

201. Como, pois, uma índole tal qual a que era dos antiquíssimos de antes do dilúvio não existe e não se encontra mais hoje, não se pode expor facilmente à compreensão o que essas palavras envolvem no sentido genuíno. São coisas muito conhecidas no céu, pois os anjos e os espíritos angélicos que são chama-

dos celestes, são de índole semelhante à dos antiqüíssimos regenerados de antes do dilúvio. Os anjos e os espíritos angélicos que se chamam espirituais são, todavia, de índole semelhante à dos que foram regenerados após o dilúvio, aqueles e estes com uma variedade indefinida.

202. A Igreja Antiqüíssima, que era o homem celeste, era tal que não só “não comia da árvore da ciência”, isto é, não se instruía sobre a fé pelas coisas sensuais e pelos conhecimentos, mas sequer lhes era permitido “tocar naquela árvore”, isto é, pensar pelos sensuais e pelos conhecimentos em alguma coisa que fosse da fé, para que não caíssem da vida celeste na vida espiritual, e, assim, por diante. Tal é também a vida dos anjos celestes: os dentre eles que são mais intimamente celestes sequer admitem que se mencione a fé ou alguma coisa que derive algo do espiritual. E, se for mencionada por outros, em lugar da fé percebem o amor, com diferença só conhecida por eles. Assim, derivam do amor e da caridade tudo o que é da fé. Ainda menos suportam ouvir alguma coisa racional e de nenhum modo alguma coisa do conhecimento da fé. Porque têm do SENHOR a percepção, através do amor, do que é bom e verdadeiro. Pela percepção, sabem imediatamente se tal coisa é assim ou não. Por isso, quando se diz alguma coisa sobre a fé, eles respondem somente que isso é assim ou que não é assim, porque o percebem do SENHOR. É isto que essas palavras do SENHOR significam, em *Mateus*:

“Seja o vosso falar: Sim, sim; não, não; o que passa disto procede do mal”
(5:37).

Isto é, então, o que vem a ser o fato de não lhes ser permitido sequer tocar no fruto da árvore da ciência, pois, se o tocassem, estariam no mal ou daí morreriam. Além disso, os anjos celestes, como os outros, falam entre si sobre vários assuntos, mas numa linguagem celeste, formada e derivada do amor, a qual é mais inefável do que a linguagem dos anjos espirituais.

203. Os anjos espirituais, porém, falam sobre a fé, e até confirmam as coisas que são da fé pelas coisas intelectuais, racionais e científicas, mas nunca concluem por elas sobre a fé. Os que concluem assim estão no mal. Porque eles também têm percepção dada pelo SENHOR de todas as coisas que são da fé, mas não uma percepção tal como a dos anjos celestes. A percepção dos anjos espirituais é uma certa consciência que é vivificada pelo SENHOR, e se mostra como a percepção do celeste, mas não é celeste: é apenas a percepção espiritual.

204. Vers. 4 e 5: *“E disse a serpente à mulher: Morrendo não morrereis. Porque DEUS sabe que no dia em que comerdes dele serão abertos os vossos olhos e sereis como DEUS, sabendo o bem e o mal.”* “Se eles comessem do fruto da árvore seriam abertos os seus olhos” significa que, se examinassem pelos sensuais e pelos conhecimentos as coisas que são da fé, veriam claramente se as coisas eram ou não assim. Que “seriam como DEUS, sabendo o bem e o mal” significa que se agissem assim, por si mesmos, seriam como DEUS e poderiam guiar-se a si próprios.

205. Cada versículo contém um estado peculiar ou uma mudança de estado na Igreja. Os versículos iniciais contêm o estado em que eles ainda percebiam ser ilícito, ainda que para isso se inclinassem. Os versículos 4 e 5, que eles começaram a duvidar se não lhes era lícito, pois que veriam se eram verdadeiras as coisas ouvidas dos antigos e, assim, os olhos seriam abertos. Finalmente, como o amor de si começou a reinar neles, concluíram que poderiam guiar-se a si mesmos e, assim, ser semelhantes ao SENHOR. O amor de si tem essa característica de querer ser guiado não pelo SENHOR, mas por si mesmo; e quando se é guiado por si mesmo, as coisas dos sentidos e dos conhecimentos são consultadas quanto ao que se deve crer.

206. Quais são os indivíduos que mais crêm ter os olhos abertos e saber, como DEUS, o que é o bem e o mal, senão os que amam a si próprios e são ao mesmo tempo versados nas coisas do mundo? Mas quem é mais cego? Basta apenas consultá-los para que se veja que não sabem e ainda menos crêm que existe o espírito. Ignoram inteiramente o que é a vida espiritual e celeste, nem reconhecem a vida eterna, pois crêm que morrerão como os animais. Não reconhecem de modo algum o SENHOR, mas veneram somente a si próprios e a natureza. Os que querem falar prudentemente dizem que algum Ser supremo, que eles não sabem quem é, governa todas as coisas. [2] São esses os seus princípios, que eles confirmam entre si de muitos modos pelas coisas sensuais e dos conhecimentos. Se ousassem, eles o fariam mesmo perante o universo. Esses, posto que queiram ser reconhecidos como deuses ou como os mais sábios, se fossem indagados se sabem o que é *non proprium*, responderiam que é o não-ser, e nada seriam se fossem privados do *proprium*. Se fossem indagados o que é viver pelo SENHOR, pensariam que é uma coisa fantasiosa. Se fossem interrogados se sabem o que é a consciência, diriam que nada mais é que alguma coisa imaginária, que pode servir para manter o povo em vínculos. Se fossem interrogados se sabem o que é a percepção, não fariam outra coisa senão zombar, e a chamariam de alguma coisa entusiástica. Assim é a sabedoria deles; assim têm “olhos abertos” e, assim, são “deuses”. Partem desses princípios, os quais julgam ser mais claros que o dia, e por eles avançam e raciocinam sobre os mistérios da fé. Que resulta daí senão um abismo de escuridão? Esses, mais do que os outros, são as serpentes que seduzem o mundo. Contudo, essa descendência da Igreja Antiquíssima ainda não era assim. A descendência que se tornou tal é tratada nos versículos 14 e 19 deste capítulo.

207. Vers. 6: “*E viu a mulher que a árvore era boa para comer, e que era apetecível aos olhos, e desejável era a árvore para dar inteligência; e tomou de seu fruto e comeu. E deu também ao seu varão com ela, e [ele] comeu.*” “Boa para comer” significa a cobiça; “apetecível aos olhos”, a fantasia; “desejável para dar inteligência”, a volúpia. Estas coisas são do *proprium* ou da “mulher”. Pelo “varão, que comeu”, é significado o racional, que consentiu (como será visto no n.º 265).

208. Esta foi a quarta descendência da Igreja Antiquíssima, que se deixou seduzir pelo amor próprio e não quis crer nas coisas reveladas a não ser que as

visse confirmadas pelas coisas dos sentidos e do conhecimento.

209. Os termos aqui empregados, tais como “que a árvore era boa para comer”, “apetecível aos olhos”, “desejável para dar inteligência”, são tais como os que foram aplicáveis à índole dos que viveram naquele tempo antiqüíssimo. Eles se referem especificamente à vontade, pois da vontade brotavam os males deles. Onde, na Palavra, se trata dos pós-diluvianos são empregados termos tais que não se referem desse modo à vontade, mas ao entendimento. Porque os antiqüíssimos tinham o vero derivado do bem, mas aqueles, ou os pós-diluvianos, tinham o bem derivado do vero.

210. Para que se saiba o que é o *proprium*: o *proprium* do homem é, todo, o mal e o falso de que estão cheios o amor de si e do mundo. E, os que estão no *proprium*, crêem, não pelo SENHOR ou pela Palavra, mas por si mesmos. Achem que o que não compreendem pelos sentidos e conhecimentos nada é. Daí resulta que se tornam nada mais que o mal e o falso, e, assim, consideram pervertidamente todas as coisas: as que são más, vêem-nas como boas, as que são boas, como más; as que são falsas, como verdadeiras, e as que são verdadeiras, como falsas; as que existem, eles pensam que são nada, e as que nada são, pensam que são tudo. Ao ódio chamam amor; à escuridão, luz; à morte, vida, e vice-versa. Na Palavra, esses são chamados “coxos e cegos”. Isto é, então, o *proprium* do homem, que é, em si, infernal e condenado.

211. Vers. 7: “*E foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus*”. “Que os olhos foram abertos” significa que, por um ditame interior, conheceram e reconheceram que estavam “nus”, isto é, que não estavam mais na inocência como antes, mas no mal.

212. Que “os olhos serem abertos” signifique um ditame vindo do interior, vê-se por meio de expressões semelhantes na Palavra, como aquelas de Bileam [Balaão] em que ele fala a respeito de si mesmo: porque tinha visões, chamava-se “vão de olhos abertos” (*Núm. 24:3,4*); e pelas de Jonathan: quando provou do favo de mel e do interior lhe foi ditado que isso era mal, foi dito que “seus olhos viram”, de sorte que foram iluminados para que visse o que não sabia (*I Sam. 14:27, 29*). Além destes exemplos, os “olhos” são muitas vezes tomados pelo entendimento, assim, por um ditame interior daí proveniente; como em David:

“*Ilumina os meus olhos, para que eu não adormeça na morte*” (*Sal. 13:3*),
em lugar do entendimento. Em *Ezequiel*:

“*Que [têm] olhos para ver e não vêem*” (*12:2*),
em lugar dos que não querem entender; em *Isaías*:

“*Cobre os olhos deles para que não vejam com os seus olhos*” (*6:10*),
em lugar dos que se cegam para que não entendam. Moisés disse ao povo:

“JEHOVAH não vos deu um coração para conhecer, e olhos para ver, e ouvidos para ouvir” (Deut. 29:4);

o “coração” está em lugar da vontade; os “olhos”, do entendimento. Em Isaías foi dito a respeito do SENHOR “que Ele haveria de abrir os olhos aos cegos” (62:7) e, no mesmo profeta:

“Dentre a escuridão, e dentre as trevas, os olhos dos cegos verão” (29:18).

213. Que “conhecer que estavam nus” signifique que conheceram e reconheceram que não estavam mais na inocência como antes, mas no mal, vê-se pelo último versículo do capítulo precedente, onde se disse: “E estavam ambos nus, o homem e a esposa dele, e não se envergonhavam”. Daí se vê que “não se envergonhar por estarem nus” significa que estavam inocentes. O contrário é significado quando se envergonham, como aqui, por “terem costurado folhas de figueira e terem se ocultado”. Com efeito, sem a inocência a nudez se torna opróbrio e escândalo, porque são conscientes de si mesmos, que pensam o mal. daí vem que a nudez é tomada pelo opróbrio e pelo mal, na Palavra, e atribuída à Igreja pervertida, como em *Ezequiel*:

“Que estaria nua e descoberta, e manchada do seu sangue” (16:7,22);
no mesmo:

“Deixam-na nua e descoberta, para que seja revelada a nudez” (23:29);
em João:

“Aconselho-te que compres... vestimenta branca, para que te vistas, e não seja manifestada a vergonha de tua nudez” (Apoc. 3:18);
e sobre o último dia:

“Bem-aventurado o que vigia, e guarda a sua vestimenta para que não ande nu e não se veja a sua vergonha” (Apoc. 16:15);
no Deuteronômio:

“Se o varão achar na esposa uma nudez qualquer, escreva-lhe carta de repúdio” (24:1);
também por isso foi mandado a Aarão e a seus filhos

“que tivessem calções de linho quando subissem ao altar e para ministrarem, a fim de cobrirem a carne da nudez, para que levassem iniquidade e morressem” (Êx. 28:42,43).

214. Diz-se que estavam “nus” porque se entregaram ao *proprium*, pois os que se entregam ao *proprium* ou a si mesmos nada mais têm da inteligência e da sabedoria, ou da fé. Assim, estão descobertos de vero e bem e por isso estão no mal.

215. Que o *proprium* não seja outra coisa senão o mal e o falso, é o que daí também pôde ser manifesto a mim pelo fato de que tudo o que os espíritos falavam por si mesmos era o mal e o falso, e isso a ponto de que, quando apenas me

era dado saber que falavam por si mesmos, eu logo sabia que era falso, ainda que, quando falavam, estivessem numa persuasão tão forte de que era verdadeiro que em nada duvidavam. O homem que está no *proprium* é semelhante a eles. Da mesma forma, foi dado perceber que todos os que começaram a raciocinar sobre as coisas que são da vida espiritual e celeste, ou que são da fé, duvidavam e até negavam, pois raciocinar sobre a fé é duvidar e negar. E, como é por si mesmos ou pelo *proprium*, resultam meras falsidades, nas quais eles caem, por conseguinte em um abismo de trevas, isto é, de falsidades. Quando estão nesse abismo, o menor escrúpulo prevalece sobre mil verdades; é como um grão de pó que, caindo na pupila do olho, faz que não se veja o universo e tudo o que está no universo. Assim o SENHOR fala sobre eles, em *Isaías*:

“Ai dos que são sábios aos seus próprios olhos, e inteligentes perante suas faces” (5:21);

e, no mesmo:

“Tua sabedoria, e tua ciência, ela te desviou, e disseste em teu coração: Eu [sou], e ninguém mais além de mim. e virá sobre ti um mal cuja origem ignoras, e cairá sobre ti uma destruição [tal], que não poderás reparar, e virá sobre ti repentinamente uma devastação que não conheces” (47:10,11);

em *Jeremias*:

“Todo homem se tornou estúpido pela ciência; envergonhou-se todo fundidor de imagem de escultura, porque a mentira é a sua imagem de fundição, nem há espírito nelas” (51:17);

a “imagem de escultura” é tomada pelo falso que é do *proprium*, a “imagem de fundição”, pelo mal que é do *proprium*.

216. *“E coseram folha de figueira, e fizeram cintas para si.”* “Coser folha” é desculpar-se; “figueira” é o bem natural”; “fazer cintas para si” é ser afetado de vergonha. Assim falavam os antiqüíssimos, e, assim, descreveram essa posteridade da Igreja, a saber, em que a inocência que havia antes foi substituída pelo bem natural, pelo qual o mal deles era ocultado. E, como estavam no bem natural, por isso foram afetados de vergonha.

217. Que a “vide” na Palavra signifique o bem espiritual e a “figueira” o bem natural, hoje se ignora completamente, porque o sentido interno da Palavra se perdeu. entretanto, em toda parte em que ocorrem essas palavras, significam ou envolvem tais idéias. Também nas parábolas que o SENHOR pronunciou sobre a vinha e sobre a figueira; assim, em *Mateus*:

“JESUS, vendo uma figueira no caminho, veio a ela, mas nada achou nela se não folhas apenas; por isso lhe disse: Que doravante de ti não nasça fruto, para sempre; pelo que secou-se imediatamente a figueira” (21:19).

Aí se entende que nada do bem, sequer o natural, se achou na terra. Pela “vide” e pela “figueira” se entende coisa semelhante em *Jeremias*:

“Envergonharam-se os que fizeram abominação? Certamente não foram afetados de vergonha, e não souberam enrubescer-se... Por isso certamente os reunirei, disse JEHOVAH; não há uvas na vide nem figos na figueira, e a folha caiu” (8:12,13);

por isto é significado que pereceu todo bem, tanto o espiritual quanto o natural, porque eles eram tais que nem mesmo puderam ser afetados de vergonha, assim como hoje se dá com os que estão no mal: tão pouco se envergonham que até se jactam do mal. Em *Oséias*:

“Como uvas no deserto achei Israel; como primícia na figueira em seu começo vi vossos pais” (9:10).

E em *Joel*:

“Não temais, bestas dos meus campos, ...porque a árvore produzirá o seu fruto, a figueira e a vide darão seu vigor” (2:22);

a “vide” é o bem espiritual, a “figueira” o bem natural.

218. Vers. 8: *“E ouviram a voz de JEHOVAH DEUS passando no jardim, na viração do dia. E o homem se escondeu, e a esposa dele, da face de JEHOVAH DEUS, no meio da árvore do jardim.”* Pela “voz de JEHOVAH DEUS passando no jardim” se entende o ditame que eles temiam. O ditame é o resíduo de percepção que tinham; pela “viração [aura] ou aragem [spiritum] do dia” é significado o tempo em que a Igreja antiqüíssima tinha ainda um resíduo de percepção; “ocultar-se da face de JEHOVAH DEUS” é temer o ditame, como fazem os que são cômicos do mal; pelo “meio da árvore do jardim em que se ocultavam” é significado o bem natural; chama-se “meio” o que é íntimo; “árvore” é a percepção, como foi dito antes; mas porque havia pouca percepção, a árvore é mencionada no singular, como um resíduo.

219. Que pela “voz de JEHOVAH DEUS passando no jardim” se entenda o ditame que eles temiam, pode-se ver pela significação de “voz” na Palavra, onde a “voz de JEHOVAH” é tomada pela Palavra mesma, pela doutrina da fé, pela consciência ou aviso interno e também por toda censura que provém dela. Por isso os raios são chamados “vozes de JEHOVAH”, como em *João*:

“Então o anjo clamou com grande voz, como um leão que ruge, e, quando clamou, os sete trovões fizeram soar suas vozes” (Apoc. 10:3,4),

isto é, que eram então a voz externa e a interna. No mesmo:

“Nos dias da voz do sétimo anjo... se cumprirá o mistério de DEUS (Apoc. 10:7).

Semelhantemente, em *David*:

“Cantai a DEUS... salmodiai ao SENHOR... a Aquele que cavalga sobre os céus dos céus de antigüidade. Eis, Ele dará sua voz, uma voz de força” (Sal. 68:32,33);

“os céus dos céus de antigüidade” é a sabedoria da Igreja Antiqüíssima;

“voz” é a revelação e também o ditame interno. No mesmo:

“A voz de JEHOVAH sobre as águas... a voz de JEHOVAH em poder; a voz de JEHOVAH em glória; a voz de JEHOVAH quebrando os cedros; ...a voz de JEHOVAH cortando as chamas de fogo; a voz de JEHOVAH faz tremer o deserto; ...a voz de JEHOVAH faz parir as cervas, e desnuda as matas” (Sal. 29:3-5, 7-9).

E em Isaías:

“JEHOVAH fará ouvir a excelência de sua voz ...porque pela voz de JEHOVAH Asshur será abatido” (30:30,31).

220. Pela “voz passando” se entende que lhes restava um resíduo de percepção, como se fosse para eles somente e quase não ouvida, o que também se vê pelo versículo seguinte, onde se diz que JEHOVAH clamou ao homem, bem como em Isaías:

“Voz do que clama no deserto... disse a voz: Clama” (40:3,6);

o “deserto” é a Igreja em que não há fé; a “voz do que clama” é o anúncio do Advento do SENHOR e, em geral, todo anúncio de Seu Advento, como nos regenerados em que há o ditame.

221. Que pela “viração (ou aragem) do dia” seja significado o tempo em que a Igreja Antiquíssima ainda tinha um resíduo de percepção, vê-se pela significação de “dia” e “noite”. Os antiquíssimos comparavam os estados da Igreja aos tempos do dia e da noite; aos tempos do dia quando ela ainda estava na luz; por isso aqui se diz “aragem ou viração do dia”, quando tinham algum resíduo de percepção pelo qual sabiam que tinham caído. O SENHOR também chamou “dia” ao estado da fé, e “noite” ao estado de nenhuma fé; como em João:

“Cumpre-Me fazer as obras d`Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (9:4).

É daí que, no capítulo primeiro, os estados da regeneração do homem são chamados “dias”.

222. Que “ocultar-se da face de JEHOVAH” seja temer o ditame, como fazem os que são cômnicos de seu mal, vê-se pela resposta deles, no vers. 10, onde se acham estas expressões: “Tua voz ouvi no jardim, e temi, porque estou nu”. As “faces de JEHOVAH” ou do SENHOR são a misericórdia, a paz e todo bem, como se vê claramente pela bênção:

“JEHOVAH faça luzir as Suas faces sobre ti, e tenha misericórdia de ti; JEHOVAH levante Suas faces sobre ti, e te dê a paz” (Núm. 6:25,26),

e em David:

“DEUS tenha misericórdia de nós e nos abençoe; faça luzir Suas faces sobre nós” (67:1),

e em outra passagem:

“Muitos dizem: quem nos fará ver o bem? Traze sobre nós a luz de Tuas faces, JEHOVAH” (Sal. 4:6,7).

Daí a misericórdia do SENHOR ser chamada “o anjo das faces” em *Isaías*:

“As misericórdias de JEHOVAH farei lembrar ... retribui-lhes segundo as Suas misericórdias, e segundo a multidão de Suas misericórdias... e tornou-Se Salvador para eles; em toda angústia deles, nenhuma angústia, e o anjo de suas faces os salvou; por causa de seu amor e por causa de sua clemência Ele os redimiu” (63:7-9).

223. Como as “faces do SENHOR” são a misericórdia, a paz e todo bem, vê-se que Ele nunca olha para pessoa alguma a não ser com misericórdia, e nunca desvia Sua face de alguém, mas é o homem que desvia a sua face quando está no mal. É como foi dito pelo SENHOR em *Isaías*:

“São vossas iniquidades que fazem separação entre vós e vosso DEUS, e vossos pecados fazem ocultar de vós as faces” (59:2).

Assim também aqui, que eles se “esconderam da face de JEHOVAH porque estavam nus”.

224. A misericórdia, a paz e todo bem ou “as faces de JEHOVAH” são as coisas que produzem o ditame naqueles que têm percepção e também nos que têm consciência, mas com diferença. E elas operam sempre com misericórdia, mas são recebidas segundo o estado em que o homem está. O estado desse homem ou dessa posteridade da Igreja Antiquíssima era do bem natural, e os que estão no bem natural são tais que se ocultam pelo temor e pela vergonha de estarem nus. Mas os que não estão em bem natural algum sequer se ocultam, porque não se envergonham. É destes que se trata em *Jeremias 8:12,13* (vide acima, no n.º 217).

225. Que “o meio da árvore do jardim” signifique o bem natural em que há alguma percepção, a qual se chama “árvore”, pode-se ver também pelo jardim em que estava o homem celeste, pois chama-se “jardim” tudo o que é bem e vero, com diferença segundo o homem que o cultiva. O bem não é bem a não ser que seu íntimo seja celeste, segundo o qual, ou pelo qual desde o SENHOR, exista a percepção. Esse íntimo se chama “meio”, como também ocorre em outras passagens na Palavra.

226. Vers. 9 e 10: *“E clamou JEHOVAH DEUS ao homem, e lhe disse: Onde tu estás? E disse: Tua voz ouvi no jardim e temi, porque eu estou nu, e me escondi.”* Foi explicado anteriormente o que é “clamar”, o que é “voz no jardim” e por que eles “temeram por estarem nus e se esconderam”. Na Palavra é comum que primeiro se pergunte ao homem onde ele está e o que [faz], ainda que o SENHOR conheça de antemão todas as coisas. Mas a razão da pergunta é para que o homem reconheça e confesse.

227. Mas cumpre saber donde vêm a percepção, o ditame e a consciência. Como isso é inteiramente ignorado hoje, é permitido descrever alguma coisa a

respeito. É a mais plena verdade que o homem é governado pelo SENHOR através dos espíritos e anjos. Quando os maus espíritos começam a dominar, então os anjos operam para afastar os males e falsos; daí existe o combate. Esse combate é que se sente pela percepção, pelo ditame e pela consciência. Por esse modo, como também pelas tentações, o homem poderia saber claramente que há espíritos e anjos com ele, se não estivesse tão imerso nas coisas corpóreas a ponto de nada crer do que se diz a respeito de espíritos e de anjos. Por isso, se tais homens sentissem cem vezes os combates, diriam sempre que são fantasias e causados por alguma enfermidade da mente. Foi-me dado sentir esses combates milhares de vezes, quase continuamente e no espaço já de alguns anos, e daí ter uma sensação viva, sentindo, assim, quem eram esses espíritos, suas qualidades, onde estavam, quando se aproximavam e se afastavam; e falei com eles.

228. Não se pode descrever quão apurada é a percepção dos anjos, quanto a se alguma coisa que é contra o vero da fé e o bem do amor se insinua ou não. Percebem mil vezes melhor do que o homem a qualidade do que se insinua e quando isso se dá; o homem mal sabe alguma coisa sobre isso. A mínima coisa do pensamento no homem é mais perceptível aos anjos que a maior. Isso é, de fato, incrível, mas é a mais plena verdade.

229. Vers. 11 a 13: “*E disse: Quem te deu a saber que tu estás nu? Ou não comeste da árvore de que te ordenei que não comesses dela? E disse o homem: A mulher, que deste [para estar] comigo, ela me deu da árvore, e comi. E disse JEHOVAH DEUS à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me enganou, e comi.*” Pelo que foi explicado anteriormente se vê o que estas expressões significam, a saber, que o racional do homem deixou-se enganar pelo *proprium* que lhe era caro, ou pelo amor de si, a ponto de em nada crer a não ser no que visse e sentisse. Qualquer um pode ver que JEHOVAH DEUS não teria Se dirigido a uma serpente, e não teria havido serpente alguma, nem que Ele Se dirigiu ao sensual que foi significado pela serpente, mas que essas expressões envolvem outra coisa, a saber, que eles perceberam que foram enganados pelos sentidos e, como tinham amado a si mesmos, tinham desejado saber se era verdadeiro o que tinham ouvido sobre o SENHOR e sobre a fé n'Ele, e, assim, é que quiseram crer pela primeira vez.

230. O mal dominante dessa descendência era o amor de si e não tanto o amor do mundo ao mesmo tempo, como se dá hoje, pois viveram distinguidos em casas e famílias e não se inclinavam às riquezas.

231. O mal da Igreja Antiquíssima, não só a que existiu antes do dilúvio, mas também o mal da Igreja Antiga que existiu após o dilúvio, e também o mal da Igreja Judaica, como depois o mal da Igreja nova ou dos gentios de após o Advento do SENHOR, bem como o da Igreja de hoje, é que as pessoas não crêem no SENHOR ou na Palavra, mas em si mesmas e nos sentidos; daí não há fé alguma. E quando não há fé, não há nenhum amor ao próximo, e, assim, tudo é falso e mal.

232. Hoje é muito pior do que outrora, porque se pode confirmar a incredulidade dos sentidos por meio de conhecimentos ignorados pelos antigos. Daí haver uma escuridão tal que não se pode jamais descrever. Se o homem soubesse quanta escuridão vem daí, ficaria espantado.

233. Explorar os mistérios da fé por meio dos conhecimentos é tão impossível quanto a um camelo entrar pelo furo de uma agulha. E tão impossível quanto a uma costela governar as fibrilas mais puras do peito e do coração. O sensual e os conhecimentos são, respectivamente, tão grosseiros e ainda mais grosseiros em relação ao espiritual e celeste. Quem quiser investigar apenas as coisas da natureza, que são inúmeras, mal desvenda uma; e, como se sabe, cai em falsidades enquanto investiga. O que será, então, se quiser examinar as coisas ocultas da vida espiritual e celeste, onde há dezenas de milhares para cada uma das que estão invisíveis na natureza? [2] Como ilustração, seja apenas este exemplo: O homem não pode de si mesmo fazer outras coisas senão o mal e o falso e se desviar do SENHOR. Todavia, não é o homem que o faz, mas os maus espíritos que estão com ele; e nem os maus espíritos, mas o mal mesmo de que se apropriaram; e, sempre, é o homem que faz o mal e se desvia, e é sua culpa; e, todavia, não vive a não ser pelo SENHOR. Por outro lado, o homem nunca pode de si mesmo praticar o bem e se converter ao SENHOR, mas o faz pelos anjos; nem os anjos o podem, mas fazem-no somente pelo SENHOR; e, sempre, o homem pode como de si mesmo fazer o bem e se converter ao SENHOR. Que a coisa se passe assim, nunca os sentidos, os conhecimentos e a filosofia poderão compreender; se são consultados, eles as negam absolutamente, quando todavia são em si mesmas verdadeiras. Semelhantemente ocorre em todas as outras coisas. [3] Por aí se pode ver que aqueles que consultam as coisas dos sentidos e dos conhecimentos sobre o que devem crer precipitam-se não só em dúvidas, mas também na negação, isto é, na escuridão. E, quando estão na escuridão, estão também em todas as cobiças, pois, quando crêem o falso, também fazem o que é falso; e, quando crêem que não existe o espiritual e celeste, crêem que existe somente o corpóreo e mundano. Assim, amam tudo o que pertence a si mesmos e ao mundo, e daí é que do falso se originam as cobiças e os males.



Gênesis
Capítulo Terceiro
(Continuação)

14. *E disse Jehovah Deus à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita tu [serás] mais do que toda besta, e mais do que toda fera do campo. Sobre teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias de tua vida.*
15. *E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre tua semente e a semente dela; Ele te pisará a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar.*
16. *E à mulher disse: Multiplicando multiplicarei¹ tua dor e tua concepção; com dor parirás filhos, e para teu varão [será] tua obediência, e este te dominará.*
17. *E ao homem disse: Porquanto ouviste a voz de tua esposa, e comeste da árvore da qual te mandei dizendo: Não comerás dela, maldito será o humo por causa de ti. Em grande dor comerás dele todos os dias de tua vida.*
18. *E espinho e cardo produzirá para ti, e comerás a erva do campo.*
19. *No suor de teu rosto comerás pão, até que voltes para o humo, porque dele foste tomado. Porque tu és pó, e a pó voltarás.*

¹ Literalmente do latim: *Multiplicando multiplicabo*. Vide comentário acima sobre a repetição enfática deste verbo.

Conteúdo

234. É descrito o estado subsequente da Igreja até o dilúvio. E como a Igreja então se perdeu inteiramente, é predito que o SENHOR há de vir ao mundo e há de salvar o gênero humano.

235. Como eles não quiseram mais crer senão naquilo que apreendessem pelos sentidos, o sensual, que é a “serpente”, se amaldiçoou e se tornou infer-

nal, vers. 14.

236. Por conseqüência, para que todo homem não fosse precipitado no inferno, o SENHOR prometeu que viria ao mundo, vers. 15.

237. A Igreja é mais amplamente descrita pela “mulher”, que de tal maneira amou a si mesma ou ao *proprium*, que nada mais podia compreender do vero, ainda que a eles se tenha dado um racional que devia dominar, vers. 16.

238. Então é descrita a qualidade do racional, que deu o consentimento e, assim, também se amaldiçoou e se tornou infernal, de modo que não mais tenha permanecido a razão, mas o raciocínio, ver. 17.

239. Descrevem-se a maldição e a vastação deles, bem como sua natureza selvagem, vers. 17.

240. Depois, a aversão por tudo o que é da fé e do amor; e assim, de homens que eram, tornaram-se não-homens, vers. 19.

Sentido Interno

241. Os antiqüíssimos, que eram celestes, eram tais que todas as coisas que viam no mundo e sobre a terra, de fato as viam, mas pensavam nas coisas celestes e Divinas que elas significavam ou representavam. A vista deles era somente um certo instrumental, e, assim, era, conseqüentemente, a natureza de sua linguagem. Pela sua própria experiência, qualquer um pode saber como teria sido isso. Com efeito, aquele que dirige a atenção para o sentido das palavras do que fala, de fato ouve as palavras, mas é como se as não ouvisse; apreende somente o sentido. E aquele que pensa mais profundamente, nem mesmo presta atenção ao sentido das palavras, mas às coisas mais universais do sentido. Mas essas descendências de que agora se trata não eram como os seus pais, quando viam as coisas mundanas e terrestres. Como amavam essas coisas, as tinham presentes em sua mente e pensavam sobre elas e, por elas, sobre as coisas celestes e Divinas. Assim, para eles o sensual começou a ser o principal e não o instrumental, como era para os seus pais. E, quando o terrestre e mundano se torna o principal, então, por este começam a raciocinar sobre as coisas celestes, e se cegam. Qualquer um pode saber também, pela própria experiência, que o caso é assim. Com efeito, aquele que não dirige a atenção ao sentido das palavras mas às palavras, esse apreende pouco do sentido, menos do sentido geral e, às vezes, julga todas as coisas que o outro fala por uma única palavra, e até por um único ponto gramatical.

242. Vers. 14: “*E disse JEHOVAH DEUS à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita tu [serás] mais do que toda besta, e mais do que toda fera do campo. Sobre teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias de tua vida*”. “JEHOVAH

DEUS disse à serpente” significa que eles perceberam ser o seu sensual a causa. Que a “serpente seria maldita mais do que toda besta e fera do campo” significa que o sensual se desviou do celeste e se voltou para o corpóreo, e, assim, se amaldiçoou. “Besta e fera do campo” significam, aqui como antes, as afeições. Que a serpente “andaria sobre o ventre” é que o sensual não podia mais olhar para cima, para as coisas celestes, mas para baixo, para as coisas corporais e terrestres. Que “comeria pó todos os dias da vida” é que o sensual tornou-se tal que não podia viver senão das coisas corporais e terrestres, e, assim, tornou-se infernal.

243. No homem antiqüíssimo celeste, as coisas do corpo eram tais que obedeciam e serviam ao homem interno deles, e com mais do que isso eles não se ocupavam. Mas, depois que eles começaram a amar a si próprios, preferiam as coisas dos sentidos às do homem interno; por isso elas foram separadas, tornaram-se corpóreas e, assim, condenadas.

244. Que “JEHOVAH DEUS disse à serpente” signifique que perceberam que o sensual era a causa, foi mostrado anteriormente; por isso não se deterá nesses pontos.

245. Que “disse à serpente: Maldita tu [serás] mais do que toda besta e mais do que toda fera do campo” signifique que o sensual se desviou do celeste e se voltou para o corpóreo, e, assim, tenha se condenado ou amaldiçoado, pode-se ver muito bem pelo sentido interno da Palavra. JEHOVAH DEUS ou o SENHOR nunca amaldiçoa alguém, nunca Se encoleriza com alguém, nunca induz alguém em tentação, jamais castiga e ainda menos maldiz, mas é a turba diabólica que faz tais coisas, as quais nunca podem vir da Fonte de misericórdia, paz e bondade. Que, todavia, seja dito em várias passagens na Palavra que JEHOVAH DEUS não só desvia as faces, encoleriza-Se, castiga e tenta, como também que Ele mata e até amaldiçoa, a razão disso é para que as pessoas creiam que o SENHOR governa e ordena todas e cada uma das coisas no universo, até o próprio mal, as penas e as tentações. E após terem recebido essa idéia mais geral, aprendem, em seguida, como Ele governa e ordena, e como Ele converte em bem o mal da pena e o mal da tentação. A ordem para se ensinar e se aprender na Palavra é começar pelas coisas mais gerais; por isso o sentido da letra é abundante dessas coisas mais gerais.

246. Que a “besta e a fera do campo” signifiquem as afeições, pode-se ver pelas coisas que foram ditas anteriormente sobre a besta e a fera, nos n°s 45 e 46, às quais é lícito acrescentar o que está em David:

“Uma chuva de benevolências derramas, ó DEUS; a herança Tua [em] sofrimento, Tu a confirmas; Tuas feras habitarão nela” (Sal. 68:9,10),

onde também a “fera” é a afeição do bem, porque habitará na herança de DEUS. Que aqui, como também no capítulo 2, vers. 19 e 20, se diz “besta e fera do campo”, enquanto no capítulo 1, vers. 24 e 25 se disse “besta e fera da terra”, é porque se trata da Igreja ou do homem regenerado – porque “campo” é um vocábulo que se aplica à Igreja ou ao regenerado – ao passo que no capítulo primeiro se

tratou da não-Igreja ou do homem que deve ser regenerado.

247. Que “a serpente andaria sobre o ventre” seja que o sensual não podia mais olhar para cima, para as coisas celestes, como antes, mas para baixo, para as coisas corpóreas e terrestres, vê-se pelo seguinte: na antigüidade, pelo “ventre” eram significadas as coisas que estão próximas à terra; pelo “peito”, as que estão sobre a terra; e pela “cabeça”, as que são supremas. Assim, aqui, o sensual, que em si é o mais baixo do homem, porque se volta para o que é terrestre, é que “andaria sobre o ventre”. Isto também foi significado na Igreja Judaica pela prostração do ventre até à terra e pelo ato de se espalhar pó sobre a cabeça. Assim se diz em David:

“Por que escondes as Tuas faces, Te esqueces da nossa miséria, e da nossa opressão? Pois nossa alma se curvou até o pó, e nosso ventre apega-se à terra. Levanta-Te [em] nosso auxílio, e resgata-nos por causa de Tua misericórdia” (Sal. 44:24-26),

onde também se vê como o homem se apega ao “pó” e o seu “ventre à terra” quando se desvia da face de JEHOVAH. Também em *Jonas*, pelo ventre do grande peixe em que ele foi lançado são significados os inferiores da terra, como se vê pela profecia em seu livro:

“Do ventre do inferno clamei, Tu ouviste a minha voz” (2:2),
onde o “inferno” é a terra inferior.

248. Por isso, quando o homem olhava as coisas celestes, dizia-se que andava ereto e que olhava para cima ou para a frente, o que é a mesma coisa. Quando, todavia, olhava as coisas corpóreas e terrestres, que estava encurvado para a terra e olhava para baixo ou para trás. Como no *Levítico*:

“Eu [sou] JEHOVAH vosso DEUS, Que vos tirei da terra do Egito, para que não fôsseis seus escravos; e quebrei os vínculos de vosso jugo, e vos fiz andar eretos” (26:13);

em *Miquéias*:

“Não retirareis dali vossas cervizes e não andareis eretos” (2:3);

em *Jeremias*:

“Um pecado Jerusalém pecou... por isso eles a desprezaram, porque viram a sua nudez; ela também gemeu, e se voltou para trás... Do alto enviou fogo em meus ossos... e me fez voltar para trás, fez-me assolada” (Lam. 1:8,13);

em *Isaías*:

“JEHOVAH teu Redentor... que faço tornar atrás os sábios e faço estúpida a ciência deles” (44:24,25).

249. Que “comer pó todos os dias da vida” signifique que o sensual se tornou assim, e não podia viver por outra coisa senão o que é corpóreo e terrestre e, assim, infernal, vê-se também pela significação de “pó” na Palavra, como em *Mi-*

quéias:

“Apascenta o Teu povo ... como nos dias da eternidade ... As nações verão e envergonhar-se-ão, por causa de todo o seu poder ... lamberão o pó como a serpente, e como serpentes da terra, mover-se-ão para fora de seus encerramentos” (7:14,16,17);

“dias de eternidade” é a Igreja Antiquíssima; as “nações”, os que confiam no *proprium*, aos quais se atribui “lamber o pó como serpente”. Em David:

“Diante de DEUS se encurvarão os bárbaros, e os seus inimigos lamberão o pó” (Sal. 72:9);

“bárbaros e inimigos” são aqueles que olham somente as coisas terrestres e mundanas. Em *Isaiás*:

“Para as serpentes, pó será o pão” (65:25).

Como o “pó” significava aqueles que não olhavam as coisas espirituais e celestes, mas as corpóreas e terrestres, o SENHOR ordenou aos discípulos que

“Se a cidade ou a casa não fosse digna, sacudissem o pó de seus pés” (Mt. 10:14).

O “pó” significa o que é condenado e infernal; sobre isto, serão vistas mais coisas no vers. 19.

250. Vers. 15: *“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre tua semente e a semente dela; Ele te pisará a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar”*. Ninguém hoje ignora que esta é a primeira profecia do Advento do SENHOR ao mundo; isto se vê claramente, até pelas próprias palavras. Por aí e também pelos Profetas os judeus sabem que o Messias deve vir. Mas ninguém soube ainda o que se entende em particular pela serpente, pela mulher, pela semente da serpente, pela semente da mulher, pela cabeça da serpente que Ele pisará e pelo calcanhar que a serpente ferirá. Por isso, essas coisas devem ser expostas. Pela “serpente” se entende aqui todo mal em geral e o amor de si em particular; pela “mulher” se entende a Igreja; pela “semente de serpente”, toda infidelidade; pela “semente de mulher” a fé no SENHOR; por “Ele”, o SENHOR Mesmo; pela “cabeça de serpente” o domínio do mal em geral e do amor de si em particular; por “pisar”, o abatimento para que ande sobre o ventre e coma pó; pelo “calcanhar”, o ínfimo natural, como o corpóreo, que a serpente “ferirá”.

251. Que pela “serpente” se entenda todo mal em geral e o amor de si em particular, é porque todo mal surgiu do sensual e depois do conhecimento, os quais foram significados no princípio pela “serpente”. Por isso ela agora significa o mal mesmo, qualquer que seja, e em particular o amor de si ou o ódio contra o próximo e o SENHOR, o que é o mesmo que o amor de si. Esse mal ou ódio, porque é múltiplo e dividido em seus muitos gêneros e ainda maior número de espécies, é distinguido na Palavra pelos gêneros de serpentes, como pelas cobras, pelos basiliscos, pelas áspides, pelas cobras-de-sangue [*haemorrheos*], pelas présteres ou

serpentes-de-fogo, pelas serpentes voadoras e pelas que se arrastam, e pelas víboras, portanto, segundo as diferenças de veneno, que é o ódio. Como em *Isaías*:

“Não te alegres tu, toda a Filístia, por ser quebrada a vara que te fere; porque da raiz da serpente sairá um basilisco, e de seu fruto uma serpente [prester] voadora” (14:29),

“raiz da serpente” é o sensual e o conhecimento; o “basilisco” é o mal e o falso daí proveniente; a “serpente [prester] voadora” é a cobiça que é do amor de si. E, no mesmo profeta, se fala de outro modo sobre as mesmas coisas, assim:

“Ovos de basiliscos chocam, e teias de aranha tecem; o que comer dos ovos deles morrerá, e quando são apertados, sai deles uma víbora” (59:5).

Essa serpente se chama, no *Apocalipse*, “grande dragão vermelho” e “serpente antiga”; depois:

“Diabo e satanás, que seduz todo o orbe das terras” (12:3,9;20:2).

Aqui e em outros lugares, pelo “diabo” nunca se entende algum diabo como chefe dos outros, mas toda a turba dos maus espíritos e o próprio mal.

252. Que pela “mulher” se entenda a Igreja, pode-se ver pelo casamento celeste de que se falou acima, no n.º 155. O casamento celeste é tal que o céu, e, assim, a Igreja, é unido ao SENHOR pelo *proprium* a tal ponto, que está no *proprium*, pois sem o *proprium* não há união. Quando o SENHOR, por misericórdia, insinua nesse *proprium* a inocência, a paz e o bem, ele se mostra ainda como *proprium*, mas então é celeste e felicíssimo, como se vê acima, no n.º 164. Mas a qualidade do *proprium* celeste e angélico que vem do SENHOR e a qualidade do *proprium* infernal e diabólico que vem de si mesmo ainda não podem ser descritas. A diferença é tal a que existe entre o céu e o inferno.

253. Pelo *proprium* celeste e angélico, a Igreja na Palavra se chama “mulher”, como também “esposa” “virgem” e “filha”. Que ela se chame “mulher”, vê-se no *Apocalipse*:

“Uma mulher envolta pelo sol, e a lua sob os seus pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas;... e que o dragão perseguiu a mulher que dará à luz um [filho] macho” (12:1,4,5,13);

onde pela “mulher” se entende a Igreja; pelo “sol” o amor; pela “lua” a fé; pelas “estrelas” as verdades da fé, como antes. Os maus espíritos odeiam essas coisas e as perseguem por todos os meios. Que ela se chame “mulher” e também “esposa”, vê-se em *Isaías*:

“Porque os teus Maridos e os teus Feitores, o Seu nome se chama JEHOVAH Zebaoth, o Santo de Israel, DEUS de toda a terra; pois como à mulher abandonada e aflita de espírito, chamou-te JEHOVAH, e como esposa das adolescências” (54:5,6);

onde “Marido” e “Feitor” estão numa espécie de plural, porque há ao mesmo tempo o *proprium*; “mulher abandonada” e “esposa das adolescências” são,

especificamente, a Igreja Antiga e a Antiquíssima. Semelhantemente em *Malaquias*:

“JEHOVAH foi testemunha entre ti e a esposa de tuas adolescências” (2:14).

Que ela se chame “esposa” e “noiva”, vê-se no *Apocalipse*:

“Vi a cidade santa, a [Nova] Jerusalém descendo de DEUS pelo céu, preparada como a noiva adornada para seu marido... Vem, e mostrar-te-ei a noiva do Cordeiro, a esposa” (21:2,9).

Que ela se chame “virgem” e “filha” é comum nos Profetas.

254. Que pela “semente da serpente” seja entendida toda infidelidade, vê-se pela significação da “serpente” que é todo mal. A semente é o que produz e é produzido, ou o que gera e é gerado. E, como aqui se trata da Igreja, é a infidelidade. Em *Isaías*, se fala da “semente dos maus”, “semente de adultério” e “semente da mentira”, onde se trata da Igreja Judaica pervertida:

“Ai da nação pecadora, do povo carregado de iniquidade, da semente dos maus, dos filhos destruidores; deixaram JEHOVAH, provocaram o Santo de Israel, desviaram-se para trás” (1:4).

Depois:

“Chegai-vos aqui, filhos da agoureira, semente de adultério... não nasceste da prevaricação, semente de mentira?” (Ibid. 57:3,4).

E:

“Foste lançado de teu sepulcro como broto abominável... porque tua terra corrompeste, teu povo mataste; a semente de maus não se nomeará para sempre” (14:19,20),

onde se trata da serpente ou do dragão, que aí se chama Lúcifer.

255. Que pela “semente da mulher” se entenda a fé no SENHOR, vê-se pela significação de “mulher”, que é a Igreja. Sua semente não é outra coisa senão a fé. É pela fé no SENHOR que ela existe e se chama Igreja. Em *Malaquias* a fé é chamada “semente de DEUS”:

“JEHOVAH foi testemunha entre ti e entre a esposa de tuas adolescências... e não fez Ele somente um, e o resto, espírito para ele? E quem há, um só, que busque a semente de DEUS? Mas guardai-vos em vosso espírito, e contra a esposa de tuas adolescências não ajas tu perfidamente” (2:14,15),

onde a “esposa das adolescências” é a Igreja Antiga e Antiquíssima de cuja semente ou fé aí se trata. Em *Isaías*:

“Derramarei águas sobre o sedento, e correntes sobre a [terra] seca; derramarei [Meu] espírito sobre a tua semente, e Minha bênção sobre os descendentes de ti” (44:3);

onde também se trata da Igreja. No *Apocalipse*:

“Irou-se o dragão contra a mulher e foi fazer guerra aos restantes de sua semente, que guardavam os mandamentos de DEUS e têm o testemunho de JESUS CRISTO” (12:17);

e em David:

“Firmei uma aliança com o Meu Eleito, jurei a David, Meu servo: Para a eternidade estabelecerei a tua semente; ...e edificarei perpetuamente a tua semente, e o Seu trono como os dias dos céus; ...sua semente existirá na eternidade, e o seu trono como o sol perante Mim” (Sal. 89:3, 4, 29, 36),

onde por “David” se entende o SENHOR, pelo “trono” o Seu reino, pelo “sol” o amor e pela “semente” a fé.

256. Não somente a fé é chamada “semente de mulher”, mas também o SENHOR Mesmo é chamado assim, tanto porque só Ele dá a fé e, assim, é a fé, quanto porque Lhe aprouve nascer, e até numa Igreja que caíra inteiramente no *proprium* infernal e diabólico por causa do amor de si e do mundo. Ele fez isso por Seu Divino Poder, para unir o *Proprium* Divino Celeste ao *proprium* Humano em Sua Essência Humana, para que se fizessem Um n`Ele. Sem esta união, o mundo pereceria inteiramente. Como o SENHOR é a “Semente de Mulher”, não se diz “aquilo” [a semente], mas “Ele”.

257. Que pela “cabeça da serpente” se entenda o domínio do mal em geral e do amor de si em particular, pode-se ver pela sua natureza, que é tal que não só procura o domínio, mas também o domínio sobre todas as coisas da terra; e nem assim descansa, mas quer dominar sobre todas as coisas do céu; e nem mesmo assim, mas quer dominar sobre o SENHOR; e, mesmo então, não descansaria. Eis o que está oculto em cada centelha do amor de si. Se apenas for favorecido e se lhe soltar o laço, perceberás que logo precipitará e crescerá até aquele ponto. Daí se vê como a “serpente” ou o mal do amor de si quer dominar; e a quem não pode dominar, ele odeia. Isto é a “cabeça da serpente” que se levanta e que o SENHOR “pisa” e abaixa até à terra, para que “ande sobre o ventre e coma pó”, como foi dito no versículo imediatamente precedente. Em *Isaías*, assim se descreve a “serpente” ou o “dragão”, que se chama Lúcifer:

“Lúcifer, tu disseste em teu coração: aos céus subirei, sobre as estrelas de DEUS exaltarei meu trono, e sentar-me-ei no monte da convenção, nos lados do norte. Subirei sobre os excelsos lugares da nuvem, tornar-me-ei igual ao Altíssimo. Entretanto, no inferno serás precipitado, para os lados da cova” (14:13,15).

A “serpente” ou “dragão” é descrita também no *Apocalipse*:

“Um dragão grande, vermelho, tendo sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças muitos diademas ... mas foi precipitado na terra” (12:3,9),

onde se descreve o quanto ele levantou a cabeça. Em David:

“Dito de JEHOVAH ao Meu SENHOR: Assenta-Te à Minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés. O cetro de Tua força JEHOVAH enviará de Sião ... Ele julgará as nações, encheu de cadáveres, esmagou a cabeça sobre muita terra; da torrente no caminho beberá, por isso exaltará a cabeça” (Sal. 110:1, 2, 6, 7).

258. Que por “pisar” ou esmagar se entenda o abaixamento “para que ande sobre o ventre e coma pó”, vê-se agora e pelo versículo precedente. Semelhantemente também em *Isaías*:

“JEHOVAH abateu os que habitavam o alto; a cidade exaltada Ele humilhará até à terra, derriba-la-á até o pó, o pé a pisará” (26:5,6).

Depois:

“Abaterá na terra com a mão; com os pés a calcarão, coroa do orgulho” (28:2,3).

259. Que pelo calcanhar seja entendido o ínfimo natural ou o corpóreo, não se pode sabê-lo a menos que se saiba de que maneira os antiqüíssimos consideravam as coisas que estão no homem. As suas coisas celestes e espirituais referiam à cabeça e à face; as que existiam por elas, como a caridade e a misericórdia, referiam ao peito; mas as naturais, aos pés, e as naturais mais inferiores à planta dos pés; as naturais ínfimas e as corpóreas, ao calcanhar. Eles não só as referiam a essas partes, mas também as chamavam assim. As coisas ínfimas da razão ou as dos conhecimentos foram também entendidas pelas coisas que Jacob profetizou a respeito de Dan:

“Dan será uma serpente no caminho, uma áspide na vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e seu cavaleiro cai por detrás” (Gên. 49:17).

E pelas que estão em David:

“A iniquidade de meus calcanhares me cercou” (Sal. 49:6).

Semelhantemente ao que se diz de Jacob, quando saiu [do útero],

“Que sua mão segurou o calcanhar de Esaú, e daí se chamou Jacob” (Gên. 25:26).

O nome “Jacob” vem de “calcanhar”, porque a Igreja Judaica, significada por “Jacob”, feriria o calcanhar. A serpente pode ferir apenas as coisas ínfimas naturais, mas não pode — exceto se for uma espécie de víbora — ferir as coisas naturais interiores no homem, ainda menos as espirituais e muito menos ainda as celestes; essas, o SENHOR conserva e as oculta, sem que o homem o saiba. As coisas que o SENHOR oculta se chamam “reliquias” na Palavra. Mas de que maneira a “serpente” destruiu essa parte ínfima nos antediluvianos pelo sensual e pelo amor de si; de que maneira a destruiu nos judeus pelas coisas sensuais, pelas tradições e frivolidades, e pelo amor de si e do mundo; e de que maneira hoje destrói e tem destruído pelas coisas sensuais, pelas coisas do conhecimento e filosóficas, e, ao

mesmo tempo, pelos mesmos amores, na seqüência se dirá, pela Divina misericórdia do Senhor.

260. Por aí se vê que foi revelado à Igreja daquele tempo que o SENHOR viria ao mundo e Ele os salvaria.

261. Vers. 16: “*E à mulher disse: Multiplicarei grandemente tua dor e tua concepção; com dor parirás filhos, e para teu varão [será] tua obediência, e este te dominará*”. Pela “mulher”, agora, é significada a Igreja, por causa do *proprium* que ela amou; por “multiplicando multiplicarei a dor” é significada a luta e, pela luta, a ansiedade; pela “concepção” é significado todo o pensamento; pelos “filhos que pariria com dor” são significados os veros que, assim, produziria; pelo “varão”, aqui como anteriormente, é significado o racional ao qual ela deve obedecer e que dominará.

262. Que pela “mulher” seja significada a Igreja, foi dito anteriormente. Aqui, é a Igreja pervertida pelo *proprium* que antes foi significado pela mulher, porque se trata da descendência da Igreja Antiquíssima que se pervertera.

263. Quando, pois, o sensual se desvia ou se amaldiçoa, segue-se que os maus espíritos começam a combater com vigor e os anjos que estão no homem começam a se esforçar; por isso a luta é descrita desta maneira, por “multiplicarei grandemente a dor quanto à concepção e quanto ao parto dos filhos”, isto é, quanto aos pensamentos e às produções do vero.

264. Que “a concepção e o parto dos filhos” não sejam tomados na Palavra de outro modo senão no sentido espiritual, a saber, que a “concepção” é o pensamento e a imaginação [*figmentum*] do coração, e “filhos” são os veros, pode-se ver por estas expressões que estão em *Oséias*:

“... *Efraim, como ave voará a glória deles, desde o parto, não só do útero, mas também da concepção. Ainda que tenham criado seus filhos, contudo os desfilharei, para que não sejam homem; porque também, ai deles! pois que me retirarei deles*” (9:11,12),

onde “Efraim” significa os inteligentes ou a inteligência do vero, e “filhos” os próprios veros. É semelhante à outra passagem a respeito de Efraim ou do inteligente que se tornou insensato:

“*Dores da parturiente lhe vieram; ele [é] um filho não sábio, porque a tempo ele não estará na fenda da madre dos filhos*” (13:13).

E em *Isaías*:

“*Envergonha-te, ó Sidon, porque disse o mar, a fortificação do mar, dizendo: Não tive dor de parto, nem pari, nem criei jovens, nem fiz crescer meninas. Como com a notícia do Egito, haverá dor de parto segundo a notícia de Tiro*” (23:4,5);

onde “Sidon” é aqueles que estiveram nas cognições da fé e as perderam

pelos conhecimentos, e, por conseguinte, se tornaram estéreis. [2] E no mesmo profeta:

“Antes que tivesse dor de parto, ela pariu; e antes que lhe viesse a dor, deu à luz um macho. Quem ouviu tal coisa? Quem viu coisa igual? Acaso teve a terra dor de parto num só dia? ... E não farei parir? disse JEHOVAH; Eu, que faço parir, porventura fecharei [o útero]? disse o teu DEUS” (66:7-9),

onde se trata da regeneração e os “filhos” significam, semelhantemente, os veros da fé. Os bens e veros, por serem as concepções e os partos do casamento celeste, são chamados “filhos” também pelo SENHOR, em *Mateus*:

“Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem, o campo é o mundo, mas a semente são os filhos do reino” (13:37,38);

e os bens e veros da fé salvífica se chamam “filhos de Abraham” (João 8:39), pois a “semente” é a fé, como foi dito no n.º 255; por isso os “filhos”, que são da semente, são os bens e veros da fé. Daí vem também que o SENHOR, por Ser a Semente Mesma, chamou-Se Filho do Homem, isto é, a fé da Igreja.

265. Que pelo “varão” seja significado o racional, vê-se pelo versículo 6 deste capítulo, onde se diz que “a mulher deu ao seu varão com ela, e [ele] comeu”, significando que o racional deu o consentimento; e vê-se também pelas coisas que foram mostradas sobre o varão no n.º 158, onde se entende, por ele, o sábio e inteligente. Aqui, porém, como a sabedoria e a inteligência se perderam por terem eles comido da árvore da ciência, o varão significa o racional, porque não restava outra coisa. Com efeito, o racional é uma imitação da inteligência ou sua semelhança, por assim dizer.

266. Como toda lei e todo preceito existe pelo celeste e espiritual como de seu verdadeiro princípio, segue-se que, assim, é também com esta lei, que é a dos casamentos, a saber, que a esposa, visto que age pela cobiça que é do *proprium* e não pela razão, como o varão age, esteja sob a prudência do varão.

267. Vers. 17. *“E ao homem disse: Porquanto ouviste a voz de tua esposa, e comeste da árvore da qual te mandei dizendo: Não comerás dela, maldito será o humo por causa de ti. Em grande dor comerás dele todos os dias de tua vida”*. Pelo “homem, que ouviu a voz de sua esposa” é significado o varão ou o racional, que deu o consentimento; e como o racional consentiu, também se desviou ou se amaldiçoou, e, por esta razão, todo o homem externo, coisas que são significadas por “maldito o humo por causa de ti”. O estado miserável de sua vida futura é significado por “em grande dor comerás dele”, e mesmo até o fim dessa Igreja, que é “todos os dias de tua vida”.

268. Que o “humo” signifique o homem externo, pode-se ver pelo que foi dito anteriormente a respeito da “terra”, do “humo” e do “campo”. Quando o homem é regenerado, não se chama mais “terra”, mas “humo”, porque nele são implantadas sementes celestes. Também é comparado ao humo e chamado “humo”

em várias passagens na Palavra. É no homem externo, ou em sua afeição e memória, que são implantadas as sementes do bem e do vero, e não no homem interno, porque no interno não há coisa alguma própria do homem, mas no externo. No interno estão os bens e veros que, quando parecem não estar mais presentes, então o homem é externo ou corpóreo; ainda que estejam ocultos no interno pelo SENHOR, o homem não o sabe, pois não se mostram a não ser quando o externo morre, por assim dizer, como costuma acontecer nas tentações, nos infortúnios, nas doenças e na hora da morte. O racional também pertence ao homem externo (n.º 118) e é em si mesmo uma espécie de intermediário entre o interno e o externo, pois o interno opera pelo racional no corpóreo externo. Quando, todavia, o racional consente, então ele separa o externo do interno a tal ponto que não se sabe mais que existe um interno nem, por conseguinte, o que é a inteligência e a sabedoria que são do interno.

269. Que JEHOVAH DEUS ou o SENHOR não tenha amaldiçoado o “humor” ou o homem externo, mas que o homem externo é que se desviou ou se separou do interno e, assim, se amaldiçoou, vê-se pelo que foi mostrado anteriormente no n.º 245.

270. Que “comer do humor em grande dor” signifique um estado miserável de vida, vê-se pelas coisas que precederam e que se seguem, além do que “comer”, no sentido interno, é viver. E, depois, pelo fato de que uma tal vida é consequência de os maus espíritos começarem a lutar e os anjos que estão no homem começarem a se esforçar. E ainda mais depois, quando os maus espíritos começam a dominar. Os maus espíritos então governam o seu homem externo e os anjos o interno, do qual resta tão pouco que os anjos mal podem dali tomar alguma coisa com que defendê-lo; daí a miséria e a ansiedade. Os homens mortos raramente sentem tal miséria e ansiedade, porque não são mais homens, ainda que se achem homens mais do que os outros. Pois eles não sabem mais do que os brutos o que é o espiritual e celeste e o que é a vida eterna; semelhantemente, olham para baixo, para as coisas terrestres, ou então para trás, para as mundanas. Somente favorecem o *proprium* e entregam-se às inclinações naturais [*genio*] e aos sentidos, com inteiro consentimento do racional. E, como são mortos, não sustentariam luta alguma ou tentação. Se lhes acontecesse alguma tentação, seria tão mais grave que não poderiam sobreviver, e, assim, se amaldiçoariam ainda mais e se precipitariam em condenação infernal ainda mais profunda. Por isso são poupados até que tenham passado à outra vida, onde não podem mais morrer por tentação ou por miséria alguma. Então, sustentam gravíssimas tentações que são semelhantemente significadas por estas palavras: “maldito o humor; em grande dor comerás dele”.

271. Que os “dias da vida” signifiquem o fim dos dias da Igreja, sabe-se por isto, que aqui se trata não de um homem em particular, mas da Igreja e de seu estado. O fim dos dias da Igreja era o tempo do dilúvio.

272. Vers. 18. “*E espinho e cardo produzirá para ti, e comerás a erva*

do campo”. Pelo “espinho e cardo” se entende a maldição e a devastação; “comer erva do campo” significa que viveria como fera. O homem vive como fera quando o interno é separado do externo, de sorte que aquele não opera neste a não ser do modo mais geral. Pois o homem é um homem por ter um homem interno que lhe vem do SENHOR. O homem, todavia, é uma fera por ter um externo que, separado do interno, em si mesmo não é outra coisa senão uma fera. Há nele uma semelhante natureza, semelhantes cobiças, semelhantes apetites, semelhantes fantasias e semelhantes sensações; as formas orgânicas são também semelhantes. Que, contudo, ele possa raciocinar, e, como lhe parece, astutamente, isto ele tem da substância espiritual pela qual a vida do SENHOR pode influir. Mas essa vida é pervertida nele e se torna vida do mal, que é a morte. Daí ele se chama morto.

273. Que “espinho e cardo” signifiquem maldição e devastação, vê-se pelo fato de a colheita e árvore de fruto significarem coisas opostas, que são as bênçãos e as multiplicações. Que o espinho, o cardo, a silva [*sentis*], a sarça [*vepris*] e a urtiga signifiquem tais coisas, vê-se pela Palavra, como em *Oséias*:

“Eis que eles se foram por causa da devastação; o Egito os congregará, Moph [Mênfis] os sepultará, o desejável de sua prata; urtiga os herdará; silva haverá em suas tendas” (9:6);

onde “Egito e Moph [Mênfis]” são aqueles que por si mesmos e por seus conhecimentos querem instruir-se sobre as coisas Divinas. No mesmo profeta:

“Serão destruídos os lugares altos de Aven, pecado de Israel; o espinho e o cardo subirão sobre seus altares” (10:8),

onde “os lugares altos de Aven” são o amor de si, “espinho e cardo sobre os altares” é a profanação. Em *Isaías*:

“Batem nos peitos por causa dos campos do desejo, por causa da vide frutuosa; no humo do Meu povo cresce o espinho dos silvados” (32:12,13).

E em *Ezequiel*:

“Não haverá mais na casa de Israel a silva que pique, nem espinho que cause dor, de todos os seus arredores” (28:24).

274. Que “comer a erva do campo” ou o pasto agreste seja viver como fera, vê-se em *Daniel*, onde se trata de Nebuchadenezzar:

“Dentre os homens te tirarão, e com a besta do campo será tua habitação; far-te-ão comer erva como os bois, e sete tempos passarão sobre ti” (4:32).

E em *Isaías*:

“Não ouviste que desde muito tempo Eu fiz isto, desde os dias de antigüidade, e isto formei? Agora o trouxe, e será para devastar em montões as trincheiras, as cidades fortificadas; e seus habitantes, de mãos caídas se consternaram e se envergonharam; tornaram-se erva do campo e legume da erva, feno dos telhados e campo crestado antes da colheita” (37:26,27).

Aqui se explica o que significam a “erva do campo”, o “legume da erva, o feno dos telhados e o campo crestado”, pois aqui se trata do tempo antediluviano, que se entende por “desde muito tempo” e por “dias de antigüidade”.

275. Vers. 19: “*No suor de teu rosto comerás pão, até que voltes para o humo, porque dele foste tomado. Porque tu és pó, e ao pó voltarás.*” “Comer pão no suor do rosto” significa ser averso ao que é celeste; “voltar ao humo de que foi tomado” é voltar ao homem externo tal qual era antes da regeneração; “que és pó e ao pó voltarás” é ser condenado e infernal.

276. Que “comer pão no suor do rosto” signifique ser averso ao que é celeste, pode-se ver pela significação de “pão”. Pelo “pão” se entende todo espiritual e celeste, que é a comida angélica; se os anjos fossem privados dela, não viveriam, assim como o homem se fosse privado do pão ou da comida. O celeste e espiritual no céu também correspondem ao pão nas terras e também são representados pelo pão, como se vê em muitas passagens. O SENHOR é o Pão, porque d’Ele vem todo celeste e espiritual. Ele mesmo o ensina em *João*:

“*Eis o Pão que desceu do céu... Quem comer deste pão viverá eternamente*” (6:58).

Por isso também o pão e o vinho são símbolos na Santa Ceia. O celeste foi representado também pelo maná. Que o celeste e espiritual seja a comida angélica, vê-se também por estas palavras do SENHOR:

“*Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de DEUS*” (Mt. 4:4),

isto é, da vida do SENHOR, da qual procede todo celeste e espiritual. [2] A última descendência da Igreja Antiquíssima, que viveu pouco antes do dilúvio, de que se trata aqui, estava de tal modo perdida e imersa nos sensuais e corpóreos que eles não queriam ouvir o que era a verdade da fé e o que era o SENHOR que viria para os salvar. E, quando, se lhes mencionavam essas coisas, tinham-lhes aversão. Essa aversão é descrita por “comer pão no suor do rosto”. O mesmo sucedeu com os judeus, que, como eram tais que não reconheciam as coisas celestes, não quiseram outro Messias senão um mundano. Assim, não puderam deixar de ter aversão pelo maná, porque era a representação do SENHOR e de chamá-lo pão vil; por isso foram mandadas serpentes sobre eles (Núm. 21:5, 6). Além disso, as coisas celestes que lhes causavam angústia, miséria e lágrimas eram chamadas por eles de pão de angústia, pão de miséria e pão de lágrimas. As coisas que lhes causavam aversão se chamam aqui “pão do suor do rosto”.

277. Este é o sentido interno. Quem se atém à letra não apreende outra coisa senão que o homem devia obter do humo o pão para si pelo trabalho ou suor do rosto. Mas aqui pelo “homem” não se entende um homem, mas a Igreja Antiquíssima, nem pelo “humo” o humo, nem pelo “pão” o pão, nem pelo “jardim” um jardim, mas as coisas que são celestes e espirituais, como já foi suficientemente mostrado.

278. Que por “voltar ao humo de que foi tomado” seja significado que a Igreja voltaria ao homem externo tal qual era antes da regeneração, vê-se por isso, que o “humo” significa o homem externo, como foi dito antes. E que o “pó” signifique o que é condenado e infernal, vê-se também pelas coisas que foram ditas sobre a serpente, que, como foi amaldiçoada, se disse que “comeria pó”. além das coisas que foram mostradas sobre a significação do pó, podem-se acrescentar as que estão em David:

“Perante JEHOVAH se curvarão todos os que descem ao pó, e cuja alma Ele não vivificou” (Sal. 22:29).

E em outro lugar:

“Escondes a Tua face, ficam perturbados; retiras o seu fôlego [spiritum], eles expiram e voltam ao seu pó” (Sal. 104:29),

isto é, que “expiram” ou morrem quando se desviam da face do SENHOR, e, assim, “voltam ao pó”, isto é, tornam-se condenados e infernais.

279. Todos esses versículos agora tomados em série envolvem que o sensual se desviou do celeste: vers. 14; que o SENHOR virá ao mundo e que o unirá: vers. 15; que o homem externo, tendo-se desviado, daí há um combate: vers. 16; que daí há miséria: vers. 17; que daí há condenação, vers. 18; que, finalmente, daí há o inferno: vers. 19. Essas coisas sucederam nessa Igreja desde a quarta descensão até o dilúvio.



Gênesis

Capítulo Terceiro

(Continuação)

20. *E chamou o homem o nome de sua esposa, Havah; porque ela será a mãe de todos os viventes.*
21. *E fez Jehovah Deus para o homem e a sua esposa túnicas de pele, e os vestiu.*
22. *E disse Jehovah Deus: Eis, o homem foi como um de nós, sabendo o bem e o mal; e agora talvez lance sua mão e tome também da árvore de vidas, e coma e viva eternamente.*

23. *E Jehovah Deus o lançou fora do jardim do Éden, para cultivar o humo, do qual foi tomado.*
24. *E expulsou o homem. E fez habitar, para o oriente do jardim do Éden, querubins, e uma chama de espada que girava ao redor, para guardar o caminho da árvore de vidas.*

Conteúdo

280. Trata-se aqui, em suma, da Igreja Antiquíssima e dos que retrocederam, como também de sua descendência até o dilúvio, quando expirou.

281. Da Igreja Antiquíssima mesma, que era celeste e, pela vida da fé no SENHOR, foi chamada “Havah” e “mãe de todos os viventes”, vers. 20.

282. De sua Primeira descendência, na qual havia o bem celeste espiritual; e da Segunda e Terceira, nas quais havia o bem natural, o qual é significado pela “túnicas de pele que JEHOVAH DEUS fez para o homem e sua esposa”, vers. 21.

283. Da Quarta descendência, na qual o bem natural começou a ser dissipado. Estes, se tivessem sido criados de novo, ou fossem instruídos nos celestes da fé, teriam perecido. Isto é: “talvez lance sua mão e tome também da árvore de vidas, e viva eternamente”, vers. 22.

284. Da Quinta descendência, que foram privados de todo bem e vero e voltaram ao estado em que estiveram antes da regeneração. Isto é “ser lançado fora do jardim do Éden para cultivar o humo, do qual foi tomado”, vers. 23.

285. Da Sexta e Sétima posteridades, que se separaram do conhecimento do bem e do vero, e se entregaram aos seus horrendos amores e persuasões. E assim, foi provido para que não profanassem as coisas santas da fé, o que foi significado por “expulsar” e “fazer habitar querubins com chama de espada, para guardar o caminho da árvore de vidas”, vers. 24.

Sentido Interno

286. No que precede até aqui, tratou-se dos antiquíssimos, que eles foram regenerados. Primeiramente daqueles que viveram como feras e, finalmente, se tornaram homens espirituais; depois, dos que se tornaram homens celestes, que constituíram a Igreja Antiquíssima; em seguida, destes homens e dos descendentes que retrocederam e, por ordem, da primeira descendência, da segunda, da terceira e, enfim, das seguintes até o dilúvio. Nos versículos que aqui se seguem até o fim

deste capítulo há uma recapitulação, a partir do homem da Igreja Antiquíssima até o dilúvio; assim, é uma conclusão de tudo o que precede.

287. Vers. 20: *“E chamou o homem o nome de sua esposa, Havah; porque ela será a mãe de todos os viventes”*. Pelo “homem” se entende aqui o varão da Igreja Antiquíssima, ou o homem celeste; pela “esposa e mãe de todos os viventes”, a Igreja; diz-se “mãe” pelo fato de ser a primeira Igreja, e “vivente”, pela fé no SENHOR, Que é a Vida mesma.

288. Que pelo “homem” se entenda o varão da Igreja Antiquíssima, ou o homem celeste, foi mostrado anteriormente; e mesmo se mostrou que o SENHOR, só, é Homem, e d’Ele é que todo homem celeste é homem, porque é semelhança Sua. Por isso chamava-se “homem” a todo e qualquer um que fosse da Igreja, e, finalmente, a quem pelo corpo aparece como homem, para distingui-lo das bestas.

289. Que pela “esposa” se entenda a Igreja e, no sentido universal, o reino do SENHOR nos céus e nas terras, também foi mostrado anteriormente. Daí se segue também o que se entende por “mãe”. É comum que a Igreja se chame “mãe” na Palavra, como em *Isaías*:

“Onde está o libelo de divórcio de vossa mãe?” (50:1);
em *Jeremias*:

“Muito envergonhada ficou vossa mãe, ficou corada de vergonha a vossa genitora” (50:12);
em *Ezequiel*:

“Filha de tua mãe, que tinha nojo de seu marido e dos seus filhos; vossa mãe [foi] hetéia, e vosso pai morreu” (16:45),
onde “marido” é o SENHOR e todo celeste, “filhos” são os veros da fé, “hetéia” é o falso, “morreu” é o mal. No mesmo:

“Tua mãe [era] como uma videira à tua semelhança, plantada junto às águas; era fértil em frutos em folhagem por causa das muitas águas” (19:10);
aqui, “mãe” é a Igreja Antiga. A Igreja Antiquíssima, principalmente, é chamada “mãe” porque foi a primeira, como também a única que era celeste, e por isso ela foi, mais do que as outras, amada pelo SENHOR.

290. Que ela se chame “mãe de todos os viventes” por causa da fé no SENHOR, que é a Vida mesma, pode-se ver também pelas coisas que foram mostradas anteriormente. Não pode existir senão uma única Vida, da qual deriva a vida de todos. E não pode existir vida alguma que seja vida a não ser pela fé no SENHOR, que é a Vida. Nem pode haver fé em que haja vida a não ser por Ele, por conseguinte, na qual Ele esteja. Por isso o SENHOR é referido na Palavra como o “Único Vivo”, e é chamado “JEHOVAH Vivo”, *Jer. 5:2; 12:16; 16:14; 23:7; Eze. 5:11*: “O que vive eternamente”; *Dan. 4:31; Apoc. 4:10; 5:14; 10:6*. Em David: “Nascente da vida”, *Sal. 36:9*; em *Jeremias*: “Fonte das águas vivas” -17:13. O céu, que vive

por Ele, se chama “Terra dos viventes”, -*Isa. 38:11, 53:8; Eze. 26:20; 32:23-27, 32; Sal. 27:13; 52:5; 142:5*. E os que estão na fé no SENHOR são chamados “viventes”, como em David:

“*Que põe a nossa alma entre os viventes*” (*Sal. 66:9*).

E diz-se dos que estão na fé que eles estão “no Livro de Vidas”, *Sal. 69:28*, e “no Livro da Vida”, *Apoc. 13:8; 17:8; 20:15*. Por isso também, “ser vivificado” se diz dos que recebem a fé n’Ele, *Os. 6:2; Sal. 85:6*. Segue-se daí que, os que não estão na fé foram chamados, por sua vez, “mortos”, como em *Isaías*:

“*Mortos, não vivem; os refaím não ressuscitarão; por isso os visitaste e extinguiaste*” (*26:14*);

esses são os que se intumescem com o amor de si; “ressuscitar” significa entrar na vida. Eles se chamam também “traspassados”: *Eze. 32:23-26, 28-31*; e o inferno se chama “morte”, *Isa. 25:8, 28:15*. Eles também são chamados “mortos” pelo SENHOR, *Mt. 4:16; Jo. 5:24; 8:21, 24, 51, 52*.

291. Nesse versículo se descreve o primeiro tempo, quando a Igreja estava na flor de sua juventude, representando o casamento celeste; por isso ela é também descrita por um casamento e chamada Havah, de “vida”.

292. Vers. 21: “*E fez JEHOVAH DEUS para o homem e a sua esposa túnicas de pele, e os vestiu.*” Estas palavras significam que o SENHOR os instruiu no bem espiritual e natural; que os tenha instruído, isso foi expresso por “fazer e vestir”; e o bem espiritual e natural, por “túnica de pele”.

293. Pela letra não parece que essas coisas sejam significadas aqui; mas é evidente que elas envolvem arcanos mais interiores, pois qualquer um pode saber que JEHOVAH DEUS não lhes faria túnicas de peles.

294. Que a “túnica de peles” signifique o bem espiritual e natural, não se pode ver de nenhuma outra forma senão pela revelação do sentido interior, e, depois, também, pela Palavra onde ocorrem expressões semelhantes. Aqui se diz “peles” em geral, e se entendem peles de cabrito, ovelha e carneiro que, na Palavra, significam afeições do bem, caridade e coisas que pertencem à caridade. Semelhantes coisas são significadas pelas “ovelhas” nos sacrifícios. Chamam-se “ovelhas” todos os que são dotados do bem da caridade, isto é, do bem espiritual e natural; daí é que o SENHOR é chamado “Pastor de ovelhas”, e os que são dotados de caridade são chamados “ovelhas”, como qualquer um sabe.

295. Foi dito que foram “vestidos de túnicas de peles”, em razão de que os antiqüíssimos se diziam estar “nus” por causa da inocência; e, depois, quando perderam a inocência, reconheceram que estavam no mal, que também se chama “nudez”. Para que todas as coisas apareçam ligadas em forma de história, segundo o modo de falar dos antiqüíssimos, eles aqui são ditos estarem “vestidos”, para não estarem não nus ou no mal. Que eles tenham estado no bem espiritual e natural, vê-se pelo que já foi dito e mostrado a respeito deles desde o versículo 1 até o 13 deste

capítulo e, agora, pelo fato de que JEHOVAH DEUS fez [túnicas] e os vestiu. Com efeito, aqui se trata da primeira, mas especialmente da segunda e da terceira descendências da Igreja, as quais foram dotadas de um tal bem.

296. Que pelas “peles dos cabritos, ovelhas, cabras, texugos e carneiros” sejam significados os bens espirituais e naturais, vê-se pelo sentido interno da Palavra, onde se trata de Jacob e da arca. De Jacob, que, estando “vestido com a roupa de Esaú”, tinha, onde estava nu, sobre as mãos e o pescoço, peles de cabritos das cabras; Isaque, ao sentir o cheiro delas, disse:

“O cheiro do meu filho é como o cheiro do campo” (Gên. 27:22,27),

onde se verá, pela Divina misericórdia do Senhor, que essas peles significam os bens espirituais e naturais. Da arca, que a coberta da tenda era de “pele de carneiros e pele de texugos”, *Êxodo 26:14, 36:19*; e Aarão e seus filhos, quando se punham a caminho, cobriam a arca com uma coberta de peles de texugos; cobriam, semelhantemente, a mesa e os seus vasos, o candelabro e os seus vasos, o altar de ouro, os vasos do ministério e do altar, com pele de texugos, *Núm. 4:6, 8, 10-12*. Que estas coisas signifiquem o bem espiritual e celeste, também se verá ali, pela Divina misericórdia do Senhor. Porque tudo o que havia na arca, no habitáculo, na tenda, e até mesmo tudo o que estava sobre Aarão, quando estava vestido com as vestes de santidade, significava o celeste espiritual, de sorte que não havia a mínima coisa que não representasse algo distintamente.

297. O bem celeste é aquele que não é vestido, porque é íntimo e é inocente. Mas o bem celeste espiritual é o que é primeiramente vestido, e, depois, o bem natural, pois são exteriores e são comparados às vestes e se chamam vestes. Como em *Ezequiel*, onde se trata da Igreja Antiga:

“Eu te vesti de bordadura, calcei-te de texugo, cingi-te de linho finíssimo, e te cobri de seda” (16:10).

Em *Isaías*:

“Veste os teus vestidos enfeitados, Jerusalém, cidade de santidade” (52:1).

No *Apocalipse*:

“Os que não mancharam suas vestimentas, e andarão comigo com [vestes] brancas, porque são dignos” (3:4,5).

E, ali também, se trata dos vinte e quatro anciões que estavam “vestidos de vestimentas brancas” (4:4). Assim, os bens exteriores, que são celestes espirituais e naturais, são as “vestes”; por isso também, os que são dotados do bem da caridade aparecem no céu vestidos com vestes resplandecentes. Aqui, porém, porque ainda se estava no corpo, é dito “túnica de pele”.

298. Vers. 22: *“E disse JEHOVAH DEUS: Eis, o homem foi como um de nós, sabendo o bem e o mal; e agora talvez lance sua mão e tome também da árvore de vidas, e coma e viva eternamente”*. Que JEHOVAH DEUS fale no singular e depois no plural, a razão é que por “JEHOVAH DEUS” se entende o SENHOR e, ao

mesmo tempo, o céu angélico. Que o homem “conhecera o bem e o mal” significa que se tornara celeste, assim sábio e inteligente; que “não lançasse mão e tomasse da árvore de vidas” é que não devia instruir-se nos mistérios da fé, pois assim nunca poderia ser salvo na eternidade, o que é “viver eternamente”.

299. Aqui há dois arcanos: o primeiro, que “JEHOVAH DEUS” significa o SENHOR e ao mesmo tempo o céu; o segundo, é que se eles tivessem sido instruídos nos mistérios da fé, teriam perecido para a eternidade.

300. No que concerne ao primeiro arcano, que por JEHOVAH DEUS se entenda o SENHOR e, ao mesmo tempo, o céu, cumpre observar que, na Palavra, é sempre por causa de um arcano que se diz ora somente “JEHOVAH”, ora “JEHOVAH DEUS”, ora “JEHOVAH” e depois “DEUS”, ora “SENHOR Jehovih”, ora “DEUS de Israel”, ora “DEUS” somente, como no primeiro capítulo de *Gênesis*, onde só é chamado “DEUS” e também é citado no plural: “Façamos o homem à nossa imagem”, e é somente no capítulo seguinte, onde se trata do homem celeste, que Ele é nomeado “JEHOVAH DEUS”. Ele é chamado “JEHOVAH” porque só Ele É, ou Vive, assim, por causa da Essência; “DEUS” porque pode todas as coisas, assim, por causa do Poder, como se vê na Palavra onde os nomes são distinguidos: *Isa. 49:4,5; 55:7; Sal. 18:2, 28, 30, 31; 38:15*. Por isso se chamava “DEUS” a todo anjo ou espírito que falasse com o homem e aos quais se atribuíam algum poder, como se vê em David:

“DEUS está na assembléia de deus, no meio dos deuses julgará” (Sal. 82:1);
e em outro lugar:

“Quem no éter será comparado a JEHOVAH? [Quem] se assemelhará a JEHOVAH entre os filhos dos deuses” (Sal. 89:6);
e em outro lugar:

“Confessai o DEUS dos deuses, ...confessai o SENHOR dos senhores” (Sal. 136:2, 3).

Também por causa do poder os homens são chamados “deuses”, como no *Salmo 82:6*, em *João 10:34,35*. Moisés também foi chamado “deus de Faraó” (*Êx. 7:1*); por isso também DEUS é chamado “Elohim”, no plural. Mas como os anjos não têm poder algum por si mesmos, como igualmente confessam, mas têm-no somente pelo SENHOR, e como não há senão um só DEUS, por isso, por “JEHOVAH DEUS” na Palavra entende-se somente o SENHOR. Onde, todavia, se faz alguma coisa pelo ministério dos anjos, como no primeiro capítulo de *Gênesis*, então, se diz no plural. Aqui se dá o mesmo, porque o homem celeste, como homem, não podia ser comparado ao SENHOR, mas aos anjos; daí se diz que o “homem foi como um de nós, conhecendo o bem e o mal”, isto é, sábio e inteligente.

301. O outro arcano é que, se eles tivessem sido instruídos nos mistérios da fé, pereceriam eternamente, o que é significado por estas palavras: “Agora talvez lance sua mão, e tome também da árvore de vidas, e coma, e viva eternamen-

te”. Eis como se dá: quando os homens se tornam ordens invertidas da vida e não querem viver e saber senão por si próprios, então, tudo o que ouvem do que pertence à fé, sobre isso raciocinam se a coisa é assim ou não. E, como o fazem por si mesmos, seus sensuais e seus conhecimentos, não podem deixar de negar, e quando o negam, também blasfemam e profanam. E por fim não se preocupam se misturam coisas profanas com as santas. Quando o homem se torna assim, então, na outra vida, ele é tão condenado que não há esperança alguma de salvação. Porquanto o que foi misturado por profanações mantém-se misturado, de modo que, tão logo sobrevém alguma idéia do que é santo, uma idéia profana se apresenta e também se conjunta, o que faz que não se possa ficar em nenhuma outra sociedade, senão a dos condenados. Na outra vida, os espíritos no mundo dos espíritos, e ainda mais os espíritos angélicos, percebem apuradamente tudo o que se apresenta conjunto à idéia do pensamento de alguém, e de um modo tão apurado que por uma única idéia conhecem a qualidade. Essas coisas profanas adjuntas às santas não podem ser separadas, senão com tormento infernal, que é tal que, se o homem soubesse, evitaria a profanação como ao próprio inferno.

302. Essa foi a razão por que aos judeus, que são tais, nunca foram revelados os mistérios da fé, até a ponto de nem mesmo ter-lhes sido dito que viveriam após a morte, nem, abertamente, que o SENHOR viria ao mundo para os salvar. E mais, em tanta ignorância e entorpecimento eram detidos, e ainda o são, que não souberam, nem sabem que existe um homem interno ou exista alguma coisa interna; pois, se o tivessem sabido, e se soubessem até a ponto de reconhecerem, são tais que o profanariam, e, assim, não haveria para eles esperança alguma de salvação na outra vida. É isso o que se entende pelo que o SENHOR diz em *João*:

“Cegou-lhes os olhos e fechou-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e entendam com o coração, e se convertam, e Eu os cure” (12:40),

e pelo fato de que o SENHOR falou com eles por parábolas e não lhes explicou coisa alguma, “para que, vendo, não vissem, e ouvindo, não ouvissem e entendessem”, como Ele mesmo disse em *Mateus 13:13*. É também por esta razão que todos os mistérios da fé lhes foram ocultos e encobertos sob os representantes de sua Igreja; e o estilo profético é tal devido a essa mesma razão. Mas uma coisa é saber e outra coisa é reconhecer. Quem sabe e não reconhece, esse é como se não soubesse. Quem, todavia, reconhece e depois blasfema e profana, esse é o que se entende por aquelas palavras do SENHOR.

303. O homem adquire vida para si por meio de todas as coisas de que se persuade, isto é, coisas que reconhece e crê. Aquelas de que não se persuade, ou as que não reconhece nem crê, em nada afetam a sua mente. Por isso, ninguém pode profanar as coisas santas se não se persuadiu a ponto de reconhecê-las e ainda negá-las. Os que as não reconhecem podem sabê-las, mas são como se não soubessem, e são mesmo como aqueles que sabem coisas que não são nada. Assim eram os judeus na época do Advento do SENHOR. E, quando as pessoas são tais, são referidas na Palavra como “devastadas” ou aquelas em que a fé não mais existe. Então,

não faz mal que os interiores da Palavra lhe sejam abertos, pois são como videntes que não vêem, e como ouvintes que não ouvem, e têm o coração engrossado, dos quais o SENHOR fala por *Isaías*:

“Vai, e dize a este povo: Ouvindo, ouvis, mas não entendeis, e vendo, vedes, e não conheceis. Engorda o coração deste povo, e agrava-lhe os ouvidos, cobre-lhe os olhos, para que talvez não veja com os seus olhos, e ouça com os seus ouvidos, e entenda com o seu coração, e se converta, para que se cure” (6:9,10).

E que os mistérios da fé não são abertos antes de eles serem tais, a saber, quando estão devastados a ponto de não crerem mais, a fim de que, como foi dito, não possam profanar, isso também o SENHOR disse claramente em *Isaías* logo em seguida:

“Eu disse: Até quando, SENHOR? E disse: Até que sejam desoladas as cidades para não haver habitante, e as casas, para não haver homem, e o humo seja desolado em desolação; e JEHOVAH tenha removido o homem” (Ibid., vers. 11, 12).

“Homem” refere-se ao que sabe, ou que reconhece e crê. Tais eram os judeus, como foi dito, na época do Advento do SENHOR, e pela mesma razão eles ainda são mantidos em tal devastação pelas cobiças, principalmente pela avareza, para que, ainda que ouçam mil vezes sobre o SENHOR e sobre os representativos da Igreja neles, que significam o SENHOR em cada coisa, ainda assim, nada reconheçam nem creiam. Essa, então, foi a causa pela qual os antediluvianos foram expulsos do Jardim do Éden e devastados até a ponto de não poderem reconhecer nada do vero.

304. Por aí se vê que essas são as coisas entendidas por estas palavras: “para que talvez não lançasse sua mão, e tomasse também da árvore de vidas, e comesse, e vivesse eternamente”. “Tomar da árvore de vidas e comer” é saber, até a ponto de reconhecer, tudo o que é do amor e da fé, pois as “vidas”, no plural, são o amor e a fé. “Comer” significa, aqui, como anteriormente, conhecer. “Viver eternamente” não é viver no corpo eternamente, mas viver após a morte em condenação eterna. O homem que é morto não se chama “morto” em razão de que vai morrer após a vida do corpo, mas porque vai viver vida da morte, pois “morte” é a condenação e o inferno. Por “viver” é significado algo semelhante em *Ezequiel*:

“[Porventura] caçareis as almas do Meu povo? E fareis viver almas para vós? E vós Me profanastes entre o Meu povo, ...para matardes as almas que não morrerão, e para fazer viver as almas que não viverão?” (13:18,19).

305. Vers. 23: “E JEHOVAH DEUS o lançou fora do jardim do Éden, para cultivar o humo, do qual foi tomado”. “Ser expulso do jardim do Éden” é ser privado de toda inteligência e sabedoria; “cultivar o humo, do qual foi tomado” é tornar-se corpóreo, tal como foi antes da regeneração. [2] “Ser expulso do jardim do Éden” é ser privado de toda inteligência e sabedoria. Isso se vê pela significação

de “jardim” e “Éden”, dos quais se tratou anteriormente. Com efeito, o “jardim” significa a inteligência ou o entendimento do vero, e “Éden”, porque se refere ao amor, significa a sabedoria ou a vontade do bem. “Cultivar o humo, do qual foi tomado” é tornar-se corpóreo, tal como foi antes da regeneração. Isso foi mostrado anteriormente, no versículo 19, onde se acham palavras semelhantes.

306. Vers. 24: “*E expulsou o homem. E fez habitar, para o oriente do jardim do Éden, querubins, e uma chama de espada que girava ao redor, para guardar o caminho da árvore de vidas*”. “Expulsar o homem” é privá-lo inteiramente de toda vontade do bem e todo entendimento do vero, até a ponto de ele se separar desses e não ser homem. “Fazer habitar, para o oriente, querubins” é prover para que não possa entrar em algum arcano da fé, pois o “oriente do jardim do Éden” é o celeste do qual procede a inteligência; pelos “querubins” é significada a providência do SENHOR para que um tal homem não entre nas coisas que são da fé; pela “chama da espada que se virava” é significado o amor próprio com suas cobiças insensatas e as persuasões daí, que são tais que ele realmente quer entrar, mas é arrastado para longe, para as coisas corpóreas e terrestres, e isso “para guardar o caminho da árvore de vidas”, isto é, para que não possa profanar as coisas santas.

307. Trata-se aqui da sexta e da sétima descendências, que pereceram no dilúvio. Eles foram inteiramente expulsos do jardim do Éden, ou de toda inteligência do vero, e tornaram-se não homens, por assim dizer, e se entregaram às suas insensatas cobiças e persuasões.

308. Foi mostrado anteriormente o que o “oriente” e o “jardim do Éden” significam, assim, não se deve deter nisso. Mas que os querubins signifiquem a providência do SENHOR para que o homem não entre, pelo *proprium*, pelo sensual e pelo conhecimento, nos mistérios da fé e os profane, e, assim, pereça, pode-se ver em mais de um lugar na Palavra onde se faz menção dos querubins. Porque os judeus eram tais que se tivessem conhecido claramente alguma coisa sobre o Advento do SENHOR, os representativos ou figuras da Igreja, que estes significavam o SENHOR, a vida após a morte, o homem interior e o sentido interno da Palavra, teriam profanado e pereceriam para a eternidade. Por conseguinte, isso foi representado pelos querubins no propiciatório sobre a arca, as cortinas do habitáculo, o véu e, semelhantemente, o templo; e foi significado que o SENHOR guardava (*Êx. 25:18-21; 26:1, 31; I Re. 6:23-29, 32, 35*). Pois a arca, em que estava o testemunho, significava a mesma coisa que a “árvore de vidas” aqui, ou seja, o SENHOR e as coisas celestes, que pertencem unicamente ao SENHOR. É daí também que o SENHOR é muitas vezes citado como “o DEUS de Israel montado em querubins” e falou dentre os querubins a Aarão e Moisés (*Êx. 25:22; Núm. 7:89*). Isso está descrito claramente em *Ezequiel*, onde se lêem estas palavras:

“A glória do DEUS de Israel se elevou de cima do querubim, sobre o qual estivera, para a entrada da casa; clamou ao varão vestido de linho... e lhe disse: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e grava um sinal sobre as

testas dos varões que gemem e suspiram sobre todas as abominações feitas no meio dela. E disse aos outros... Passai pela cidade após ele, e feri; vosso olho não poupe, nem useis de clemência; o velho, o jovem, e a virgem, e a criança e as mulheres matai até à destruição;... manchai a casa e enchei os átrios de mortos” (9:3-7);

e adiante:

“Disse ao homem vestido de linho: Entra por entre a roda, até debaixo do querubim, e enche as palmas de tuas mãos de brasas de fogo dentre os querubins, e espalha-as sobre a cidade;... Um querubim estendeu sua mão dentre os querubins para o fogo que estava entre os querubins, tirou e o deu nas palmas das mãos do que estava vestido de linho; e ele o tomou e saiu” (10:1-7),

pelo que se vê que a providência do SENHOR para que não penetrassem nos mistérios da fé é significada pelos “querubins”, e é por isso que eles foram deixados em suas insensatas cobiças, o que é também significado aqui pelo “fogo que seria espalhado pela cidade” e “ninguém seria poupado”.

309. Que pela “chama da espada que se virava” seja significado o amor próprio com suas insensatas cobiças e persuasões que são tais que eles realmente querem entrar, mas são arrastados dali para as coisas corpóreas e terrestres, pode-se confirmar por tantas passagens da Palavra que se encheriam páginas. Seja, por exemplo, somente esta em *Ezequiel*:

“Profetiza e diz: Assim diz JEHOVAH: Dize: A espada, a espada afiada, e também polida para matar uma matança, afiada como se nela houvesse o raio; ...que a espada vire pela terceira vez, a espada dos seus mortos, espada de grande matança, que penetra nas recâmaras até eles, para que o coração se derreta, e se multipliquem os tropeços; em todas as suas portas pus o terror da espada. Ah! tornou-se um raio (21:9,10,14,15);

a “espada” aqui é a desolação do homem para que nada veja do bem e do vero, mas meras falsidades e coisas contrárias, o que é “multiplicar os tropeços”. E estas expressões em *Naum*:

“O cavaleiro que faz subir, e a chama da espada, e o raio da lança, e a multidão dos mortos” (3:3),

a respeito daqueles que querem entrar nos arcanos da fé.

310. Cada palavra deste versículo envolve tantos arcanos e tão profundos que nunca podem ser expostos; são aplicáveis ao gênio desse povo que pereceu no dilúvio, gênio esse que era inteiramente diferente do gênio dos que viveram após o dilúvio. Para que se digam somente umas poucas coisas: os primeiros dos seus ancestrais, que constituíram a Igreja Antiquíssima, foram celestes e, assim, sementes celestes foram implantadas neles. Daí, os seus descendentes tiveram em si uma semente de origem celeste. A semente de origem celeste é tal que o amor governa toda a mente e a faz uma. Porquanto a mente humana é constituída por duas partes: a vontade e o entendimento. O amor ou o bem é da vontade, e o vero

ou a fé é do entendimento. Pelo amor ou bem eles percebiam o que pertence à fé ou ao vero; assim, a mente era uma. Quando tais são as pessoas, a semente proveniente daí permanece nos descendentes, e, se estes se desviam do vero e do bem, há um perigo muito grande, porque, assim, pervertem toda a sua mente, de modo que na outra vida ela quase não pode ser restaurada. [2] Ocorre diferentemente com aqueles em quem não há semente celeste, mas semente espiritual, como os pós-diluvianos e os que vivem hoje. Neles não há amor e, portanto, nenhuma vontade do bem, mas ainda pode haver a fé ou o entendimento do vero. Pela fé ou entendimento do vero podem ser conduzidos a uma certa caridade, mas por outro caminho e, de fato, pela consciência insinuada pelo SENHOR, a qual procede das cognições do vero e dos bens daí derivados. Por isso, o estado deles é inteiramente diverso daquele que foi o estado dos antediluvianos. Sobre esse estado se dirá na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Estes são arcanos hoje inteiramente ignorados pelo homem, pois hoje não se sabe o que é o homem celeste e nem mesmo o que é o espiritual, ainda menos a qualidade da mente e da vida do homem daí resultantes e, por conseguinte, o estado após a morte.

311. Na outra vida, o estado dos que pereceram no dilúvio é tal que nunca podem estar no mundo dos espíritos, ou com os outros espíritos, mas ficam num inferno separado dos infernos dos outros, e, realmente, como se estivessem sob uma certa montanha; parece uma montanha no meio por causa de suas medonhas fantasias e persuasões. As fantasias e persuasões deles são tais que induzem tanto entorpecimento nos outros espíritos que estes não sabem se vivem ou se estão mortos. Pois eles lhes tiram todo entendimento do vero, a ponto de que nada percebem; nessas mesmas persuasões eles estiveram quando viviam. E como havia de ser assim na outra vida, a ponto de que não poderiam jamais estar com os outros espíritos sem que lhes induzissem uma espécie de morte, foram todos extintos, e o SENHOR, por Sua Divina misericórdia, introduziu outros estados nos pós-diluvianos.

312. O estado desses antediluvianos foi inteiramente descrito nesse versículo, a saber, que foram “expulsos” ou separados do bem celeste e que “querubins foram postos a habitar para o oriente do jardim do Éden. A esses, por serem tais, se atribui “para oriente do jardim do Éden”, palavras essas que se aplicam somente a eles; a respeito, porém, daqueles que viveram depois, essas palavras não podem ser aplicadas, mas estas: “do jardim do Éden para o oriente”. Como também onde se diz “chama da espada que se virava”: se isso fosse dito a respeito dos de hoje seria dito “espada de chama”. Nem se diria “árvore de vidas”, mas “árvore da vida”; além de outras coisas na série que nunca podem ser explicadas e são entendidas somente pelos anjos aos quais o SENHOR as revela. Pois cada um dos estados tem arcanos indefinidos dos quais nem mesmo um só é conhecido do gênero humano.

313. Por essas coisas que agora foram ditas a respeito do primeiro homem, pode-se ver que não é dele o mal hereditário em todos os homens que vivem

até hoje, como erroneamente se pensa, que não há outro mal hereditário a não ser o que dali brotou. Porquanto é da Igreja Antiquíssima que aí se trata e que é chamada “homem”; quando é chamado “Adam”, significa que o homem foi tirado do humo, ou que, de não homem, tornou-se homem através da regeneração pelo SENHOR. Essa é a origem desse nome e essa é a sua significação. [2] Mas com o mal hereditário dá-se assim: cada um que comete o pecado ativamente induz em si a natureza procedente, e o mal é assim implantado nos filhos e se torna hereditário, e daí vem a cada um pelos pais, de seu avô, bisavô, tetravô, e dos antecedentes em ordem, e desse modo se multiplica e cresce em sua posteridade descendente, permanece em cada um e em cada um é aumentado pelos seus pecados ativos. Não se dissipa, de modo a não mais prejudicar, senão naqueles que são regenerados pelo SENHOR. Isso qualquer poderia saber, se prestasse atenção, pelo fato de as más inclinações dos pais permanecerem visivelmente nos filhos, de sorte que uma família, e mesmo uma geração, possa ser discernida de outra.



Continuação da entrada do homem na vida eterna

314. Depois que os anjos espirituais, de que se falou anteriormente, deram ao ressuscitado ou a alma o uso da luz para que possa olhar em volta de si, eles lhe prestam todos os serviços que de algum modo possa desejar naquele estado e o instruem sobre as coisas que há na outra vida, mas na medida que ele as pode compreender. Se esteve na fé, e, se o deseja, também lhe mostram as maravilhas e magnificências do céu.

315. Se, todavia, não é tal que queira ser instruído, então o ressuscitado ou a alma deseja afastar-se da companhia dos anjos, o que eles percebem claramente, pois na outra vida se dá a comunicação de todas as idéias do pensamento. E, quando deseja afastar-se deles, então, não são eles que o abandonam, mas ele que se dissocia deles. Os anjos amam a cada um e nada desejam mais do que prestar serviços, instruir e conduzir ao céu. Nisso consistem os seus supremos deleites.

316. Quando a alma assim se dissocia, é recebida por bons espíritos; e, quando está em companhia deles, também lhe são prestados todos os serviços. Se, todavia, a sua vida no mundo foi tal que não possa permanecer na companhia dos bons, então também deseja afastar-se deles. E isso se dá por tanto tempo e tantas vezes até que ela se associa aos que convêm inteiramente à sua vida no mundo, com os quais ela encontra a sua vida, por assim dizer. E então — coisa admirável! —, passa-se com eles uma vida semelhante à que tiveram no corpo. Mas, quando têm retornado a essa vida, então daí se faz um novo começo de vida. Alguns, de-

pois de um maior intervalo de tempo, outros após um intervalo menor, são levados dali para o inferno. Mas os que estiveram na fé no SENHOR são, a partir desse novo começo de vida, conduzidos gradualmente para o céu.

317. Mas alguns vão para o céu mais lentamente, outros mais rapidamente. E até vi que alguns são elevados ao céu imediatamente após a morte. É permitido relatar somente dois exemplos.

318. Um certo espírito chegou-se a mim e falou comigo; por certos sinais pude ver que há pouco saíra da vida. A princípio, não sabia em que lugar estava, pensando que estivesse no mundo. E quando foi-lhe dado saber que estava na outra vida, e agora nada possuía, como casa, riquezas e coisas semelhantes, mas estava em outro reino, onde se é privado de tudo o que se teve no mundo, então, tomado de ansiedade, não sabia para onde ir nem onde morar. Mas foi-lhe dito que o SENHOR, só, velava por ele e por todos. Então foi deixado a si mesmo, para que pensasse como no mundo. Ele pensava — porquanto os pensamentos de todos podem ser percebidos claramente na outra vida — no que fazer, porque estava sem todas as coisas pelas quais poderia viver. Mas, como estivesse nessa ansiedade, foi transferido para o meio de espíritos celestes que eram da província do coração. Eles lhe prestaram todos os serviços que podia desejar. Isso feito, de novo foi deixado a si, e começou a pensar pela caridade de que modo poderia retribuir tantos benefícios, pelo que se podia ver que, quando na vida do corpo, estivera na fé da caridade; por isso foi logo elevado ao céu.

319. Vi também um outro ser imediatamente transportado ao céu pelos anjos e ser aceito pelo SENHOR, e foi-lhe mostrada a glória do céu. Além de muitas outras experiências, em que alguns foram elevados após certo espaço de tempo.



Gênesis

Capítulo Quarto

A natureza da vida da alma ou espírito

320. No que se refere em geral à vida das almas ou dos espíritos noviços após a morte, é evidente, por muitas experiências, que o homem, quando chega à outra vida, não sabe que está nela, achando que ainda está no mundo, e mesmo em seu corpo, e isso a ponto de que, quando se lhe diz que é um espírito, fica admirado e se enche de espanto, tanto em razão de ser inteiramente como um homem quanto aos sentidos, desejos e pensamentos, quanto pelo fato de que, quando vivia no mundo, não tinha acreditado na existência do espírito e, alguns, que o espírito pudesse ser tal.

321. Uma outra coisa é que o espírito possui faculdades sensitivas muito mais excelentes e meios muito mais perfeitos de pensar e de falar do que as que possuía quando vivia no corpo, de tal forma que quase não podem ser comparadas. Entretanto, os espíritos não sabem isso antes de a reflexão lhes ser dada pelo SENHOR.

322. Deve-se acautelar contra a opinião falsa de que os espíritos não têm um sensitivo muito mais apurado do que na vida do corpo. Sei que é contrário por milhares de experiências, e, se não quiserem crê-lo, por causa de suas suposições a respeito do espírito, julguem por si mesmos quando chegarem à outra vida, onde a experiência mesma os fará crer. Os espíritos não somente têm visão, porque vivem na luz, e os bons espíritos, os espíritos angélicos e os anjos vivem em tanta luz que a luz do meio-dia no mundo mal pode ser comparada; na seqüência se falará, pela Divina misericórdia do Senhor, a respeito da luz em que vivem e vêem. Têm audição tão apurada que a audição dos que estão no corpo não pode ser equiparada. Eles têm falado comigo, já por alguns anos, quase continuamente; mas de sua linguagem se tratará também na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Têm olfato, de que, também, pela Divina misericórdia do Senhor, se tratará na seqüência. Têm um tato apuradíssimo, donde vêm as dores e sofrimentos no inferno, pois todas as sensações se referem ao tato, que são apenas diversidades e variedades do

tato. Têm desejos e afeições aos quais não podem ser comparados os que tiveram na vida do corpo, sobre as quais se dirão muitas coisas na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Pensam com muito mais clareza e distinção do que pensaram na vida do corpo; em uma idéia do pensamento encerram mais coisas do que em mil, quando pensavam na vida do corpo; falam entre si de modo tão penetrante, sutil, sagaz e claro que se o homem percebesse alguma coisa disso, ficaria espantado. Em suma, não perderam absolutamente nada que os impeça de serem como homens, porém com mais perfeição, a não ser ossos e carne e as imperfeições daí derivadas. Reconhecem e percebem que, quando viveram no corpo, era o espírito que tinha sentido, e, embora isso parecesse estar no corpo, não era, contudo, do corpo. Por isso, quando o corpo é rejeitado, experimentam sensações muito mais apuradas e perfeitas. A vida consiste no sentido, porque sem o sentido a vida é nula, e tal é o sentido tal é a vida, o que pode ser conhecido por qualquer um.

323. No fim do capítulo se seguirão alguns exemplos a respeito daqueles que pensaram de modo diferente, quando viviam na vida do corpo.



Gênesis

Capítulo Quarto

1. *E o homem conheceu Havah, sua esposa, e ela concebeu e pariu a Cain; e disse: Adquiri um varão, Jehovah.*
2. *E de novo pariu a seu irmão, Abel; e Abel foi pastor de rebanho, e Cain foi cultivador do humo.*
3. *E aconteceu, ao fim de dias, que Cain trouxe do fruto do humo em oferta a Jehovah.*
4. *E Abel trouxe, também ele, dos primogênitos de seu rebanho, e de sua gordura. E Jehovah olhou para Abel e para a sua oferta.*
5. *E para Cain e para a sua oferta não olhou; e acendeu-se muito a ira em Cain, e decaíram suas faces.*
6. *E disse Jehovah a Cain: Por que se acendeu a ira em ti? e por que decaíram tuas faces?*
7. *Se fizeres bem, não haverá elevação? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta; e para ti é o desejo dele, e tu dominas sobre ele.*
8. *E falou Cain a Abel, seu irmão; e sucedeu, como estivessem no campo, que se levantou Cain contra Abel seu irmão, e o matou.*
9. *E disse Jehovah a Cain: Onde está Abel, teu irmão? E disse: Não sei. Acaso sou eu guardador do meu irmão?*
10. *E disse: Que fizeste? A voz dos sangues do teu irmão está clamando a Mim desde o humo.*
11. *E agora, maldito és tu desde o humo, que abriu a sua boca, recebendo os sangues do teu irmão da tua mão.*
12. *Quando cultivares o humo, não te dará mais a sua força; errante e fugitivo serás na terra.*
13. *E disse Cain a Jehovah: Grande demais é a minha iniquidade para que seja tirada.*
14. *Eis, lançaste-me hoje de sobre as faces do humo; e de Tuas faces serei oculto, e serei errante e fugitivo na terra; e será que, todo aquele que me achar, me matará.*

15. *E disse-lhe Jehovah: Por isso, todo aquele que matar Cain sete vezes será vingado. E Jehovah pôs um sinal em Cain, para que o não ferisse quem o achasse.*
16. *E saiu Cain de diante das faces de Jehovah, e habitou na terra de Nod, para o oriente do Éden.*
17. *E Cain conheceu sua esposa, e ela concebeu, e pariu a Hanoch [Enoque]. E sucedeu que edificou uma cidade, e chamou o nome da cidade segundo o nome de seu filho Hanoch.*
18. *E nasceu, para Hanoch, Irad; e Irad gerou a Mechujael; e Mechujael gerou a Methushael; e Methushael gerou a Lamech.*
19. *E Lamech tomou para si duas esposas: o nome de uma, Adah, e o nome da outra, Zillah.*
20. *E Adah pariu a Jabal: este era pai do habitante das tendas, e do gado.*
21. *E o nome do seu irmão, Jubal: este era pai de todo aquele que toca cítara e órgão.*
22. *E Zillah, também ela pariu Tubal-cain, instrutor de todo artífice de bronze e de ferro, e a irmã de Tubal-cain, Naamah.*
23. *E disse Lamech a suas esposas, Adah e Zillah: Ouvi a minha voz, esposas de Lamech, e dai ouvidos ao meu dito, que um varão matei em minha ferida, e um pequenino na minha pisadura.*
24. *Porque sete vezes será vingado Cain, e Lamech setenta vezes sete.*
25. *E o homem conheceu ainda a sua esposa, e ela pariu um filho, e chamou o seu nome Sheth; porque Deus me repôs outra semente em lugar de Abel, porque Cain o matou.*
26. *E para Sheth, também para ele nasceu um filho, e chamou seu nome Enosh. Então começou-se a invocar o nome de Jehovah.*

Conteúdo

324. Trata-se das doutrinas separadas da Igreja, ou das heresias, e, depois, de uma Igreja nova que foi suscitada, chamada “Enosh”.

325. A Igreja Antiquíssima tinha, pelo amor, a fé no SENHOR; mas surgiram aqueles que separaram a fé do amor; a doutrina da fé separada do amor chamou-se “Cain”; a caridade, que é o amor para com o próximo, chamou-se “Abel”, vers. 1,2.

326. O culto de ambos é descrito: a fé separada é descrita pela “oferta de Cain”; e a caridade pela “oferta de Abel”, vers. 3,4; e que o culto procedente da caridade foi aceito, mas não o da fé separada, vers. 4,5.

327. O estado daqueles que estavam na fé separada tornou-se em mal; isso é descrito pela “ira acesa” e por “decair as faces de Cain”, vers. 5,6.

328. E que pela caridade se conhece a natureza da fé; e a caridade quer estar com a fé, se a fé não se faz principal e não se eleva acima da caridade, vers. 7.

329. Que a caridade se extinguiu naqueles que separaram a fé e preferiram esta à caridade; isto se descreve por “Cain, que matou seu irmão Abel”, vers. 8,9.

330. A caridade extinta se chama “voz dos sangues”, vers. 10; a doutrina pervertida, “maldição desde o humo”, vers. 11; o falso e o mal daí derivado é “errante e fugitivo na terra”, vers. 12; e como se desviaram do SENHOR, havia perigo de morte eterna, vers. 13; como, porém, era pela fé que a caridade seria depois implantada, era um sacrilégio violá-la, o que é descrito por “um sinal posto em Cain”, vers. 15; e removê-la do lugar onde antes estivera é “habitar para o oriente do Éden”, vers. 16.

331. Essa heresia, então ampliada, chamou-se Hanoch, vers. 17.

332. As heresias que daí surgiram são também designadas pelos seus nomes; dentre elas, na última, que se chama “Lamech”, nada mais restou da fé, vers. 18.

333. Nasce, então, uma nova Igreja, a qual é entendida por “Adah e Zillah” e descrita pelos filhos delas, “Jabal, Jubal e Tubal-cain”; as coisas celestes da Igreja, por “Jabal”; as espirituais por “Jubal”; as naturais por “Tubal-cain”, vers. 19-22.

334. Que essa Igreja nasceu quando se extinguiu tudo o que pertence à fé e à caridade e quando foi violado o que havia de mais santo. Isso é descrito nos vers. 23 e 24.

335. Faz-se um sumário das coisas: após a fé separada, que é “Cain”, ter extinguido a caridade, o SENHOR deu uma nova fé pela qual a caridade era implantada; essa fé é “Sheth”, vers. 25.

336. A caridade implantada pela fé se chama “Enosh”, ou “outro homem”, que é o nome dessa Igreja. Vers. 26.

Sentido Interno

337. Como aqui se trata da degeneração da Igreja Antiquíssima, ou da falsificação da doutrina, e, conseqüentemente, das heresias e seitas sob o nome de Cain e seus descendentes, cumpre saber que de maneira alguma se pode entender como a doutrina foi falsificada, ou quais foram as heresias ou seitas daquela Igreja,

a não ser que se conheça bem a natureza da verdadeira Igreja; daí se poderá reconhecer-lo. Falou-se bastante, no que já foi tratado, a respeito da Igreja Antiquíssima, e foi mostrado que ela foi um homem celeste e não reconheceu outra fé senão a que fosse do amor ao SENHOR e para com o próximo. Por esse amor recebiam do SENHOR a fé ou a percepção de todas as coisas que eram da fé. Por isso, nem gostavam de nomear a fé, para não separá-la do amor, como foi mostrado anteriormente nos nºs 200 a 203. [2] Tal é o homem celeste. E que ele seja assim, é o que foi descrito por meio de representativos também em David onde se trata do SENHOR, Que é chamado “Rei”, e do homem celeste, que é chamado “filho do Rei”:

“Dá Teus juízos ao Rei, e Tua justiça ao filho do Rei;... os montes trarão paz ao povo, e as colinas em justiça;... Temer-Te-ão com o sol, e às faces da lua na geração das gerações... Em seus dias florescerá o justo, e haverá muita paz, até que não haja mais a lua” (Salmo 72:1,3,5,7);

pelo “sol” é significado o amor; pela “lua”, a fé; pelos “montes e colinas”, a Igreja Antiquíssima; pela “geração de gerações”, a Igreja pós-diluviana; diz-se “até que não haja mais a lua” porque a fé será o amor; (ver também as coisas que estão *Isaías 30:26*). [3] Tal foi a Igreja Antiquíssima e tal a doutrina; mas hoje é inteiramente diferente, pois hoje a fé precede. Mas pela fé a caridade é concedida pelo SENHOR, e, então, a caridade se torna o principal. Por isso, segue-se que a doutrina foi falsificada no tempo antiquíssimo, quando fizeram confissão da fé e, assim, separaram a fé do amor. Os que falsificaram assim a doutrina, ou separaram a fé do amor, ou confessaram a fé somente, foram então chamados “Cain”, e isso era uma heresia enorme entre eles.

338. Vers. 1: *“E o homem conheceu Havah, sua esposa, e ela concebeu e pariu a Cain; e disse: Adquiri um varão JEHOVAH.”* Pelo “homem e Havah sua esposa” é significada a Igreja Antiquíssima, como se sabe. Sua primeira prole ou seu primogênito é a fé, que aqui se chama “Cain”; que tenha dito: “Adquiri varão JEHOVAH” significa que, naqueles que foram chamados Cain, a fé foi conhecida e reconhecida como coisa por si.

339. Nos três capítulos precedentes foi suficientemente mostrado que o “homem e sua esposa” significam a Igreja Antiquíssima, de sorte que não se pode duvidar. E, porque o “homem e sua esposa” é a Igreja Antiquíssima, vê-se daí que sua concepção e parto não foi outra coisa. Era costume dos antiquíssimos atribuir nomes e pelos nomes significarem coisas, e, assim, estabelecerem uma genealogia; com efeito, as coisas que pertencem à Igreja também se relatam de modo semelhante. Uma é concebida e nasce de outra, e tem-se como que uma geração. Por isso é comum, na Palavra, chamar as coisas que são da Igreja de “concepção, parto, prole, crianças, jovens, pequenos, filhos, filhas, jovens” e, assim, por diante. As obras proféticas estão repletas de tais expressões.

340. Que a expressão “disse: Adquiri um varão, JEHOVAH” signifique

que a fé naqueles que foram chamados Cain era uma coisa conhecida e reconhecida por si, vê-se pelas coisas que foram ditas no começo deste capítulo. Anteriormente ignoravam, por assim dizer, o que é a fé, porque tinham a percepção de todas as coisas que eram da fé. Quando, todavia, começaram a fazer uma doutrina distinta a respeito da fé, então extraíam as coisas das quais tinham percepção, e as reduziam a doutrina, e chamavam-na “Adquiri um varão, JEHOVAH”, como se tivessem descoberto alguma coisa nova. Assim, o que fora inscrito no coração tornou-se um fato do conhecimento. Antigamente se dava um nome a tudo o que era novo e, assim, explicavam as coisas que os nomes encerravam. Por exemplo, o que Ismael significa, que é “JEHOVAH ouviu sua miséria” (*Gên. 16:11*); Reuben, que “JEHOVAH viu minha miséria” (*Gên. 29:32*); Simeon, que “JEHOVAH ouviu que eu era menos amada” (*Ibid. vers. 33*); Jehudah, “desta vez confessarei JEHOVAH”, (*Ibid. vers. 35*). O altar edificado por Moisés chamou-se “JEHOVAH estandarte” (*Êx. 17:15*). Aqui, a doutrina mesma da fé é chamada “Adquiri um varão, JEHOVAH” ou Cain.

341. Vers. 2: “*E de novo pariu a seu irmão, Abel; e Abel foi pastor de rebanho, e Cain foi cultivador do humo*”. O outro parto da Igreja é a caridade, que é significada por “Abel” e “irmão”; “pastor de rebanho” é o que exerce o bem da caridade; “cultivador do humo” é o que está sem caridade por causa da fé separada do amor, fé que é nula.

342. Que o segundo parto da Igreja seja a caridade, pode-se ver pelas coisas que a Igreja concebe e pare, que não são outra coisa senão a fé e a caridade. Coisas semelhantes foram significadas pelos primeiros partos de Léa, por Jacob, a saber, por “Reuben” foi significada a fé, por “Simeon”, a fé em ação, por “Levi”, a caridade — *Gên. 29:32-34*. Por isso também a tribo de Levi recebeu o sacerdócio e representou o pastor do rebanho. Porque a caridade é o segundo parto da Igreja, é chamada “irmão” e designada “Abel”.

343. Que “pastor de rebanho” seja aquele que exerce o bem da caridade, qualquer um pode sabê-lo, pois isso é usual na Palavra do Antigo e do Novo Testamento; quem conduz e ensina é chamado “pastor”; os que são conduzidos e ensinados são chamados “rebanho”; quem não conduz ao bem da caridade e quem não ensina o bem da caridade não é um verdadeiro pastor; e não é conduzido ao bem e não aprende o bem não é rebanho. Que o pastor e o rebanho signifiquem essas coisas, é, na verdade, supérfluo confirmar pela Palavra, mas sejam vistos estes exemplos que estão em *Isaiás*:

“*O SENHOR dará a chuva de tua semente, de que semeias o humo, e o pão da colheita do humo... apascentará teu gado naquele dia em prado largo*” (30:23);

onde o “pão da colheita do humo” é a caridade. No mesmo:

“*O SENHOR Jehovih, como um Pastor, apascentará Seu rebanho; em Seu braço recolherá os cordeiros, e Seu regaço os levará; as prenhas suavemente conduzirá*” (40:11).

Em David:

“Ó Pastor de Israel, dá ouvidos, que conduzes a José como um rebanho; que Te assentas entre os querubins, resplandece” (Salmo 80:1).

Em Jeremias:

“A uma [mulher] formosa e delicada fiz semelhante a filha de Sião; para ela virão pastores, e seus rebanhos fixarão tendas perto dela, em redor; apascentarão cada um em seu espaço” (6:2,3).

Em Ezequiel:

“Disse o SENHOR Jehovih: Multiplicá-los-ei como rebanho de homens, como rebanho dos santificadores, como rebanho de Jerusalém, em seus tempos fixados; assim as cidades desertas estarão cheias de rebanho de homens” (36:37,38).

Em Isaías:

“Todo o rebanho da Arábia será congregado para ti, os carneiros de Nebai-oth te servirão” (60:7).

Os que conduzem o rebanho ao bem da caridade são “os que congregam o rebanho”; os que, todavia, não o conduzem ao bem da caridade são “os que dispersam”, pois toda congregação e união vem da caridade, e toda dispersão e desunião vem da falta de caridade.

344. Para que serve a fé, ou o conhecimento, a cognição e a doutrina da fé, senão para que o homem se torne como ela ensina? A coisa principal que ela ensina é a caridade — *Marcos 12:28-35, Mateus 22:34-39*; esta é o fim de todas as coisas a que [a fé] se refere. Se isso não se realiza, o que é ciência ou a doutrina, a não ser alguma coisa nula?

345. O que “cultiva o humo” é quem está sem a caridade, por mais que esteja numa fé separada do amor, fé essa que é nula. Isso se pode ver pelas coisas que se seguirão, que “JEHOVAH não olhou para a sua oferta” e que ele “matou seu irmão”, isto é, destruiu a caridade significada por “Abel”. “Cultivar o humo” se dizia daqueles que têm em vista as coisas corpóreas e terrestres, como se vê pelas coisas que foram ditas no capítulo 3, vers. 19 e 23, onde se diz que “o homem foi expulso do jardim do Éden para cultivar o humo”.

346. Vers. 3: *“E aconteceu, ao fim de dias, que Cain trouxe do fruto do humo em oferta a JEHOVAH.”* Pelo “fim de dias” se entende a progressão do tempo; pelo “fruto do humo”, as obras da fé sem a caridade; pela “oferta a JEHOVAH”, o culto daí proveniente.

347. Que pelo “fim dos dias” se entenda a progressão do tempo, qualquer um pode ver. Em seu começo, quando ainda estava em sua simplicidade, essa doutrina, que se chama “Cain”, não se mostrou tão desagradável como depois. Isso se vê pelo fato de eles terem chamado à prole “aquisição de um varão, JEHOVAH”.

Assim, no começo a fé não era tão separada do amor como foi no “fim de dias” ou na progressão do tempo, como sucede a toda doutrina da verdadeira fé.

348. Que pelo “fruto do humo” se entendam as obras da fé sem a caridade, é evidente também pelo que se segue. Com efeito, as obras da fé sem a caridade são obras de uma fé nula, mortas em si mesmas, pois são apenas do homem externo. Dessas obras assim se diz em *Jeremias*:

“Por que o caminho dos ímpios prospera? ...Plantaste-os, até se enraizaram; avançaram, até dão frutos. Tu estás perto da boca deles, mas longe de seus rins... até quando a terra lamentará, e a erva de todo o campo se secará? (12:1,2,4),

“perto da boca, mas longe dos rins” estão os que se acham na fé separada da caridade, dos quais se diz que a “terra lamenta”. Eles também se chamam “fruto das obras”, no mesmo:

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperado. Quem o conhece? Eu, JEHOVAH, que sondo o coração, que provo os rins, e para dar a cada um segundo os seus caminhos, segundo o fruto das suas obras” (17:9,10).

Em *Miquéias*:

“A terra estará em desolação por causa de seus habitantes, pelo fruto de suas obras” (7:13).

Mas que esse fruto é um fruto nulo, ou que é obra morta, e que tal fruto pecece como também a raiz, vê-se em *Amós*:

“Destruí os amorreus diante deles, cuja altura era como a altura dos cedros, e que era forte como o carvalho; todavia destruí seu fruto por cima, e as suas raízes por baixo” (2:9);

em *David*:

“Seu fruto destruirás da terra, e sua semente dentre os filhos dos homens” (Salmo 21:10).

As obras de caridade, porém, são vivas, das quais se diz que “fazem sair as raízes em baixo” e “produzem fruto em cima”, como em *Isaías*:

“O resto da casa de Jehudah que escapou lançará raiz para baixo, e dará fruto para cima” (37:31);

“dar fruto para cima” é agir pela caridade; tal fruto se chama “fruto de excelência” no mesmo profeta:

“Naquele dia, o renovo de JEHOVAH estará em honra e em glória, e o fruto da terra em excelência e ornamento para os de Israel que escaparem” (4:2),

e é o “fruto da salvação”, como é chamado no mesmo:

“Destilai, ó céus, de cima! e os éteres fluam justiça! abra-se a terra, e produzam fruto da salvação, e a justiça germine juntamente! Eu, JEHOVAH, criarei isto” (45:8).

349. Que pela “oferta” seja entendido o culto, pode-se ver pelos representativos na Igreja Judaica, na qual, todos os sacrifícios, tanto as primícias da terra e todos os seus frutos, como as oblações dos primogênitos, chamavam-se “ofertas” [*munera*], nas quais consistia o culto. E, como todas elas representavam coisas celestes e se referiam ao SENHOR, por essas ofertas era significado o culto verdadeiro, como pode ser do conhecimento de qualquer um. Pois o que é o representativo sem a coisa que ele representa, e o que é o externo sem o interno, senão um ídolo, coisa que é morta? O externo vive pelos internos, ou pelo SENHOR por meio dos internos. Daí se vê que as ofertas de todas as Igrejas representativas significam o culto do SENHOR. Tratar-se-á de cada uma delas na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Que pelas ofertas em geral se entenda o culto, pode-se ver em várias passagens nos Profetas, como em *Malaquias*:

“Quem suportará o dia de Sua vinda?... Ele se assentará, fundindo e afinando a prata, e purificará os filhos de Levi; e os limpará como o ouro e como a prata, e oferecerão a JEHOVAH ofertas em justiça. Então a oferta de Judah e de Jerusalém será suave a JEHOVAH como nos dias da eternidade e como nos anos antigos” (3:2,3,4).

A “oferta em justiça” é o interno que os “filhos de Levi” ou os que adoram com santidade oferecem; os “dias de eternidade” são a Igreja Antiquíssima; os “dias antigos”, a Igreja Antiga. Em *Ezequiel*:

“No monte de Minha santidade, no monte da altura de Israel... eles Me honrarão, toda a casa de Israel, toda esta terra. Ali Eu lhes serei propício, e ali demandarei vossas oblações, e as primícias de vossas ofertas em todas as vossas santificações” (20:40);

“oblações e primícias de ofertas em santificações” são, semelhantemente, as obras da caridade santificadas pelo SENHOR. Em *Sofonias*:

“Dalém dos rios da Etiópia os Meus adoradores... farão vir a Minha oferta” (3:10);

“Etiópia” são os que possuem as coisas celestes, que são o amor, a caridade e as obras da caridade.

350. Vers. 4: *“E Abel trouxe, também ele, dos primogênitos de seu rebanho, e de sua gordura. E JEHOVAH olhou para Abel e para a sua oferta.”* Aqui como antes, por “Abel” é significada a caridade; pelos “primogênitos do rebanho”, o santo que pertence ao SENHOR, só; pela “gordura” o celeste mesmo, que também pertence ao SENHOR; que “JEHOVAH olhou para Abel e para sua oferta” significa que as coisas da caridade e todo o culto dela derivado foram agradáveis ao SENHOR.

351. Que “Abel” signifique a caridade, foi mostrado anteriormente. Caridade significa o amor para com o próximo e a misericórdia. Com efeito, quem ama o próximo como a si mesmo também tem misericórdia dele quando padece, como teria de si próprio.

352. Que pelos “primogênitos do rebanho” seja significado o que pertence só ao SENHOR, pode-se ver pelos primogênitos na Igreja representativa, que eram todas coisas santas, porque diziam respeito ao SENHOR, Que é o único Primogênito. O amor, e daí a fé, é o primogênito. Todo amor pertence ao SENHOR, e não há amor algum que seja do homem; por isso o SENHOR é o único Primogênito. Isso foi representado nas Igrejas antigas pelos “primogênitos do homem e da besta, que eram santificados a JEHOVAH” — *Êxodo 13:2,12,15*. E a tribo de Levi, que significa, no sentido interno, o amor, nascida depois de Reuben e Simeon, que significam, no sentido interno, a fé, foi aceita em lugar de todos os primogênitos e se tornou sacerdotal (*Números 3:40-46; 8:14-20*). Sobre o SENHOR, que é o Primogênito de todos quanto à Sua Essência Humana, assim se diz em David:

“Ele Me invocará: Tu és Meu Pai, Meu DEUS, e Rocha da Minha salvação; também Eu o farei Primogênito, alto sobre os reis da terra” (Salmo 89:26,27).

E em João:

“JESUS CRISTO, Primogênito dentre os mortos, e Príncipe dos reis da terra” (Apoc. 1:5).

Observa que os primogênitos do culto significam o SENHOR, mas os primogênitos da Igreja significam a fé.

353. A “gordura” significa o celeste mesmo, que pertence também ao SENHOR. O celeste é tudo o que é do amor; a fé é também celeste, quando procede do amor. A caridade é o celeste; todo bem da caridade é o celeste. Todas essas coisas foram representadas pelas gorduras nos sacrifícios, e mesmo, de um modo especial, pela gordura que está sobre o fígado ou o retículo, pela gordura sobre os rins, pela gordura que cobre os intestinos e pela que está sobre os intestinos. Essas gorduras eram santas e eram queimadas sobre o altar (*Êx. 29:13,22; Lev. 3:3, 4, 14; 4: 8, 9, 19, 26, 31, 35; 8:16, 25*); por isso eram chamadas “pão [de oferta] por fogo em repouso a JEHOVAH” (*Lev. 3:15, 16*). E por esta razão era proibido ao povo judaico comer gorduras de animais, o que se chamou “estatutos de eternidade nas gerações” (*Lev. 3:17; 7:23, 25*). A causa é que aquela Igreja era tal que não reconhecia as coisas internas, e ainda menos as celestes. [2] Que a gordura signifique as coisas celestes e os bens da caridade, vê-se nos Profetas, como em *Isaías*:

“Por que pesais a prata para o que não é pão, e vosso trabalho para o que não sacia? Ouvi-Me atentamente, e comi do bom, para que se deleite com a gordura vossa alma” (55:2);

em *Jeremias*:

“Encherei a alma dos sacerdotes de gordura, e Meu povo se fartará dos Meus bens” (31:14).

Vê-se claramente que aí não se entende a gordura, mas o bem celeste-espiritual. Em David:

“Estão cheios da gordura de Tua casa, e na torrente de Tuas delícias os sacias, porque Contigo está o manancial de vidas; na Tua luz vemos a luz” (Salmo 36:8,9),

onde “gordura e manancial de vidas” é o celeste, que é do amor; “torrente das delícias e luz” é o espiritual, que é da fé daí proveniente. No mesmo:

“De tutano [adipe] e de gordura se fartará a minha alma, e com lábios de cânticos minha boca louvará” (Salmo 63:5),

onde “gordura”, semelhantemente, é o celeste, “lábios de cânticos” o espiritual. Vê-se claramente que é o celeste porque se diz que “alma se fartará”. As mesmas primícias, que eram os primogênitos da terra, eram por isso chamadas “gordura” (Núm. 18:12). Como as coisas celestes existem em gêneros inumeráveis e, em ainda mais inumeráveis espécies, são em geral assim descritas no cântico que Moisés cantou diante do povo:

“Manteiga de vacas, e leite de rebanho, com a gordura dos cordeiros e dos carneiros, dos filhos de Bashan, e dos bodes, com a gordura dos rins do trigo. E o sangue de uvas beberás, o vinho puro” (Deut. 32:14).

Nunca alguém pode saber o que estas coisas significam a não ser pelo sentido interno. Sem o sentido interno, ninguém pode saber o que querem dizer “manteiga de vacas”, “leite do rebanho”, “gordura dos cordeiros”, “gordura dos carneiros e dos bodes”, “filhos de Bashan”, “gordura dos rins do trigo” e “sangue das uvas”. Sem o sentido interno, seriam palavras e nada mais que isso, quando, na verdade, todas e cada uma das coisas significam gêneros e espécies de coisas celestes.

354. “JEHOVAH olhou para Abel, e para sua oferta” significa que as coisas da caridade e de todo culto daí proveniente foram agradáveis ao SENHOR. Isso foi explicado anteriormente, tanto o que significa “Abel” como o que significa a “oferta”.

355. Vers. 5: *“E para Cain e para a sua oferta não olhou; e acendeu-se muito a ira em Cain, e decaíram suas faces.”* Por “Cain”, como foi dito, é significada a fé separada do amor ou uma doutrina tal que a fé possa ser separada; pela “sua oferta para a qual [JEHOVAH] não olhou é significada, como anteriormente, que seu culto não foi aceito; pela “ira que se acendeu em Cain” e pelas “faces que decaíram” é significado que se mudaram seus interiores; pela “ira” que se acendeu, a caridade, e pelas “faces” os interiores, que se dizem “caírem” quando são mudados.

356. Mostrou-se anteriormente que “Cain” significa a fé separada do

amor, ou a doutrina tal que a fé possa ser separada; e, em seguida, mostrou-se que a “oferta para a qual não olhou” significa que seu culto não foi aceito.

357. Pela “ira que se acendeu em Cain” é significado que a caridade se retirou. Isso se pode ver na seqüência, onde se diz que “matou o irmão Abel”, por quem é significada a caridade. A ira é uma afeição geral resultante de tudo o que contraria o amor próprio e suas cobiças. Isso se percebe claramente no mundo dos maus espíritos, pois existe lá uma ira geral contra o SENHOR, pois não estão em caridade alguma, mas nos ódios. Tudo o que não favorece o amor próprio e do mundo excita uma contrariedade que se manifesta pela ira. Na Palavra, muitas vezes se atribui a JEHOVAH a ira, a cólera e o furor, mas essas coisas são do homem, e são atribuídas a JEHOVAH porque, assim, parece, pela razão de que se falou anteriormente. Assim, em David:

“E enviou sobre eles a ira de Suas narinas, e cólera, e furor, e angústia, e imissão de anjos maus; pesou a vereda à ira, não poupou da morte a alma deles” (Salmo 78:49,50).

Não que JEHOVAH jamais “envie ira sobre alguém”, mas que eles mesmos a atraem sobre si; nem anjos maus, como foi dito, mas que o homem os chamam a si; por esta razão se acrescenta que Ele “pesa a vereda à ira, e não poupa da morte a alma deles”. Por isso, em *Isaías*:

“A JEHOVAH ele virá, e serão envergonhados todos os que se encolerizaram contra Ele” (45:24).

Daí se vê que a “ira” significa os males, ou, o que é o mesmo, o afastar-se da caridade.

358. Por “decair as faces” é significado que os interiores foram mudados; isso se vê também pela significação da “face” e pela significação de “decair”. Entre os antigos, a face significava os internos, porque os internos brilham na face. Nos tempos antiqüíssimos, as pessoas eram tais que a face concordava inteiramente com os internos, de sorte que qualquer poderia, pela face, ver qual era a natureza do ânimo ou da mente de outro. Consideravam como coisa anormal mostrar na face uma coisa e pensar outra diferente. A dissimulação e o engano eram então abomináveis. Por isso, pela “face” significavam os internos. Quando a caridade brilhava na face, então se dizia que as “faces se elevavam”. Quando, porém, sucedia o contrário, então se dizia as “faces decaíam”. Por isso também se atribui ao SENHOR que Ele “eleva as faces sobre o homem” como na bênção em *Números 6:26* e no *Salmo 4:6*, que significa que o SENHOR dá a caridade ao homem. Em *Jeremias* se vê o que é “decair as faces”:

“Não farei decair Minha face para convosco, pois que sou misericordioso, diz JEHOVAH” (3:12);

a “face de JEHOVAH” é a misericórdia; quando Ele “eleva a face” sobre alguém é que Ele, pela misericórdia, lhe dá a caridade. O contrário é quando “faz cair a face”, isto é, quando a face do homem decai.

359. Vers. 6: “*E disse JEHOVAH a Cain: Por que se acendeu a ira em ti? e por que decaíram tuas faces?*” “Que JEHOVAH disse a Cain” é que a consciência falou; “acender-se a ira” e “caírem as faces” significa, como antes, que a caridade se retirou e que os interiores foram mudados.

360. Não há necessidade de confirmação para mostrar que a expressão “JEHOVAH disse a Cain” significa que a consciência falou; já se explicou passagem semelhante anteriormente.

361. Vers. 7: “*Se fizeres bem, não haverá elevação? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta; e para ti é o desejo dele, e tu dominas sobre ele.*” “Se fizeres bem, não haverá elevação?” significa que, se bem-quiseres, a caridade estará contigo; “se não fizeres o bem, o pecado jaz à porta” significa que, se não quiseres o bem, não haverá caridade, mas o mal; “para ti é o desejo dele, e tu dominas sobre ele” significa que a caridade quer estar em ti, mas não o pode, porque desejas dominar sobre ela.

362. Aqui se descreve a doutrina da fé que se chama “Cain”. Esta, tendo separado a fé do amor, também a separou da caridade, que é filha do amor. Onde quer que haja alguma Igreja, aí haverá heresias, em razão de que, quando se pensa a respeito de um só artigo da fé, faz-se dele a coisa principal. Pois o pensamento do homem é tal que, quando dirige a atenção para alguma coisa, ele a põe antes de uma outra, mormente quando a imaginação a reivindica como seu próprio achado e quando o amor de si e do mundo insuflam; então, não há coisa alguma que não pareça concordar e confirmar, a ponto de quase jurar que, assim, é, quando, todavia, a coisa é falsa. É assim que aqueles que foram chamados “Cain” fizeram a fé ser essencial acima do amor. E como viviam assim, sem amor, confirmaram-se tanto no amor de si quanto na imaginação daí proveniente.

363. Pela sua descrição nesse versículo, vê-se a natureza da doutrina da fé que se chamou “Cain”. Pela seqüência desse versículo vê-se que a caridade teria podido ser adjunta à fé, mas de maneira tal que a caridade dominasse e não a fé. Por isso se diz primeiro: “Se fizeres bem, haverá elevação”, pelo que é significado que, se bem-quiseres, a caridade pode estar presente. “Bem-fazer”, no sentido interno, significa bem-querer, pois fazer o bem provém de querer o bem. Antigamente, a ação e a vontade faziam uma só coisa; pela ação se percebia a vontade, porque nada havia de dissimulado. Que a “elevação” signifique que a caridade estivesse presente, vê-se pelas coisas que foram ditas anteriormente a respeito das faces, isto é, que “elevar as faces” é ter caridade, e “decair as faces” é o contrário.

364. A segunda parte era: “Se não fizeres bem, o pecado jaz à porta”; isto significa que “se não quiseres o bem, não há caridade, mas o mal”. Que o “pecado”, quando “jaz a porta”, seja o mal que está pronto e quer entrar, qualquer um pode ver. Com efeito, quando não há caridade, há imisericórdia e ódio, por conseguinte todo mal. O pecado é tomado em geral pelo diabo e sua turba, que está pronto quando o homem está sem caridade. A única coisa que afugenta da porta o

diabo e sua turba é o amor ao SENHOR e para com o próximo.

365. A terceira é que “para ti é o desejo dele, e tu dominas sobre ele”. Isso significa que a caridade quer estar na fé, mas não pode, porque a fé quer dominá-la, o que é contra a ordem. Enquanto a fé quiser dominar, não há fé; mas, quando a caridade domina, então há fé, porque o principal da fé é a caridade, como foi mostrado anteriormente. A caridade pode ser comparada à chama, que é a coisa essencial do calor e da luz, pois dela procedem calor e luz. A fé separada pode ser comparada à luz que, quando está sem o calor da chama, é luz, na verdade, mas uma luz de inverno sob a qual tudo entorpece e morre.

366. Vers. 8: “*E falou Cain a Abel, seu irmão; e sucedeu, como estivessem no campo, que se levantou Cain contra Abel seu irmão, e o matou.*” Que “Cain tenha falado a Abel” significa um lapso de tempo; por “Cain” é significada a fé separada do amor, como se disse; por “Abel”, a caridade, que é irmã da fé, razão porque ambas são aqui chamadas irmãs; o “campo” significa tudo o que é da doutrina; que “Cain se tenha levantado contra Abel, seu irmão, e o tenha matado”, significa que a fé separada extinguiu a caridade.

367. Não há necessidade de confirmação destas significações por coisas semelhantes da Palavra. Mostrar-se-á apenas que a caridade é a “irmã” da fé e que o “campo” significa tudo o que é da doutrina. Que a caridade seja irmã da fé, qualquer um pode ver pela natureza ou essência da fé. A fraternidade delas foi também representada por Esaú e Jacob; por isso também houve o litígio sobre a primogenitura e, daí, o domínio. Foi também representada por Farés e Será, filhos de Tamar e Jehudah, em *Gênesis 38:28 -30*, onde também se trata da primogenitura. Foi representada também por Efraim e Manassés, em *Gênesis 48:13, 14*, tratando, semelhantemente, da primogenitura e do domínio dela proveniente; assim também por outros. Pois uma e outra, caridade e fé, são filhas da Igreja. A fé se chama “varão”, como acontece a Cain no versículo 1 deste capítulo; a caridade se chama “irmão”, como em *Isaías 19:2*, *Jeremias 13:14* e outros lugares. A união da fé e da caridade se chama “aliança de irmãos” em *Amós 1:9*. O que é representado por Cain e Abel foi semelhantemente representado por Jacob e Esaú, como foi dito. Que Jacob quis também derrotar [*suplantare*] a Esaú, vê-se também em *Oséias*:

“...*Para visitar a Jacob sobre os seus caminhos, segundo as suas obras o retribuirá. No útero enganou a seu irmão...*” (12:3,4).

Mas que Esaú, ou a caridade representada por Esaú, finalmente dominaria, vê-se pela predição profética de Isaque, o pai:

“*Sobre tua espada viverás, e a teu irmão servirás; e sucederá, quando dominares, que rejeitarás o seu jugo de cima de teu pescoço*” (*Gên. 27:40*);

ou, o que é a mesma coisa, que a Igreja nova ou dos gentios é representada por “Esaú”, e a Igreja Judaica por “Jacob”. Por isso se diz tantas vezes que reconheceriam os gentios como irmãos. São também chamados “irmãos”. Foram também chamados “irmãos” todos os que estavam, pela caridade, na Igreja dos gentios

ou Primitiva. Os que ouvem a Palavra e a cumprem são também chamados “irmãos” pelo SENHOR, em *Lucas 8:21*. Os “que ouvem” são aqueles que têm a fé, os “que cumprem” são os que têm a caridade. Mas os que ouvem ou que afirmam ter a fé, e não cumprem ou não têm caridade, não são irmãos, pois o SENHOR os assemelha a “insensatos” (*Mateus 7:24,26*).

368. Que o “campo” signifique a doutrina, por conseguinte tudo o que pertence à doutrina sobre a fé e a caridade, vê-se na Palavra. Em *Jeremias*:

“Ó, Minha montanha no campo! os teus recursos, todos os teus tesouros darei por presa” (17:3),

onde “campo” é a doutrina, “recursos e tesouros” são as riquezas espirituais da fé ou as que são da doutrina da fé. No mesmo:

“Acaso se esquecerá da pedra do campo a neve do Líbano?” (18:14).

De Sião se diz que ela será “lavrada como um campo” quando não existir mais a doutrina da fé (*Jeremias 26:18; Miquéias 3:12*). Em *Ezequiel*:

“Tomou da semente da terra, e a lançou num campo de sementes” (17:5),

onde se trata da Igreja e de sua fé, pois a doutrina se chama “campo” por causa da semente. No mesmo:

“E saibam todas as árvores do campo que Eu, JEHOVAH, humilho a árvore elevada” (17:24).

Em *Joel*:

“O campo foi devastado, o humo chora, porque o trigo foi devastado, secou-se o mosto, o óleo se enfraqueceu; os lavradores se envergonharam... a colheita do campo pereceu... todas as árvores do campo se secaram” (1:10-12),

onde o “campo” é a doutrina, as “árvores” são os conhecimentos e os “lavradores” são os que cultivam. Em *David*:

“O campo exultará, e tudo o que há nele; então todas as árvores da floresta cantarão” (Salmo 96:12).

O campo não pode exultar, nem as árvores da floresta cantar, mas trata-se de coisas que estão no homem, que são as cognições da fé. Em *Jeremias*:

“Até quando a terra lamentará, e a erva de todo o campo estará ressequida?” (12:4).

Do mesmo modo, nem a terra nem a erva do campo podem lamentar, mas trata-se do que está no homem e foi devastado. Semelhantemente, em *Isaiás*:

“As montanhas e as colinas retumbarão em cântico perante vós, e todas as árvores do campo baterão palmas” (55:12).

O SENHOR também, quando predisse a consumação do século, chamou de “campo” a doutrina da fé:

“Dois estarão no campo, um será tomado e o outro deixado” (Mateus 24:40, Lucas 17:36),

onde se entende, pelo “campo”, a doutrina da fé, tanto a falsa quanto a verdadeira, como aqui. Como o “campo” é a doutrina, tudo o que recebe alguma semente da fé também se chama “campo”, tanto o homem como a Igreja e o mundo.

369. Daí resulta agora a significação destas expressões: “como estivessem no campo”, e “Cain levantou-se contra Abel seu irmão, e o matou”, a saber, que, conquanto uma e outra, tanto a fé quanto a caridade, fossem provenientes da doutrina da fé, a fé separada do amor não podia deixar de desprezar a caridade e, assim, extingui-la. É como costuma acontecer hoje com os que afirmam que a fé, só, salva, mesmo quando não se faz obra alguma da caridade. Assim, por esta suposição extinguem a caridade, quando todavia sabem e confessam de boca que a fé não é salvífica se não há amor.

370. Vers. 9: *“E disse JEHOVAH a Cain: Onde está Abel, teu irmão? E disse: Não sei. Acaso sou eu guardião do meu irmão?”* “JEHOVAH disse a Cain” significa uma certa faculdade perceptiva vinda do interior a qual ditava a respeito da caridade ou “o irmão Abel”; “Disse: Não sei. Acaso sou eu guardião do meu irmão?” significa que fez pouco caso da caridade, a quem não queria servir; por conseguinte, que rejeitou completamente tudo o que era da caridade. Tal se tornou a doutrina deles.

371. Por “JEHOVAH falando” os antiqüíssimos significavam a percepção, pois sabiam que o SENHOR era Quem lhes dava o perceber. Essa percepção não podia durar senão enquanto o amor fosse o principal; quando cessou o amor ao SENHOR, e, assim, para com o próximo, a percepção pereceu; e tanto quanto o amor permaneceu, assim houve percepção. Esse perceptivo era peculiar à Igreja Antiqüíssima. Mas depois que a fé foi separada do amor, como nos que vieram após o dilúvio, e que a caridade era dada por meio da fé, foi substituído pela consciência, que também dita, mas de outro modo. Dela se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Na Palavra, quando a consciência dita, diz-se semelhantemente que JEHOVAH fala, porque a consciência é formada pelas coisas reveladas e pelas cognições provenientes da Palavra; e, quando a Palavra diz ou dita, é o SENHOR quem o diz. Por isso, nada é mais comum do que se dizer, mesmo hoje, que o SENHOR fala, quando se trata de coisa da consciência ou da fé.

372. “Ser guardião” significa servir, como os guardas da porta e os guardas do limiar na Igreja Judaica. Diz-se da fé que ela é a guardiã da caridade, porque deve servi-la. Mas, segundo os princípios dessa doutrina, a fé é que devia dominar, como se diz no versículo 7.

373. Vers. 10: *“E disse: Que fizeste? A voz dos sangues do teu irmão está clamando a Mim desde o humo.”* A “voz dos sangues do irmão” significa a violência praticada contra a caridade; que “os sangues clamam” significa a culpabilidade; o “humo” é o cisma ou a heresia.

374. Que “a voz dos sangues” signifique a violência praticada contra a caridade, vê-se por muitas passagens na Palavra, onde a “voz” é tomada por tudo o que acusa, e “sangue” por todo pecado, principalmente, pelo ódio, pois aquele que tem ódio ao irmão em seu coração o mata, como o SENHOR o ensina:

“Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, mas quem matar será réu de juízo; Eu porém vos digo que quem se encolerizar contra seu irmão temerariamente será réu de juízo; e quem disser ao seu irmão: Raka⁸, será réu de sínédrio; e quem lhe disser: Tolo, será réu da gehena⁹ de fogo” (Mt. 5:21,22).

Por estas palavras se entendem os graus do ódio. O ódio é contrário à caridade, e mata, se não com a mão, ao menos em intenção, e de todo modo possível. São apenas os vínculos externos que impedem de se fazê-lo com a mão; por isso todo ódio é de sangue, como em *Jeremias*:

“...Em que fazes bom o teu caminho para buscares o amor?... Até nas tuas orlas se achou o sangue das almas dos pobres inocentes (2:33,34).

[2] E, porque o ódio é o “sangue”, toda iniquidade é sangue, pois o ódio é a origem de toda iniquidade; como em *Oséias*:

“...O perjurar, e o mentir, e o matar, e o furtar, e o adulterar; cometem homicídios; e os sangues contra os sangue. Por causa disso a terra lamentará, e definharão todos os que nela habitam” (4:2,3).

e em *Ezequiel*:

“Não julgarás a cidade de sangues, e não lhe farás conhecer todas as suas abominações?... Cidade que derrama o sangue no meio dela... pelo teu sangue, que derramaste, tu te tornaste culpada”... (22:2-4, 6, 9),

onde se trata da falta de compaixão. No mesmo:

“A terra está cheia do juízo dos sangues, e a cidade está cheia de violência” (7:23);

e em *Jeremias*:

“Por causa dos pecados dos profetas de Jerusalém, das iniquidades dos seus sacerdotes, os que derramam no meio dela o sangue dos justos, vagam cegos nas praças, foram contaminados com o sangue” (Lam. 4:13,14);

em *Isaías*:

“Quando o SENHOR tiver lavado as impurezas das filhas de Sião, e limpadado os sangues de Jerusalém do meio dela, com espírito de justiça e com espírito de inflamação” (4:4):

no mesmo:

⁸ Termo hebraico que significa “vazio”.

⁹ Termo hebraico usado como sinônimo de inferno.

“As palmas de vossas mãos foram contaminadas no sangue, e os vossos dedos na iniquidade” (59:3);

em *Ezequiel*:

“Passei por ti, e te vi pisada em teus sangues, e te disse: Em teus sangues vive; e te disse: Em teus sangues vive” (16:6,22);

onde se trata das abominações de Jerusalém, que são nomeadas “sangues”. A falta de compaixão e o ódio dos últimos tempos são descritos também pelo “sangue” no *Apocalipse (16:3,4)*. Se dizem “sangues”, no plural, porque todas as coisas iníquas e abomináveis brotam do ódio, assim como todas as coisas boas e santas brotam do amor. Pois aquele que tem ódio ao próximo, matá-lo-ia se o pudesse, e o faria de qualquer maneira possível. Isso é fazer-lhe violência, a qual é aqui propriamente significadora pela “voz dos sangues”.

375. “Voz que clama” e “voz de clamor” é uma expressão habitual na Palavra, e se aplica a cada coisa que se refere a algum ruído, tumulto, hostilidade e até a um acontecimento feliz, como em *Êxodo 32:17,18; Sofonias 1:9,10; Isaías 65:19; Jeremias 48:3*; aqui significando o que acusa.

376. Daí se segue agora que “os sangues clamam” significa a culpabilidade, pois os que usam de violência fazem-se culpados, como em David:

“O mal matará o ímpio, e os que odeiam os justos far-se-ão culpados” (Salmo 34:21);

em *Ezequiel*:

“Ó cidade, pelo sangue que derramaste tu te tornaste culpada” (22:4).

377. Que o “humo” signifique aqui o cisma ou a heresia, vê-se pelo fato de o “campo” significar a doutrina; por essa razão, o “humo”, em que está o campo, é o cisma. O homem mesmo é o “humo” como também o “campo”, pois é nele que essas coisas são semeadas. Porque o homem tem a sua qualidade determinada pelas coisas que nele foram semeadas: é bom e verdadeiro pelos bens e pelos veros, e é mau e falso pelos males e falsidades, Quem está em alguma doutrina, por ela é designado; os que estão nas cismas ou heresias são por estas designados. Assim, aqui, o “humo” é tomado pelos cismas ou heresias que estão no homem.

378. Vers. 11: *“E agora, maldito és tu desde o humo, que abriu a sua boca, recebendo os sangues do teu irmão da tua mão”*. “Maldito és tu desde o humo” significa que se desviou pelo cisma; “que abriu a sua boca” significa que ensinou; “recebendo os sangues de teu irmão da tua mão” é que fez violência à caridade, que ele extinguiu.

379. Que sejam essas as coisas significadas, vê-se pelo que precede; e que “maldito” signifique desviado, também foi mostrado antes, no n. 245, pois as iniquidades e abominações, ou os ódios, são as coisas que desviam o homem para que olhe somente para baixo, para as coisas corporais e terrestres, e, assim, para as

coisas que são do inferno. Isso sucede, quando a caridade é exilada e extinta, porque, então, se rompe o vínculo entre o SENHOR e o homem. Somente a caridade, o amor e a misericórdia fazem conjunção, e nunca a fé sem a caridade, porque tal fé é nula, é um mero conhecimento tal qual a turba diabólica pode ter e pela qual eles podem enganar dolosamente os probos e imitar anjos de luz. É como às vezes têm por costume fazer os pregadores mais perversos, até com zelo que imita a piedade, embora nada esteja menos neles do que aquilo que pronunciam pela boca. Pode existir alguém tão debilitado do juízo a ponto de crer que só a fé da memória, ou só o pensamento dela derivado, possa prover algo, quando qualquer um sabe, pela própria experiência, que ninguém dá valor às palavras e aprovações de outro, sejam quais forem, quando estas não procedem da vontade ou intenção? É a vontade e a intenção que fazem que sejam agradáveis, e conjungem uma à outra. Querer é o próprio homem, e não pensar e falar o que não se quer; do querer ele tira a natureza e a índole, porque o querer o afeta. Se, todavia, o homem pensa no bem, então a essência da fé ou a caridade está no pensamento, porque nele há o bem querer. Se, porém, pensa no bem e vive no mal, não pode jamais ser outra coisa senão o querer mal; por isso a fé é nula.

380. Vers. 12: *“Quando cultivares o humo, não te dará mais a sua força; errante e fugitivo serás na terra”*. “Cultivar o humo” significa desenvolver esse cisma ou essa heresia; “não mais te dar a sua força” significa ser estéril; “ser errante e fugitivo na terra” é não saber o que é o vero e o bem.

381. Que “cultivar o humo” seja desenvolver esse cisma ou essa heresia, vê-se pela significação de “humo”, da qual se tratou há pouco; que “não dar mais a sua força” signifique ser estéril é evidente pela consequência e pelas próprias palavras, e também por isso, que, aqueles que professam a fé sem a caridade, não professam fé alguma, como foi dito.

382. Que “ser errante e fugitivo na terra” signifique não saber o que é o vero e o bem, vê-se pela significação, na Palavra, de “vagar” e “fugir”, como em *Jeremias*:

“Os profetas e os sacerdotes vagam cegos nas ruas, estão contaminados de sangue; as [coisas] que eles não podem tocar, tocam-nas com as vestimentas” (Lam. 4:13,14);

onde os “profetas” são os que ensinam, “sacerdotes” são os que vivem segundo as coisas ensinadas e “vagar cego nas ruas” é não saber o que é o bem e o vero. [2] Em *Amós*:

“Parte do campo recebeu chuva, e parte do campo, em que não choveu, secou-se. Pelo que duas ou três cidades vaguearão para uma cidade para beberem águas, e não ficarão saciadas” (4:7,8),

onde “parte do campo sobre a qual houve chuva” é a doutrina da fé procedente da caridade; a “parte ou gleba do campo em que não choveu” é a doutrina da fé sem a caridade; “vagar para beber águas” é semelhantemente procurar o que é

verdadeiro. [3] Em *Oséias*:

“Foi ferido Efraim, e a raiz deles se secou; eles não darão fruto... Meu DEUS os rejeitará, porque não O escutaram, e serão errantes entre as nações” (9:16, 17).

“Efraim” está em lugar da inteligência do vero ou a fé, por ser o primogênito de José; a “raiz que se secou” está em lugar da caridade, que não pode dar fruto; “errar entre as nações” é não conhecer o vero e o bem. [4] Em *Jeremias*:

“Subi contra a Arábia, e devastai os filhos do oriente. Fugi, errai muito; na profundeza se precipitaram para habitar os habitantes de Hazor” (49:28,30);

A “Arábia” e os “filhos do oriente” são a posse das riquezas celestes, ou seja, das coisas que são do amor, a respeito das quais, quando são devastadas, se diz “fugir e errar” ou ser fugitivo e errante, quando nada fazem de bem. E dos “habitantes de Hazor”, ou os que possuem as riquezas espirituais, que são as coisas da fé, se diz “precipitar-se na profundeza” ou perecer. Em *Isaías*:

“Todos os teus principais erram juntos; pelo arco foram ligados; para longe fugiram” (22:3),

onde se trata do vale da visão ou da ilusão de que a fé pode existir sem a caridade. Daí vem que, no versículo 14 seguinte, se diz que é “errante e fugitivo”, ou, que nada sabe do vero e do bem, aquele que confessa a fé separada da caridade.

383. Vers. 13: *“E disse Cain a JEHOVAH: Grande demais é a minha iniquidade para que seja tirada”*. “Cain disse a JEHOVAH” significa uma certa confissão de que se está no mal, por uma certa dor interna; “grande demais a iniquidade para que seja tirada” significa o desespero resultante.

384. Daí se vê que restava ainda algum bem em Cain. Mas que todo bem da caridade tenha perecido depois, vê-se por Lamech, de quem se trata nos versículos 19, 23 e 24.

385. Vers. 14: *“Eis, lançaste-me hoje de sobre as faces do humo; e de Tuas faces serei oculto, e serei errante e fugitivo na terra; e será que, todo aquele que me achar, me matará”*. “Ser lançado de sobre as faces do humo” significa ser separado de todo vero da Igreja; “ser oculto de Tuas faces” significa ser separado de todo bem da fé proveniente do amor; “ser errante e fugitivo na terra” é não saber o que é vero e o bem; “todo aquele que o achar o matará” é que todo mal e falso o destruirá.

386. Que “ser lançado de sobre as faces do humo” signifique ser separado de todo o vero da Igreja, vê-se pela significação de “humo”, que, no sentido genuíno, é a Igreja ou o homem da Igreja, por conseguinte tudo o que a Igreja professa, como foi dito antes. Do sujeito depende o atributo. Por isso também, o que professa mal a fé, ou professa um cisma ou heresia, também se chama “humo”. “Ser lançado de sobre as faces do humo” é, por conseguinte, não estar mais no vero da Igreja.

387. Que “ser oculto de Tuas faces” signifique ser separado de todo o bem da fé proveniente do amor, vê-se pela significação das “faces de JEHOVAH”. As “faces de JEHOVAH” são, como foi dito antes, a misericórdia, da qual procedem todos os bens da fé proveniente do amor; por isso os bens da fé são aqui significados pelas “faces”.

388. “Ser errante e fugitivo na terra” é, como antes, não saber o que é o vero e o bem.

389. Daí se segue que “todo aquele que o achar o matará” é que todo o mal e o falso o destruirá. Com efeito, a coisa se passa assim: quando o homem se priva da caridade, então, se separa do SENHOR; é a caridade, só, ou o amor para com o próximo e a misericórdia que conjunge o homem ao SENHOR. Sem a caridade há a disjunção; quando há a disjunção, ele fica entregue a si mesmo ou ao seu *proprium*; tudo o que então pensa é o falso e tudo o que quer é o mal; são estas as coisas que matam o homem, ou fazem que ele nada tenha de vida.

390. Aqueles que se acham no falso e no mal estão num contínuo terror de serem mortos; é o que se descreve em Moisés:

“E será vossa terra a desolação, e as vossas cidades assolação... [E quanto aos] restantes de vós, introduzirei moleza no coração deles, nas terras dos seus inimigos, e o som de uma folha agitada os perseguirá, e fugirão a fuga da espada, e cairão sem ninguém os perseguir; e atropelará cada um a seu irmão como diante da espada, e sem que ninguém os persiga” (Lev. 26:33, 36 e 37).

Em Isaías:

“Os pérfidos agem com perfídia, e com perfídia de pérfidos obram perfidamente.¹⁰ E será que, aquele que fugir da voz do pavor cairá na cova; e o que subir do meio da cova será colhido no laço; ...pesada será sobre ela a sua prevaricação; por isso cairá e não mais se erguerá” (24:16-20).

Em Jeremias:

“Eis, trarei sobre ti o pavor... de todos os teus arredores; vós sereis expulsos, cada um sobre sua face, sem quem congregue o errante” (49:5).

Em Isaías:

“...Sobre cavalo fugiremos; portanto fugireis. E: Sobre [cavalos] velozes cavalgaremos; por isso os que vos perseguem serão mais velozes. Um milhar diante da ameaça de um, e diante da ameaça de cinco vós fugireis”. (30: 16,17).

Aqui e em outras partes na Palavra se descrevem os que estão no falso e no mal, os quais fogem e temem ser mortos. Há neles um temor em relação a todos, porque ninguém os protege. Todo aquele que está no mal e no falso tem ódio ao próximo, pelo que cada um deseja matar o outro.

¹⁰ *Perfidi perfide agunt, et perfidia perfidorum perfide faciunt...*

391. Que aqueles que estão no falso e no mal temem a todos, é o que se pode saber muito bem pelo que se passa com os maus espíritos na outra vida. Os que se privaram de toda a caridade andam errantes e são fugidios. A qualquer parte que vão, a quaisquer sociedades, estas logo percebem, à sua chegada, qual é sua qualidade; tal percepção existe na outra vida. Elas não somente os expulsam mas também os punem severamente, e estariam dispostos até a matá-los, se o pudessem. Os maus espíritos se comprazem sobretudo em se punirem e atormentarem uns aos outros; é nisto que consiste seu maior prazer. E, o que é ainda um arcano, o falso e o mal mesmos são a causa, pois aquilo que se deseja a outro recai sobre si mesmo, porque o falso e o mal têm consigo o castigo do falso e do mal, por conseguinte, o temor do castigo.

392. Vers. 15: “*E disse-lhe JEHOVAH: Por isso, todo aquele que matar Cain sete vezes será vingado. E JEHOVAH pôs um sinal em Cain, para que o não ferisse quem o achasse*”. “*Todo aquele que matar Cain sete vezes será vingado*” significa que fazer violência à fé assim separada seria fazê-lo ao que é sagrado; “*JEHOVAH*” pôs um sinal em Cain, para que o não ferissem” é que o SENHOR distinguiu essa fé de um modo singular para que fosse conservada.

393. Antes de se explicar o que essas coisas significam no sentido interno, cumpre saber de que modo a coisa se passa com a fé. A Igreja Antiquíssima era tal que não reconhecia fé alguma a não ser a que vem do amor, a ponto de que eles não queriam sequer nomear a fé, pois todas as coisas pertinentes à fé percebiam pelo amor que procede do SENHOR. São assim também os anjos celestes, de quem se falou anteriormente. Como, porém, foi previsto que o gênero humano não poderia permanecer em tal estado e que separariam a fé do amor procedente do SENHOR, e pela fé fariam uma doutrina singular, foi também provido para que [a fé] fosse separada, mas de tal sorte que, pela fé, ou pelas cognições da fé, recebessem do SENHOR a caridade, de modo que a cognição ou audição precedesse, e pela cognição ou audição o SENHOR lhes desse a caridade, isto é, com o amor ao próximo e a misericórdia. Essa caridade não só seria inseparável da fé, mas também constituiria o principal da fé. Assim, em lugar da percepção que existiu na Igreja Antiquíssima, sucedeu a consciência, que, sendo adquirida pela fé adjunta à caridade, ditaria não o que é o vero, mas se algo é verdadeiro, e isso porque o SENHOR falou na Palavra. Tais se tornaram as Igrejas, em sua maior parte, após o dilúvio; tal era a Igreja primitiva ou a primeira Igreja de após o Advento do SENHOR. É nisso que os anjos espirituais se distinguem dos anjos celestes.

394. Ora, como isso foi previsto e provido para que o gênero humano não perecesse de morte eterna, aqui se diz que “ninguém violasse Cain”, por quem é significada a fé separada, e que “foi posto nele um sinal”, isto é, que o SENHOR a distinguiu de modo singular para que fosse conservada. Essas coisas são arcanos que até agora não tinham sido revelados, e são elas a que o SENHOR se referia pelas palavras que pronunciou sobre o casamento e sobre os eunucos, em *Mateus*:

“Há eunucos que desde o ventre da mãe nasceram tais; e há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens; e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino de DEUS; quem pode compreender, compreenda” (19:12).

“Eunucos” se dizem dos que estão no casamento celeste; “desde o ventre nascidos”, dos que são como os anjos celestes; “feitos pelos homens”, os que são como os anjos espirituais; “que a si mesmos se fizeram”, como os espíritos angélicos, que não agem tanto pela caridade mas pela obediência.

395. Que “todo aquele que matar Cain será vingado sete vezes” significa que fazer violência à fé assim separada seria fazê-lo ao que é sagrado, vê-se pela significação de “Cain”, que é a fé separada, e pela significação de “sete”, que é o sagrado. O número septenário foi considerado santo, como se sabe, por causa dos seis dias da criação, e o sétimo, que é o homem celeste, no qual há paz, o descanso, o sábado. Daí ocorrer tantas vezes o número septenário nos ritos da Igreja Judaica e em toda parte ser considerado santo. Os tempos, por conseguinte, se distinguiam em sete, tanto os seus grandes intervalos quanto os pequenos, e se chamavam “semanas”, como os grandes intervalos dos tempos para a vinda do Messias (Daniel 9:24,25); e o tempo de sete anos chamado semana por Labão e Jacob (*Gênesis* 29:27,28). Por isso, onde quer que ocorra o número septenário, ele é tomado pelo que é santo ou sagrado, como em David:

“Sete vezes ao dia Te louvo” (Sal. 119:164);
em Isaías:

“Será a luz da luz como a luz do sol, e a luz do sol será sétupla, como a luz de sete dias” (30:26),

onde o “sol” é o amor e a “lua” a fé procedente do amor, a qual será como o amor. [2] Assim como os tempos da regeneração do homem foram distintos em seis, antes do sétimo ou homem celeste, assim também os tempos da devastação, até não restar coisa alguma celeste. É isso que foi representado pelos muitos cativos dos judeus e pelo último, na Babilônia, que foi de sete séculos¹¹ ou setenta anos. E algumas vezes é dito que a terra descansaria os seus sábados. E também por Nebuchadenezar, em *Daniel*:

“Seu coração de homem será mudado, e um coração de besta lhe será dado até que sete tempos passem sobre ele” (4:16,25,32).

Sobre a devastação dos últimos tempos, em João:

“Vi outro sinal no céu, grande e admirável: sete anjos tendo as sete últimas pragas” (Apoc. 15:1,6,7).

É dito que:

¹¹ Vide observação no parágrafo 433, a saber, que um século (ou uma era), na Palavra, tem duração de dez anos.

“Pisarão a cidade santa quarenta e dois meses, ou seis vezes sete” (*Ibid.* 11:2).

“Vi um livro [escrito] por dentro e por detrás, selado com sete selos” (*Ibid.* 5:1).

Daí é que a severidade e o acréscimo das penas se exprimiam pelo número septenário, como em Moisés:

“Se, depois disto, não Me obedeceres, ainda vos castigarei ao sétuplo, por causa de vossos pecados” (*Lev.* 26:18,21,24 e 28).

Em David:

“Torna aos nossos vizinhos o sétuplo em seu regaço” (*Sal.* 79.12).

Pelo fato de que era um sacrilégio fazer violência à fé, pois que, como foi dito, ela seria útil, daí ser dito que “ao sétuplo será vingado aquele que matar Cain”.

396. Que “JEHOVAH tenha posto um sinal em Cain, para que ninguém o ferisse” signifique que o SENHOR distinguiu a fé de um modo singular para que fosse conservada, vê-se pela significação de “sinal” e “pôr um sinal” em alguém, que é distinguir, como em *Ezequiel*:

“Disse JEHOVAH: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal as testas dos varões que gemem e suspiram sobre todas as abominações” (9:4),

onde “marcar as testas” não significa fazer um sinal ou um traço nas testas, mas distingui-los dos outros. Semelhantemente, em João:

“Que causassem dano... aos homens que não tivessem o sinal de DEUS nas testas” (*Apoc.* 9:4),

onde “ter o sinal” é, também, distinguir. [2] No mesmo livro, o sinal também é chamado marca [*character*]:

“Fazer uma marca na mão e na testa” (14:9)

As coisas significadas por estas expressões eram representadas na Igreja Judaica pela ligação do preceito maior e principal na mão e na testa, de que se trata em Moisés:

“Ouve, ó Israel, JEHOVAH nosso DEUS é um só JEHOVAH; amarás JEHOVAH teu DEUS de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças; ...e ligarás estas [palavras] por sinal na tua mão, e que sejam como testeira entre teus olhos” (*Deut.* 6:4,5 e 8; 11:13,18),

pelo que era representado que deviam considerar o preceito sobre o amor acima de todos os outros preceitos. Daí é evidente o que significa o sinal na mão e na testa. [3] Em *Isaías*:

“[O tempo] vem para congregar todas as nações e línguas; e virão, e verão a Minha glória; e porei neles um sinal” (66:18,19);

e em David:

“Torna-Te para mim, e tem misericórdia de mim; dá Tua força ao Teu servo, e salva o filho de Tua serva. Faze comigo um sinal para o bem, e que o vejam aqueles que me odeiam, e fiquem envergonhados” (Sal. 86:16,17).

Por estas explicações, pode-se ver agora o que é o “sinal”. Por isso ninguém deve imaginar que algum sinal tenha sido posto em alguém chamado Cain, porque o sentido interno da Palavra envolve coisas inteiramente diferentes das do sentido da letra.

397. Vers. 16: *“E saiu Cain de diante das faces de JEHOVAH, e habitou na terra de Nod, para o oriente do Éden”.* “Saiu Cain de diante das faces de JEHOVAH” significa que foi separado do bem da fé proveniente do amor; “habitou na terra de Nod” é estar fora do vero e do bem; “para o oriente do Éden” é perto da mente intelectual, onde antes havia o amor.

398. Que “sair de diante das faces de JEHOVAH” signifique ser separado do bem da fé do amor, vide no versículo 14 acima; que “tenha habitado na terra de Nod” signifique estar fora do vero e do bem, vê-se pela significação da palavra “Nod”, que é ser errante e fugitivo; e que “ser errante e fugitivo” é ser privado do vero e do bem, vide também acima; que “para o oriente do Éden” seja perto da mente intelectual, onde antes reinava o amor, e também perto da mente racional, onde antes reinava a caridade, vê-se pelas coisas que foram ditas anteriormente sobre a significação de “oriente do Éden”, a saber, que o “Oriente” é o SENHOR e “Éden” é o amor. Nos varões da Igreja Antiquíssima, a mente, constituída pela vontade e pelo entendimento, era uma só. Com efeito, a vontade nela era tudo, de sorte que o entendimento pertencia à vontade, e isso porque não se fazia distinção entre o amor que é da vontade e a fé que é do entendimento, porque o amor era tudo e a fé era do amor. Mas, depois que a fé foi separada do amor – de sorte que, naqueles que foram chamados Cain, não reinava mais vontade alguma, e como o entendimento reinava em lugar da vontade, ou a fé em lugar do amor– foi dito que “habitou para o oriente do Éden”. Pois, como se disse há pouco, a fé foi distinta, ou, “foi posto um sinal” para que fosse conservada para uso do gênero humano.

399. Vers. 17: *“E Cain conheceu sua esposa, e concebeu, e pariu Hanoch [Enoque]. E sucedeu que edificou uma cidade, e chamou o nome da cidade segundo o nome de seu filho Hanoch”.* “Que Cain tenha conhecido sua esposa, e tenha concebido e parido Hanoch” significa que esse cisma ou heresia produziu de si mesma uma outra, que foi chamada Hanoch; pela “cidade edificada” é significado todo doutrinal e herético daí; como o cisma ou heresia foi chamado Hanoch, é dito que o “nome da cidade se chamou segundo o nome do filho, Hanoch”.

400. Que “Cain tenha conhecido sua esposa, tenha concebido e parido Hanoch” signifique que esse cisma ou heresia produziu de si mesma uma outra, é o que se segue claramente pelas coisas precedentes e, também, pelo versículo primei-

ro, a saber, que “o Homem e Havah sua esposa geraram Cain”. Assim, as expressões que se seguem são concepções e partos semelhantes, tanto de Igrejas quanto de heresias, das quais se instituíam uma genealogia, pois as coisas são semelhantes; de uma heresia formada nascem muitas.

401. Que a heresia e todo o seu doutrinal ou herético tenha sido chamado Hanoch, isto também se vê um pouco pelo nome, que significa a instrução daí começada ou iniciada.

402. Que pela “cidade edificada” seja significado todo doutrinal e herético daí proveniente, vê-se pela Palavra em toda parte em que ocorre o nome de alguma cidade. Ali, em parte alguma a cidade é significada, mas alguma espécie de doutrinal ou herético, porque os anjos ignoram inteiramente o que é a cidade ou algum nome de cidade, nem podem em momento algum ter idéia de cidade, pois estão nas idéias espirituais e celestes, como foi mostrado antes, mas percebem apenas o que elas significam. Assim, pela “cidade santa”, que também se chama a “santa Jerusalém”, não entendem outra coisa senão o reino do SENHOR no universal ou qualquer um em particular em que está o reino do SENHOR. Entendem coisas semelhantes pela “cidade ou monte de Sião”: pelo monte, o celeste da fé e pela cidade, o espiritual da fé. [2] O celeste e espiritual mesmo é descrito também pelas cidades, palácios, casas, muros, alicerces dos muros, antemuros, portas e ferrolhos, e, no meio, o templo, como em *Ezequiel* 48, no *Apocalipse* 21:15 ao fim. É chamado a “Santa Jerusalém” no mesmo, Vers. 2 e 10; em *Jeremias* 31:38. Em David, “Cidade de DEUS, o santo dos habitáculos do Altíssimo (*Salmo* 46:5); em *Ezequiel*, chamado “Cidade, JEHOVAH ali” (47:35). Em *Isaías* se diz dela:

“Filhos de estrangeiros edificarão os teus muros... curvar-se-ão às solas de teus pés todos os que te rejeitam, e chamar-te-ão Cidade de JEHOVAH, Sião do Santo de Israel” (60:10,14).

Em *Zacarias*, Jerusalém é chamada “cidade da verdade” e “monte de Sião, monte da santidade” (8:3) onde “cidade da verdade ou Jerusalém” significa as coisas espirituais da fé, e “monte da santidade ou de Sião” as celestes da fé. Como as coisas celestes e espirituais da fé foram representadas pela cidade, assim todas as coisas doutriniais foram significadas pelas “cidades de Judah e de Israel”, as quais também, quando nomeadas, significam algum doutrinal em particular. Mas qual é esse doutrinal, ninguém pode saber, a não ser pelo sentido interno. [3] Como pelas “cidades” são significadas as coisas doutriniais, também pelas cidades são significadas as coisas heréticas, e, quando nomeadas, também significam algum herético em particular. Somente então se pode ver, pelas passagens que se seguem, que a “cidade” significa em geral o doutrinal ou herético. Em *Isaías*:

“Naquele dia, haverá cinco cidades na terra do Egito, falando com o lábio de Canaan e jurando JEHOVAH Zebaoth; uma será chamada a cidade de Ceres” (19:18),

onde se trata do conhecimento das coisas espirituais e celestes no tempo do

Advento do SENHOR. No mesmo:

*“Cheia de tumultos, cidade tumultuosa, cidade exultante” (22:1,2),
onde se trata do vale da visão ou da ilusão. Em Jeremias:*

*“As cidades do sul foram fechadas, ninguém há que as abra” (13:19),
onde se trata daqueles que estão no “sul” ou na luz da verdade e a extin-
guem. No mesmo:*

*“Cogitou JEHOVAH em destruir o muro da filha de Sião, fez em luto o antemuro e o muro, ao mesmo tempo foram enfraquecidos; suas portas foram derribadas em terra; destruiu e quebrou os seus ferrolhos” (Lam. 2:8,9),
onde qualquer um pode ver que pelo “muro”, pelo “antemuro”, pelas “portas” pelos “ferrolhos” não se entendem outra coisa a não ser doutrinais. Semelhantemente, em Isaías:*

“Será cantado este cântico na terra de Jehudah, cidade forte para nós; a salvação estabelecerá muros e antemuro. Abri vós as portas para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade” (26:1,2).

No mesmo:

“Exaltar-Te-ei, confessarei Teu Nome... Fizeste da cidade um montão, da cidade fortificada uma ruína; o palácio dos estrangeiros da cidade não se reedificará jamais. Por causa disso, um povo forte Te honrará, a cidade das nações temíveis te temerá [timebunt]” (25:1,3);

Nem aí se trata de cidade alguma. Na profecia de Bileam [Balaão]:

“Edom será por herança... e dominará de Jacob, e fará destruir o que restar da cidade” (Núm. 24:18,19),

onde qualquer um pode ver que “cidade” não significa cidade. Em Isaías:

“Foi quebrada a cidade da vaidade; toda casa foi fechada, para que não entre o clamor por causa do vinho nas ruas” (24:10,11),

onde a “cidade da vaidade” está em lugar das vaidades da doutrina; “ruas”, aqui e em outras passagens, significam as coisas que são da cidade, sejam falsas ou verdadeiras. Em João:

“Quando o sétimo anjo derramou a taça... rompeu-se a cidade grande em três partes, e as cidades das nações caíram” (Apoc. 16:19).

Que a “cidade grande” seja o herético e que a “cidade das nações” seja o mesmo, qualquer um pode ver. Também é explicado que a cidade grande é a mulher que João viu (Apoc. 17:18). Que a “mulher” seja uma tal Igreja, mostrou-se anteriormente.

403. Por estas explicações, vê-se o que “cidade” significa. Mas, como todas as coisas estão em forma de histórias, não se pode ver outras coisas senão as que se acham no sentido da letra, isto é, que uma cidade foi edificada por Cain e chamada Hanoch, embora, pelo sentido da letra, também se devesse refletir se a

terra estaria povoada, visto que Cain foi o primogênito de Adam. A série histórica tem consigo essa característica. Mas, como foi dito anteriormente, era costume entre os antiqüíssimos dispor todas as coisas sob tipos representativos em forma de história, o que lhes era sumamente deleitável, porque, assim, tudo lhes parecia dotado de vida.

404. Vers. 18: “*E nasceu, para Hanoch, Irad; e Irad gerou Mechujael; e Mechujael gerou Methushael; e Methushael gerou Lamech*”. Todos esses nomes significam heresias derivadas da primeira, que se chamou “Cain”. E como nada mais restou delas senão os nomes, não é necessário dizer outra coisa. Pode ser tirada alguma coisa das derivações dos nomes, assim como o que “Irad” significa, a saber, “o que desce [ou descende] da cidade”, isto é, da heresia chamada Hanoch; e, assim, por diante.

405. Vers. 19: “*E Lamech tomou para si duas esposas: o nome de uma, Adah, e o nome da outra, Zilah.*” Por “Lamech”, que é o sexto na ordem desde Cain, é significada a devastação — que não havia mais fé alguma; pelas “duas esposas” é significada a origem de uma nova Igreja; por “Adah”, a mãe das coisas celestes e espirituais dessa Igreja; por “Zilah”, a mãe das coisas naturais dessa mesma Igreja.

406. Que por “Lamech” seja significada a devastação ou que não havia mais fé, pode-se ver pelos versículos 23 e 24 seguintes, onde se diz que “matou um varão por sua ferida, e um pequenino por sua pisadura”; aí, pelo “varão” se entende a fé, e pelo “pequenino” ou menino, a caridade.

407. Assim se passa com o estado da Igreja em geral: no decorrer do tempo, ela se afasta da verdadeira fé e finalmente acaba sem fé alguma. Quando não tem mais nenhuma fé, se diz que está devastada. Assim se passou com a Igreja Antiqüíssima entre os que se chamaram cainitas, e, assim, também com a Igreja Antiga, que existiu após o dilúvio, e, assim, também com a Igreja Judaica, que estava tão devastada na época do Advento do SENHOR, que as pessoas não sabiam coisa alguma sobre o SENHOR, que devia vir para os salvar, ainda menos sobre a fé n'Ele. Assim também se deu com a Igreja primitiva ou a que existiu após o Advento do SENHOR: está hoje tão devastada que não há fé alguma. Entretanto, sempre resta algum núcleo da Igreja, o qual não é reconhecido por aqueles que foram devastados quanto à fé. Da mesma forma, um remanescente da Igreja Antiqüíssima permaneceu até o dilúvio e foi continuado após o dilúvio, remanescente este que se chamou “Noach” [Noé].

408. Quando a Igreja foi tão devastada que não tem mais fé alguma, só então ela começa de novo, ou brilha uma nova luz que na Palavra se chama “manhã”. A razão por que essa nova luz ou manhã não aparece antes de a Igreja estar devastada é que as coisas da fé e da caridade estão misturadas com as profanas, e, enquanto estiverem misturadas, coisa alguma da luz ou da caridade pode ser insinuada, pois a cizânia arruína toda boa semente. Quando, todavia, não há fé alguma,

então a fé não pode mais ser profanada, porque não se crê no que é dito. Os que não reconhecem nem crêem, mas apenas sabem, não podem profanar, como foi dito anteriormente. É como hoje os judeus: como vivem entre os cristãos, não podem deixar de saber que o SENHOR é reconhecido pelos cristãos como o Messias que eles esperavam e ainda esperam; mas não podem profanar, porque não o reconhecem nem crêem. Tampouco os maometanos e gentios que ouviram a respeito do SENHOR. Esta é a razão pela qual o SENHOR não veio ao mundo antes de a Igreja Judaica nada mais reconhecer e crer.

409. Deu-se de modo semelhante com a heresia chamada “Cain”, que, no decorrer do tempo, foi devastada, pois reconheceu decerto o amor, mas fez a fé o principal e a preferiu ao amor. Todavia, as heresias dele derivadas pouco a pouco se desviaram desse reconhecimento, e “Lamech”, que foi o sexto na ordem, até a fé negou completamente. Quando esse tempo chegou, então rompeu uma nova luz ou manhã, e formou-se uma Igreja nova, que aqui se chama “Adah e Zilah”, mencionadas como esposas de Lamech. Elas são referidas como esposas de Lamech, o que não estava em fé alguma, assim como a Igreja interna e externa dos judeus, que também não estavam em fé alguma. Essas Igrejas são também chamadas “esposas” na Palavra. Isto também foi representado por “Léa e Raquel”, as duas esposas de Jacob, das quais “Léa” representava a Igreja externa e “Raquel” a interna. Essas Igrejas, embora parecessem duas, são sempre uma, pois a externa ou representativa sem a interna nada mais é que algo idólatrico ou morto; a interna com a externa, todavia, constituem a mesma e única Igreja, assim como “Adah e Zilah” aqui. Mas como Jacob ou a posteridade de Jacob não estava, como Lamech, em fé alguma, a Igreja não pôde permanecer ali, mas foi transplantada nos gentios, que viveram na ignorância mas não na infidelidade. É raro — se é que isso ocorre — que a Igreja permaneça com aqueles que têm as verdades consigo, quando são devastados, mas é transferida para aqueles que nada absolutamente sabem dessas verdades, pois estes abraçam a fé muito mais facilmente que aqueles.

410. A devastação é dúplice: a primeira, daqueles que sabem e não querem saber, ou que vêem e não querem ver; tal foi a devastação dos judeus e tal é a dos cristãos hoje. A outra é daqueles que nada sabem ou vêem, porque ignoram; tais foram e tais também são hoje os gentios. Quando o último tempo da devastação chega para os que sabem e não querem saber, ou que vêem e não querem ver, só então é que surge de novo a Igreja, não entre eles, mas entre os que eles chamam de gentios. Assim aconteceu com a Igreja Antiquíssima que existiu antes do dilúvio, assim aconteceu com a Igreja Antiga que existiu após o dilúvio e, assim, com a Igreja Judaica. A razão por que só então brilha a nova luz é, como foi dito, que então não podem mais profanar as coisas que são reveladas, porque não as reconhecem nem crêem que sejam verdadeiras.

411. Que o último tempo da devastação deva sobrevir antes que uma nova Igreja possa surgir, isso foi dito pelo SENHOR muitas vezes nos profetas. Esse tempo se chama ali “devastação” no que concerne às coisas celestes da fé, e “de-

solação” no que concerne às espirituais da fé, e também “consumação” e “excisão”, como em *Isaías 6:9,11,12; 24:1 ao fim; 23:8 e seqüência; 42:15-18; Jeremias 25:1 ao fim; Daniel 8: 1 ao fim; 9:24 ao fim; Sofonias 1:1 ao fim; Deuteronômio 32:1 ao fim; Apocalipse 15, 16 e capítulos seguintes.*

412. Vers. 20: “*E Adah pariu Jabal: este era pai do habitante das tendas, e do gado*”. Por “Adah” é significada, como visto antes, a mãe dos celestes e espirituais da fé; por “Jabal, pai do habitante das tendas, e do gado” é significada a doutrina sobre as coisas santas do amor e do bem daí proveniente, que são as coisas celestes.

413. Que por “Adah” seja significada a mãe dos celestes da fé, vê-se pelo seu primogênito, Jabal, que é chamado “pai do habitante das tendas, e do gado”, que são os celestes, porque significam as coisas santas do amor e os bens daí.

414. Que “habitar nas tendas” seja o santo do amor, vê-se pela significação das tendas na Palavra, como em David:

“JEHOVAH, quem morará na Tua tenda? quem habitará no monte de Tua santidade? Aquele que anda em integridade e pratica a justiça, e fala a verdade em seu coração” (Sal. 15:1,2),

onde se descreve o que é “habitar na tenda” ou “no monte da santidade” pelas coisas santas do amor, que são “andar em integridade e praticar a justiça”. No mesmo:

“Em toda a terra estendeu a sua linha, e no fim do mundo o seu discurso; para o sol pôs uma tenda sobre eles” (19:4),

onde o “sol” está em lugar do amor. No mesmo:

“Morarei em Tua tenda para sempre; confiarei no oculto das Tuas asas” (61:4),

onde a “tenda” está em lugar do celeste e o “oculto das asas” em lugar do espiritual daí procedente. Em *Isaías*:

“Foi firmado pela misericórdia o trono, e assentará nele em verdade, na tenda de David, julgando e buscando o juízo, e apressando a justiça” (16:5),

onde também a “tenda” está em lugar do santo do amor, como “buscar o juízo e apressar a justiça”. No mesmo:

“Contempla Sião, cidade de nossa festa marcada. Teus olhos vejam Jerusalém, habitáculo tranqüilo, tenda que não será removida” (33:20),

[2] onde se trata da Jerusalém celeste. Em *Jeremias*:

“Assim disse JEHOVAH: Eis que Eu retiro o cativo das tendas de Jacob, e terei misericórdia dos seus habitáculos; e a cidade será edificada sobre o seu montão” (30:18);

o “cativo das tendas” está em lugar da devastação dos celestes ou das

coisas santas do amor. Em *Amós*:

“Naquele dia erguerei o tabernáculo caído de David, e taparei suas rupturas, e suas ruínas erguerei, e o edificarei conforme os dias de eternidade” (9:11);

onde, semelhantemente, o “tabernáculo” está em lugar dos celestes e suas coisas santas. Em *Jeremias*:

“Toda a terra foi devastada; num instante foram devastadas as Minhas tendas, de súbito as Minhas cortinas” (4:20);

e em outro lugar:

“Minha tenda foi devastada, e todas as Minhas cordas foram arrancadas; os Meus filhos saíram de Mim, e eles não [mais existem]; ninguém há mais que estenda Minha tenda e que erga as Minhas cortinas” (10:20),

onde a “tenda” está em lugar dos celestes e as “cortinas e cordas” em lugar dos espirituais daí procedentes. No mesmo:

“As suas tendas e os rebanhos apanharão; as suas cortinas, e todos os seus vasos, e os camelos, tomarão para si” (49:29),

onde se trata da Arábia e dos filhos do oriente, pelos quais são representados os que possuem as coisas celestes ou santas. No mesmo:

“O SENHOR derramou como fogo Sua cólera na tenda da filha de Sião” (Lam. 2:4),

em lugar da devastação dos celestes, ou das coisas santas da fé. [3] Que, na Palavra, a “tenda” seja tomada pelos celestes e pelas coisas santas do amor, é porque na antigüidade as pessoas prestavam o culto santo nas suas tendas. Mas, quando começaram a profanar as tendas com cultos profanos, então foi construído o tabernáculo e depois o templo. É por isso que o “tabernáculo” e depois o “templo” significavam o mesmo que a “tenda”. O homem santo foi por este motivo chamado “tenda” e “tabernáculo”, como também “templo do SENHOR”. Que a “tenda”, o “tabernáculo” e o “templo” signifiquem a mesma coisa, vê-se em David:

“Uma coisa pedi a JEHOVAH, isto buscarei: que eu fique na casa de JEHOVAH todos os dias da minha vida, para contemplar JEHOVAH em suavidade, e para visitar de manhã o Seu templo. Porque me esconderá em Seu tabernáculo no dia do mal; ocultar-me-á no oculto de Sua tenda, sobre uma rocha me elevará. E então minha cabeça será elevada contra meus inimigos que me cercam, e sacrificarei em Sua tenda sacrifícios de clamores” (Sal. 27:4 a 6).

No sentido supremo, é o SENHOR, quanto à Sua Essência Humana, que é a Tenda, o Tabernáculo e o Templo. Daí todo homem celeste ser chamado assim e, por conseguinte, tudo o que é celeste e santo. E como a Igreja Antiquíssima foi amada pelo SENHOR mais do que as seguintes, e como então as pessoas viviam sós, ou seja, em suas famílias, e celebravam um culto tão santo em suas tendas, eis porque as tendas foram consideradas mais santas do que o templo, que foi profanado. Em recordação disso foi instituída a festa dos tabernáculos, quando se devia fazer a

colheita dos proventos da terra e habitar, como os antiqüíssimos, em tabernáculos (Lev. 23:39 a 44; Deut. 16:13; Oséias 12:9).

415. Que pelo “pai do gado” seja significado o bem procedente daí, ou seja, das coisas santas do amor, pode-se ver pelo que foi mostrado anteriormente, no versículo 2 deste capítulo, que o “pastor do rebanho” significa o bem da caridade. Mas aqui se diz “pai” e não “pastor”, “gado” e não “rebanho”. E “do gado”, do qual ele é o pai, segue imediatamente depois de “tenda”, donde se vê que o gado significa o bem que vem do santo do amor e que se entende pelo habitáculo, ou aprisco do gado, ou o pai dos que habitavam a tenda e os apriscos do gado. Que estas coisas signifiquem os bens provenientes dos celestes do amor, vê-se também em várias passagens na Palavra, como em *Jeremias*:

“Eu congregarei os restos do Meu rebanho de todas as terras em que os disperssei, e os reconduzirei aos seus apriscos, para que frutifiquem e sejam multiplicados” (23:3);

em *Ezequiel*:

“Em uma pastagem boa os apascentarei, e nos altos montes de Israel será o seu aprisco. Ali se deitarão em bom aprisco, e pasto gordo pastarão nos montes de Israel” (34:14),

onde “apriscos” e “pastos” estão em lugar dos bens do amor, aos quais se atribui o termo “gordo”. Em *Isaías*:

“Dará a chuva de tua semente, com que semearás o humo; e o pão, o provento do humo, será gordo e oleoso; apascentará teus gados naquele dia em prado largo” (30:23),

onde o “pão” significa o celeste, e “gordo”, que os gados pastam, os bens que daí procedem. Em *Jeremias*:

“JEHOVAH redimiu Jacob... e virão e cantarão nas alturas de Sião; e acorrerão para o bem de JEHOVAH, para o trigo, e para o mosto, e para o azeite e para os filhotes do rebanho e da manada; e a alma deles será como jardim irrigado” (31:11,12),

onde o santo de JEHOVAH é descrito pelo “trigo” e pelo “azeite”, e os bens daí procedentes pelo “mosto” e pelos “filhotes do rebanho e da manada” ou do gado. No mesmo:

“Para a filha de Sião virão os pastores e os rebanhos de seus gados, e assentarão para ela tendas em toda a volta; apascentará cada um no seu espaço” (6:3);

a “filha de Sião” está em lugar da Igreja celeste, à qual se atribuem as “tendas” e os “rebanhos dos gados”.

416. Que sejam significadas as coisas santas do amor e os bens daí procedentes, é o que se pode ver também pelo fato de Jabal não ter sido o primeiro dos habitantes das tendas e dos apriscos do gado, pois foi dito também de Abel, o se-

gundo filho do Homem e de Havah, que ele foi “pastor de rebanho”, e Jabal é o sétimo na ordem a partir de Cain.

417. Vers. 21: “*E o nome do seu irmão, Jubal: este era pai de todo aquele que toca harpa e órgão*”. Pelo “nome do seu irmão, Jubal” é significada a doutrina dos espirituais da mesma Igreja; por “pai de todo aquele que toca harpa e órgão” são significados os veros e os bens da fé.

418. No versículo anterior tratou-se das coisas celestes que são do amor; neste se trata das coisas espirituais que são da fé; essas são designadas pela “harpa” e pelo “órgão”. Os instrumentos de corda, como a harpa e outros semelhantes, significam as coisas espirituais da fé; isto se vê em muitas passagens. No culto da Igreja representativa, semelhantes instrumentos, como também os cânticos, não representavam outra coisa, donde havia tantos cantores e músicos. E, de fato, a causa disso é que todo prazer celeste produz a alegria do coração que se manifesta pelo canto e, depois, pelos instrumentos de corda que acompanhavam e exaltavam o canto. Toda afeição do coração tem também a característica de produzir o canto e conseqüentemente as coisas que pertencem ao canto. A afeição do coração é o celeste, o canto que daí procede é o espiritual. [2] Que o canto e o que lhe é semelhante signifique o espiritual, também tornou-se-me evidente pelos coros angélicos, que são de duplo gênero, celestes e espirituais. Os coros espirituais, por seu som canoro e ligeiro, ao qual pode ser assimilado o som dos instrumentos de corda, são bem distintos dos coros celestes, de que se tratará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Os antiqüíssimos referiam mesmo à província do coração o que era celeste e à província dos pulmões o que era espiritual; assim, o espiritual a tudo que pertence aos pulmões, como as vozes do canto e coisas semelhantes, e deste modo às vozes ou aos sons desses instrumentos. Isso, não só porque o coração e os pulmões representam uma espécie de casamento, como o do amor e a fé, mas, também, porque os anjos celestes pertencem à província do coração, e os anjos espirituais à dos pulmões. Que tais coisas se entendam aqui, pode-se saber por isto: o que seria a Palavra do SENHOR, na qual não haveria vida alguma, se fosse narrado somente que Jubal era o pai dos que tocam a harpa e o órgão? Nem seria útil a alguém sabê-lo.

419. Assim como as coisas celestes são as coisas santas do amor e os bens daí procedentes, também as espirituais são os veros e os bens da fé. Com efeito, pertence à fé o entender, não só o que é o vero, mas também o que é o bem; as cognições da fé envolvem um e outro. Mas o celeste é ser tal qual a fé ensina. Como a fé envolve um e outro, eles são significados pelos dois instrumentos, a harpa e o órgão. A harpa, como se sabe, é um instrumento de corda; por isso significa o vero espiritual. O órgão, porém, é um instrumento intermediário entre os instrumentos de corda e os de sopro; por isso, significa o bem espiritual.

420. Na Palavra são citados diversos instrumentos, e cada um tem a sua significação, de que se tratará em seu lugar, pela Divina misericórdia do Senhor.

Por ora se verá somente o que se diz em David:

“Sacrificarei na tenda de JEHOVAH sacrifícios de clamor; cantarei e salmodiarei a JEHOVAH” (Sal. 27:6),

onde o celeste é expresso pela “tenda” e o espiritual procedente pelo “clamor” e por “cantar e salmodiar”. No mesmo:

“Justos, cantai em JEHOVAH. Aos retos fica bem o Seu louvor. Confessai JEHOVAH na harpa, sobre o saltério de dez cordas salmodiai a Ele; cantai-Lhe um cântico novo; fazei pulsar bem e com clangor, porque reta é a palavra de JEHOVAH, e toda Sua obra em verdade” (Sal. 33:1-4),

[2] tratando-se dos veros da fé, aos quais estas coisas se aplicam. As coisas espirituais ou os veros e bens da fé eram celebrados com a harpa, os saltérios, o canto e coisas semelhantes; as coisas santas ou os celestes da fé, todavia, eram celebrados com os instrumentos de sopro, como as trombetas e semelhantes, razão pela qual havia tantos instrumentos ao redor do templo e tantas vezes que isso ou aquilo era celebrado por tais instrumentos. É por isso que os instrumentos estão em lugar das coisas mesmas que eles celebravam e pelas quais eram entendidos e tomados, como essas de que se está tratando. [3] Em David:

“Confessar-Te-ei com o instrumento do saltério a Tua verdade, ó meu DEUS. Eu te salmodiarei com a harpa, ó Santo de Israel. Cantarão meus lábios, quando eu Te salmodiar, e minha alma, que redimiste” (Sal. 71:22,23),

onde semelhantemente se trata dos veros da fé. No mesmo:

“Respondei a JEHOVAH em confissão; salmodiai a nosso DEUS na harpa” (Sal. 147:7),

onde a “confissão” se refere às coisas celestes da fé — por isso é dito “JEHOVAH” — e “salmodiar na harpa” se refere aos espirituais da fé — por isso é dito “DEUS”. No mesmo:

“Louvai o Nome de JEHOVAH com a dança; com o tambor e a harpa a Ele salmodiai” (Sal. 149:3);

[4] O “tambor” está em lugar do bem e a “harpa” em lugar do vero, que louvam. No mesmo:

“Louvai a DEUS com clangor de trombeta; louvai-O com saltério e com harpa; louvai-O com tambor e dança; louvai-O com a lira e órgão; louvai-O com címbalos sonoros; louvai-O com címbalos altissonantes” (Sal. 150:3,5),

em lugar dos bens e veros da fé, pelos quais há o louvor. Quem não crê que tantos instrumentos não seriam nomeados a não ser que significassem algo? No mesmo:

“Envia a Tua luz e a Tua verdade; que elas me conduzam, me levem para o monte de Tua santidade e para Teus habitáculos. E irei ao altar de DEUS, para DEUS, a alegria da minha exultação, e Te confessarei com a harpa, ó DEUS, meu DEUS!” (Sal. 43:3,4),

em lugar das cognições do bem e do vero. [5] Em *Isaías*:

“Toma a harpa, rodeia a cidade... tange bem, intensifica o canto, para que sejas lembrado em memória” (23:16),

em lugar das coisas que pertencem à fé e às cognições da fé. É ainda mais manifesto em João:

“Os quatro animais e os vinte e quatro anciões prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um harpas e taças de ouro cheias de perfumes, que são as orações dos santos” (Apoc. 5:8).

Qualquer um pode ver que eles não teriam harpas, mas que as “harpas” significam os veros da fé, e as “taças de ouro cheias de perfumes”, os bens da fé. Em David chamam-se “louvores e confissões” os sons que se tiravam dos instrumentos (*Sal. 42:4; 69:30*). E em outro lugar, em João:

“Ouvi uma voz do céu, como de muitas águas; ...ouvi uma voz de harpistas tangendo em suas harpas; cantavam um cântico novo” (Apoc. 14:2).

E em outro lugar:

“Vi os que estavam junto ao mar de vidro, tendo as harpas de DEUS” (Apoc. 15:2).

É de se notar que os anjos e os espíritos distinguem os sons, não só do canto e dos instrumentos, mas também os da voz, segundo as diferenças quanto ao bem e ao vero. Nada admitem desses sons a não ser as coisas que concordem, de modo que haja concordância dos sons e, assim, dos instrumentos, com a natureza e a essência do bem e do vero.

421. Vers. 22: *“E Zillah, também ela pariu Tubal-cain, instrutor de todo artífice de bronze e de ferro, e a irmã de Tubal-cain, Naamah”*. Por “Zillah” é significada, como foi dito, a mãe dos naturais da Igreja nova; por “Tubal-cain, instrutor de todo artífice de bronze e de ferro” é significada a doutrina do bem e do vero naturais; o “bronze” significa o bem natural; o “ferro” o vero natural; pela “irmã de Tubal-cain, Naamah” é significada uma semelhante Igreja, ou a doutrina do bem e do vero naturais fora dessa Igreja.

422. De que modo a coisa se passa com essa Igreja nova, pode-se ver pela Igreja Judaica: ela era interna e externa; os celestes e os espirituais constituíam a interna, e os naturais a externa. A interna foi representada por Rachel e a externa por Léa. Mas como Jacob e sua posteridade — entendida na Palavra por Jacob — eram tais que não queriam senão os externos ou o culto nos externos, Léa foi dada a Jacob antes de Raquel. Por Léa, que era fraca da vista, foi representada a Igreja Judaica, e por Raquel a Igreja nova dos gentios. Por isso Jacob é tomado em duplo sentido nos profetas: em um, quando é significada a Igreja Judaica pervertida, em outro, quando é a verdadeira Igreja externa dos gentios. Quando é a interna, ele é chamado Israel. Na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor, falar-se-á a este respeito.

423. Tubal-cain é citado como “instrutor de todo artífice” e não “pai”, como os anteriores, Jabal e Jubal. A razão é que os celestes e os espirituais, ou os internos, não tinham existido anteriormente; como então existiam pela primeira vez, eles foram chamados “pais”. As coisas naturais ou externas, todavia, existiam anteriormente, sendo porém agora aplicadas aos internos, pelo que se diz “instrutor de artífice” e não “pai”.

424. Pelo “artífice” é significado na Palavra o sábio, o inteligente e o ciente. Aqui, pelo “artífice de bronze e de ferro”, os cientes do bem e do vero naturais, como em João:

“Com ímpeto será abatida Babilônia, grande cidade, e não se achará mais. E a voz de harpistas, e de músicos, e de flautistas e de trombeteiros, não mais será ouvida nela; e todo artífice de toda arte não será mais achado nela” (Apoc. 18:21,22);

os “harpistas”, como precedentemente, são tomados pelos veros; os “trombeteiros” pelos bens da fé; o “artífice de toda arte”, pelo que é ciente ou pela ciência do vero e do bem. Em *Isaías*:

“O artífice funde uma estátua, e o fundidor a encerra no ouro, e cadeias de prata funde... busca artífice sábio que disponha a estátua, para que não seja abalada” (40:19,20),

em lugar dos que, pelas ilusões, forjam para si o falso, que é a “estátua”, e o ensinam para que pareça verdadeiro. Em *Jeremias*:

“Juntamente são enfatuados, estão enlouquecidos; ensino de vaidade é a madeira; prata batida é trazida de Tharschisch, ouro, de Ufaz; obra de artífice e das mãos de fundidor; vestidos de jacinto [e púrpura], tudo obra de sábios” (10:3,8,9).

Tais expressões significam o que ensina falsos e compila da Palavra as coisas com as quais forja ficção que, daí, é chamada “ensino de vaidades” e “obra de sábios”. Os que fazem isso foram outrora representados por artífices que fundem ídolos, ou falsos, que ornaram com “ouro”, isto é, com um simulacro de bem; com “prata”, isto é, com um simulacro de vero, com “vestido de jacinto [e púrpura]”, isto é, com naturais que aparentemente concordem.

425. Que o “bronze” signifique o bem natural, o mundo ainda o ignora; e ignora também que qualquer metal nomeado na Palavra significa uma determinada coisa no sentido interno, como o “ouro” significa o bem celeste, a “prata” o vero espiritual, o “bronze” o bem natural, o “ferro” o vero natural, e, assim, por diante com os demais, como também a “pedra” e a “madeira”. Tais coisas foram significadas pelo ouro, a prata, o bronze e a madeira na arca e no tabernáculo. Coisas semelhantes foram significadas no templo. Sobre elas se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Nos profetas é elucidado que tais coisas são significadas, como em *Isaías*:

“Mamarás o leite das nações, e o seio dos reis mamarás... por bronze trarei ouro, e por ferro trarei prata; e por madeira, bronze; e por pedras, ferro; e porei por teu censo a paz, e por teus exatores a justiça” (60:16, 17);

onde se trata do Advento do SENHOR, de Seu Reino e da Igreja celeste; “por bronze, ouro” significa o bem celeste em lugar do bem natural; “por ferro, prata” é o vero espiritual em lugar do vero natural; “por madeira, bronze”, significa o bem natural em lugar do bem corporal; “por pedras, ferro”, significa o vero natural em lugar do vero sensual. Em *Ezequiel*:

“Javan, Tubal e Meshech, eles, mercadores teus; com alma de homem e vasos de bronze deram teu negócio” (27:13),

onde se trata de Tiro, por quem são significados os que possuem as riquezas espirituais e celestes; aí, os “vasos de bronze” estão em lugar dos bens naturais. Em Moisés:

“Uma terra cujas pedras são ferro e de cujos montes tirarás bronze” (Deut. 8:9),

onde, semelhantemente, as “pedras” são tomadas pelo vero sensual, o “ferro” pelo vero natural ou racional e o “bronze” pelo bem natural.

“Quatro animais ou querubins” foram vistos por Ezequiel; os pés deles eram “brilhantes como aspecto de bronze polido” (1:7);

aí o “bronze” significa, semelhantemente, o bem natural porque o pé do homem representa o natural. Semelhantemente, Daniel viu:

“Um varão vestido de linho, e Seus lombos cingidos de ouro de Ufaz, e Seu corpo como tharshish... seus braços e pés, como o aspecto de bronze polido” (Dan. 10:5,6).

Que a “serpente de bronze” (*Núm. 21:9*) tenha representado o Bem sensual e natural do SENHOR, vê-se acima (n.197).

426. Que o “ferro” signifique o vero natural, também pode-se ver, além daqueles passagens que já foram aduzidas, em *Ezequiel*, a respeito de Tiro:

“Tharshish (foi) tua negociadora, por causa da multidão de toda abundância; por prata, ferro, estanho e chumbo deram tuas mercadorias. (...) Dan e Javan, e Meusal, em tuas negociações deram o ferro trabalhado; cássia e cálamo havia em teu mercado” (27:12,19).

Por estas palavras, pelas que precedem e seguirão no mesmo capítulo, vê-se claramente que são significadas as riquezas celestes e espirituais; e algo especial é significado pelos singulares nomeados e também pelos nomes, pois a Palavra do SENHOR é espiritual e não verbal. [2] Em *Jeremias*:

“Porventura [alguém] tritarará o ferro, o ferro do norte, e o bronze? As tuas provisões e os tesouros à pilhagem darei, não por preço; e certamente, por causa de todos os teus pecados” (15:12, 13),

onde o “ferro” e o “bronze” estão em lugar do vero e do bem naturais; e o

“que vem do norte” significa o sensual e o natural, pois o natural respectivamente ao espiritual e ao celeste é como a escuridão ou o norte respectivamente à luz ou meio-dia [sul], ou como a sombra que também significa aqui o mesmo que “Zillah”, que é a mãe. Que as “provisões e os tesouros” sejam as riquezas celestes e espirituais, também é claramente evidente. [3] Em *Ezequiel*:

“Toma para ti uma sertã de ferro e (põe-na) por muro de ferro entre ti e a cidade, e dispõe tua face para ela, e seja sitiada, e oprime-a (4:3).

Que pelo “ferro” aqui seja significada a verdade, também se vê. À verdade se atribui a força, porque a ela não se pode resistir. É por isso que a força é atribuída também ao ferro, pelo qual é significada a verdade ou o vero da fé, que quebra e esmigalha. Como em *Daniel 2:33,40*, e em João:

“Ao que vencer... dar-lhe-ei poder sobre as nações, para apascentá-las com vara de ferro; como vasos de oleiros serão quebradas” (Apoc. 2:26,27).

No mesmo:

“A mulher pariu um filho macho que há de apascentar todas as nações com vara de ferro” (Apoc. 12:5).

[4] Que a “vara de ferro” seja a verdade, que é da Palavra do SENHOR, isto se explica em João:

“Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o Que está sentado sobre ele era chamado Fiel e Verdadeiro, Que em justiça julga e combate;... estava vestido de uma vestimenta tinta de sangue, e chama-se Seu nome: a Palavra de DEUS; ...de Sua boca sai uma espada aguda, para com ela ferir as nações; e Ele as apascentará com uma vara de ferro” (Apoc. 19:11,13,15).

427. Vers. 23: *“E disse Lamech às suas esposas, Adah e Zillah: Ouvi a minha voz, esposas de Lamech, e dai ouvidos ao meu dito, que um varão matei por minha ferida, e um pequenino por minha pisadura”*. Por “Lamech” é significada, como antes, a devastação. Que “ele tenha dito às esposas Adah e Zillah que dessem ouvidos ao seu dito” é a confissão, que só é feita onde está a Igreja, a qual é significada, como se disse, pelas esposas dele. Que ele “tenha matado um varão por sua ferida” significa que ele extinguiu a fé; o “varão” significa a fé, como antes. Um “pequenino por sua pisadura” significa que ele extinguiu a caridade. Pela “ferida” e pela “pisadura” é significado que não havia mais o que é íntegro; pela “ferida”, que a fé foi desolada, e pela “pisadura”, que a caridade foi devastada.

428. Pelo que está neste versículo, bem como pelo que está no seguinte, vê-se claramente que por “Lamech” é significada a devastação, porque ele disse que “matou um varão e um pequenino”, e que “Cain ao sétuplo devia ser vingado mas Lamech setenta vezes sete”.

429. Que a fé seja significada pelo varão, pode-se ver pelo primeiro versículo deste capítulo, onde Havah, ao ter dado à luz Cain, disse: “Adquiri varão-JEHOVAH”; pelo que é significada a doutrina da fé, que se chama “varão-

JEHOVAH”. Vê-se também pelas coisas que foram mostradas antes sobre o “varão”, que significa o entendimento que pertence a fé. Que ele também tenha extinguido a caridade, chamada “pequenino” ou menino, é o que daí se vê, porquanto aquele que nega ou mata a fé, nega e mata ao mesmo tempo a caridade que nasce por intermédio da fé.

430. Um “pequenino” ou menino, na Palavra, significa a inocência e, daí, também a caridade, pois a verdadeira inocência não existe sem a caridade, nem a verdadeira caridade sem a inocência. Há três graus de inocência, os quais, na Palavra, se distinguem por “criancinhas de peito”, “crianças” e “meninos”. E, como a verdadeira inocência não existe sem o verdadeiro amor e sem a caridade, é também pelos mesmos, a saber, pelas “criancinhas de peito, crianças e meninos”, que são significados os três graus de amor, os quais são: o amor terno como o de uma criancinha de peito para com sua mãe ou sua nutriz; o amor como o de uma criança para com os pais; e a caridade como a do menino para com o instrutor. Como em *Isaías*:

“Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; e o bezerro e o leãozinho, e o gado gordo juntamente; e um menino pequeno os conduzirá” (11:6);

onde o “cordeiro”, o “cabrito” e o “bezerro” se tomam pelos três graus da inocência e do amor; o “lobo”, o “leopardo” e o “leãozinho”, pelos opostos; e o “menino pequeno” pela caridade. [2] Em *Jeremias*:

“Vós fazeis um grande mal contra vossas almas, para arrancar de vós o varão e a esposa, a criança e a criancinha de peito do meio de Jehudah, para que não vos reste remanescente” (44:7);

“varão e esposa” se tomam pelos intelectuais do vero e pelos voluntários do bem; a “criança e a criancinha de peito”, pelos primeiros graus do amor. Que a “criança e o menino” sejam a inocência e a caridade, pode-se ver claramente por estas palavras do SENHOR, em *Lucas*:

“Trouxeram crianças a JESUS, para que as tocasse;(…) Ele disse: Deixai vir a Mim os pequeninos e não os proibais, porque dos tais é o reino de DEUS. Em verdade vos digo: Todo aquele que não recebe o reino de DEUS como um menino, não entrará nele” (18:15-17).

O SENHOR Mesmo é chamado, “Pequenino” ou “Menino” em *Isaías 9:6*, porque Ele é a Inocência mesma e o Amor mesmo; ali Ele é chamado “Admirável, Conselheiro, DEUS, Herói, Pai de eternidade, Príncipe da Paz”.

431. Que pela “ferida” e pela “pisadura” seja significado que não havia mais o que é íntegro, e, em particular, pela “ferida”, que a fé foi desolada, e, pela “pisadura”, que a caridade foi devastada, vê-se pelo fato de a ferida ser dita a respeito do varão e a pisadura a respeito do pequenino. A desolação da fé e a devastação da caridade são descritas pelas mesmas expressões em *Isaías*:

“Desde a planta dos pés até à cabeça, nada nele é íntegro; ferida, pisadura e chaga recente, não espremida, nem atada, nem amolecida com óleo” (1:6),

onde a “ferida” se diz da fé desolada, a “pisadura” da caridade devastada, e a “chaga” tanto de uma como de outra.

432. Vers. 24: *“Porque sete vezes será vingado Cain, e Lamech setenta vezes sete”*. Significa que eles extinguíram a fé entendida aqui por “Cain”, o que era o mesmo que fazer violência ao que é sagrado; que, ao mesmo tempo, extinguíram a caridade, que era muito mais sagrada, que devia nascer por intermédio da fé; e que, em consequência disso, havia a condenação, que é “ser vingado setenta vezes sete”.

433. Que “Cain será vingado sete vezes” signifique ser um sacrilégio violar a fé separada entendida por Cain, vê-se pelo que foi exposto no vers. 15. E que “setenta vezes sete” signifique que o sacrilégio era muito maior, e, em consequência, havia condenação, pode-se ver pela significação de “setenta vezes sete”. Que o número septenário seja santo é porque o sétimo dia significa o homem celeste, a Igreja celeste, o reino celeste e, no sentido supremo, o SENHOR mesmo. Daí vem que o número septenário, onde quer que ocorra na Palavra, significa o que é santo ou o que há de mais sagrado; e esse “santo” ou “sagrado” se aplica às coisas ou é segundo as coisas de que se trata. Daí também o número setenta, que compreende sete séculos [ou eras], porque o século [ou era], na Palavra, é de dez anos. Quando alguma coisa santíssima ou muito sagrada era referida, então se dizia “setenta vezes sete”, como o que o SENHOR disse, a saber, “que não se perdoasse ao seu irmão até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (*Mt. 18:21, 22*), pelo que se entende que se perdoasse tantas vezes quantas pecasse, como se isto fosse sem fim ou fosse eterno, o que é santo. Aqui, “ser vingado setenta vezes sete” é a condenação, porque era violar o que há de mais sagrado.

434. Vers. 25: *“E o homem conheceu ainda a sua esposa, e ela pariu um filho, e chamou seu nome Sheth: Porque DEUS me repôs outra semente em lugar de Abel, porque o matou Cain”*. Pelo “homem” e sua “esposa” é entendida aqui uma Igreja nova, significada antes por “Adah e Zillah”; por seu “filho”, cujo nome ela chamou “Sheth”, é significada uma fé nova pela qual há a caridade; por “DEUS repor uma outra semente em lugar de Abel, porque o matou Cain” é significado que a caridade, que Cain separou e extinguiu, é concedida agora pelo SENHOR a essa Igreja.

435. Que pelo “homem e sua esposa” seja entendida aqui uma Igreja nova, antes significada por “Adah e Zillah”, ninguém pode saber ou concluir pelo sentido da letra, porque o “homem e a sua esposa” tinham significado antes a Igreja Antiquíssima e sua posteridade. Mas isto se vê pelo sentido interno e também se vê no capítulo logo seguinte, vers. 3 e 4, onde se diz de novo que o homem e sua esposa geraram Sheth, mas com expressões inteiramente diferentes, onde é significada a primeira posteridade da Igreja Antiquíssima. Se aqui não fosse significada

outra coisa, teria sido inútil dizê-lo de novo. Ocorre do mesmo modo que no capítulo primeiro, onde se trata da criação do homem e em seguida das produções da terra e das bestas, e no capítulo segundo trata-se igualmente deste assunto, pela razão, como foi dito, de que no capítulo primeiro tratou-se da criação do homem espiritual e, no segundo, da criação do homem celeste. Quando há tal repetição de uma mesma pessoa ou mesma coisa, algo é significado em uma das passagens e outra coisa, diferente, na outra. Mas, em parte alguma, se pode saber o que é significado, a não ser pelo sentido interno; a própria série das coisas igualmente o confirma. Além disso, o “homem” e a “esposa” são expressões comuns que significam a Igreja de que se trata e da qual é a origem [*de que, et ex qua*].

436. Que por “seu filho, cujo nome ela chamou Sheth”, seja significada a fé nova pela qual existe a caridade, vê-se pelo que se disse antes, como também pelo “sinal posto sobre Cain, para que ninguém o matasse”. Com efeito, a coisa se passa em série, assim: a fé separada do amor foi significada por Cain, a caridade por Abel. Que a fé separada tenha extinguido a caridade, isto é significado por Cain ter matado Abel. Que a fé devesse ser conservada para que, por ela, o SENHOR pudesse implantar a caridade, isto é significado por isto, “que JEHOVAH pôs um sinal em Cain para que ninguém o matasse”. Que, depois, o santo do amor e o bem daí procedente foram dados pelo SENHOR por intermédio da fé, isto é significado por “Jabal, a quem Adah gerou”. “Seu irmão Jubal” significa o espiritual da fé e “Tubal-cain, gerado por Zillah”, significa o bem e o vero naturais que procedem do santo do amor e do espiritual da fé. Nestes dois versículos há uma conclusão e, por conseguinte, um sumário das coisas, as quais são: pelo “homem e sua esposa” é significada essa Igreja nova chamada anteriormente “Adah e Zillah”; por “Sheth”, a fé pela qual é implantada a caridade; e, no versículo seguinte, por “Enosh” é significada a caridade implantada pela fé.

437. Que “Sheth” aqui signifique a nova fé pela qual existe a caridade, isto se explica pelo seu nome, que, assim, foi chamado porque “DEUS repôs uma outra semente no lugar de Abel, porque o matara Cain”. Que “DEUS tenha reposto outra semente” significa que o SENHOR concedeu uma outra fé; a “outra semente” é a fé pela qual é implantada a caridade. Que a semente signifique a fé, vê-se acima, no n.255.

438. Vers. 26: “*E para Sheth, também para ele nasceu um filho, e chamou seu nome Enosh. Então começou-se a invocar o nome de JEHOVAH*”. Por “Sheth” é significada a fé pela qual é implantada a caridade, como foi dito; por “seu filho, cujo nome era Enosh”, é significada a Igreja que teve a caridade como o principal da fé; que “então começou-se a invocar o nome de JEHOVAH”, significa o culto dessa Igreja, o qual era procedente da caridade.

439. Que por “Sheth” seja significada a fé pela qual é implantada a caridade, já se mostrou no versículo precedente. Que por “seu filho, cujo nome era Enosh” seja significada a Igreja que teve a caridade como o principal da fé, vê-se

também pelo que foi dito antes e, depois, por ele ser chamado Enosh, nome que também significa “homem” — não, todavia, o homem celeste, mas o homem humano-espiritual, que aqui é Enosh. Vê-se ainda por estas palavras, que seguem imediatamente: “então começou-se a invocar o nome de JEHOVAH”.

440. Que “então começou-se a invocar o nome de JEHOVAH” signifique o culto dessa Igreja, o qual era procedente da caridade, pode-se ver pelo fato de que “invocar o nome de JEHOVAH” é uma expressão habitual e comum a todo culto ao SENHOR. Que seja pela caridade, vê-se por aqui se dizer “JEHOVAH” e, no versículo precedente, “DEUS”, e porque o SENHOR só pode ser cultuado pela caridade. Por uma fé que não procede da caridade não há culto, porque é somente culto de boca e não de coração. Que “invocar o nome de JEHOVAH” seja expressão habitual a todo culto ao SENHOR, vê-se pela Palavra, a respeito de Abraham:

“Edificou um altar a JEHOVAH, e invocou o nome de JEHOVAH” (Gen. 12:8; 13:4),

e também:

“Plantou um bosque em Beersheba e invocou ali o nome de JEHOVAH, DEUS de eternidade” (Gên. 21:33).

Que seja expressão comum a todo culto, vê-se em *Isaías*:

“JEHOVAH, o Santo de Israel, disse: Tu não Me invocaste, Jacob! E és fatigado em Mim, Israel! Não Me trouxeste a rês de teus holocaustos, e com teus sacrifícios não Me honraste. Não te fiz servir com minchá¹², nem te fatiguei com incenso” (43:22, 23),

onde está exposto sumariamente todo o culto representativo.

441. Que a invocação do nome de JEHOVAH não tenha começado somente então, pode-se ver muito bem pelo que se disse precedentemente sobre a Igreja Antiquíssima, que, mais do que as outras, adorou e cultuou o SENHOR. E vê-se também por Abel, que alçou oferta dentre os primogênitos do rebanho. Portanto, por “invocar o nome de JEHOVAH”, aqui, não é significada outra coisa senão o culto da Igreja nova, após ter sido extinta pelos que se chamaram Cain e, finalmente, Lamech.

442. Pelo que se acaba de mostrar neste capítulo, vê-se claramente que no tempo antiquíssimo houve muitas doutrinas separadas da Igreja, como também heresias, e cada uma delas teve seu nome. Essas doutrinas separadas e essas heresias eram de uma cogitação muito mais profunda do que hoje, pois tal foi o gênio das pessoas daquela época.

¹² *Oferta de manjares*

Alguns exemplos, pelos espíritos, sobre o que eles tinham pensado na vida do corpo a respeito da alma ou do espírito.

443. Na outra vida é dado perceber claramente que opiniões as pessoas tiveram, quando viveram no corpo, a respeito da alma, do espírito e da vida após a morte; pois, quando são mantidas em um estado como se estivessem no corpo, pensam de modo semelhante, e o pensamento é comunicado de modo tão claro como se falassem abertamente. De um deles, que tinha morrido há pouco tempo, percebi – o que também ele confessou – que, decerto, crera no espírito, mas que devia viver uma vida obscura, em vista de que, se fosse retirado da vida do corpo, o que restasse seria alguma coisa obscura, porquanto ele pusera a vida no corpo; por isso ele tivera do espírito a idéia de como sendo um fantasma. Ele se confirmara nessa idéia ao ver os irracionais desfrutarem também de vida quase como os homens. Então, ficou admirado ao ver que os espíritos e os anjos vivem em uma luz imensa, em elevadíssima inteligência, sabedoria e felicidade, com uma percepção tal que dificilmente se poderia descrevê-la; e não se acham, assim, numa vida obscura, mas clara e muito distinta.

444. Falei com um que havia crido, enquanto vivia no mundo, que o espírito não era extenso, e, por esse princípio, não quis admitir expressão alguma que envolvesse extensão. Perguntei-lhe o que pensava de si próprio, agora que era uma alma ou espírito e tinha visão, audição, olfato, um tato apurado, desejos e pensamentos, a ponto de crer estar plenamente no corpo, por assim dizer. Ele foi mantido na idéia em que estava quando pensava assim no mundo, e, então, disse que o espírito é um pensamento. Mas foi dado responder-lhe, como tinha vivido no mundo, se porventura não sabia que a vista corporal não pode existir sem o órgão da vista ou os olhos, do mesmo modo que a vista interna ou o pensamento não o pode sem uma substância orgânica da qual exista. Então reconheceu que, na vida do corpo, se embaragara na ilusão de achar que o espírito fosse apenas um pensamento privado de todo orgânico ou de toda extensão. Foi-lhe acrescentado que, se a alma ou o espírito fosse somente um pensamento, o homem não necessitaria de tanto cérebro, já que o cérebro inteiro é um órgão dos sentidos interiores; e se isso não fosse assim, o crânio poderia ser vazio, e o pensamento nem por isso deixaria de fazer o espírito atuar. Só por isso, e depois também pela operação da alma nos músculos a ponto de produzir tão numerosos movimentos, podia se convencer de que o espírito é orgânico ou uma substância orgânica. Pelo que confessou seu erro e ficou admirado de ter sido tão insensato.

445. Além disso, foi dito que os eruditos em nada acreditam senão que a alma, que deve viver após a morte, ou o espírito é um pensamento abstrato. Torna-se evidente que daí eles não querem admitir nem a palavra extensão, nem coisa alguma que se refira à extensão, pelo fato de que o pensamento, considerado abstratamente de seu sujeito, não é extenso, mas o sujeito do pensamento e os objetos

do pensamento são extensos; e, se alguns objetos não são extensos, os homens os definem e lhes dão extensão para poder apreendê-los. Daí se vê claramente que, por alma ou espírito, os eruditos nada entendem senão que é um pensamento apenas, e, assim, não podem crer de outra maneira senão que a alma ou espírito deve se dissipar, quando morre.

446. Falei com espíritos sobre a opinião dos homens que vivem atualmente, os que não crêem no espírito por o não verem com os olhos e o não compreenderem por intermédio das ciências, e, assim, negam não só que o espírito seja extenso, mas também que seja uma substância, porque disputam sobre o que é substância. E, por negarem que o espírito seja extenso e disputarem a respeito da substância, também negam que o espírito esteja em algum lugar e, por conseguinte, no corpo humano, quando, entretanto, o mais simples pode saber que a sua alma ou seu espírito está em seu corpo. Quando eu lhes expunha essas coisas, esses espíritos, que eram dos mais simples, admiravam-se de que os homens de hoje fossem tão insensatos. E quando ouviam as expressões sobre as quais havia debate, como partes fora de partes e outras semelhantes, diziam que tais expressões eram dissonantes, e como que lúdicas e teatrais, com as quais nunca deviam ocupar a mente, porque obstruíam o caminho para a inteligência.

447. Um espírito recém-chegado falou comigo. Quando ouviu que eu falava sobre o espírito, disse: “O que é o espírito?” crendo-se homem. Eu lhe disse que o espírito está em cada homem; que o homem, quanto à vida, é espírito; que o corpo lhe serve somente para viver na terra; e que os ossos e a carne, ou o corpo, nunca viveram nem pensaram. Como hesitasse, perguntei-lhe se porventura ele ouvira falar da alma; disse-me: “Que é a alma? não sei o que é a alma”. Então foi dado dizer-lhe que agora ele era uma alma, ou espírito, e podia saber isso pelo fato de que estava acima da minha cabeça, e não apoiado no chão; ou não podia perceber isto? Então fugiu aterrorizado e gritando: “Sou um espírito! sou um espírito!” [2] Um certo judeu cria absolutamente estar vivendo no corpo, a ponto de que dificilmente poderia ser dissuadido disso; e, quando lhe era mostrado que era um espírito, ainda insistia em dizer que era um homem, porque via e ouvia. Tais são os que, no mundo, foram corporais. Muitíssimos outros exemplos poderiam ser relatados, mas esses são somente para confirmar, que, no homem, é o espírito que sente e não o corpo.

448. Falei com muitos que na vida de seu corpo foram meus conhecidos, e isso durante muito tempo, por meses e anos, com uma voz tão clara, embora interna, como com amigos no mundo. Com esses também decorreram algumas conversações sobre o estado do homem após a morte. Ficaram muitos admirados de que ninguém, na vida do corpo, soubesse ou acreditasse que se vive depois da vida do corpo, quando, entretanto, há uma continuação da vida que é tal como a passagem de uma vida de trevas para uma brilhante, e cada vez mais brilhante para os que estão na fé para com o SENHOR. Quiseram que eu dissesse a seus amigos que

eles viviam e que lhes escrevesse sobre qual era o estado deles — eu lhes tinha também contado muitos fatos relativos a seus amigos. Mas respondi que, se eu lhes dissesse ou escrevesse, não creriam; chamariam de fantasia, zombariam e pediriam sinais ou milagres antes de crer; assim, eu me exporia à mofa deles; e só uns poucos creriam que tais coisas eram verdadeiras; pois nega-se de coração a existência dos espíritos. E os que não negam não querem sequer ouvir dizer que alguém possa falar com espíritos. Tais crenças sobre os espíritos jamais existiram nos tempos antigos; elas são de hoje, quando se quer, pelo raciocínio do cérebro, explorar a natureza dos espíritos e que, por definições e suposições, são privados de todo sentido. E, quanto mais se quer ser erudito, mais se persiste em tais idéias.

Gênesis
Capítulo Quinto
Do céu e da alegria celeste

449. O que são o céu e a alegria celeste, ninguém até hoje sabe; os que meditaram sobre uma e outra coisa tiveram uma idéia tão geral e tão grosseira que mal é alguma idéia. Pelos espíritos que haviam chegado recentemente do mundo à outra vida, pude saber muito bem que noção eles haviam concebido sobre o céu e sobre a alegria celeste, pois, quando entregues a si mesmos, como eram no mundo, pensam de modo semelhante. É lícito referir apenas alguns exemplos.

450. Alguns, que até foram tidos no mundo como mais ilustrados na Palavra do que os outros, conceberam uma idéia tão errônea sobre o céu que imaginaram que se está no céu, quando se está no alto e se pode daí governar os que estão abaixo, e, assim, se está em sua glória e sua eminência mais do que os outros. Esses, porque estavam em tal fantasia, e para que soubessem que estavam no falso, foram elevados ao alto, e daí se lhes permitiu governar alguns nos inferiores. Mas reconheceram envergonhados que esse era um céu de fantasia; e o céu não consistia em altitude, mas está em toda parte, naquele que está no amor e na caridade ou em que está o reino de DEUS, onde não se quer elevar-se mais do que os outros, pois querer ser maior do que outros constitui não o céu, mas o inferno.

451. Um, que na vida do corpo fora mais poderoso do que os outros, na outra vida conservou-se ainda no desejo de querer mandar. Foi-lhe dito que estava agora em outro reino, que é eterno, e o seu mandar morreria na terra; e agora ninguém é estimado, a não ser segundo o bem e o vero e segundo a misericórdia do SENHOR, na qual se está; e ainda, que este reino é como na terra, onde ninguém é estimado a não ser por causa da riqueza e por causa da simpatia com o governante; a riqueza aqui é o bem e a verdade, e a simpatia com o governante é a misericórdia do SENHOR. Se se quiser mandar de outro modo, rebelde se é, pois se está em um outro reino. Tendo ouvido isto, ficou envergonhado.

452. Falei com espíritos que imaginavam que o céu e a alegria celeste consistem em ser o maior. Mas foi-lhes dito que no céu o maior é quem é o menor; portanto, quem quer ser o menor tem maior felicidade; e, como o menor tem a maior felicidade, resulta que esse é o maior. Que é ser o maior, senão ser o mais feliz? os poderosos buscam sê-lo pelo poder e os ricos pelas riquezas. E, além disso, foi-

lhes dito que o céu não consiste em se desejar ser o menor com o fim de ser o maior, porque neste caso aspira-se e ambiciona-se ser o maior, mas consiste em querer bem, de coração, mais aos outros do que a si próprio, e em servir aos outros em favor da felicidade deles, não em vista de algum fim próprio, mas por amor.

453. Alguns espíritos têm a respeito do céu uma idéia tão grosseira que imaginam ser somente uma admissão; de fato, um lugar fechado ao qual são admitidos por uma porta que se abre e onde são introduzidos pelos porteiros.

454. Alguns supõem que consiste em uma vida ociosa na qual se é servido pelos outros. Mas foi-lhes dito que nunca felicidade alguma consiste em viver em repouso e nisso ter a felicidade, pois, assim, um desejaria ter a felicidade dos outros para si, e por isso mesmo ninguém a teria; tal vida, em vez de ser ativa, seria ociosa, conduzindo ao entorpecimento, quando entretanto eles próprios podiam saber que, sem uma vida ativa, nula é a felicidade da vida. A vida angélica consiste no uso e nos bens da caridade, porque os anjos nada sentem ser mais feliz do que informar e instruir os espíritos que saíram recentemente do mundo; em servir aos homens e em governar nestes os maus espíritos, para que não ultrapassem os limites; e, sobretudo, em inspirar neles o bem. E, também, em ressuscitar os mortos na vida da eternidade e, se o puderem, introduzi-los depois no céu, conforme sejam as suas almas. Por esses usos sentem mais felicidades do que jamais seria possível descrever. Eles são assim as imagens do SENHOR. Assim amam o próximo mais do que a si próprios: é isso que é o céu. Por isso é que no uso, pelo uso e segundo o uso, isto é, segundo os bens do amor e da caridade, há a felicidade angélica. Aos que tinham tido essa idéia, que a alegria celeste consistia em viver ociosos, respirando no ócio a alegria eterna, depois dessas observações foi dado perceber, para que se envergonhassem, o que seria uma tal vida; e perceberam que seria tristíssima e toda alegria pereceria quando, em pouco tempo, se entediassem e enjoassem dela.

455. Um, dentre os mais instruídos a respeito da Palavra quando viveu no mundo, tivera tal idéia sobre a alegria celeste que a fazia consistir em uma luz de glória, como a luz que procede dos raios solares, quando se apresentam dourados, e por isso, também, em uma vida ociosa. Para que soubesse que estava no falso, deu-se-lhe permanecer em meio a tal luz: então experimentou um grande deleite, como se achasse, disse ele, no céu. Mas não pôde subsistir ali por muito tempo, porque paulatinamente o tédio se apoderou dele e a sua alegria se dissipou.

456. Alguns, que tinham sido muito instruídos, disseram que a alegria celeste consistia em uma vida sem a prática dos bens da caridade, mas unicamente em se louvar e celebrar o SENHOR, e essa seria uma vida ativa. Mas foi-lhes dito que louvar e celebrar o SENHOR não é a tal vida ativa, mas o efeito dessa vida, porquanto o SENHOR não necessita de louvores, mas quer que se façam os bens da caridade; segundo esses bens recebe-se do SENHOR a felicidade. Todavia, esses espíritos muito instruídos não puderam ter a respeito desses bens da caridade ne-

nhuma idéia de alegria, mas de servidão. Os anjos, porém, atestaram que é nisso que consiste a maior liberdade e esta conjunta a uma felicidade infável.

457. Quase todos os que do mundo vêm à outra vida imaginam que o inferno é semelhante para todos e também semelhante para todos é o céu, quando entretanto há, em um e outro, diversidades e variedades infindáveis e nunca o inferno para um é inteiramente semelhante ao inferno para outro, nem o céu para um é inteiramente semelhante ao céu para outro, assim como não há jamais um homem ou um espírito ou um anjo que seja inteiramente semelhante a um outro. Quando eu ao menos pensava que dois seres fossem inteiramente semelhantes ou iguais, os que estão no mundo dos espíritos e no céu angélico ficavam horrorizados e diziam que todo uno é formado da harmonia de muitos; e tal esse uno é, qual é a harmonia; e jamais pode subsistir um uno de um modo absoluto, mas somente harmônico. Assim, toda sociedade no céu forma um só uno, e todas as sociedades juntas, ou o céu universal, fazem um; e isso pelo SENHOR, só, por intermédio do amor. Um anjo fazia enumeração dos gêneros mais universais das alegrias dos espíritos, ou habitantes do primeiro céu, chegando até o número de quatrocentos e setenta e oito. Daí pôde concluir quão inúmeros são os gêneros menos universais e quão inumeráveis são as espécies pertencentes a cada gênero! E, se lá há tantos, quantos infindáveis gêneros de felicidade não existem no céu dos espíritos angélicos, e quanto mais ainda no céu dos anjos!...

458. Uns maus espíritos pensaram algumas vezes que havia um outro céu além deste do SENHOR. Foi-lhes permitido até procurá-lo por toda a parte onde pudessem, mas, envergonhados, não acharam em parte alguma um outro céu. Com efeito, os maus espíritos caem em delírio, tanto por ódio contra o SENHOR como pela dor infernal, e procuram tais fantasias.

459. Há três céus: o primeiro é onde estão os bons espíritos; o segundo, onde estão os espíritos angélicos; o terceiro, onde estão os anjos. Tanto os espíritos quanto os espíritos angélicos e os anjos são distinguidos em celestes e espirituais: os celestes são os que, pelo amor, receberam do SENHOR a fé, como os que eram da Igreja Antiquíssima e dos quais se tratou; os espirituais são os que, pelos conhecimentos da fé, receberam do SENHOR a caridade, segundo a qual, quando recebida, agem.

(A continuação estará no fim deste capítulo.)

Gênesis Capítulo Quinto

1. *ESTE é o livro dos nascimentos do Homem* ¹³; *no dia em que criou Deus o Homem, à semelhança de Deus o fez.*
2. *Macho e fêmea os criou, e os abençoou; e chamou o nome deles Homem, no dia em que foram criados.*
3. *E viveu o Homem trinta e cem anos* ¹⁴; *e gerou à sua semelhança, segundo a sua imagem, e chamou o seu nome Sheth.*
4. *E foram os dias do Homem, depois que ele gerou Sheth, oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.*
5. *E foram todos os dias do Homem, os quais viveu, novecentos anos e trinta anos; e morreu.*
6. *E viveu Sheth cinco anos e cem anos, e gerou Enosh.*
7. *E viveu Sheth, depois que ele gerou Enosh, sete anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.*
8. *E foram todos os dias de Sheth doze anos e novecentos anos; e morreu.*
9. *E viveu Enosh noventa anos, e gerou Kenan.*
10. *E viveu Enosh, depois que ele gerou Kenan, quinze anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.*
11. *E foram todos os dias de Enosh cinco anos e novecentos anos; e morreu.*
12. *E viveu Kenan setenta anos, e gerou Mahalalel.*
13. *E viveu Kenan, depois que ele gerou Mahalalel, quarenta anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.*
14. *E foram todos os dias de Kenan dez anos e novecentos anos; e morreu.*

¹³ *Adam (Adam) = homem, na língua original, que Swedenborg mantém homo.*

¹⁴ *A partir deste ponto, as idades dos anos dos patriarcas são dadas assim mesmo, em ordem "inversa": unidade, dezena e centena. Esta forma incomum está no hebraico e é mantida por Swedenborg no latim, em virtude do sentido interno, certamente. Sobre este estilo incomum é dito: "estes números contêm tais arcanos que seria muito trabalhoso explicá-los. Era o cômputo dos estados da Igreja." (AC 487).*

15. *E viveu Mahalalel cinco anos e sessenta anos, e gerou Jared.*
16. *E viveu Mahalalel, depois que ele gerou Jared, trinta anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.*
17. *E foram todos os dias de Mahalalel cinco e noventa anos, e oitocentos anos; e morreu.*
18. *E viveu Jared dois, e sessenta anos e cem anos; e gerou Hanoch.*
19. *E viveu Jared, depois que ele gerou Hanoch, oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.*
20. *E foram todos os dias de Jared dois e sessenta anos e novecentos anos; e morreu.*
21. *E viveu Hanoch cinco e sessenta anos; e gerou Methushelah.*
22. *E andou Hanoch com Deus, depois que ele gerou Methushelah, trezentos anos; e gerou filhos e filhas.*
23. *E foi todos¹⁵ os dias de Hanoch cinco e sessenta anos e trezentos anos.*
24. *E andou Hanoch com Deus, e não mais, porque o tomou Deus.*
25. *E viveu Methushelah sete e oitenta anos e cem anos; e gerou Lamech.*
26. *E viveu Methushelah, depois que ele gerou Lamech, dois e oitenta anos e setecentos anos; e gerou filhos e filhas.*
27. *E foram todos os dias de Methushelah nove e sessenta anos e novecentos anos; e morreu.*
28. *E viveu Lamech dois e oitenta anos e cem anos; e gerou um filho.*
29. *E chamou o seu nome Noach, dizendo: Este nos consolará de nossa obra e da dor de nossas mãos, por causa do humo, que Jehovah amaldiçoou.*
30. *E viveu Lamech, depois que ele gerou Noach, cinco e noventa anos e quinhentos anos; e gerou filhos e filhas.*
31. *E foi¹⁶ todos os dias de Lamech sete, e setenta anos e setecentos anos; e morreu.*
32. *E foi Noach um filho de quinhentos anos¹⁷; e Noach gerou Shem, Cham e Japheth.*

¹⁵ *Aqui, bem como no vers. 31, o hebraico não faz a concordância gramatical, o que é mantido no latim por Swedenborg: fuit omnes = foi todos.*

¹⁶ *Vide nota anterior.*

¹⁷ *Ou: "E tinha Noach quinhentos anos..." Essa forma excluiria, porém, o vocábulo "filho", que está aqui justamente por sua correspondência com o vero.*

Conteúdo

460. Neste capítulo se trata especialmente da propagação da Igreja Antiquíssima em seus descendentes quase até o dilúvio.

461. A Igreja Antiquíssima mesma, que era celeste, é a que foi chamada Homem e semelhança de DEUS; vers. 1.

462. Uma segunda Igreja, que não era tão celeste como a Igreja Antiquíssima, foi chamada Sheth; dela se trata nos vers. 2 e 3.

463. Uma terceira Igreja foi denominada Enosh; vers. 6. Uma quarta Igreja, Kenan; vers. 9. Uma quinta Igreja, Mahalalel; vers. 12. Uma sexta Igreja, Jared; vers. 15. Uma sétima Igreja, Hanoch; vers. 18. Uma oitava Igreja, Methushelah; vers. 21.

464. É descrita a Igreja denominada Hanoch, que formou uma doutrina a partir das revelações e das percepções da Igreja Antiquíssima. Embora essa doutrina não tenha sido de uso algum para aquele tempo, foi contudo conservada para uso da posteridade. Isso é significado por: “Hanoch não [existiu] mais, porque o tomou DEUS; vers. 22 a 24.

465. Uma nona Igreja foi denominada Lamech; vers. 25.

466. Uma décima, mãe das três Igrejas de após o dilúvio, é Noach; esta Igreja deve ser chamada “Igreja Antiga”; vers. 28 e 29.

467. É descrita a denominada Lamech como não tendo mais em si resto algum da percepção da Igreja Antiquíssima; e Noach, como uma nova Igreja; vers. 29.

Sentido Interno

468. Pelas coisas que foram ditas e mostradas no capítulo precedente, vê-se que pelos nomes são significadas heresias e doutrinas. Daí se pode ver que, neste capítulo, pelos nomes não são significadas pessoas, mas coisas e, aqui, doutrinas ou igrejas que foram conservadas, e de algum modo também mudadas, desde a Igreja Antiquíssima até Noach. Acontece, porém, com a Igreja que ela decresce no passar do tempo e fica, enfim, reduzida a uns poucos. Esses poucos com quem ela restou no tempo do dilúvio foram chamados Noach. [2] Que uma verdadeira Igreja decresça e fique reduzida a uns poucos, pode-se ver pelas outras igrejas que semelhantemente decresceram. Os que ficam de resto são chamados, na Palavra, “reliquias” e “restos”, e são também designados como estando “no meio da terra”, ou no seu espaço intermediário. Dá-se com o universal como se dá com o particu-

lar, ou, como acontece com a igreja, também acontece singularmente com as pessoas: se em cada pessoa não fossem conservadas relíquias pelo SENHOR, ela sem dúvida teria perecido de morte eterna, pois nas relíquias está a vida do espiritual e do celeste. Semelhantemente, se não houvesse sempre, no geral ou no universal, alguns com quem existisse a Igreja ou a verdadeira fé, o gênero humano teria perecido. Com efeito, é por causa de alguns indivíduos, como se sabe, que uma cidade é conservada, e até mesmo um reino inteiro. Dá-se com isso o mesmo que se dá com o coração no homem: enquanto o coração está são, as vísceras que o circundam podem viver; quando, todavia, ele está enfraquecido, o definhamento se apodera de todas as partes e o homem morre. São as últimas relíquias que são significadas por Noach, pois pode-se ver muito bem no capítulo seguinte, vers. 12, que “toda a terra estava corrompida”. [3] Em várias passagens dos Profetas se tratam dessas relíquias em cada indivíduo e na igreja, como em *Isaías*:

“O que for deixado em Sião, e o que restar em Jerusalém, será chamado santo para Ele; serão todos escritos nas vidas em Jerusalém, quando o SENHOR tiver lavado a imundícia das filhas de Sião, e lavado o sangue de Jerusalém do meio dela” - (4:3,4),

onde se trata dos restantes pelos quais são significadas as relíquias da igreja e, assim, do homem da igreja, que é referido como “santo”. Pois os que ficaram em Sião e em Jerusalém não poderiam ser santificados pelo fato de terem ficado. Semelhantemente, no mesmo:

“E acontecerá naquele dia que as relíquias de Israel e os escapados da casa de Jacob não mais estarão apoiados em quem os feriu, e se apoiarão em JEHOVAH, o Santo de Israel, na verdade; as relíquias voltarão, as relíquias de Jacob para o DEUS poderoso” (10:20 - 22).

Em *Jeremias*:

“Naqueles dias, e naquele tempo, ...buscar-se-á a iniquidade de Israel, mas não haverá, e os pecados de Jehudah e não se acharão; porque perdoarei aos que Eu deixar de resto” (50:20).

Em *Miquéias*:

“As relíquias de Jacob estarão no meio de muitos povos, como o orvalho que vem de JEHOVAH, como a chuva sobre a erva...” (5:7).

[4] O resto ou as relíquias, do homem ou da Igreja, foram também representados pelos dízimos, que eram santos, pelo que também o número decenário é santo, e por isso se usa “dez” para designar os restos, como em *Isaías*:

“Afatará JEHOVAH o homem, e muitas coisas serão deixadas no meio da terra; e (haverá) ainda nela uma décima parte; e ela voltará e será para extinção, como o carvalho e a azinheira quando estendem os seus rebentos; semente de santidade [será] o seu rebento” (6:12,13),

onde o resíduo se chama “rebento de santidade”. Em *Amós*:

“Assim diz o SENHOR Jehovih: A cidade que faz sair mil, de resto fará cem; e a que faz sair cem, fará de resto dez para a casa de Israel” (5:3).

Nestas passagens e em muitas outras, são significadas, no sentido interno, as relíquias. Que uma cidade seja conservada por causa das relíquias da igreja, vê-se isso pelo que foi dito a Abraham a respeito de Sodoma:

“Abraham disse: Talvez se encontrem ali dez? E disse: Não a destruirei por causa dos dez” (Gênesis, 18:32).

* * * * *

469. Vers. 1: *“Este é o livro dos nascimentos do Homem; no dia em que criou DEUS o homem, à semelhança de DEUS o fez”.* “O livro dos nascimentos” é o recenseamento daqueles que foram da Igreja Antiquíssima; “no dia em que criou DEUS o homem” é que o homem foi feito espiritual; “à semelhança de DEUS o fez” é que o homem foi feito celeste. Assim, é a descrição da Igreja Antiquíssima.

470. Que o “livro dos nascimentos” seja o recenseamento daqueles que foram da Igreja Antiquíssima, vê-se muito bem pelo que se segue, porque, daqui até o capítulo 11, ou até Heber, em lugar nenhum os nomes significam pessoas, mas coisas. No tempo antiquíssimo, o gênero humano se distinguiu em casas, famílias e nações. O marido e a esposa, com seus filhos, como também alguns da família dos que serviam, constituíam uma “casa”. Um número maior ou menor de casas, situadas a alguma distância umas das outras, mas não juntas, constituíam a “família”. As famílias, em maior ou menor número, constituíam uma “nação”.

471. A razão de eles terem habitado assim, a saber, sós entre si, distinguidos somente em casas, famílias e nações, era para que dessa maneira a Igreja fosse conservada íntegra, e para que todas as casas e famílias dependessem dos pais e, assim, permanecessem no amor e no verdadeiro culto. Além disso, cada casa tinha um gênio peculiar e distinto de outra; porquanto se sabe que os filhos, e até os descendentes, tiram de seus pais o gênio e os sinais de tal modo característicos, que é possível reconhecê-los pela face e por muitos outros sinais. Por isso, a fim de que se não confundisse a índole, mas se conservasse exatamente a sua distinção, aprouve ao SENHOR que habitassem desse modo. A Igreja assim representava vivamente o reino do SENHOR, porque no reino do SENHOR há inúmeras sociedades, distintas umas das outras segundo as diferenças de amor e de fé. É isso o “viver só”, de que se falou precedentemente. É isso que foi entendido também na expressão “habitar as tendas” e é, conforme aprouve ao SENHOR, o que a Igreja Judaica também veio a fazer, quando foi distinta em casas, famílias e nações, e a quem se prescreveu contrair o casamento entre famílias. Há o mesmo motivo. Sobre essas coisas se tratará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

472. “No dia em que criou DEUS o homem” é quando o homem foi feito espiritual; e “a semelhança de DEUS o fez” é quando foi feito celeste; isso se vê

pelas coisas que foram ditas e mostradas acima. O vocábulo “criar” aplica-se propriamente ao homem, quando é criado de novo ou regenerado, e o vocábulo “fazer” quando é aperfeiçoado. Por isso há, na Palavra, uma distinção precisa entre “criar”, “formar” e “fazer”, como antes se viu também, no capítulo 2, onde se trata do homem espiritual que foi feito celeste: “Descansou DEUS de toda a Sua obra, que DEUS criou fazendo”, e em várias outras passagens, onde “criar” se refere ao homem espiritual, e “fazer”, isto é, aperfeiçoar, ao homem celeste. Ver ns. 16 e 88.

473. Que a “semelhança de DEUS” seja o homem celeste e a “imagem de DEUS” o espiritual, também foi mostrado anteriormente, porque a imagem tende à semelhança e a semelhança é a representação, pois o homem celeste é inteiramente dirigido pelo SENHOR, como uma semelhança d’Ele Mesmo.

474. Por conseqüência, como se trata do nascimento ou da propagação da Igreja Antiquíssima, descreve-se primeiro aqui que de espiritual ela foi feita celeste, porquanto daí seguem as propagações.

475. Vers. 2: “*Macho e fêmea os criou, e os abençoou; e chamou o nome deles Homem, no dia em que foram criados*”. Por “macho e fêmea” é significado o casamento entre a fé e o amor; por “chamar o nome deles homem” é significada a Igreja que é acima de tudo chamada “Homem”.

476. Que por “macho e fêmea” seja significado o casamento entre a fé e o amor, foi dito e mostrado antes. Com efeito, o “macho” ou o “varão” significa o entendimento e as coisas que pertencem ao entendimento, por conseguinte as que são da fé; e a “fêmea” significa a vontade ou as coisas que pertencem à vontade, por conseguinte as que são do amor. É, também, por isso que ela foi chamada Havah, de “vida”, que vem unicamente do amor. É ainda por isso que pela “fêmea” é significada a Igreja, como também se mostrou, e pelo “macho” o varão da Igreja. Aqui se trata do estado da Igreja quando era espiritual e logo depois se tornou celeste, pelo que o macho é nomeado em primeiro lugar, como no capítulo 1, vers. 26 e 27. Também o vocábulo “criar” diz respeito ao homem espiritual. Logo depois, porém, quando o casamento está feito, ou a Igreja foi feita celeste, então não mais se dizem “macho e fêmea”, mas “Homem”, que significa um e outro por causa do casamento. É por isso que se diz logo depois, para significar a Igreja: “E chamou o nome deles Homem”.

477. Que o “Homem” seja a Igreja Antiquíssima, foi visto e mostrado antes muitas vezes. Na verdade, no sentido supremo, só o SENHOR mesmo é o Homem; daí chama-se “Homem” à Igreja celeste, porque ela é a semelhança, e depois à Igreja espiritual, porque ela é a imagem. Em um sentido geral, porém, chama-se “homem” todo aquele que possui o entendimento humano, porque é pelo entendimento que o homem é homem e um é mais homem do que o outro, se bem que a distinção do homem com o homem devia ser segundo a fé do amor para com o SENHOR. [2] Que a Igreja Antiquíssima e toda Igreja verdadeira, e daí os que são da Igreja ou estão no amor e na fé no SENHOR, sejam chamados principalmente

“Homem”, vê-se pela Palavra, como em *Ezequiel*:

“Farei multiplicar sobre vós o homem, toda a casa de Israel inteira;... farei multiplicar sobre vós o homem e a besta, para que sejam multiplicados e frutifiquem. E vos farei habitar como em vossas antigüidades, e vos farei bem mais do que em vossos começos; ...farei andar sobre vós o homem, meu povo Israel” (36:10 a 12),

onde a Igreja Antiquíssima é significada pelas “antigüidades”, as Igrejas Antigas pelos “começos”, a Igreja primitiva ou dos gentios, pela “casa de Israel” e pelo “povo de Israel”; e estas Igrejas são chamadas “Homem”. Em Moisés:

“Lembra-te dos dias da eternidade; entende os anos de geração e geração... quando o Altíssimo dava herança às nações, quando separava os filhos do Homem; Ele estabeleceu os termos dos povos conforme o número dos filhos de Israel” (Deut. 32:7, 8),

onde a Igreja Antiquíssima é entendida pelos “dias da eternidade”: as Igrejas Antigas, por “geração a geração”; os que estiveram na fé no SENHOR chamam-se “filhos do Homem”, e esta fé é o “número dos filhos de Israel”. Que o regenerado seja chamado “Homem”, vê-se em *Jeremias*:

“Vi a terra, e eis: um vácuo e uma inanição. E os céus, e não tinham a sua luz. Vi e eis, nenhum homem, E todas as aves dos céus voaram” (4:23, 25).

Onde a “terra” é tomada pelo homem externo; o “céu”, pelo interno; o “homem”, pelo amor do bem; a “ave dos céus”, pelo entendimento do vero. No mesmo:

“Eis, os dias vêm, e sementearei a casa de Israel e a casa de Jehudah com semente de homem e com semente de besta” (31:27).

Onde o “homem” é tomado pelo homem interno, e a “besta” pelo externo.

Em *Isaías*:

“Afastai-vos do homem em cujo nariz está o fôlego, pois de que valor pode ser?” (2:22).

O homem aqui é tomado pelo homem da igreja. No mesmo:

“Afastará JEHOVAH o homem, e muitas coisas serão deixadas no meio da terra” (6:12).

Onde se trata da devastação do homem, para que não haja mais nem bem nem vero. No mesmo:

“Sejam consumidos os habitantes da terra, e muito pouco do homem será deixado” (24:6).

Aqui o homem é tomado pelos que têm a fé. No mesmo:

“As veredas foram desoladas; cessou o que passa pela vereda; tornou a aliança vã, desprezou as cidades; não estimou o homem; a terra está em luto e de finha” (33:8, 9).

Trata-se do homem, que, na língua hebraica, é Enosh. No mesmo:

“Farei o homem mais precioso que o ouro puro, e o homem mais que o ouro de Ofir; para isso abalarei o céu, e a terra será sacudida de seu lugar” (13:12,13),

onde o homem nomeado primeiro é Enosh, e o nomeado depois é Adam.

478. Que seja dito Adam, é porque esta palavra hebraica significa “homem”; e que o nome próprio Adam não é dito em nenhum lugar, mas “homem”, pode-se ver claramente aqui e anteriormente, pois não é dito no singular, mas no plural. Ou porque de um e de outro, tanto do varão quanto da mulher, seja predicado “homem”, a ambos. Que se trate de ambos, qualquer um pode ver pelas palavras, pois foi dito: “Chamou o nome deles Homem, no dia em que foram criados”; semelhantemente, no cap. I: “Façamos o homem à Nossa imagem... e eles dominarão sobre os peixes do mar” (26:28). Pode-se ainda ver por aí que se trata, não de um certo homem criado primeiro que todos, mas da Igreja Antiquíssima.

479. Por “chamar o nome” ou “chamar pelo nome” é significado, na Palavra, conhecer qual foi a qualidade de Igreja Antiquíssima, como foi antes mostrado. Com efeito, conhecer que o homem foi tirado do humo ou regenerado pelo SENHOR, porque “Adam” quer dizer “humo”; e em seguida que o homem, quando foi feito celeste, excedeu os outros pela fé que vem pelo amor ao SENHOR.

480. Que “homem” eles foram chamados no dia em que foram criados, pode-se ver também pelo capítulo 1:26, 27, isto é, no fim do dia sexto, que corresponde à véspera do sábado, ou quando o “sabbath” ou o dia sétimo começava; pois o sétimo dia, ou sabbath, é o homem celeste, como foi mostrado antes.

481. Vers. 3: *“E viveu o Homem trinta e cem anos, e gerou à sua semelhança, segundo a sua imagem; e chamou o seu nome Sheth”*. Por “trinta e cem anos” é significado o tempo que decorreu antes que a igreja nova surgisse; e como ela não diferia muito da Igreja Antiquíssima, foi dito que ela nasceu à “sua semelhança e segundo à sua imagem”; mas aqui a semelhança se refere à fé, e a imagem ao amor. Esta Igreja foi chamada Sheth.

482. O que significam, no sentido interno, os anos e os números de anos que se encontram neste capítulo, ninguém o soube até agora. Os que estão no sentido da letra pensam que são anos seculares; contudo, aqui e até o capítulo 12, não há histórico algum, como o sentido da letra parece conter, mas todas e cada uma das coisas contêm outra coisa. Tal como os nomes, assim também os números: na Palavra ocorre muitas vezes o número ternário, bem como o septenário, e em toda parte esses números significam alguma coisa santa ou sagrada quanto aos estados que os tempos ou outras expressões encerram ou representam. O mesmo se dá

tanto com os intervalos de tempos maiores quanto com os menores, porque, assim, como as partes pertencem ao todo, assim também os menores intervalos pertencem aos maiores. Haverá, com efeito, similitude de ação, quer para que o todo exista convenientemente por suas partes, quer para que o maior exista convenientemente pelos menores. Assim, em *Isaías*:

“Agora JEHOVAH falou, dizendo: Em três anos, segundo os anos de um assalariado, e a glória de Moabe se tornará vil” (16:14).

No mesmo:

“Disse o SENHOR a mim: Ainda em um ano, como os anos de um assalariado, e toda a glória de Quedar se consumirá” (21:16).

Onde são significados tanto os menores quanto os maiores intervalos. Em *Habacuque*:

“JEHOVAH, ouvi a Tua fama! Temi, ó JEHOVAH, a obra tua; vivifica-a no meio dos anos, no meio dos anos faze-a conhecida” (3:2);

onde o “meio dos anos” é o Advento do SENHOR; também nos menores intervalos, é todo advento do SENHOR, como quando o homem é regenerado; e nos maiores, é quando a Igreja do SENHOR se levanta de novo. Chamam-no também o ano dos redimidos, em *Isaías*:

“O dia da vingança (está) em meu coração, e o ano dos meus redimidos veio” (63:4).

O mesmo sucede também com os mil anos durante os quais satanáas será vencido (*Apocalipse 20: 2, 3, 7*) e os mil anos da primeira ressurreição (*Apocalipse 20: 4, 5, 6*). Estes milhares de anos designam os estados daqueles de quem se trata, e não um intervalo de mil anos. Porque, assim como os dias são tomados pelo estado, como já foi mostrado, o mesmo também sucede com os anos. Por aí pode-se ver que, neste capítulo, os tempos também encerram os estados, porque cada igreja estava em um estado de percepção diferente do de uma outra, segundo as diferenças da índole proveniente do hereditário e das coisas ativas.

483. Pelos nomes que se seguem — como por Sheth, Enosh, Kenan, Mahalalel, Jared, Hanoch, Methushelah, Lamech, Noach — são significadas outras tantas igrejas, das quais a primeira e principal foi a que se chamou “Homem”. O principal das igrejas foi a percepção, por isso as diferenças entre as igrejas dessa época foram sempre diferenças de percepções. [2] A propósito da percepção, é lícito lembrar que no céu universal não reina outra coisa senão a percepção do bem e do vero, e de tal modo que é impossível descrevê-la; as suas diferenças são inumeráveis, a tal ponto que uma sociedade não tem uma percepção semelhante à de uma outra. Lá, as percepções classificam-se em gêneros e espécies: os gêneros são inumeráveis e as espécies de cada gênero são igualmente inumeráveis. Disto se falará depois, pela Divina misericórdia do Senhor. Os gêneros e as espécies de cada gênero sendo inumeráveis, e as subdivisões das espécies ainda mais inumeráveis, pode-se ver quão pouco ou quase nada o mundo sabe hoje sobre os celestes e os

espirituais, quando não sabe o que é percepção; e, se se falar de tal, não crê que ela exista. É o que sucede também com outras (verdades). A Igreja Antiquíssima representava o Reino Celeste do SENHOR, mesmo quanto às diferenças de gêneros e de espécies de percepções; como, porém, hoje se ignora absolutamente o que é a percepção em sua significação mais geral, assim falar dos gêneros e das espécies dessas igrejas seria relatar coisas estranhas e desconhecidas. Os antiquíssimos se distinguiam em casas, famílias e nações, e os seus casamentos se contraíam entre casas e famílias, para que as percepções existissem em seus gêneros e em suas espécies, e para que elas fossem transmitidas pelos pais somente segundo as propagações das índoles. É por isso que os que foram da Igreja Antiquíssima também habitam juntos no céu.

484. Que a Igreja chamada Sheth foi quase semelhante à Igreja Antiquíssima vê-se do que se diz que o homem gerou à semelhança sua, segundo à sua imagem, e chamou o seu nome Sheth. A semelhança se refere à fé, e a imagem ao amor. Com efeito, que esta igreja não tenha sido como a Igreja Antiquíssima quanto ao amor e daí a fé no SENHOR vê-se por estas expressões empregadas pouco antes: “Macho e fêmea os criou, abençoou-os e chamou o nome deles Homem”, expressões que significam, como já se disse, o homem espiritual do sexto dia, isto é, que o amor não era o principal, contudo a fé era unida ao amor.

485. Que aqui por Sheth seja entendida uma outra igreja, diferente da que foi descrita antes pelo mesmo Sheth, (Cap. 4:25), vide o n. 435. Que por um mesmo nome sejam chamadas (várias) igrejas de doutrinas diferentes vê-se por isto, que no capítulo precedente, vers. 17 e 18, trata-se de igrejas chamadas Hanoch e Lamech, e neste, vers. 21 e 30, outras Igrejas são igualmente denominadas Hanoch e Lamech.

486. Vers. 4: “E foram os dias do homem, depois que ele gerou Sheth, oitocentos anos; e gerou filhos e filhas.” Pelos dias são significados os tempos e os estados no geral; pelos anos, os tempos e estados no particular; e pelos filhos e filhas são significadas as verdades e os bens que perceberam.

487. Que pelos “dias” sejam significados os tempos e os estados no geral, foi mostrado no Capítulo primeiro, onde os dias da criação não significam outra coisa. É muito comum na Palavra se chamar dias a todo tempo, como aqui é muito evidente, e como nos versículos seguintes: 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27, 31; por isso os dias significam também os estados dos tempos em geral. E sempre quando a eles se acrescentam os anos, então os tempos dos anos significam as qualidades dos estados e, assim, os estados em particular. Os antiquíssimos tinham os seus números, pelos quais significavam as várias coisas da Igreja; assim como os números três, sete, dez, doze e muitos outros, que eles formavam por estes e outros números, e, assim, compreendiam os estados da Igreja. Por isso esses números contêm tais arcanos que seria muito trabalhoso explicá-los. Era o cômputo dos estados da Igreja. Ocorre o mesmo também por toda a parte na Palavra, principalmente nos livros

proféticos. Também nos ritos da Igreja Judaica existem números, tanto de tempos quanto de medidas, como acerca dos sacrifícios, dos minchás, das ofertas e outras coisas, que em toda a parte significam coisas santas postas em aplicação. Por isso, as coisas que aqui são envolvidas em particular por oitocentos, e no versículo seguinte, por “novecentos e trinta”, e, adiante, pelos números de anos nas coisas que seguem, são em tão grande quantidade que jamais se poderia transmiti-las. De fato, são as mudanças de estado das Igrejas deles, aplicadas aos estados deles mesmos em geral. Na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor, se estará dizendo o que significam os números simples até doze; sem o conhecimento prévio disto, é impossível compreender o que significam números compostos.

488. Que o “dia” signifique os estados no geral, e os “anos” os estados no particular, pode-se ver também, pela Palavra, como foi dito; em *Ezequiel*:

“Fizeste aproximar os Teus dias e vieste até os Teus anos” (22:4);

onde se trata dos que fazem abominação e enchem a medida de pecados; assim, aqui, os “dias” no geral e os “anos” no particular são predicados aos estados dos tais. Em David:

“Dias acrescentarás aos dias do rei; seus anos como de geração e geração” (Sal. 61:6);

onde se trata do SENHOR e do Seu reino; onde também os “dias” e os “anos” em lugar dos estados do Seu reino. como no mesmo:

“Pensei nos dias do antigo, nos anos dos séculos” (Sal. 77:5);

onde “os dias do antigo” são os estados da Igreja Antiquíssima e os “anos dos séculos” os estados da Igreja Antiga. Em *Isaiás*:

“Os dias da vingança (estão) no Meu coração, e o ano dos Meus redimidos vem” (63:4);

trata-se dos últimos tempos, onde “os dias da vingança” estão em lugar do estado de condenação e “os anos dos redimidos”, do estado de beatitude. Semelhantemente, no mesmo:

“A proclamar o ano do beneplácito de JEHOVAH, e o dia da vingança do nosso DEUS; a consolar todos os que choram” (61:2);

onde também os “dias”, bem como os “anos”, são ditos e significam os estados. Em *Jeremias*:

“Renova os nossos dias como na antigüidade” (Lam. 5:21);

onde é evidente que se trata do estado. Em *Joel*:

“Vem o dia de JEHOVAH, porque (está) próximo; dia de trevas e de escuridão, dia de nuvem e de obscuridade, como tal não existiu no século, e depois dele não acrescentará jamais nos anos de geração e geração” (2:1,2,11);

onde o “dia” é tomado pelo estado de trevas, de escuridão, de nuvem e de obscuridade, de cada um no particular e todos no geral. Em *Zacarias*:

“Removerei a iniquidade desta terra em um dia. Naquele dia clamareis, e um homem ao seu companheiro, para debaixo da vinha e para debaixo da figueira” (3:9,10).

Em outro lugar:

“Haverá um dia, ele é conhecido de JEHOVAH; não (será) dia, nem noite; e sucederá que no tempo da tarde haverá luz” (Zac. 14:7);

onde é evidente que os estados são tratados, por que foi dito que “haverá” um dia, não será dia nem noite, no tempo da tarde, luz”.

Também, pelas coisas que estão no Decálogo:

“Honra teu pai e mãe, para que sejam prolongados os teus dias, e para que te vá bem sobre o humo” (Deut. 5:16; 25:15);

onde “prolongar os dias” não significa longevidade, mas um estado feliz. No sentido da letra não se pode ver outra coisa senão que o dia significa tempo, mas no sentido interno significa estado. Os anjos, que estão no sentido interno da Palavra, não sabem o que é tempo, porque, para eles, não é o sol nem a lua que distinguem os tempos; por consequência, não sabem o que são dias e ano, mas o que são os estados e suas mutações. Por isso, diante dos anjos, que estão no sentido interno da Palavra, desaparece tudo o que é da matéria, do espaço e do tempo. Como as coisas que estão no sentido da letra, em *Ezequiel*:

“Próximo está o dia e próximo o dia de JEHOVAH; dia de nuvem, será o tempo das nações” (30:3);

e em *Joel*:

“Ah, dia! porque próximo (está) o dia de JEHOVAH, assim como a devastação” (1:15);

onde o “dia de nuvem” está em lugar das nuvens, ou falsidade; o “dia das nações”, em lugar das nações, ou malícias; o “dia de JEHOVAH”, das devastações. Quando a noção de tempo é removida, fica a noção dos estados das coisas, as quais existiram naquele tempo. Semelhantemente se dá com os dias e os anos tantas vezes nomeados neste capítulo.

489. Que pelos filhos e filhas sejam significados os veros e os bens que são percebidos, e, certamente, pelos filhos, os veros, e pelas filhas, os bens, pode-se ver por um grande número de lugares nos Profetas. Com efeito, as concepções e os partos da Igreja, na Palavra como na antigüidade, são nomeados filhos e filhas; como em *Isaías*:

“Andarão as nações na tua luz e os reis no esplendor do teu nascimento. Levanta em redor os teus olhos, e vê: todos eles estão congregados e vêm para ti. Teus filhos virão de longe, e tuas filhas serão nutridas ao teu lado. Então verás e afluirás; e pasmará e dilatar-se-á teu coração” (60:3,4,5);

onde os “filhos” estão em lugar dos veros e as “filhas” dos bens. Em *David*:

“Livra-me e arrebatame da mão dos filhos da estrangeira, cuja boca fala vaidade; nossos filhos como grandes plantações, feitas na sua infância; nossas filhas como ângulos cortados na forma do templo” (Sal. 144:11,12);

os “filhos da estrangeira” são os veros espúrios, ou os falsos, e “nossos filhos”, os doutriniais do vero; e as “filhas”, os doutriniais do bem. Em *Isaías*:

“Direi ao setentrião: Dá! e ao sul: Não retenhas! trouxei meus filhos de longe, e minhas filhas das extremidades da terra. Conduzindo um povo cego e olhos eles terão,; e surdos, e (terão) ouvidos” (43:6,8).

Aí, os “filhos” estão em lugar dos veros, as “filhas” em lugar dos bens, os “cegos” em lugar dos que verão os veros e os “surdos” em lugar dos que obedecem. Em *Jeremias*:

“O pudor comeu o labor de nossos pais desde a nossa infância; o seu gado, a sua manada, os seus filhos e as suas filhas” (3:24);

aí os “filhos” e as “filhas” estão em lugar dos veros e dos bens. Que os “filhos” e os “meninos” (*nati*) estejam em lugar dos veros, vê-se em *Isaías*:

“Já não se envergonhará a Jacob, e suas faces já não se empalidecerão. Porque quando ele vir seus meninos (natos), obras de Minhas mãos, em seu meio santificarão o Meu nome, e santificarão o Santo de Jacob; ao DEUS de Israel temerão; os errantes de espírito terão inteligência” (29:22 a 24);

o “Santo de Jacob, DEUS de Israel” está em lugar do SENHOR; os “meninos”, em lugar dos regenerados, para os quais haverá entendimento do bem e do vero, como foi também explicado. No mesmo:

“Canta, ó estéril que não tinha parido, porque mais numerosos são os filhos da desolada do que os da casada” (54:1);

os “filhos da desolada” estão em lugar dos veros da Igreja Primitiva, ou dos gentios, e os “filhos da casada” em lugar dos veros da Igreja Judaica. Em *Jeremias*:

“Minha tenda foi devastada, e todas as Minhas cordas arrancadas; os Meus filhos afastaram-se de Mim, e eles não (mais existem) (10:20);

os “filhos” estão em lugar dos veros. No mesmo:

“Seus filhos serão como outrora, e a congregação deles estará segura diante de Mim” (30:20);

em lugar dos veros da Igreja Antiga. Em *Zacarias*:

“Excitarei teus filhos, Sião, com teus filhos, Javan e te porei como a espada do poderoso” (9:13),

em lugar dos veros do amor da fé.

490. Que as “filhas” sejam os bens, encontra-se freqüentemente na Palavra, como em David:

“As filhas dos reis nas tuas preciosidades; a rainha assiste à tua destra no ouro fino de Ofir; a filha de Tiro com presentes; a filha do rei, toda gloriosa,

no interior; de pedrinhas de ouro (é) o seu vestido; no lugar de teus pais estarão os teus filhos” (Sal. 45:9-16);

onde o bem e o belo do amor e da fé são descritos pela “filha”. Daí é que as igrejas são chamadas “filhas”, e, certamente, por causa dos bens, como “a filha de Sião” e “a filha de Jerusalém” em *Isaías 37:22* e muitos outros lugares. São chamadas também as “filhas do povo” em *Isaías 22:4*; “filha de Tharschisch”, *Isaías 23:10*; “filha de Sidon”, *Isaías 23:12* e “filhas no campo”, em *Ezequiel 26:6,8*.

491. As mesmas coisas são significadas pelos filhos e filhas neste capítulo, vers. 4,7,10,13,16,19,26 e 30; mas qual é a Igreja, tais são os “filhos” e “filhas”, ou tais são os bens e os veros. Aqui são os veros e os bens que foram distintamente percebidos, pois que são predicados à Igreja Antiquíssima, a principal e a mãe das que restaram e lhe sucederam.

492. Vers. 5: “*E foram todos os dias do Homem, os quais viveu, noventa e três anos e trinta dias; e morreu.*” Pelos “dias” e “anos” são significados aqui tempos e estados, como antes. Que “morreu”, significa que aquela percepção cessou de existir.

493. Que pelos “dias” e “anos” sejam significados os tempos e os estados, não se deterá mais em explicações; somente será dito aqui que, no mundo, é impossível que não existam os tempos e as medidas aos quais os números sejam aplicados, porque se está nos últimos da natureza. Mas, as vezes em que são aplicados, pelos números dos dias e dos anos, como também pelos números das medidas, é significado algo abstraído do tempo e da medida, segundo a significação dos números; como quando é dito que houvesse seis dias de labor e o sétimo santo — sobre os quais se viu acima; que o jubileu devia ser proclamado no quadragésimo nono ano, e ser celebrado no quinquagésimo; que as tribos de Israel fossem doze, como os apóstolos do SENHOR, que houvesse setenta anciões, como outros tantos discípulos do SENHOR, e por muitas outras coisas. Aí estão números que têm significações peculiares e abstraídas das palavras que se lhes aplicam. E, sempre que são abstraídos, então, são os estados que são significados pelos números.

494. Que “morreu” signifique que não havia mais tal percepção, pode-se ver pela significação do vocábulo “morreu”, que significa tudo o que cessa de ter qualidade, como em João:

“Ao anjo da igreja que (está) em Sardes, escreve: Estas coisas diz Aquele que tem os setes espíritos e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que dizes viver, mas estás morto. Sê vigilante e confirma os restantes que estão para morrer, porquanto não achei tuas obras perfeitas diante de DEUS” (Apoc. 3:1,2).

Em Jeremias:

“Lançarei tua mãe, que te gerou, sobre uma outra terra, onde não foste gerado, e lá (tu e ela) morrereis” (22:26);

onde “mãe” está em lugar da Igreja. Com efeito, as coisas assim se passam

com a Igreja, como foi dito: que ela decresce e é degenerada, e que a integridade dos primeiros tempos perece, devido a, antes de tudo, que o mal hereditário aumenta, porque cada um dos pais adiciona um novo mal ao mal hereditário. Todo mal ativo nos pais se reveste de uma espécie de natureza, e, quando é evocado frequentemente, torna-se natural, e é adicionado ao hereditário, e transplantado nos filhos, e assim, nos pósteros; e, dessa maneira, o mal hereditário aumenta imensamente na posteridade. Que cada um possa reconhecer isso pela má índole dos filhos inteiramente semelhante à dos pais e avós. É inteiramente falsa a opinião dos que pensam que não há outro mal hereditário além daquele que dizem ter sido implantado por Adam (vide n. 313), quando todavia cada um, por seus (males) ativos, ou pecados, faz o mal hereditário, e ajunta-o aos adquiridos de seus pais, e, assim, o acumula, o que fica em toda posteridade, a não ser que seja moderado pelo SENHOR nos que são regenerados. Essa é a primeira causa por que toda Igreja tenha sido degenerada; assim, também, com a Igreja antiqüíssima.

495. De que maneira a Igreja Antiquíssima decresceu, não se pode ver a não ser que se saiba o que é percepção, porque era uma Igreja perceptiva, como hoje não acontece. A percepção da Igreja consiste nisto, que percebiam do SENHOR o que é o bem e o que é o vero, como os anjos, não o que é o bem e o vero na sociedade civil, mas o que é o bem e o vero do amor e da fé no SENHOR. Por meio da confissão da fé confirmada pela vida pode-se ver o que é e o que não é [a percepção].

496. Vers. 6: “*E viveu Sheth cinco anos e cem anos, e gerou Enosh.*” “Sheth”, como já foi dito, é uma outra igreja, menos celeste do que a mãe Antiquíssima, mas era uma das Antiquíssimas. Que tenha vivido “cinco e cem anos”, significa os tempos e estados, como antes. Que “tenha gerado Enosh”, significa que outra igreja descendeu delas, a qual é dita Enosh.

497. Que “Sheth” seja uma outra Igreja, menos celeste do que a mãe Antiquíssima, mas uma das antiquíssimas, vê-se pelas coisas que antes foram ditas sobre Sheth no Vers. 3. Acontece com as Igrejas, como foi dito, que, pouco a pouco, e na sucessão dos tempos, elas decrescem quanto às coisas essenciais, sobretudo pela causa que foi dita antes.

498. Que “tenha gerado Enosh” signifique que outra Igreja descendeu delas, a qual é dita “Enosh”, também se vê por isto, que os nomes neste capítulo não significam outra coisa a não ser igrejas.

499. Vers. 7 e 8: “*E viveu Sheth, depois que ele gerou Enosh, sete anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Sheth doze anos e novecentos anos; e morreu.*” Os “dias” e os números dos “anos”, aqui como antes, significam os tempos e os estados; “filhos e filhas” aqui significam o mesmo que antes. Semelhantemente a significação de “morreu”.

500. Vers. 9: “*E viveu Enosh noventa anos, e gerou Kenan.*” Por

“Enosh”, como foi dito, é significada a terceira Igreja, ainda menos celeste do que a Igreja denominada “Sheth”, mas uma das Antiquíssimas. Por Kenan é significada uma quarta Igreja que sucedeu às precedentes.

501. Com as Igrejas — que se sucedem no decorrer do tempo e das quais uma é dita nascer da outra — acontece como com os frutos, ou com suas sementes, em cujos meios ou íntimos, há, por assim dizer, frutos dos frutos; ou como sementes das sementes, pelos quais vivem, por assim dizer, em ordens sucessivas, porque no que é mais remoto em direção às periferias, há menos da essência do fruto ou da semente, até que enfim existem somente cutículas ou invólucros, nos quais os frutos ou semente terminam; ou, então, como no cérebro, em cujos íntimos existem os orgânicos mais tênues, ditas substâncias corticais, das quais e pelas quais procedem as operações da alma. Por essa ordem sucedem os invólucros mais puros, depois, densos e, enfim, os comuns, que são chamados meninges que, por sua vez, terminam em [substância] ainda mais comuns e, finalmente no comuníssimo, que é o crânio.

502. Essas três Igrejas, chamadas “Homem, Sheth e Enosh”, constituem a Igreja Antiquíssima, mas com diferença de perfeição quanto às percepções. O perceptivo da Primeira Igreja diminuiu em todos os aspectos nas seguintes e tornou-se o mais geral; é como se dá com o fruto e a semente, ou com o cérebro, de que se falou. A perfeição consiste na faculdade de perceber distintamente, e diminui quando não é tão distinta, mas geral. Então, em vez de percepção mais clara, sucede uma mais obscura, e, assim, começa a se dissipar.

503. O perceptivo da Igreja Antiquíssima consistia não só em terem percebido o que é o bem e o vero, mas na felicidade e no prazer de fazer o bem. Sem a felicidade e o prazer de fazer o bem, o perceptivo não é vivo, mas vive daí. A vida do amor e, daí, da fé — qual foi a da Igreja Antiquíssima — é vida enquanto está no uso, ou no bem e no vero do uso, do uso pelo uso e, segundo o uso, a vida é dada pelo SENHOR. No que é inútil, nenhuma vida pode existir, pois tudo o que é inútil é rejeitado. Neles havia semelhanças do SENHOR; por isso também, nos perceptivos foram feitos imagens. O perceptivo é conhecer o que é o bem e o vero, e assim, o que é da fé; o que está no amor se deleita não em conhecer, mas em fazer o bem e o vero, isto é, ser de uso.

504. Vers. 10 e 11: “*E viveu Enosh, depois que ele gerou Kenan, quinze anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Enosh cinco anos e novecentos anos; e morreu*”. Aqui, semelhantemente, os “dias” e os números dos “anos”, e então “filhos e filhas”, bem como que ele “tenha morrido”, significam coisas semelhantes.

505. “Enosh” é, como foi dito, a terceira Igreja, uma das Antiquíssimas, mas menos celeste, e, por consequência, menos perceptiva do que a Igreja Sheth; e esta não tão celeste e perceptiva como a Igreja mãe dita “Homem”. Essas três, que constituem a Antiquíssima, são, por assim dizer, o núcleo dos frutos ou sementes,

em relação às seguintes; e estas, por outro lado, se referem a natureza membranosa deles.

506. Vers. 12: “*E viveu Kenan setenta anos, e gerou Mahalalel*”. Por “Kenan” é significada a quarta Igreja; e por “Mahalalel” a quinta.

507. A Igreja dita “Kenan” não deve ser contada entre as três mais perfeitas, porque, então, a percepção que foi distinta nas precedentes começou a se tornar geral, e, comparativamente, como as primeiras e as mais tenras membranas em relação ao núcleo do fruto ou da semente. Esse estado, é certo, não é descrito, mas é visto pelo que segue, como pela descrição das Igrejas que são chamadas Hanoch e Noach.

508. Vers. 13 e 14: “*E viveu Kenan, depois que ele gerou Mahalalel, quarenta anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Kenan dez anos e novecentos anos; e morreu*”. Os “dias” e os “números dos anos” são aqui como foi dito antes; “filhos e filhas”, aqui como antes, significam os veros e os bens que eles perceberam, porém mais comuns; que tenha “morrido”, significa semelhantemente que [a percepção] cessou de existir.

509. Somente deve ser observado aqui que todas essas coisas se referem ao estado da Igreja.

510. Vers. 15: “*E viveu Mahalalel cinco anos e sessenta anos, e gerou Jared*.”. Por “Mahalalel” é significada, como foi dito, a quinta Igreja; e por “Jared” a sexta.

511. Porque o perceptivo decresceu e, de o mais singular ou o mais distinto, tornou-se cada vez mais geral ou obscuro, assim também ocorreu com a vida do amor ou dos usos, pois, como acontece com a vida do amor ou dos usos, assim acontece com o perceptivo. Por meio do bem conhecer o vero, eis o celeste; por isso a vida também dos que constituíram a Igreja chamada Mahalalel era tal que preferiram o deleite dos veros ao prazer dos usos. Isso foi dado saber, por experiência, pelos que na outra vida são semelhantes a eles.

512. Vers. 16 e 17: “*E viveu Mahalalel, depois que ele gerou Jared, trinta anos e oitocentos anos; e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Mahalalel cinco e noventa anos, e oitocentos anos; e morreu*”. Essas coisas têm significações semelhantes às de antes.

513. Vers. 18: “*E viveu Jared dois, e sessenta anos e cem anos; e gerou Hanoch*”. Por “Jared” é significada, como foi dito, a sexta Igreja; por “Hanoch” a sétima.

514. Sobre a Igreja dita Jared nada mais é relatado, mas pode-se ver o que ela foi pela Igreja Mahalalel, que a precedeu, e pela Igreja Hanoch, que a seguiu, das quais a Igreja Jared é a intermediária.

515. Vers. 19 e 20: “*E viveu Jared, depois que ele gerou Hanoch, oitocentos anos; e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Jared dois e sessenta anos e novecentos anos; e morreu*”. Essas coisas são também semelhantes àquelas de que se falou antes. Que as idades deles não tenham sido tão avançadas, como Jared com 962 anos e Methushelah com 969, qualquer um também pode ver, vendo-o ainda pelas coisas que, pela Divina misericórdia do Senhor, serão ditas no capítulo seguinte, versículo 3, onde é dito: “*Serão os dias seus cento e vinte anos*”. Por isso o número dos anos não significa a idade da vida de algum homem, mas os tempos e os estados da Igreja.

516. Vers. 21: “*E viveu Hanoch cinco e sessenta anos; e gerou Methushelah*”. Por “Hanoch” é significado, como foi dito, a sétima Igreja; e por “Metuschelach” a Igreja oitava.

517. Qual foi a Igreja Hanoch, será descrito logo, na seqüência.

518. Vers. 22: “*E andou Hanoch com DEUS, depois que ele gerou Methushelah, trezentos anos; e gerou filhos e filhas. “Andar com DEUS” significa a doutrina sobre a fé; que “tenha gerado filhos e filhas” significa as coisas doutriniais sobre os veros e os bens.*

519. Existiram naquele tempo os que formulavam doutrina a partir dos perceptivos da Igreja Antiquíssima e das seguintes, para servir de norma, e daí se conhecesse o que é o bem e o vero. Esses foram chamados “Hanoch”. É o que é significado por estas palavras: “e andou Hanoch com DEUS”. Até chamavam assim esta doutrina. É o que é significado também pelo nome “Hanoch”, que é “instruir”. Vê-se isso também pela significação do vocábulo “andar”, e pelo que é dito, que “andou com DEUS” e não “com JEHOVAH”. “Andar com DEUS” é ensinar e viver segundo a doutrina da fé; “andar com JEHOVAH”, todavia, é viver a vida do amor. “Andar” é uma expressão comum que significa “viver”; como “andar na lei”, “andar nos estatutos” e “andar na verdade”. “Andar” propriamente refere-se a um caminho, que é da verdade, e por consequência, às coisas que são da fé, ou da doutrina da fé. O que “andar” significa na Palavra, pode-se ver pelas coisas que se seguirão em muitos lugares. [2] Como em *Miquéias*:

“Indicou a ti, homem, o que é o bem; e o que JEHOVAH requer de ti senão o fazer o juízo e o amor de misericórdia, e se humilhar, andando com teu DEUS?” (6:8);

aí, “andar com DEUS” significa também viver segundo as coisas que são indicadas. Mas é dito aqui “com DEUS”, enquanto sobre Hanoch o vocábulo é outro, que também significa “de com DEUS” [“a cum Deo”], de modo que é uma expressão ambígua. Em David:

“Arrancaste meus pés da impulsão, para andar diante de DEUS na luz dos viventes” (Sal. 56:13);

onde “andar diante de DEUS” é estar na verdade da fé, que é a “luz dos vi-

ventes”. Semelhantemente, em *Isaiás*:

“*Os povos que andam em trevas vêem uma grande luz*” (9:2).

O SENHOR [diz] em Moisés:

“*Andarei no meio, e serei para vós DEUS, e vós sereis para Mim povo*” (*Lev. 26:12*),

em lugar de que viveriam segundo a doutrina da lei. [3] Em *Jeremias*:

“*Estendê-los-ão ao sol e à lua, e aos exércitos dos céus, a quem amaram e aos quais serviram, e após quem andaram e a quem buscaram*” (8:2);

aí se faz clara distinção entre as coisas que são do amor e as que são da fé: as que são do amor são “amar” e “servir”; as que são da fé são “andar” e “buscar”. Nos Profetas, os vocábulos são cuidadosamente observados; em parte alguma um vocábulo é tomado em lugar do outro. Mas “andar com JEHOVAH”, ou “diante de JEHOVAH”, na Palavra, significa “viver a vida do amor”.

520. Vers. 23 e 24: “*E foi [fuit] todos os dias de Hanoch cinco e sessenta anos e trezentos anos. E andou Hanoch com DEUS, e não mais, porque o tomou DEUS*”. Que “*todos os dias de Hanoch tenham sido 365 anos*”, significa que foram poucos. Que “*tenha andado com DEUS*” é, como antes, a doutrina sobre a fé. Que “*não mais, porque o tomou DEUS*”, significa que esta doutrina foi conservada para o uso da posteridade.

521. Que “*não mais, porque o tomou DEUS*” signifique que esta doutrina foi conservada para o uso da posteridade, é porque deu-se com Hanoch, como foi dito, que ele formou uma doutrina derivada do perceptivo da Igreja Antiquíssima, o que não era permitido naquele tempo. Porque conhecer pela percepção é inteiramente diferente de aprender pela doutrina. Os que estão na percepção não precisam conhecer, por meio de uma doutrina formada, o que já conhecem. Seja como ilustração: quem sabe pensar bem não precisa aprender a pensar pelo artificial, donde pereceria sua faculdade de pensar bem, como se dá com aqueles que se detêm na poeira da escolástica. Os que conhecem pela percepção, a esses é dado, pelo SENHOR, saber, por uma via interna, o que é o bem e o vero; mas aos que aprendem pela doutrina, por uma via externa ou dos sentidos do corpo; a diferença é como a que há entre a luz e as trevas. Acresce que as percepções do homem celeste não podem em parte alguma ser descritas, porque estão nas minudências e nas coisas mais singulares, com todas as variedades segundo os estados e as circunstâncias. Mas, porque foi previsto que o perceptivo da Igreja Antiquíssima pereceria, e depois se aprenderia pelas doutrinas o que é o vero e o bem, ou, pelas trevas viessem à luz, por essa razão é dito aqui, que “*DEUS o tenha tomado*”, isto é, que fora conservada para o uso da posteridade.

522. Qual foi o perceptivo daqueles que são ditos Hanoch, também me foi dado saber: era alguma coisa geral, obscura, sem qualquer coisa distinta, pois que, então, a mente fixa a intuição fora de si, nas coisas doutriniais.

523. Vers. 25: “*E viveu Methushelah sete e oitenta anos e cem anos; e gerou Lamech*”. Por “Methushelah” é significada a oitava Igreja e por “Lamech” a Nona.

524. Qual tenha sido essa Igreja, nada é relatado em especial. Mas que o perceptivo tornou-se geral e obscuro, vê-se isso pela descrição da Igreja que é chamada Noach, a saber, que a integridade decresceu, e, com a integridade, a sabedoria e a inteligência.

525. Vers. 26 e 27: “*E viveu Methushelah, depois que ele gerou Lamech, dois e oitenta anos e setecentos anos; e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Methushelah nove e sessenta anos e novecentos anos; e morreu*”. Essas coisas são semelhantes às demais.

526. Vers. 28: “*E viveu Lamech dois e oitenta anos e cem anos; e gerou um filho*”. Por “Lamech” é significada aqui a nona Igreja, na qual a percepção do bem e do vero foi tão geral que era quase nula; assim, foi uma Igreja devastada. Pelo “filho” é significada a origem de uma nova Igreja.

527. Que por “Lamech” seja significada uma Igreja na qual a percepção do bem e do vero foi tão geral, quase nada, e, assim, uma Igreja devastada, pode-se ver pelas coisas que precederam e pelas que se seguirão, porque está descrito no versículo logo seguinte. Lamech, no Capítulo precedente, significava quase o mesmo que aqui, a saber, a devastação — a cujo respeito se vê no capítulo precedente, vers. 18, 19, 23 e 24. Aquele que o gerou tem também quase o mesmo nome, a saber, Methushael, de modo que pelos nomes são significadas quase as mesmas coisas: por Methushael e Methushelah algo que está morrendo, e, por Lamech, algo destruído.

528. Vers. 29: “*E chamou o seu nome Noach, dizendo: Este nos consolará de nossa obra e da dor de nossas mãos, por causa do humo, que JEHOVAH amaldiçoou*”. Por “Noach” é significada a Igreja Antiga; por “consolar-nos de nossa obra e da dor de nossas mãos por causa do humo, que JEHOVAH amaldiçoou”, é significada a doutrina, pela qual seria restituído o que se tinha pervertido.

529. Que por “Noach” seja significada a Igreja Antiga, ou a mãe das três Igrejas de após o dilúvio, ver-se-á pela seqüência, onde se tratará muitas vezes de Noach.

530. Pelos nomes neste Capítulo são significadas, como foi dito, Igrejas, ou o que é a mesma coisa, doutrinas; porque é pela doutrina que a Igreja existe e é chamada Igreja. Assim, por Noach, a Igreja Antiga ou a doutrina que restara da Antiquíssima. De que maneira se dá com as Igrejas ou doutrinas, isto foi dito antes, a saber, que elas decrescem até que nada mais reste do bem e do vero da fé, e, então, é chamada, na Palavra, “Igreja devastada”. Porém sempre são conservadas relíquias, ou alguns com quem permanece o bem e o vero da fé, se bem que esses sejam poucos. Se o bem e o vero da fé não fossem conservados neles, não haveria

conjunção alguma do céu com o gênero humano. Quanto ao que concerne às relíquias que estão em particular no homem, quanto menos numerosas forem, menos podem ilustrar seus racionais e científicos, pois a luz do bem e do vero influi das relíquias, ou, do SENHOR por meio das relíquias. Se não houvesse relíquias no homem, ele não seria homem, mas muito mais vil do que os brutos. Quanto menos relíquias houver, menos homem ele é; e quanto mais houver, mais ele é homem. Dá-se com as relíquias como com um astro celeste: quanto menor for, menos luz provém dele, e quanto maior for, mais luz irradia. Poucas coisas que restaram da Igreja Antiquíssima permaneceram com os que constituíam a Igreja dita Noach. Mas as reminiscências não eram da percepção, mas da integridade, e, assim, da doutrina tirada dos perceptivos das Igrejas Antiquíssimas. Por isso uma nova Igreja foi, então, suscitada pelo SENHOR, a qual, porque era de índole inteiramente diferente da das Antiquíssimas, deve ser chamada “Igreja Antiga”. Era antiga porque existiu no fim dos séculos antes do dilúvio e no primeiro tempo após o dilúvio. Sobre essa Igreja [falar-se-á] na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

531. Que por “consolar-nos de nossa obra e da dor de nossas mãos, por causa do humo, que JEHOVAH amaldiçoou” seja significada a doutrina, pela qual seria restituído o que se tinha pervertido, também ver-se-á na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Pela “obra” é significado que não poderiam perceber o que é vero a não ser com labor e angústia. Pela “dor das mãos por causa do humo, que JEHOVAH amaldiçoou”, que não poderiam fazer bem algum. Assim é descrito Lamech, ou a Igreja devastada: “obra e labor de nossas mãos” quando se deve por si mesmo, ou pelo próprio, inquirir o que é o vero e fazer o que é o bem. O que resulta daí é o “humo que JEHOVAH amaldiçoou”, isto é, que nada há a não ser o falso e o mal. Mas o que significa “que JEHOVAH amaldiçoou”, vê-se no número 245. “Consolar”, todavia, se refere ao filho ou Noach, por quem é significada uma nova regeneração, e, assim, uma nova Igreja, que é a Antiga. Por essa Igreja, ou Noach, é por isso significado também o repouso, e, pelo repouso, a consolação, como se deu com a Igreja Antiquíssima que era o Sétimo Dia, quando o SENHOR descansou. Vê-se isto do número 84 ao 88.

532. Vers. 30 e 31: “*E viveu Lamech, depois que ele gerou Noach, cinco e noventa anos e quinhentos anos; e gerou filhos e filhas. E foi todos os dias de Lamech sete, e setenta anos e setecentos anos; e morreu*”. Por “Lamech” é significada, como foi dito, uma Igreja devastada. Pelos “filhos e filhas”, as concepções e os partos de tal Igreja.

533. Desde que não são relatadas muitas coisas sobre Lamech, exceto que tenha gerado filhos e filhas, que são as concepções e os partos de uma tal Igreja, não se deve deter mais neste ponto. Quais são os partos, ou filhos e filhas, pode-se ver pela Igreja, porque tal é a Igreja, tais os partos. As duas Igrejas, chamadas Methushelah e Lamech, expiraram imediatamente antes do dilúvio.

534. Vers. 32: “*E foi Noach um filho de quinhentos anos; e gerou No-*

ach a Shem, Cham e Japheth”. Por “Noach” é significada, como foi dito, a Igreja Antiga; por “Shem, Cham e Japheth” são significadas três Igrejas Antigas, das quais a mãe foi a Antiga chamada Noach.

535. Que a Igreja dita “Noach” não deva ser contada entre as Igrejas que existiram antes do dilúvio, pode-se ver pelo versículo 29, “que ela os havia de consolar da sua obra e do labor de suas mãos, por causa do humo, que JEHOVAH amaldiçoou”; e a consolação foi que ela sobreviveria e subsistiria. Mas, sobre Noach e seus filhos, (falar-se-á) na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor

536. Visto que nas coisas precedentes referiu-se muitas vezes à percepção das Igrejas que existiram antes do dilúvio; e hoje a percepção é coisa inteiramente ignorada; e de tal forma ignorada que se pode pensar que é uma espécie de coisa revelada continuamente; ou, então, que é algo inato; alguns (podendo pensar) que seja meramente uma coisa que é imaginária e outros, outras coisas, e de tal forma é a percepção o celeste mesmo, dado pelo SENHOR àqueles que estão na fé do amor; e, no céu universal, a percepção existe com variedade inumerável, é por isso que, para que se tenha uma noção sobre a percepção, pela Divina misericórdia do Senhor, será permitido descrever na seqüência a percepção quanto aos seus gêneros, tal como existe nos céus.

Continuação sobre o céu e a alegria celeste

537. Um certo espírito chegou-se ao meu lado esquerdo, perguntando se eu sabia de que maneira ele poderia entrar no céu. Foi dado responder-lhe que a admissão ao céu é somente pelo SENHOR, Que somente conhece a qualidade de cada um. Tais são os muitíssimos que vêm do mundo, que não buscam outra coisa a não ser virem ao céu, não sabendo absolutamente o que é o céu e o que é a alegria celeste, que o céu é o amor mútuo, e a alegria celeste é a alegria que provém daí. Por isso, os que não sabem, são informados primeiro sobre o que é o céu e o que é a alegria celeste, e até por viva experiência. Tal como um certo espírito recém-chegado do mundo, que também desejava ardentemente o céu; para que percebesse o que é o céu, os seus interiores foram abertos, para que sentisse um pouco da alegria celeste; mas, ao senti-la, começou a se lamentar e a se torcer, suplicando que fosse libertado e dizendo que lhe era impossível viver, por causa da ansiedade. Por isso os seus interiores foram fechados para o céu e, assim, se restabeleceu. Daí se pode ver com que dor de consciência e ansiedade são atormentados aqueles que só por pouco tempo são ali admitidos, quando não são tais que possam lá permanecer.

538. Alguns também procuravam o céu com insistência, não sabendo o que é o céu; foi-lhes dito que, a não ser que se esteja na fé do amor, vir ao céu é tão

perigoso como entrar no fogo. Mas, ainda assim, insistiam. Quando vieram ao primeiro átrio, ou na esfera inferior dos espíritos angélicos, ficaram tão amedrontados que se arrojaram com precipitação para trás. Daí foram instruídos sobre quão perigoso é sequer aproximar-se do céu antes que sejam preparados pelo SENHOR para receber as afeições da fé.

539. Um, que na vida do corpo reputava os adultérios como nada, foi admitido — porque também o desejava ardentemente — ao primeiro limiar do céu. Quando ali chegou, começou a se angustiar e a sentir um fedor cadavérico em si próprio, a tal ponto que o não suportava mais. Parecia-lhe que, se fosse mais adiante, pereceria. Por isso, foi dali lançado à terra inferior, indignado porque sofreu tais torturas, quando chegara ao primeiro limiar do céu; pois ali havia uma esfera contrária a dos adultérios. Assim, ficou entre os infelizes.

540. Quase todos os que vêm à outra vida ignoram o que é a beatitude e a felicidade celestes, porque não sabem o que é a alegria interna nem a sua qualidade; uns obtêm alguma percepção disso somente pelos prazeres e alegrias corporais e mundanos. E, porquanto ignorem, pensam que nada é, quando todavia as alegrias corpóreas e mundanas nada são e são relativamente imundas. Por essa razão, os probos que não sabem o que é a alegria celeste são levados, para que o saibam e a conheçam, primeiramente para lugares paradisíacos, que excedem toda idéia da imaginação — sobre tais lugares se falará, pela Divina misericórdia do Senhor, na seqüência. Então, julgam terem vindo ao paraíso celeste. Mas são ensinados que esta não é a felicidade verdadeiramente celeste e por isso lhes é dado conhecer estados interiores de alegria perceptíveis em seu íntimo. Em seguida, são levados a um estado de paz até o íntimo; confessam, então, que não há coisa alguma desse estado que se possa exprimir ou cogitar. Por fim, são levados a um estado de inocência, também até o sentido íntimo. Daí lhes é dado saber o que é verdadeiramente o bem espiritual e celeste.

541. Uns, que não sabiam o que era a alegria celeste, foram repentinamente arrebatados ao céu; foram reduzidos a um estado em que pudessem, então, ser elevados, a saber, adormecidos quanto às coisas corporais e imaginárias. Daí eu ouvi um deles dizer-me que agora sentia pela primeira vez quanta alegria há no céu, e estava muito decepcionado por ter tido outra idéia; agora a percebia em seu íntimo indefinidamente maior do que as maiores que o deleitaram em alguma voluptuosidade na vida do corpo, às quais chamava imundícies.

542. Os que são levados ao céu, a fim de se saber qual é sua qualidade, ou são adormecidos quanto às coisas corpóreas e às imaginativas — pois ninguém pode entrar no céu com as coisas do corpo e imaginárias que traz consigo do mundo — ou são circundados por uma esfera de espíritos que modela miraculosamente as coisas imundas e as que estão em discordância. Em outros, os interiores lhes são abertos. Assim e de outras maneiras, segundo as suas vidas e as índoles daí formadas.

543. Uns desejavam conhecer o que era a alegria celeste; por essa razão era-lhes concedido perceber seu íntimo até um certo grau em que não podiam mais suportar. Mas não era a alegria angélica: era apenas um mínimo dela, o que foi dado perceber pela comunicação da alegria deles; era tão pouca que era, por assim dizer, das mais frias, à qual, todavia chamava celestíssimas, porque estava no íntimo deles. Daí se via não somente que existem graus, mas também que o íntimo de um mal se aproxima do íntimo ou médio do outro; então, que quando alguém recebe seu íntimo, em sua alegria celeste ele está, e, que não suporta uma alegria ainda mais interior sem experimentar dor.

544. Uns foram admitidos ao céu da inocência do primeiro céu e daí falaram comigo; confessaram que estavam em tal alegria e em tal estado de prazer que em nenhum lugar se poderia sentir. Mas isto era somente no primeiro céu, pois que há três céus e, em cada um deles, estados de inocência com suas inúmeras variedades.

545. Mas para que eu pudesse saber o que é o céu e a alegria celeste, pelo SENHOR foi-me dado perceber freqüentemente e por muito tempo, os encantos das alegrias celestes. Por isso posso saber, porque é por viva experiência, mas de modo nenhum posso descrever. Por outro lado, para que somente se tenha uma idéia a respeito, direi: é uma afeição de prazeres e de alegrias inumeráveis que se apresentam simultaneamente em geral; nesse geral, ou nessa afeição geral existem afeições inumeráveis, em harmonia, que não vêm distintamente à percepção, mas obscuramente, porque a percepção é muito geral. Mas foi dado perceber que encerram coisas inumeráveis, de tal modo ordenadas que jamais se poderia descrever. Tais coisas inumeráveis são como fluem da ordem do céu. Tal ordem existe nos singulares e nos mínimos das afeições, que fazem com que uma unidade das mais comuns seja percebida, segundo a capacidade do que é seu objeto. Numa palavra, são indefinidas em sua forma ordenadíssima para cada unidade geral, e não há o que não viva ou que não afete, mesmo os íntimos, porque as alegrias celestes procedem dos íntimos. Foi percebido também que a alegria e a delícia celeste vinham como que do coração espalhando-se com a maior suavidade por todas as fibras íntimas, e daí nas fibras congregadas, com a sensação tal de encanto íntimo, que a fibra era como se fosse nada a não ser alegria e delícia. E todo o perceptivo e sensitivo daí vive semelhantemente da felicidade. A alegria das volúpias do corpo comparada a essa alegria é como um nevoeiro denso e pungente em relação a uma brisa pura e brandíssima.

546. Para que eu soubesse o que se passa com os que desejam entrar no céu, mas que são tais que não podem estar ali, quando estava em alguma sociedade celeste, via anjo semelhante a uma criança, tendo sobre a cabeça uma coroa de flores azuladas de um brilho resplandecente, e, em volta do peito, grinaldas de outras cores. Daí foi dado a conhecer que eu estava numa sociedade onde reinava a caridade. Então, nessa mesma sociedade, foram admitidos alguns espíritos probos que, logo que ali entraram, tornaram-se muito mais inteligentes e falavam como

espíritos angélicos. Depois foram ali introduzidos alguns que queriam ser inocentes por si mesmos; seu estado me foi representado por uma criança que rejeitava o leite de sua boca. Tais são aqueles. Depois foram admitidos alguns que se julgavam ser inteligentes por si mesmos; seu estado foi representado por suas faces, que pareciam brilhantes e lindíssimas. Foram vistos como tendo uma carapuça pontiaguda, da qual pendia um penacho; mas os seus rostos não pareciam ter carne humana, mas como os de estátuas, privados de vida. Tal é o estado dos que se crêem ser espirituais por si ou que crêem que podem ter por si mesmos a fé. Outros espíritos foram admitidos que não puderam permanecer ali; ficavam prostrados, tomados de ansiedade e, depois, fugiam.

Gênesis

Capítulo Sexto

Do céu e da alegria celeste

547. As almas que vêm à outra vida ignoram inteiramente o que é o céu e a alegria celeste. A maioria delas pensa que é alguma alegria na qual possam ser introduzidos, qualquer que tenha sido o modo como viveram, mesmo que tenham tido ódio ao próximo e levado uma vida em adultérios, ignorando inteiramente que o céu seja o amor mútuo e casto, e a alegria celeste seja a felicidade procedente.

548. Conversei algumas vezes com espíritos que chegaram do mundo recentemente a respeito do estado da vida eterna. Sem dúvida, o que mais lhes interessa saber é quem é o SENHOR desse reino, como é o governo e qual é a sua forma. É como, no mundo, os que chegam a um outro reino: nada lhes importa mais do que saber quem é o rei e como ele é, como é o governo e muitas outras coisas concernentes a esse reino. Quanto mais num reino em que se deve viver eternamente. Foi-lhes dito que o SENHOR, só, governa não apenas o céu, mas também o universo, pois quem governa um governa o outro. E o reino em que agora estão é o reino do SENHOR, e as leis desse reino são as verdades eternas fundamentadas nesta única lei: que amem ao SENHOR sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. E agora ainda mais, se quiserem ser um anjo do céu, devem amar ao próximo mais do que a si mesmos. [2] Quando ouviram essas coisas, nada puderam responder, porque na vida do corpo eram tais que ouviram mas não creram. Ficaram admirados de que exista um amor assim no céu, e seja possível a quem quer que seja amar ao próximo mais do que a si mesmo, quando todavia tinham ouvido que se deveria amar ao próximo como a si mesmo. Mas foram informados de que todos os bens crescem indefinidamente na outra vida, e a vida do corpo é tal que não se pode progredir além de amar ao próximo como a si mesmo, porque se está nos corporais. Mas, sendo esses removidos, todavia, o amor se torna, então, mais puro e, enfim, angélico, que é amar o próximo mais do que a si mesmo. [3] Que um tal amor seja possível, pode-se ver pelo amor conjugal de algumas pessoas, que preferiram a morte a fazerem mal ao cônjuge; pelo amor dos pais para com os filhos, quando a mãe padece fome, de preferência, a ver o filho faminto; e, também, pelas aves e animais; bem como pela amizade sincera, quando se expõe a perigo por causa dos amigos, e ainda pela amizade civil e simulada, que quer imitar a sincera, em que se oferecem as melhores coisas àqueles que se quer bem, e se lhes promete de boca

mas não de coração. Finalmente, pela natureza do amor, que é tal que sua alegria é pôr-se a serviço dos outros, não por causa de si, mas pelos outros. Aqueles que se amavam mais do que aos outros não puderam compreender este vero, e nem aqueles que na vida do corpo foram ávidos pelo lucro, e, ainda menos que todos, os avaros.

549. O estado angélico é tal que cada um quer comunicar sua beatitude e felicidade aos outros. Visto que na outra vida há comunicação de todas as afeições e de todos os pensamentos e uma percepção refinadíssima, por isso cada um comunica sua alegria a todos, e todos a cada um, de sorte que cada um é, por assim dizer, o centro de todos. Essa é a forma celeste. Por esse motivo, quanto mais forem os que constituem o reino do SENHOR, maior é a felicidade, pois ela aumenta em razão do número; daí vem que a felicidade do céu é inefável. Tal é a comunicação de todos com cada um e de cada um com todos, quando um ama o outro mais do que a si. Quando, todavia, se quer para si melhor do que para os outros, então, o amor de si reina, o qual nada comunica de si aos outros a não ser sua idéia, que é muito torpe; quando ela é percebida, é imediatamente dissociada e rejeitada.

550. Assim como no corpo humano todas e cada uma das coisas concorrem para os usos comuns e singulares de todos, da mesma forma no reino do SENHOR, que é como um homem e também é chamado Máximo Homem. Ali, cada um concorre mais de perto ou mais remotamente, por uma multiplicidade de modos, para que haja a felicidade de todos os outros, e isso segundo a ordem instituída e continuamente mantida pelo SENHOR, só.

551. O céu inteiro se refere ao SENHOR, e todos e cada um ao Único mesmo no universal e nos singularíssimos; daí vem a ordem, daí a união, daí o amor mútuo e daí a felicidade. Com efeito, assim cada um visa ao bem-estar e à felicidade de todos, e todos, de cada um.

552. Que toda alegria e felicidade procedam somente do SENHOR, foi-me mostrado por muitas experiências, das quais é permitido relatar aqui as seguintes. Eu vi certos espíritos angélicos na maior dedicação a formarem um candelabro com suas lâmpadas e flores, ornamentado em honra do SENHOR. Foi-me dado ver por uma ou duas horas o quanto trabalhavam para que todas e cada uma das coisas fossem belas e representativas, pensando agir de si próprios. Mas foi-me dado perceber claramente que não podiam fazer coisa alguma de si. Finalmente, depois de algumas horas, disseram ter formado um belíssimo candelabro representativo, em honra ao SENHOR, pelo que estavam contentes no íntimo. Eu, porém, lhes disse que não tinham jamais formado nem terminado coisa alguma por si próprios, mas o SENHOR por meio deles. A princípio, mal queriam crer; mas, como eram espíritos angélicos, foram esclarecidos e reconheceram que, assim, era. Acontece o mesmo com os outros representativos e com todas e cada uma das coisas das afeições e dos pensamentos, e, assim, com as alegrias e as felicidades celestes – a menor de todas elas procede do SENHOR somente.

553. Os que estão no amor mútuo avançam continuamente no céu para a primavera de sua adolescência; e quanto mais milhares de anos vivem, mais avançam na primavera de encanto e felicidade, e isto com aumento contínuo pela eternidade, segundo a progressão e o grau do amor mútuo, da caridade e da fé. As do sexo feminino que morreram na senilidade e acabadas pela velhice, e viveram na fé no SENHOR, na caridade para com o próximo e no amor conjugal feliz com o marido, após uma sucessão de anos, entram cada vez mais na flor da juventude e da adolescência, e numa beleza que excede toda idéia de beleza até então percebida pela vista. Com efeito, a bondade e a caridade é o que forma e fixa sua semelhança, e faz que o encanto e a beleza da caridade brilhem pelos singularíssimos da face, de sorte que sejam a forma mesma da caridade. Alguns as viram e ficaram cheios de espanto. [2] A forma da caridade é tal que se manifesta ao vivo na outra vida; a caridade mesma é que representa e é representada, e, na verdade, a um tal ponto que o anjo todo é, por assim dizer, a caridade que claramente se mostra e é manifesta principalmente nas faces. Essa forma, quando contemplada, é de uma beleza inefável, que afeta com a caridade mesma a vida íntima da mente. Pela beleza dessa forma são exibidos, em imagem, os veros da fé, que também por esse meio são percebidos. Os que viveram na fé no SENHOR, isto é, na fé da caridade, tornam-se tais formas ou tais belezas na outra vida. Todos os anjos são formas assim com variedade inumerável; desses é o céu.

Gênesis

Capítulo Sexto

1. *E aconteceu que começou o homem a se multiplicar sobre as faces do humo; e nasceram-lhes filhas.*
2. *E viram os filhos de Deus as filhas do homem, que elas [eram] boas, e tomaram para si esposas de todas as que escolhiam.*
3. *E disse Jehovah: Não acusará Meu espírito ao homem para sempre; pois que ele é carne; e serão os dias seus cento e vinte anos.*
4. *Havia nefilins na terra naqueles dias, e ainda mais depois que entraram os filhos de Deus às filhas do homem, e geraram para eles. Eles [eram] varões fortes, que desde o século [foram] varões de fama.*
5. *E viu Jehovah que se tinha multiplicado o mal do homem na terra; e toda imagem dos pensamentos de seu coração [era] somente o mal todo dia.*

6. *E arrependeu-Se Jehovah de ter feito o homem na terra; e doeu-se-Lhe até o Seu coração.*
7. *E disse Jehovah: Destruirei o homem, que criei, de sobre as faces do humo, desde o homem até a besta, até o réptil, e até a ave dos céus, porque Me arrependi de os haver feito.*
8. *E Noach achou graça aos olhos de Jehovah.*

Conteúdo

554. Trata-se do estado dos antediluvianos.

555. Que no homem onde havia a Igreja começaram a reinar cobiças, que são as “filhas”. Depois, às suas cobiças eles conjungiram doutrinais da fé, e se confirmaram nos males e falsos, os quais são os “filhos de DEUS” que “tomaram para si esposas dentre as filhas do homem”. Vers. 1, 2.

556. Porque, assim, não havia mais nele as relíquias do bem e do vero, é predito que o homem seria formado de outra maneira, para que houvesse nele as relíquias, as quais são “cento e vinte anos”. Vers. 3.

557. Os que imergiram os doutrinais da fé nas cobiças e daí, bem como pelo amor de si, conceberam medonhas persuasões sobre sua grandeza acima dos outros, são os “nefilins”. Vers. 4.

558. Daí não havia mais vontade nem percepção do bem e do vero. Vers. 5.

559. A misericórdia do SENHOR é descrita pela expressão “arrepender-Se e doer até o coração”, vers. 6. Que eles se tornaram tais que suas cobiças e persuasões não poderiam deixar de extingui-los, vers. 7. Assim, para que o gênero humano fosse salvo, existiria uma nova Igreja, que é “Noach”, vers. 8.

Sentido Interno

560. Antes que se permita ir mais adiante, cumpre relatar de que maneira a coisa se passou com a Igreja de antes do dilúvio. Em geral, aconteceu como com as Igrejas seguintes, como a Judaica antes do Advento do SENHOR, e com a Cristã após o Advento, que depravaram e adulteraram as concepções dos veros da fé. Em particular, quanto ao que concerne o homem da Igreja antediluviana, este, no decorrer do tempo, concebeu medonhas persuasões e imergiu os bens e veros da

fé em horrendas cobiças, até a ponto de quase não restar mais “reliquia” alguma neles. E, quando se tornaram tais, foram por si mesmos sufocados, por assim dizer, porquanto o homem não pode viver sem as relíquias. De fato, as “reliquias” são, como foi dito anteriormente, as coisas que fazem a vida do homem ser superior à dos animais. Pelas relíquias, ou pelo SENHOR através das relíquias, é que o homem pode ser como homem, saber o que é o bem e o vero, refletir sobre cada coisa e, por conseguinte, pensar e raciocinar, pois só nas relíquias está a vida espiritual e celeste.

561. Mas, para que se saiba o que são “reliquias”: são não somente os bens e os veros que o homem aprendeu da Palavra do SENHOR desde a infância e estão assim impressos em sua memória, mas também são todos os estados provenientes daí, tais como os estados de inocência desde a infância, estados de amor para com os pais, irmãos, professores e amigos; estados de caridade para com o próximo, como a misericórdia para com os pobres e indigentes. Numa palavra, todos os estados do bem e do vero. Esses estados, com os bens e veros impressos na memória, são chamados “reliquias”; são conservadas pelo SENHOR no homem e encerradas no seu homem interno, sendo ele inteiramente ignorante disso, e são devidamente separadas das coisas que são próprias do homem, ou seja, os males e falsos. Todos esses estados são conservados pelo SENHOR no homem, a fim de que nem o menor deles se perca. Isto é o que me foi dado saber pelo seguinte, que cada um dos estados do homem, deste a sua infância até à última velhice, não somente permanece na outra vida, mas também retorna e, decerto, absolutamente tal como era quando vivia no mundo. Assim, não somente os bens e veros da memória, mas também todos os estados de inocência e de caridade. E quando os estados de mal e de falso, ou de malícias e enganos, reaparecem – pois todos e cada um deles, quanto às mínimas coisas, permanecem e retornam – esses estados são, então, temperados pelo SENHOR por meio daqueles. Por aí se pode ver que, se o homem não tivesse relíquias, não poderia estar em nenhum outro estado a não ser no de danação eterna. Vide as coisas que foram citadas anteriormente, n.º. 468.

562. Os antediluvianos eram tais que, no fim, quase não tinham relíquias, em razão de serem de um gênio tal que se imbuíam de persuasões medonhas e abomináveis a respeito de tudo o que se lhes apresentava e caía no pensamento, de sorte que não queriam recuar em coisa alguma dessas persuasões; e, de fato, foram tão levados pelo amor de si, que se julgavam deuses e divino tudo o que pensavam. Persuasão de uma natureza assim nunca existiu antes nem depois em nação alguma, pois é letal e sufocante. Por isso, na outra vida, jamais podem estar onde outros espíritos estão; quando estão presentes, por meio do influxo de suas obstinadíssimas persuasões, tiram toda faculdade de pensar. Além de outras coisas de que se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

563. Quando uma persuasão assim se apodera do homem, é como cola à qual se grudam os bens e veros que deveriam ser relíquias, de modo que as relíquias não ficam mais encerradas, e as que estão encerradas não podem ser de uso.

Por isso também, quando chegaram ao auge de tal persuasão, foram extintos por si mesmos e sufocados como que numa inundação não diferente de um dilúvio. Por essa razão, a extinção deles é comparada a um dilúvio e também descrita, conforme o costume dos antiquíssimos, pelo “dilúvio”.

564. Vers. 1: “*E aconteceu que começou o homem a se multiplicar sobre as faces do humo; e nasceram-lhes filhas*”. Pelo “homem” é significado aqui o gênero humano daquele tempo; pelas “faces do humo” toda aquela região onde a Igreja existiu; pelas “filhas” são significadas aqui as coisas que são da vontade desse homem, daí as cobiças.

565. Que pelo “homem” seja significado aqui o gênero humano daquele tempo, e mesmo o mau ou corrupto, pode-se ver pelo que segue: “Não acusará Meu espírito ao homem para sempre, porque ele é carne”, vers. 3; “que se tinha multiplicado o mal do homem na terra, e toda imagem dos pensamentos do seu coração era somente o mal”, vers. 5; “destruirei o homem, que criei”, vers. 7; e, no capítulo seguinte, vers. 21 e 22: “Expirou toda carne que rasteja sobre a terra... em cujo nariz havia o sopro do espírito de vidas”. Foi dito antes sobre o homem que o SENHOR, só, é homem; e que, por Ele, todo homem celeste ou toda Igreja celeste é chamado “homem”; daí com os demais e, por isso, todo homem de uma fé qualquer, para distingui-lo dos animais. Mas o homem não é homem e distinto dos animais a não ser pelas relíquias, como foi dito, que são do SENHOR, donde também o homem é chamado homem. E como é por causa das relíquias que são do SENHOR, assim também é pelo SENHOR, ainda que o homem seja péssimo, pois, se não tiver relíquias, ele não é jamais homem, e sim o mais vil dos animais.

566. Que pelas “faces do humo” seja significada toda essa região onde existiu a Igreja, vê-se pela significação de “humo”, pois “humo”, na Palavra, é distinguido cuidadosamente de “terra”. Pelo “humo”, em todas as passagens, é significada a Igreja ou alguma coisa da Igreja; daí também o nome do homem ou “Adam”, que é “humo”. Pela “terra”, aqui e ali, é entendido onde não existe a Igreja ou algo que não é da Igreja, como no capítulo primeiro, onde somente “terra” é nomeada, porque ainda não havia a Igreja ou o homem regenerado. No capítulo segundo, o “humo” é nomeado pela primeira vez, porque, então, havia a Igreja. Semelhantemente aqui e no capítulo seguinte: “que seria destruída toda substância de sobre as faces do humo”, vers. 4 e 23, onde é significada a região onde havia a Igreja. E, no mesmo capítulo: “para vivificar a semente sobre as faces da terra”, vers. 3, onde se trata da Igreja que deve ser criada. Semelhantemente em toda parte na Palavra, como em *Isaías*:

“JEHOVAH terá misericórdia de Jacob, e escolherá ainda Israel, e os porá sobre o humo deles... E os receberão os povos, e os conduzirão ao seu lugar, e os herdarão a casa de Israel sobre o humo de JEHOVAH” (14:1,2);

onde se trata da Igreja formada. No mesmo capítulo, todavia, diz-se “terra”, a respeito de onde não havia a Igreja, nos vers. 9, 12, 16, 20, 21, 25 e 26. [2] No

mesmo:

“E será o humo de Jehudah um tremor para o Egito;... naquele dia haverá cinco cidades na terra do Egito falando com o lábio de Canaan” 19:17,18;

aí, “humo” é onde há a Igreja, e “terra”, onde a Igreja não existe. No mesmo:

“Vagando, vagará a terra como um ébrio; ... visitará JEHOVAH sobre o exército de altitude em altitude, e sobre os reis do humo sobre o humo” (24:20,21).

Semelhantemente, em Jeremias:

“Por causa do humo, fendido porque não houve chuva na terra, os lavradores ficaram envergonhados, cobriram sua cabeça; pois até a cerva pariu no campo” (14:4,5);

aí, a “terra” está em lugar do que contém o humo, e “humo” em lugar do que contém o campo. [3] No mesmo:

“Conduziu a semente da casa de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os expulsei, e habitarão sobre o humo deles” (23:8);

aí, “terra” e “terras” é onde não há a Igreja, e “humo” é onde há a Igreja ou o culto verdadeiro. No mesmo:

“Darei... as relíquias de Jerusalém, restos nesta terra, e os habitantes na terra do Egito, e os darei por comoção, por mal sobre todos os reinos da terra... e enviarei sobre eles a espada, a fome e a peste, até os consumir de sobre o humo que dei a eles e aos pais deles” (24:8-10);

“humo” é a doutrina e o culto proveniente daí. Semelhantemente, no mesmo, cap. 25:5. [4] Em Ezequiel:

“Congregar-vos-ei das terras em que fostes dispersos... e reconhecereis que Eu (sou) JEHOVAH, quando vos tiver reconduzido ao humo de Israel, à terra pela qual ergui a Minha mão para dá-la a vossos pais” (20:41,42);

o “humo” está em lugar do culto interno; a “terra” é nomeada enquanto não havia o culto interno. Em Malaquias:

“Reprenderei para vós o devorador, e não vos corromperá o fruto do humo, nem estéril vos será a vide no campo... e todas as nações vos chamarão benditos, porque sereis uma terra de beneplácito” (3:11,12);

a “terra” está em lugar do que contém e assim, claramente, em lugar do homem, que é chamado “terra”; o “humo” está em lugar da Igreja ou doutrina. [5] Em Moisés:

“Cantai, ó nações, povo Seu... expiará o humo Seu, o povo Seu” (Deuteronomio 32:43),

trata-se claramente da Igreja dos gentios, que é chamada “humo”. Em Isaías:

“Antes que saiba o menino reprovado o mal e escolher o bem, abandonado será o humo, que tu execras diante de seus dois reis” (7:16),

tratando-se do Advento do SENHOR. O “humo abandonado” está em lugar da Igreja ou da verdadeira doutrina da fé. Que o “humo” e o “campo” sejam referidos por causa da semente, vê-se, por exemplo, em *Isaías*:

“Dará a chuva de tua semente, com que semearás o humo... os bois e os jumentinhos lavrando o humo” (30:23,24).

E em *Joel*:

“Devastado está o campo e chora o humo, porque está devastado o grão” (1:10).

Daí agora se vê que o “homem”, que na língua hebraica é chamado “Adam” por causa de “humo”, significa a Igreja.

567. É chamada extensão da Igreja toda essa região onde estão aqueles que são instruídos nos veros da fé, como a terra de Canaan, quando havia ali a Igreja Judaica, e como na Europa, onde há agora a Igreja Cristã. As terras e regiões que estão fora não são a extensão da Igreja ou as “faces do humo”. Onde, pois, ela existiu antes do dilúvio, pode-se ver pelas terras que eram circundadas pelos rios que saíam jardim do Éden, pelos quais, em várias passagens na Palavra, são também descritos os termos da terra de Canaan. Depois, também, pelas coisas que se seguem, como sobre os “nefilins na terra”, os quais existiram na terra de Canaan, como se vê pelos filhos de Anak, que descendiam dos nefilins (*Núm. 13:33*).

568. Que as “filhas” signifiquem as coisas que são da vontade desse homem, e daí as cobiças, vê-se pelo que foi dito e mostrado sobre os filhos e filhas, no capítulo precedente, versículo 4, onde os “filhos” significaram os veros e as “filhas” os bens. As “filhas” ou bens pertencem à vontade. Mas qual é o homem, tal é o entendimento e tal a vontade, assim tais os “filhos e filhas”. Aqui se trata do homem corrupto cuja vontade nada é senão cobiças, que são consideradas, e mesmo chamadas, vontade. O que é predicado está conforme a qualidade daquilo de que lhe vem a predicação. Que o “homem” aqui, a quem são atribuídas as “filhas”, seja o homem corrupto, foi mostrado antes. [2] Que as “filhas” signifiquem as coisas que são da vontade e, quando não há vontade do bem, as cobiças, e os “filhos” signifiquem as coisas que são do entendimento e, quando não há entendimento do vero, as coisas enganosas, isso vem do fato de que o sexo feminino é formado de tal modo que a vontade ou a cobiça reina mais do que o entendimento. Qual é a disposição de todas as fibras delas, tal é a sua natureza. O sexo masculino, todavia, é formado de modo que o entendimento ou a razão reine. Da mesma forma, qual é a disposição das fibras deles, tal é toda a sua natureza. Daí haver o casamento entre um e outro, tal como existe entre a vontade e o entendimento em cada homem. E, como hoje em dia não existe vontade do bem, mas cobiça, e como pode sempre existir alguma coisa do entendimento ou do racional, por isso é que há

na Igreja Judaica tantas leis, abundantes quanto à prerrogativa do varão e à obediência da esposa.

569. Vers. 2: “*E viram os filhos de DEUS as filhas do homem, que elas eram boas, e tomaram para si esposas de todas as que escolhiam*”. Pelos “filhos de DEUS” são significados os doutriniais da fé; pelas “filhas”, aqui como antes, as cobiças; “os filhos de DEUS viram as filhas do homem, que eram boas, e tomaram para si esposas de todas as que escolhiam” significa que conjungiram os doutriniais da fé com as cobiças e, de fato, com cobiças de todo gênero.

570. Que pelos “filhos de DEUS” sejam significados os doutriniais da fé, vê-se pela significação de “filhos”, de que se falou há pouco e no capítulo precedente, vers. 4, onde “filhos” significaram os veros da Igreja. Os veros da Igreja são os doutriniais que, considerados em si mesmos, eram veros porque as pessoas de que se está tratando os obtiveram dos antiqüíssimos por tradição; por isso foram chamados “filhos de DEUS” e, também, relativamente, porque as cobiças foram chamadas “filhas do homem”. Aí é descrita a qualidade deles, a saber, que mergulharam os veros da Igreja, que são santos, em suas cobiças e, assim, os conspurcaram. Daí também confirmaram seus princípios de forma por demais persuasiva. De que modo isso acontece, cada um pode julgar, por si e pelos outros: os que se persuadem a respeito de alguma coisa confirmam-se nisso por tudo o que imaginam ser verdadeiro, e até pelas coisas que estão na Palavra do SENHOR. Pois, quando se detêm nos princípios firmados e nas persuasões, fazem que todas as coisas os favoreçam e dêem assentimento; e, quanto mais se amam, mais se confirmam. Tal foi aquela nação, sobre a qual se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Ali também se tratará de suas medonhas persuasões que – coisa admirável! – são tais que jamais lhes é permitido influir pelo raciocínio, porquanto destroem o racional dos espíritos presentes, mas influem somente pelas cobiças. Daí se vê o que significa “os filhos de DEUS viram as filhas do homem, que eram boas, e tomaram para si esposas de todas as que escolhiam”, a saber, que eles conjungiram os doutriniais da fé às cobiças e, de fato, com cobiças de todo gênero.

571. Quando o homem é tal que imerge os veros da fé em suas loucas cobiças, então profana os veros e se priva de relíquias, as quais, ainda que permaneçam, não podem jamais operar, pois, tão logo operam, são de novo profanadas pelas coisas que são profanas. Porque as profanações da palavra criam um calo, por assim dizer, que obsta e absorve os bens e veros das relíquias. Por isso, acautele-se o homem de profanar a Palavra do SENHOR, onde há verdades eternas nas quais há vida, ainda que aquele que está nos princípios falsos não creia que haja tais verdades.

572. Vers. 3: “*E disse JEHOVAH: Não acusará Meu espírito ao homem para sempre; pois que ele é carne; e serão os dias seus cento e vinte anos*”. “Que JEHOVAH tenha dito: Não acusará Meu espírito ao homem para sempre” significa que o homem não seria mais conduzido assim; “pois que ele é carne” significa:

porque se tornou corpóreo; “e serão os dias seus cento e vinte anos” significa que lhe deviam ser dadas relíquias da fé; e, também, é uma predição a respeito da Igreja futura.

573. Que “JEHOVAH disse: Não acusará Meu espírito ao homem para sempre” signifique que o homem não seria mais conduzido assim, vê-se pelas coisas que precederam e pelas que se seguirão. Pelas que precederam, que eles se tornaram tais, por causa da imersão dos doutrinários ou verdades da fé em cobiças, que não mais poderiam ser refutados ou saber o que é o mal. Todo perceptivo do vero e do bem foi extinto pelas persuasões; somente criam no vero que fosse conforme as persuasões deles. E, pelas coisas que seguem, que um outro homem da Igreja foi formado após o dilúvio. Nesse homem, em lugar da percepção, houve a consciência pela qual pudesse ser refutado. Por conseguinte, pela “contestação do espírito de JEHOVAH” é significado um ditame interno, percepção ou consciência, e pelo “espírito de JEHOVAH”, o influxo do vero e do bem, como também em *Isaías*:

“Não contenderei para sempre, não irritar-Me-ei para sempre, porque o espírito diante de Mim se oprimiria, e as almas Eu fiz” (57:16).

574. Que a “carne” signifique que o homem se tornou corpóreo, vê-se pela significação de “carne” na Palavra, onde ela é tomada tanto por todo homem em geral quanto pelo corpóreo em particular. Por todo homem, em *Joel*:

“Derramarei o espírito Meu sobre toda carne, e profetizarão vossos filhos e vossas filhas” (2:28);

“carne” é o homem, “espírito” é o influxo do vero e bem proveniente do SENHOR. Em David:

“...Que ouve as preces, para que venha a Ti toda carne” (Salmo 65:2),
em lugar de todo o homem. Em *Jeremias*:

“Maldito é o varão que confia no homem, e põe na carne o seu braço” (17:5),
“carne” é o homem, “braço” o poder. Em *Ezequiel*:

“E saberá toda carne” (21:4,5).

[2] Em *Zacarias*:

“Cale-se toda carne diante de JEHOVAH” (2:13),
tratando-se do homem, do corpóreo em particular. Em *Isaías*:

“O Egito é homem, e não DEUS; e seus cavalos, carne, e não espírito” (31:3),
quer dizer, que o conhecimento deles é corpóreo; os “cavalos”, aqui e em outros lugares na Palavra, são tomados pelo racional. No mesmo:

“Cortará da direita, e terá fome; e comerá da esquerda, e [eles] não se fartarão; cada um a carne de seu braço, comerão” (9:20),

tratando-se do *proprium* com o qual todas as coisas são corpóreas. No mesmo:

“Desde a alma e até a carne, ele consumirá” (10:18);

“carne” é o corpóreo. No mesmo:

“Será revelada a glória de JEHOVAH, e verá toda carne juntamente... Uma voz diz: Clama. E disse: Que clamarei? Toda essa carne é erva...” (40:5,6).

[3] A “carne” é o homem que é corpóreo. No mesmo:

“Em fogo JEHOVAH contestará, e pela Sua espada, com toda carne, e multiplicar-se-ão os feridos de JEHOVAH” (66:16);

o “fogo” é a punição das cobiças, a “espada” a punição das falsidades, a “carne” o homem corpóreo. Em David:

“DEUS se lembrou que eles eram carne, espírito que vai e que não voltará” (Salmo 78:39),

tratando-se do povo no deserto, desejando carne, pois era corpóreo. Que eles tenham desejado carne, representava que cobiçavam somente as coisas corpóreas - *Números 11:32-34*.

575. Que “os dias do homem seriam cento e vinte anos” signifique que deveriam ser-lhe dadas relíquias da fé. No capítulo precedente, versículos 3 e 4, foi dito que os “dias e anos” significam os tempos e os estados, e, pelos números variadamente compostos, os antiqüíssimos significavam os estados e as mudanças dos estados da Igreja. Mas qual teria sido a natureza dos seus cálculos eclesiásticos, isso está entre as coisas perdidas. Aqui ocorrem semelhantemente números de anos, cujo significado ninguém pode jamais conhecer a não ser que se saiba o que são números singulares de um a doze e daí por diante. Aparece claramente que envolvem uma outra coisa, oculta, pois que “deveria viver cento e vinte anos” não é coerente com o versículo precedente. Tampouco viveram depois os cento e vinte anos, como se vê por aqueles que viveram após o dilúvio, no cap. 11, como Shem, que viveu, depois de ter gerado Arphachshad, quinhentos anos. Arphachshad, depois que gerou Shelah, quatrocentos e três anos; Shelah, depois que gerou Éber, igualmente quatrocentos e três anos; Éber, depois que gerou Peleg, quatrocentos e trinta anos; Noach, após o dilúvio, trezentos e cinquenta anos (cap. 9:28), e, assim, por diante. O que, porém, o número cento e vinte envolve, vê-se somente pelo dez e pelo doze, dos quais, multiplicados, é composto. Com efeito, significa as relíquias da fé. O número “dez”, na Palavra, assim como também os dízimos, significa e representa as relíquias que são conservadas pelo SENHOR no homem interno, as quais são santas, porque pertencem ao SENHOR somente. O número “doze” significa a fé ou todas as coisas que são da fé em um complexo. O número agora composto por eles significa as relíquias da fé.

576. Que o número “dez”, da mesma forma que os “dízimos”, signifique as relíquias, pode-se ver pelas coisas que se seguem nessas passagens. Em *Isaías*:

“Muitas casas estarão em desolação, grandes e bonitas, sem habitante, pois dez jeiras de vinho farão um “bato”, e um homer de semente fará um efa” (5:9,10);

tratando-se da vastação dos espirituais e celestes; “dez jeiras de vinho farão um bato” é que as relíquias dos espirituais eram muito poucas; “um homer de semente fará um efa” é que as relíquias dos celestes eram muito poucas. No mesmo:

“E muitas abandonadas no meio da terra, e ainda haverá nela uma décima parte, e voltará, e todavia será para ser extirpada” (6:12,13);

“meio da terra” é o homem interno; “décima parte”, pouquíssimas relíquias. Em *Ezequiel*:

“Balanças de justiça, e efa de justiça, e bato de justiça haverá para vós; o efa e o bato serão de uma só medida, para o bato conter um décimo de um homer, e um décimo de um homer o efa, no homer será a sua medida,... e o estatuto do azeite, dum bato de azeite [oferecereis] um décimo do bato dum coro, [que é] um homer de dez batos, porque dez batos [fazem] um homer” (45: 10,11,14);

onde as coisas santas de JEHOVAH são mencionadas por meio das medidas, pelas quais são significados os gêneros de santidade; por “dez” são significadas aqui as relíquias celestes e daí espirituais. Pois o que seriam tantas medidas determinadas em números, como neste capítulo e no anterior, onde, neste Profeta, se trata da Jerusalém celeste e do novo templo, além de outros lugares, como acerca dos vários ritos da Igreja Judaica, a não ser que contivessem santos arcanos? [2] Em *Amós*:

“Caiu, não se levantará mais a virgem de Israel;... assim diz o SENHOR Jehovih. A cidade da qual saem mil, conservará cem de relíquia; e aquela da qual saem um cento, de relíquias conservará dez para a casa de Israel” (5:2,3);

onde, das “relíquias” que são nomeadas, deveria ficar um mínimo, porque é somente uma décima parte, ou a relíquia das relíquias. No mesmo:

“Eu aborreço a soberba de Jacob e os seus palácios, e fecharei a cidade e sua plenitude; e acontecerá que, se os restantes forem dez varões numa casa, eis que [et] morrerão. (6:8,9);

tratando-se das relíquias que mal deveriam permanecer. Em Moisés:

“Não virá o amonita e o moabita na congregação de JEHOVAH; mesmo a décima geração deles não virá à congregação de JEHOVAH até à eternidade. (Deut. 23:3);

o “amonita” e o “moabita” são a profanação das coisas celestes e espirituais da fé, de cujas relíquias se tratou antes. [3] Por aí se vê que os “décimos” [dízimos] representam as “relíquias”, como se tratou também em *Malaquias*:

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja caça [praeda] em Minha casa. E que Me provem, sim, nisto, se não vos abro as cataratas do céu, e derramo sobre vós a bênção” (3:10);

“para que haja caça em Minha casa” quer dizer as relíquias no homem interno, pois estas são comparadas às caças, porquanto são como se fossem furtivamente insinuadas entre tantos males e falsos; por essas relíquias há toda bênção. Que pelas relíquias, que estão no homem interno, vem toda caridade do homem, isto foi representado também na Igreja Judaica pelo fato de que, depois de terem sido dados os dízimos, deviam dá-los aos levitas, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva (*Deut. 26:12 e seq.*). [4] Visto que as relíquias são do SENHOR, só, daí os dízimos serem chamados “santidade a JEHOVAH”, a cujo respeito se diz em Moisés:

“Todos os dízimos da terra, da semente da terra, do fruto da árvore, serão para JEHOVAH, santidade a JEHOVAH... Todos os dízimos da manada e do rebanho, de tudo o que passa sob o cajado, um décimo será santidade a santidade a JEHOVAH” (Lev. 27:30, 32).

Que o Decálogo tenha sido Dez Preceitos, ou Dez Palavras, e que JEHOVAH o tenha escrito sobre tábuas (*Deut. 10:4*), significa as “relíquias”; e que foi “escrito pela mão de JEHOVAH”, significa que as relíquias são somente do SENHOR; que estejam no homem interno, isto foi representado pelas “tábuas”.

577. Que “doze” signifique a fé, ou as coisas que são do amor e, daí, da fé, em um complexo, pode-se também confirmar por muitas coisas na Palavra, tanto pelos doze filhos de Jacob e os seus nomes quanto pelas doze tribos de Israel e pelos doze discípulos do SENHOR. Mas, a respeito destas coisas, pela Divina misericórdia do Senhor falar-se-á na seqüência, principalmente nos capítulos 29 e 30 do *Gênesis*.

578. Por estes números apenas pode-se ver o que a Palavra do SENHOR contém em seu seio e nos recessos interiores; há aí arcanos encerrados que nunca se mostram ao olho nu; em toda parte os há. Dá-se o mesmo com cada vocábulo.

579. Que com esses antediluvianos, de que se referiu, tenha havido poucas, quase nada de relíquias, ver-se-á pelas coisas que se dirão a respeito deles, pela Divina misericórdia do Senhor, na seqüência. Como as relíquias não puderam ser conservadas neles, faz-se aqui uma predição a respeito de uma nova Igreja, chamada Noach, que teria as relíquias; dela também se tratará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

580. Vers. 4: *“Havia nefilins na terra naqueles dias, e ainda mais depois que entraram os filhos de DEUS às filhas do homem, e geraram para eles. Eles eram varões fortes, que desde o século foram varões de fama”*. Pelos “nefilins” são significados aqui aqueles que, pela persuasão de sua elevação e preeminência, não fizeram caso algum de tudo o que era santo e verdadeiro; “ainda mais depois que entraram os filhos de DEUS às filhas do homem, e geraram para eles” significa que isso se deu quando imergiram os doutrinários da fé em suas cobiças e formaram persuasões do falso; são chamados “varões fortes” por causa do amor de si; “desde o século varões de fama” significa que antes também eles foram de tal caráter.

581. Que pelos “nefilins” sejam significados aqui aqueles que, pela persuasão de sua elevação e preeminência não fizeram caso algum das coisas santas e verdadeiras, vê-se pelas coisas que precederam e pelas que logo se seguirão, a saber, que imergiram as coisas doutriniais em suas cobiças, que são significadas pela frase: “os filhos de DEUS entraram às filhas do homem” e, aqui, que “geraram para eles”. A persuasão a respeito de si e de suas fantasias cresce também segundo a multidão das coisas que entram, até que, enfim, a persuasão se torna indelével. E, quando se ajuntam as coisas doutriniais da fé, então, por princípios muito persuasivos, não fazem caso algum de todas as coisas santas e verdadeiras, e se tornam nefilins. Essa raça que viveu antes do dilúvio é tal que, como foi dito, por suas medonhas fantasias, que se espalham deles como uma esfera envenenada e sufocante, mata, por assim dizer, e sufoca qualquer espírito, a ponto de o espírito não saber sequer pensar, de tal modo que se vê semimorto. E, se o SENHOR, pelo Seu Advento ao mundo, não tivesse libertado o mundo dos espíritos de uma raça tão venenosa, ninguém teria podido permanecer lá; assim, teria perecido o gênero humano, que é governado pelo SENHOR por meio de espíritos. Por isso, são agora mantidos num inferno debaixo de algo como se fosse uma pedra nebulosa e densa, sob o calcanhar do pé esquerdo, donde não saem por pouco que seja. Assim o mundo dos espíritos fica livre dessa turba tão hostil. Dessa turba e de sua esfera de venenosíssima persuasão falar-se-á à parte, pela Divina misericórdia do Senhor. Esses são os que se chamam nefilins, que não fazem caso algum de tudo o que é santo e verdadeiro. Também se faz menção deles depois, na Palavra, mas de seus descendentes, chamados “enaquins” e “refains”. Que tenham sido chamados “enaquins”, vê-se em Moisés:

“Os exploradores da terra de Canaan disseram: Ali vimos os nefilins, filhos de Enaque, dos nefilins, e fomos aos nossos olhos como gafanhotos, e, assim, fomos aos olhos deles” (Núm. 13:33).

Que tenham sido também chamados “refains”, vê-se também em Moisés:

“Os emins antes habitaram na terra de Moabe, povo grande, e numeroso, e alto, como os enaquins; foram eles também considerados refains, como os enaquins, e os moabitas os chamavam emins” (Deut. 2:10,11).

Os nefilins não são mais mencionados, mas os refains, que são descritos nos profetas como tendo sido tais, como em *Isaías*:

“O inferno embaixo se agitou por ti, vindo ao encontro de ti; excitou por ti os refains” (14:9),

tratando-se dos infernos onde se acham os tais. No mesmo:

“Os mortos não vivem, os refains não se levantarão, os que visitaste e os destruíste, e fizeste perecer toda memória deles” (26:14),

onde também se trata do inferno deles, do qual não mais se levantarão. E no mesmo:

“Viverão os teus mortos; o cadáver meu eles ressurgirão. Desperta e cantai, ó habitantes do pó, porque orvalho de ervas será teu orvalho; mas a terra dos refains rejeitarás” (26:19);

“terra dos refains” é o inferno, de que se falou. Em David:

“Acaso farás milagres aos mortos? Acaso se levantarão os refains e confessar-te-ão?” (Salmo 88:10);

tratando-se, semelhantemente, do inferno deles, e que não podem se levantar e infestar a esfera do mundo dos espíritos com o veneno de sua medonha persuasão. Mas foi provido pelo SENHOR que fantasias e persuasões tão medonhas não imbuíssem mais o gênero humano. Os que viveram antes do dilúvio eram de uma natureza e um gênio tais que poderiam ser imbuídos, por uma causa ainda desconhecida; sobre isso se falará também na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

582. Que “ainda mais depois que entraram os filhos de DEUS às filhas do homem, e geraram para eles” signifique que quando imergiram os doutriniais da fé em suas cobiças, tornaram-se nefilins, vê-se pelo que foi dito e mostrado há pouco, no vers. 2, a saber, que os “filhos de DEUS” significam os doutriniais da fé, e “filhas” as cobiças. O parto daí decorrente não é outra coisa senão isto, que não fazem caso algum das coisas santas da fé e as profanam. Pois as cobiças do homem, que são os amores de si e do mundo, são inteiramente contrários a tudo o que é santo e verdadeiro, e no homem as cobiças prevalecem. Por isso, quando o santo e o vero, assim reconhecidos, são imersos nas cobiças, é o fim para o homem, pois não podem ser extirpados nem dissolvidos. Elas se ligam a cada uma das idéias, e são as idéias que são mutuamente comunicadas na outra vida. Por conseguinte, tão logo alguma idéia do santo e do vero é formada, o profano e o falso se adjuntam, o que é imediatamente e num momento percebido. Por isso esses não podem deixar de ser separados e precipitados no inferno.

583. Que os nefilins sejam chamados “varões fortes” por causa do amor de si, vê-se também em várias passagens na Palavra, onde são chamados “fortes”, como em *Jeremias*:

“Cessaram os fortes de Babel de combater; ficam nas trincheiras; a força delas falta, tornaram-se mulheres” (51:30),

onde os “fortes de Babel” são aqueles que estão iludidos pelo amor de si. No mesmo:

“A espada contra os mentirosos, e enlouquecerão; a espada contra os seus fortes, e ficarão espantados” (50:36).

No mesmo:

“Vi, eles ficaram espantados, voltaram-se para trás; os fortes deles foram feridos, e em fuga fugiram, nem olharam para trás; o terror em volta... Não fu-

girá o veloz, e não escapará o forte... Subi, ó cavalos! E enlouquecei, ó carros! Saiam os fortes, Cush e Put ...e lídios” (46:5,6,9);

onde se trata das persuasões provenientes dos raciocínios. No mesmo:

“Como dizeis: Fortes nós [somos], e varões de força para a guerra? Moabe foi devastado” (48:14,15);

no mesmo:

“A cidade foi tomada, e as trincheiras; foi ocupada; e o coração dos fortes de Moabe tornou-se naquele dia como o coração da mulher angustiada” (48:41);
semelhantemente,

“O coração dos fortes de Edom...” (49:22).

No mesmo:

“JEHOVAH redimiu a Jacob, e o livrou das mãos de um mais forte que ele” (31:11);

onde “o forte” é expresso por outro vocábulo. Que os enaquins, descendentes dos nefilins, sejam considerados fortes, vê-se também em Moisés:

“Passas hoje o Jordão, para vires a possuir nações grandes e mais numerosas do que tu, cidades grandes e fortificadas no céu, um povo grande e alto, filhos de Enaquim, os quais tu conheces, e tu os ouvistes. Quem resistirá diante dos filhos de Enaque? (Deut. 9:1,2).

584. Vers. 5: *“E viu JEHOVAH que se tinha multiplicado o mal do homem na terra; e toda imagem dos pensamentos de seu coração era somente o mal todo dia”.* Que “JEHOVAH tenha visto que o mal do homem se tinha multiplicado na terra”, significa que a vontade do bem começou a ser nula; “toda imagem dos pensamentos do coração somente o mal todo dia”, significa que a percepção do vero e do bem era nula.

585. Que “o mal do homem se tinha multiplicado na terra” signifique que a vontade do bem começou a ser nula, vê-se pelas coisas precedentes, a saber, que não havia mais vontade do bem, mas somente cobiças. Vê-se também isso pela significação de “homem na terra”: a “terra”, no sentido literal, é onde está o homem; no interno está o amor, que, como é da vontade ou das cobiças, a “terra” é tomada pela vontade mesma do homem. Com efeito, o homem é homem pela vontade e não tanto pelo fato de saber e entender, pois que saber e entender flui de seu querer. Tudo o que não flui de seu querer, não quer saber nem entender. Mesmo quando fala e faz coisa diferente do que quer, ainda assim é algo da vontade, mais remoto da fala e da ação, que o governa. Que a “terra de Canaan” ou a “Terra Santa” sejam citados em lugar do amor e sim da vontade do homem celeste, pode ser confirmado por muitas passagens da Palavra. Igualmente, que a “terra de diversas nações” seja tomada pelos amores deles, que são, em geral, o amor de si e do mundo. Mas, como isto ocorre tantas vezes, aqui não é o lugar para se comentar. Daí se vê que pelo “mal do homem na terra” é significado o seu mal natural, que é da

vontade; diz-se que foi “multiplicado”, porque não era tão depravado com todos a ponto de quererem bem aos outros, mas por causa de si. Mas que se tenha tornado inteiramente perverso, é “a imagem dos pensamentos do coração”.

586. “A imagem dos pensamentos do coração era somente o mal todo dia” significa que era nula a percepção do bem e do vero, em razão de, como foi dito e mostrado, terem imergido os doutrinários da fé em suas horrendas cobiças. Quando isso foi feito, toda percepção pereceu e em lugar da percepção, sucedeu uma medonha persuasão ou fantasia obstinadíssima e mortífera que também foi a causa de sua extinção e sufocação. Essa persuasão letal é significada aqui pela “imagem dos pensamentos do coração”; pela “imagem do coração”, todavia, sem o vocábulo “pensamentos” é significado o mal do amor de si ou das cobiças, como no capítulo seguinte, Capítulo 8, onde, depois que Noach ofereceu holocaustos, JEHOVAH disse:

“Não acrescentarei mais maldizer o humo por causa do homem; eis que a imagem do pensamento do coração do homem é o mal desde a sua infância” (vers. 21);

a “imagem” é aquilo que o homem inventa para si mesmo e de que se persuade, como em *Habacuque*:

“Que produz a estátua? pois que a esculpiu o seu escultor, a obra fundida e que ensina a mentira; pois confia o escultor em sua imagem acima dele, para fazer ídolos mudos” (2:18)

a “estátua” significa as persuasões falsas provenientes dos princípios concebidos e tirados de si mesmo; “escultor” é aquele que se persuade a si mesmo, ao qual se atribui a “imagem”. Em *Isaiás*:

“Destruição vossa! Porventura como barro será o oleiro reputado? dirá a obra do seu criador: Não me fez? e a imagem diria do seu escultor: Não compreendeu?” (29:16);

a “imagem”, aqui é a cogitação pelo *proprium* e daí pela persuasão do falso. A “imagem” é, de modo geral, aquilo que o homem molda pelo coração ou vontade, como também o que molda pela cogitação ou persuasão. Como em David:

“JEHOVAH conhece a imagem nossa, lembra-Se de que somos pó” (Sal. 103:14);

em Moisés:

“Conheço a imagem sua, o que ele faz hoje, antes que Eu o introduza na terra” (Deut. 31:21).

586[a]. Vers. 6: *“E arrependeu-Se JEHOVAH de ter feito o homem na terra; e doeu-se-Lhe até o Seu coração”*. Que “tenha-Se arrependido” significa a misericórdia; semelhantemente, que “tenha doído até o coração”; “arrepender” se refere à sabedoria, “doer até o coração”, ao amor.

587. Que “JEHOVAH tenha-Se arrependido de ter feito o homem na terra” signifique a misericórdia, e, semelhantemente, que “tenha doído até o coração” vê-se isso pelo fato de que JEHOVAH nunca se arrepende porque prevê todas e cada uma das coisas desde a eternidade. E quando fez o homem, isto é, quando o criou de novo e aperfeiçoou para que se tornasse celeste, também previu que ele se tornaria tal no decorrer do tempo; e, como previu que, assim, seria, Ele não podia Se arrepender. Isto se vê claramente em *Samuel*:

“Samuel disse: O Invencível de Israel não mente, e não Se arrepende, porque não é homem para que possa Se arrepender” (I Sam 15:29);

e em Moisés:

“DEUS não é um homem para que minta, e filho do homem para que Se arrependa. Porventura Ele diria e não o faria? ou falaria e não o confirmaria?” (Núm. 23:19);

mas “arrepender-se” significa ter misericórdia. A Misericórdia de JEHOVAH ou do SENHOR envolve todas e cada uma das coisas feitas pelo SENHOR em prol do gênero humano que é tal que o SENHOR Se compadece dele, e de cada um, segundo o seu estado. Ele Se compadece tanto do estado daquele cuja punição permite, como Se compadece daquele a quem dá usufruir o bem. Ser punido faz parte da misericórdia, porque todo mal da pena é mudado em bem. E faz parte da misericórdia dar a usufruir o bem, porque ninguém há que mereça o bem. Com efeito, todo o gênero humano é mau, e cada um, por si próprio, se precipita para o inferno. Por isso, faz parte da misericórdia ser tirado dali. A misericórdia não é outra coisa senão isto, porque ela de ninguém precisa. Daí ela se chamar misericórdia, porque livra o homem das desgraças e do inferno. Assim, com relação ao gênero humano, que é tal, é um efeito do amor para como todos por serem de tal qualidade.

588. Mas que seja atribuído ao SENHOR o fato de ter-Se “arrependido e doído até o coração” é porque, assim, parece como inerente a toda misericórdia humana. Por isso, aqui está conforme a aparência, como se fala muitas vezes em outros lugares na Palavra. Ninguém pode saber o que é a misericórdia do SENHOR, porque ela transcende infinitamente todo entendimento do homem. Mas o homem conhece o que é a misericórdia do homem, que é arrependimento e dor. E, a não ser que o homem obtenha alguma idéia da misericórdia por meio de outra afeição cuja qualidade conheça, não pode pensar outra coisa nem ser instruído. Esta é a razão pela qual propriedades humanas são muitas vezes predicadas a JEHOVAH ou aos atributos do SENHOR, tais como, que JEHOVAH ou o SENHOR castiga, induz em tentação, condena e Se enfurece, quando todavia Ele jamais castiga a ninguém, não induz pessoa alguma à tentação, nem condena jamais a alguém, e nunca Se enfurece. Por isso, uma vez que tais coisas são atribuídas ao SENHOR, segue-se que também o arrependimento e a dor são atribuídos, pois a pregação de um é seguida pela pregação do outro, como se vê claramente por estes lugares na Palavra:[2]

em Ezequiel:

“Será consumada minha Ira; farei repousar Minha inflamação, e arrependerei-Me-ei” (5:13);

onde se atribui a Ele o “arrependimento”, porque a “ira” e a “inflamação” são atribuídas. Em Zacarias:

“Do mesmo modo que pensei fazer mal, quando vossos pais Me excitaram a ira, disse JEHOVAH Zebaoth, e não Me arrependi, assim de novo pensarei na-queles dias fazer bem a Jerusalém e à casa de Jehudah” (8:14,15);

onde se diz que “JEHOVAH tenha pensado fazer o mal”, quando todavia nunca pode fazer mal algum, mas o bem a todos e a cada um. Em Moisés, quando suplicava as faces de JEHOVAH:

“Volta-te da inflamação de tua ira, e arrepende-Te a respeito do mal do teu povo; ... e arrependeu-Se JEHOVAH a respeito do mal, que falara em fazer ao Seu povo” (Êxo. 32;12,14);

aí também é atribuída a JEHOVAH a “inflamação da ira”, conseqüentemente, o arrependimento. Em Jonas:

“O Rei de Nínive [disse]: Quem sabe, DEUS volte atrás e Se arrependa, e Se voltará do ardor de Sua ira, e não pereceremos?” (3:9);

Semelhantemente, o arrependimento é atribuído por causa da ira. [3] Em Oséias:

“Convertido está em Mim o Meu coração, ao mesmo tempo aqueceram-se Meus arrependimentos; não farei em inflamação a Minha ira” (11:8,9);

onde se trata, semelhantemente, do coração, em que se tinham “aquecido os arrependimentos”, como antes, que tinha “doído até o coração”. Os “arrependimentos” estão, claramente, em lugar de muita misericórdia. Semelhantemente, em Joel:

“Convertei-vos a JEHOVAH, vosso DEUS, porque compassivo e misericordioso Ele é. longânimo e abundante em misericórdia, e que se arrepende do mal” (2:13),

onde também se vê claramente que “arrepender” significa a misericórdia. Em Jeremias:

“Talvez ouçam e voltem atrás, o varão de seu caminho tortuoso, e Me arrependa do mal” (26:3);

em lugar de “ter compaixão”. No mesmo:

“Se esta nação se converter de seu mal... arrependerei-Me-ei a respeito do mal” (18:8);

onde também “arrepender” é “ter compaixão” se eles se converterem. Porque o homem é quem se afasta da misericórdia do SENHOR, nunca o SENHOR do homem.

589. Por esses e por muitos outros lugares na Palavra pode-se ver que aí se fala segundo as aparências do homem. Por isso aquele que, por meio das aparências, segundo as quais se fala na Palavra, quiser confirmar princípios falsos, o poderia por inúmeras passagens. Mas, uma coisa é confirmar princípios falsos pela Palavra, e outra coisa é crer simplesmente nas coisas que estão na Palavra. O que confirma princípios falsos, primeiro concebe um princípio do qual nunca quer recuar ou voltar atrás um mínimo que seja, mas reúne e acumula confirmações de toda a parte onde pode, e, assim, também da Palavra, até o ponto de se persuadir e não possa mais ver o vero. Aquele que, todavia, crê simplesmente ou com simplicidade de coração, esse não concebe princípios, primeiro, mas pensa que, porque o SENHOR assim falou, é um vero. E, se for instruído por outras passagens da Palavra, de modo que entenda, então aquiesce, e se alegra em seu coração. E ainda mais, aquele que, com simplicidade, crê que o SENHOR Se ira, castiga, arrepende-Se, e sinta dor, e, assim, receie o mal e faça o bem, tal crença em nada lhe prejudica. Portanto, assim também crê que DEUS vê todas e cada uma das coisas, e quando está nessa fé, é depois esclarecido sobre o resto na outra vida, se não antes. Diferentemente se dá com aqueles que, por princípios concebidos, se persuadem de comum acordo com o horrendo amor de si ou do mundo.

590. Que “arrepender” se refira à sabedoria, e “doer até o coração” ao amor, não pode ser explicado à concepção humana, a não ser segundo as coisas que estão no homem, e, assim, pelas aparências. Em cada idéia do pensamento do homem existe algo proveniente do entendimento e da vontade, ou do pensamento e de seu amor. A idéia que não tira alguma coisa da vontade ou do seu amor, não é uma idéia, pois não se pode jamais pensar de outro modo. Há uma espécie de casamento perpétuo e indissolúvel entre o pensamento e a vontade, e, assim, as idéias do pensamento aderem ou são inerentes às coisas que são da vontade ou do seu amor. Por causa dessa condição no homem, pode-se saber, ou antes, é possível conceber alguma idéia do que encerra a misericórdia do SENHOR, a saber, a sabedoria e o amor. Assim, nos Profetas, principalmente em Isaías, quase em toda parte, há expressões duplas sobre cada uma das coisas: uma envolve o espiritual e a outra o celeste. O espiritual da misericórdia do SENHOR é a sabedoria, e o celeste é o amor.

591. Vers. 7. “*E disse JEHOVAH: Destruirei o homem, que criei, de sobre as faces do humo, desde o homem até a besta, até o réptil, e até a ave dos céus, porque Me arrependi de os haver feito*”. Que JEHOVAH tenha dito: “Destruirei o homem”, significa que o homem se extinguiria; “que criei, de sobre as faces do humo”, significa o homem da posteridade da Igreja Antiquíssima; “desde o homem até a besta, e até o réptil” é que tudo o que é da vontade o extinguiria; “até a ave dos céus” é tudo o que é do entendimento ou do pensamento; “porque Me arrependo de os haver feito” significa, como antes, a comiseração.

592. Que “JEHOVAH tenha dito: Destruirei o homem” signifique que o homem se extinguiria, vê-se pelas coisas que foram ditas antes, a saber, que é atribuído a JEHOVAH ou ao SENHOR que Ele castiga, tenta, faz o mal, destrói ou mata e

amaldiçoa, como onde se diz que “JEHOVAH matou Er, primogênito de Jehudah, e Onan, o outro filho de Jehudah, em *Gênesis* 38:7,10; que JEHOVAH deu à morte todo primogênito do Egito, em *Êxodo* 12:12,29; como em *Jeremias*:

“*Os que feri em Minha ira, e na Minha inflamação*” (33:5);
em David:

“*Enviou sobre eles a inflamação de Sua ira, ira veemente, e furor, e angústia, envio de anjos maus*” (Sal. 78:49);
em Amós:

“*Porventura haverá o mal na cidade, e JEHOVAH não fez?* (3:6);
em João:

“*Sete taças de ouro cheias da ira do DEUS que vive no século dos séculos*”
(Apoc. 15:1,7; 16:1).

Todas estas coisas são atribuídas a JEHOVAH, se bem que é inteiramente o contrário. A razão de serem atribuídas é a que foi dita antes. E depois, também, para que se conceba primeiro uma idéia muito geral de que o SENHOR governa e dispõe todas e cada uma das coisas. Mas, depois, se reconheça que nenhum mal provém do SENHOR, ainda menos que Ele mata, mas é o homem que traz o mal sobre si mesmo e a si mesmo se destrói e mata. Se bem que não é o homem mesmo, mas são os maus espíritos quem o excita e conduz. Todavia é o homem, pois que ele não crê outra coisa senão que seja ele. É, assim, que agora se atribui aqui a JEHOVAH que Ele destruiria o homem, quando todavia é o homem que se destrói e se extingue. [2] Pode-se ver de que maneira a coisa se passa principalmente por aqueles que, na outra vida, estão no sofrimento e no inferno; lamentam-se continuamente e atribuem ao SENHOR todo o mal de suas penas. De modo semelhante, os espíritos maus, no mundo dos maus espíritos, que põem o seu prazer, e até o maior de seus prazeres, em maltratar e castigar os outros. Os que são maltratados e punidos pensam que o são pelo SENHOR. Foi-lhes dito e mostrado que do SENHOR não procede mal algum, mas que são eles próprios que trazem o mal sobre si. Porque, na outra vida, há um estado e um equilíbrio tais em todas as coisas que o mal volta àquele que fez o mal, e se torna em pena do mal; e isso não pode deixar de existir, e se chama “permissão” por causa da correção do mau. Mas o SENHOR sempre torna toda pena do mal em bem, de sorte que nada, senão o bem, procede do SENHOR. O que realmente é a “permissão”, ninguém ainda o sabe: acredita-se que é permitido e feito por Aquele que o permite, pois que o permite. Mas a coisa se passa de forma inteiramente diferente. Sobre isso se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

593. “Que criei, de sobre as faces do humo”; que isso signifique o homem da posteridade da Igreja Antiquíssima, vê-se não somente pelo que é dito “o homem que criei”, que quer dizer “a quem regenerarei”, e depois, “que fiz”, que quer dizer “a quem aperfeiçoei ou regenerarei até se tornar celeste”, mas também pelo que é dito: “de sobre as faces do humo”. O “humo” é onde há a Igreja, como foi mos-

trado antes. Por conseguinte, aqui se trata também daqueles que imergiram os doutrinais da fé em suas cobiças. Os que não tiveram a doutrina da fé não puderam fazer isso. Os que estão fora da Igreja, estão na ignorância do vero e do bem, e os que estão na ignorância podem estar numa espécie de inocência, enquanto falam e agem contra os vero e os bens da fé, pois podem ser movidos por uma espécie de zelo para o culto de que foram desde a infância imbuídos, o qual eles crêem ser verdadeiro e bom. Mas acontece inteiramente diferente com aqueles que têm consigo a doutrina da fé; esses podem misturar os veros com os falsos, e as coisas santas com as profanas. Por isso a sorte deles na outra vida é muito pior do que a sorte daqueles que são chamados gentios, sobre os quais se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

594. Que “desde o homem até a besta, e até a ave” signifique que tudo o que é da vontade o extinguiria, vê-se pela significação de “homem, besta e réptil”. O homem não é homem a não ser pela vontade e pelo entendimento, pelos quais se distingue dos animais; quanto ao resto, é semelhante a eles. Nestes, havia perecido toda vontade do bem e todo entendimento do vero. Em lugar da vontade do bem sucederam cobiças insensatas; em lugar do entendimento do vero, ilusões insensatas, e estas misturadas com aqueles. Por isso, após terem assim destruído, por assim dizer, as relíquias, não era possível que não se extinguissem. Que tudo o que é da vontade se chame “bestas e répteis”, vê-se pelas coisas que anteriormente foram mostradas sobre as bestas e os répteis. Mas aqui, visto que se trata de tal homem, as “bestas” não significam as boas afeições, mas as más, e, por conseguinte, as cobiças; e pelos “répteis”, as cobiças, tanto as corporais quanto as dos sentidos. Que as “bestas” e os “répteis” signifiquem tais coisas, não há mais necessidade de confirmação pela Palavra, porque deles se tratou anteriormente, nos n. 45, 46, 142 e 143; que sejam vistos.

595. Que “a ave dos céus” signifique tudo o que é do entendimento ou do pensamento, vide também antes, n. 40.

596. “*E Noach achou graça aos olhos de JEHOVAH*”. Por “Noach” é significada uma nova Igreja; “que tenha achado graça aos olhos de JEHOVAH” é que o SENHOR tinha previsto que, assim, o gênero humano poderia ser salvo.

597. Por “Noach” é significada uma nova Igreja, que deve ser chamada Igreja Antiga, para que haja distinção entre a Igreja Antiquíssima que existiu antes do dilúvio, e essa, que existiu após o dilúvio. Os estados dessas Igrejas foram inteiramente diferentes. O estado da Igreja Antiquíssima foi tal que eles tiveram do SENHOR a percepção do bem e, daí, do vero. Mas o estado da Igreja Antiga, ou Noach, veio a ser tal que tinha consciência do bem e do vero. Qual é a diferença entre ter percepção e ter consciência, tal foi a diferença de estados da Igreja Antiquíssima e da Igreja Antiga. Percepção não é consciência. Percepção têm os celestes, os espirituais têm consciência. A Igreja Antiquíssima foi celeste, mas a Igreja Antiga foi espiritual. [2] A Igreja Antiquíssima teve revelação imediata pela con-

sociação com espíritos e anjos, como também por visões e por sonhos provenientes do SENHOR, pelos quais lhes era dado conhecer de modo geral o que é o bem e o vero; e depois que conheciam de modo geral, essas noções gerais eram confirmadas como princípios, por assim dizer, por coisas inumeráveis através das percepções. Essas coisas inumeráveis eram as particulares ou singulares das gerais a que se referiam. Assim, os gerais, como que princípios, eram corroborados quotidianamente. Tudo o que não era congruente com os gerais, percebiam que não era assim, e tudo o que era congruente, percebiam que era assim. Esse é o estado dos anjos celestes. [3] Os gerais ou princípios, por assim dizer, da Igreja Antiquíssima eram verdades celestes e eternas, assim como, que o SENHOR governa o universo; que do SENHOR vem todo bem e vero; que do SENHOR vem toda vida; que o próprio do homem nada é senão o mal, e é morto em si; além de outras coisas semelhantes; Do SENHOR receberam a percepção de coisas inumeráveis que confirmavam essas verdades e com elas concordavam. Para eles, o amor era o principal da fé; pelo amor lhes era dado pelo SENHOR perceber tudo o que era da fé; daí, a fé para eles era o amor, como foi dito. Mas a Igreja Antiga tornou-se inteiramente diversa; dela se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

598. Que “achou graça ao olhos de JEHOVAH” signifique que o SENHOR tinha previsto que, assim, o gênero humano poderia ser salvo. A misericórdia do Senhor envolve e visa à salvação de todo o gênero humano; é semelhante também com a graça, e por isso a salvação do gênero humano é aí significada. “Noach” significa não somente uma nova Igreja, mas também a fé dessa Igreja, que era a fé da caridade. Assim, o SENHOR previu que, pela fé da caridade, o gênero humano poderia ser salvo. Sobre essa fé se falará na seqüência. [2] Mas “misericórdia” e “graça” são distintas na Palavra e, de fato, segundo a diferença dos que as recebem. A misericórdia se aplica àqueles que são celestes, mas a graça àqueles que são espirituais. Porquanto os celestes não reconhecem outra coisa senão a misericórdia, e os espirituais mal reconhecem outra coisa que não a graça. Os celestes não sabem o que é graça, os espirituais mal sabem o que é misericórdia, a qual fazem uma com a graça. Isso acontece por causa da humilhação de uns e outros, que difere assim: os que estão em humilhação de coração imploram a misericórdia do SENHOR; os que, porém, estão na humilhação do pensamento pedem a graça, e, se imploram misericórdia, isso fazem num estado de tentação ou fazem-no de boca somente, não de coração. Como a Igreja nova chamada Noach não foi celeste, mas espiritual, por isso se diz que acharam não misericórdia, mas “graça aos olhos de JEHOVAH”. [3] Que na Palavra se faça distinção entre misericórdia e graça, vê-se por muitos lugares onde se diz que JEHOVAH é misericordioso e cheio de graça, como no *Salmo 103:8; 111:4; 112:4* e *Joel 2:3*. Distingue-se de modo semelhante em outro lugar, como em *Jeremias*:

“Assim disse JEHOVAH: Achou graça no deserto o povo dos restantes da espada, indo para o repouso que lhe devia ser dado, Israel. De longe JEHOVAH me

apareceu; e com amor eterno te amei, por isso te atraí com misericórdia” (31:2,3),

onde a “graça” é atribuída ao espiritual, e a “misericórdia” ao celeste. Em *Isaías*:

“Por isso Se deterá JEHOVAH para vos dar graça, e por isso Se levantará para ter misericórdia de vós” (30:18),

onde a “graça”, semelhantemente, se refere ao espiritual, e a “misericórdia” ao celeste. Na seqüência, onde se trata de Ló e dos anjos:

“Eis, peço, teu servo achou graça aos teus olhos, e grande fizeste a tua misericórdia, que fizeste a mim, vivificando a minha alma” (Gên. 19:19).

Que “graça” se refira aos espirituais, que são da fé ou do entendimento, vê-se também aqui, pois foi dito que “tinha achado graça aos teus olhos”. Que a “misericórdia”, por outro lado, se refira aos celestes, que são do amor ou da vontade, vê-se pelo que foi dito, que “tinha feito misericórdia e tinha vivificado a alma”.

* * * * *

Gênesis

Capítulo Sexto

(Continuação)

9. *Estas [são] as natividades de Noach; Noach, varão justo, íntegro foi em suas gerações; com Deus andou Noach.*
10. *E gerou Noach três filhos, Shem, Cham e Jafé.*
11. *E a terra foi corrompida diante de Deus; e a terra foi cheia de violência.*
12. *E viu Deus a terra, e eis, foi corrompida, porque toda carne corrompeu o caminho seu sobre a terra.*
13. *E disse Deus a Noach: O fim de toda carne veio diante de Mim, porque a terra está cheia de violência pelas faces deles. E eis, Eu os destruo com a terra.*
14. *Faze para ti uma arca de madeiras de gofer¹⁸; compartimentos farás na arca, e a betumarás por dentro e por fora com betume.*
15. *E, assim, a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, cinquenta côvados a sua largura, e trinta côvados a sua altura.*
16. *Uma janela farás para a arca, e a um côvado a terminarás de cima; e uma porta para a arca no lado dela porás; com ínfimos, segundos e terceiros a farás.*
17. *E Eu, eis que Eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para destruir toda carne, em que há espírito de vidas, de sob os céus. Tudo o que há na terra expirará.*
18. *E estabecerei Minha aliança contigo; e entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua esposa, e as esposas de teus filhos contigo.*
19. *E de todo vivente, de toda carne, pares de todos farás entrar na arca para ser vivificado contigo; macho e fêmea serão.*
20. *Da ave, segundo a sua espécie, e da besta, segundo a sua espécie, de todo réptil do humo segundo a sua espécie, pares de todos entrarão para ti, para serem vivificados.*
21. *E tu, toma para ti de toda comida que se come, e ajunta para ti, e será para ti e para eles por comida.*
22. *E fez Noach segundo tudo o que lhe mandou Deus, assim o fez.*

18 "Gopher" é transliteração de nome hebraico que Swedenborg conserva no latim, mas que alguns traduzem como cipreste.

Conteúdo

599. Trata-se do estado da Igreja que é chamada “Noach”, antes da regeneração.

600. É descrito o homem dessa Igreja, que era tal que podia ser regenerado, vers. 9; mas que dali surgiram três gêneros de doutrina, que são “Shem, Cham e Jafé”, vers. 10.

601. Que o homem restante, que era da Igreja Antiquíssima, não poderia ser regenerado, por causa de suas insensatas persuasões e horrendas cobiças, vers. 11, 12; por elas se destruiriam inteiramente, vers. 13.

602. Mas o homem da Igreja chamada Noach não era assim; ele é descrito pela “arca”, vers. 14; e as relíquias nele são descritas pelas medidas, vers. 15; suas coisas intelectuais, pela janela, pela porta e pelos compartimentos, vers. 16.

603. Que ele seria conservado, quando os outros perecessem pela inundação de males e falsos, vers. 17.

604. E que seriam salvos os veros e bens que estavam nele, vers. 18; assim, as coisas do entendimento e as da vontade, pela regeneração, vers. 19 e 20; e que fosse preparado para receber a regeneração, vers. 21; e que, assim, se fez, vers. 22.

Sentido Interno

605. Trata-se agora da formação de uma nova Igreja, que é denominada “Noach”, e sua formação é descrita pela “arca”, na qual foi recebido todo gênero de ser vivente. Mas, como acontece de costume, antes que essa Igreja nova pudesse existir, o homem da Igreja não pôde deixar de sustentar muitas tentações, as quais são descritas pela própria “elevação da arca, sua flutuação e demora sobre as águas do dilúvio”. E finalmente, que o homem tornou-se verdadeiramente espiritual e liberto, isso se descreve pela “cessação das águas” e pelas muitas coisas que se seguem. Ninguém que esteja preso ao sentido da letra somente pode ver isso, em virtude de todas essas coisas, aqui principalmente, serem historicamente conexas e apresentarem uma idéia tal como as coisas da história. Mas assim foi o estilo daquele tempo, o que lhes era muito agradável: que todas as coisas fossem envolvidas em símbolos e isto artisticamente disposto em histórias; e, quanto melhor a série histórica que formassem, mais era conveniente ao gênio deles. Pois os antigos daqueles tempos não se entregavam tanto às ciências, como hoje, mas a profundos pensamentos, donde lhes vinham tais produções. Essa era a sabedoria dos antigos.

606. Que o “dilúvio”, a “arca”, e, assim, as coisas que são descritas a respeito do dilúvio e da arca signifiquem a regeneração, assim como as tentações que a precedem, isto é de alguma forma conhecido hoje pelos eruditos, por quem a regeneração e as tentações são também comparadas às águas do dilúvio.

607. Mas, na seqüência, será descrito de que qualidade essa Igreja foi. Para que aqui se tenha uma idéia, dir-se-á em poucas palavras: a Antiquíssima, como se disse, foi celeste, mas esta tornou-se espiritual; a Antiquíssima teve percepção do bem e do vero, esta, ou a Antiga, não teve percepção, mas, em lugar disso, uma espécie de ditame que pode ser chamado consciência. [2] Mas, o que é ainda desconhecido do mundo e talvez inacreditável: o homem da Igreja Antiquíssima teve respiração interna, e não tinha a externa a não ser uma tácita. Por isso, não falavam tanto por palavras, como depois e hoje em dia, mas por meio de idéias, como os anjos, as quais podiam exprimir por inúmeras mudanças do rosto e da face, principalmente pelos lábios, nos quais há séries inumeráveis de fibras musculares, hoje inextricáveis. Através delas, então desprendidas, podiam assim apresentar, significar e representar idéias que hoje seria necessária uma hora para serem expressas por meio de som articulado ou por palavras. Eles o faziam num minuto, e de uma forma muito mais plena e evidente à compreensão e ao entendimento dos presentes do que jamais se poderia fazê-lo por palavras e por séries de palavras combinadas. Isso talvez pareça incrível, mas é a verdade. Também existem muitos outros, que não são desta Terra, que falaram e ainda hoje falam de modo semelhante, sobre os quais se falará, pela Divina misericórdia do Senhor, na seqüência. [3] Também foi concedido saber a respeito dessa respiração interna, de que qualidade foi e de que modo foi mudada na sucessão do tempo. E, como tiveram uma tal respiração semelhante a dos anjos, que respiram semelhantemente, estiveram em profundas idéias do pensamento, podendo ter uma percepção tal que não pode ser descrita. Por isso, se fosse descrito como eles eram, não se poderia compreender e, assim, também não se acreditaria. Nos descendentes deles, porém, essa respiração interna pouco a pouco se desvanecia. E, naqueles que foram apoderados por medonhas persuasões e enganos, tornou-se de tal forma que não puderam ter mais idéia alguma do pensamento a não ser muito disforme. O resultado disso foi que não podiam sobreviver, pelo que todos se extinguiram.

608. Quando a respiração interna cessou, gradualmente foi substituída pela respiração externa, quase como há hoje. E, com a respiração externa, uma linguagem de palavras, ou de som articulado, na qual eram fixadas as idéias do pensamento. Assim, foi inteiramente mudado o estado do homem, e tornou-se tal que não podia mais ter semelhante percepção, mas, em lugar da percepção, uma outra coisa, uma espécie de ditame que pode ser chamado consciência, pois era semelhante à consciência, ainda que fosse uma espécie de intermediário entre a percepção e a consciência hoje conhecida por alguns. E, quando houve essa fixação de idéias do pensamento, a saber, nas palavras da linguagem, então, não puderam mais ser tão instruídos por meio do homem interno, como o foi o homem antiquís-

simo, mas por meio do externo. Por isso é que, então, em lugar das revelações da Igreja Antiquíssima, sucederam-se os doutriniais, que primeiro eram compreendidos pelos sentidos externos, pelos quais eram formadas idéias materiais da memória e daí idéias do pensamento, pelas quais e segundo as quais eram instruídos. E, assim, foi que essa Igreja que sucedeu teve um gênio inteiramente diferente do da Antiquíssima. Se o SENHOR não tivesse reduzido o gênero humano a um tal gênio ou estado, nunca homem algum poderia ser salvo.

609. Como o estado do homem dessa Igreja, que se chama Noach, foi inteiramente mudado em relação ao estado do homem da Igreja Antiquíssima, ele não pôde mais, como foi dito, ser informado e esclarecido da mesma maneira que o homem antiquíssimo, porque os internos eram fechados a tal ponto que não havia mais comunicação com o céu, exceto sem o seu conhecimento. Por isso, não podia ser instruído, a não ser pela via externa dos sentidos ou pelo sensual, como se disse. Por causa disso, pela Providência do SENHOR, foram conservadas as coisas doutriniais da fé com algumas revelações da Igreja Antiquíssima, para uso dessa posteridade. Essas coisas doutriniais foram primeiro recolhidas por Cain e guardadas para que não pudessem perecer. Por isso é que foi dito de Cain que “um sinal foi posto nele para que ninguém o matasse” - sobre isso, vide o que foi dito no seu lugar, capítulo 4:15. Em seguida, foram redigidas em doutrina por “Hanoch”, doutrina essa que naquele tempo não seria de uso algum, mas para a posteridade, donde foi dito que “o tomou DEUS”; sobre isso também, vide o que foi dito em seu lugar, cap. 5:24. Foram esses doutriniais da fé que foram conservadas pelo SENHOR para uso da posteridade ou da Igreja, porquanto foi previsto pelo SENHOR que a percepção pecereria, e, por isso, também foi provido que os doutriniais permanecessem.

610. Vers. 9: “Estas [são] as natividades de Noach; Noach, varão justo, íntegro foi em suas gerações; com DEUS andou Noach”. Pelas “natividades de Noach” é significada a descrição da reforma ou regeneração da nova Igreja; “Noach, varão justo e íntegro em suas gerações” significa que era tal que a caridade lhe podia ser dada; “justo” se refere ao bem da caridade, “íntegro” ao vero da caridade; “gerações” são as coisas da fé; “andar com DEUS” significa aqui, como anteriormente onde se tratou de Hanoch, a doutrina da fé.

611. Que pelas “natividades de Noach” seja significada a descrição da reforma ou regeneração da nova Igreja, vê-se pelas coisas que foram ditas anteriormente, no cap. 2:4 e no cap. 5:1.

612. Que “Noach, varão justo e íntegro em suas gerações” signifique que era tal que a caridade lhe podia ser dada, vê-se pela significação de “justo” e “íntegro”: “justo” se refere ao bem da caridade e “íntegro” ao vero da caridade; depois, pelo essencial dessa Igreja, que era a caridade, de que se falará, pela Divina misericórdia do Senhor, na seqüência. Que “justo” se refira ao bem da caridade, e “íntegro” ao vero da caridade, vê-se pela Palavra, como em Isaías

“A Mim cada dia buscarão, e a ciência dos caminhos Meus desejarão, como a nação que pratica a justiça, e o juízo do seu DEUS não abandona; interrogar-me-ão sobre os juízos da justiça, a aproximação de DEUS desejarão” (58:2),

onde o “juízo” está em lugar das coisas que são do vero, e “justiça” das coisas que são do bem. Era uma expressão comum, por assim dizer, “fazer juízo e justiça” em lugar do vero e do bem, como em *Isaiás 56:1, Jeremias 22:3, 13 e 15; 23:5; 33:15; Ezequiel 33:14,16 e 19*. O SENHOR disse:

“Os justos brilharão como sol no reino de Seu Pai” (Mat. 13:43);

em referência aos que são dotados de caridade. Depois, onde se trata da consumação do século:

“Sairão os anjos, e separarão os maus do meio dos justos” (Ibid., vers. 49),

onde também se refere àqueles que estão no bem da caridade. [2] “Íntegro”, porém, significa o vero que procede da caridade. Com efeito, o vero existe de muitas outras origens, mas o que procede do bem da caridade que vem do SENHOR é chamado aqui “íntegro” e “homem íntegro”, como em David:

“Quem peregrinará em Tua tenda? quem habitará no monte de Tua santidade? Aquele que anda íntegro, e pratica a justiça, e fala a verdade em seu coração” (Salmo 15:1,2);

aqui é descrito o “íntegro”. No mesmo:

“Com o santo, santamente Te procedes; o varão íntegro, íntegro Te apresentas” (Salmo 18:26),

onde o “varão íntegro” é tal em virtude do que é santo ou do bem da caridade. No mesmo:

“JEHOVAH não negará o bem aos que andam em integridade” (Salmo 84:11).

[3] Que o “íntegro” seja o que é verdadeiro pelo bem, ou o que fala e pratica o vero pela caridade, vê-se pelo fato de muitas vezes o vocábulo “íntegro” ou “integridade” ser aplicado a “andar” e a “caminho”, como também “reto ou retidão”, palavras essas que pertencem ao vero, como em David:

“Instruirei no caminho o íntegro até quando vier a Mim; andarei na integridade de meu coração, no meio da minha casa” (Salmo 101:2),

e:

“O que anda no caminho do íntegro, este servirá a Mim” (ibid., vers. 6);

no mesmo:

“Bem-aventurado os íntegros no caminho, os que andam na lei de JEHOVAH” (Salmo 119:1);

no mesmo:

“Integridade e retidão me guardarão” (Salmo 25:21);

no mesmo:

“Observa o íntegro, e vê o reto, porque o fim para o varão é a paz” (Salmo 37:37).

Por essas passagens se vê que o “justo” se diz do que faz o bem, e “íntegro” do que pratica a verdade daí proveniente, o que também é “fazer juízo e justiça”. “Santidade e justiça” é o celeste da fé, e “integridade e juízo” é o espiritual daí.

613. Que as “gerações” sejam da fé, isso não é evidente pelo sentido da letra, que é histórico; mas aqui, visto que há somente internos, são significadas as coisas que são da fé. Pela série também se vê que as gerações aqui não são outra coisa. Semelhantemente acontece algumas vezes na Palavra, como em *Isaías*:

Edifiquem de ti as assolações do século, os fundamentos de geração e de geração tu endireitas, e chamar-te-ão o reparador de rotura, que restabelece as veredas para serem habitadas” (58:12),

onde todas as expressões significam coisas que são da fé; “desolações do século”, as que são o celeste da fé; “fundamentos de geração e de geração”, as que são o espiritual da fé, que tinham caído desde os tempos antigos e que são juntamente significados. No mesmo:

Edificarão as assolações do século, as desolações precedentes endireitarão, e renovarão as cidades da assolação, as desolações de geração e de geração” (61:4);

semelhantemente, no mesmo:

Não trabalharão em vão, e não gerarão para a perturbação, porque eles são semente dos benditos de JEHOVAH, e os seus descendentes com eles” (65:23),

onde também “gerar” se diz das coisas que são da fé, “trabalhar” das coisas que são do amor; a respeito destes se diz “semente dos benditos de JEHOVAH”, e daqueles, “descendentes”.

614. Que “andar com DEUS” signifique a doutrina da fé, pode-se ver pelo que foi dito anteriormente a respeito de Hanoch, cap. 5, v. 22 e 24, de quem também foi dito que “tinha andado com DEUS”, e aí significou a doutrina da fé conservada para uso da posteridade. E porque essa posteridade está nesse uso, por isso agora é novamente empregada.

615. Aqui se descreve em geral a qualidade do homem dessa Igreja; não que ele já assim o fosse - porque na seqüência se trata de sua formação - mas de que qualidade pôde se tornar, a saber, que, pelas cognições da fé, podia ser dotado de caridade e, assim, agir pela caridade e, pelo bem da caridade, conhecer o que é o vero. Por isso, o bem da caridade ou “justo” precede, e o vero da caridade ou “íntegro” segue. A caridade é, como foi dito antes, o amor para com o próximo e a misericórdia, e é um grau inferior do amor que existiu na Igreja Antiquíssima, que foi o amor ao SENHOR. Assim, agora o amor desceu e se tornou mais externo, e deve ser chamado caridade.

616. Vers. 10: *“E gerou Noach três filhos: Shem, Cham e Japheth”.*

Que “Noach tenha gerado três filhos” significa que surgiram daí três gêneros de doutrinas que são significadas por “Shem”, “Cham” e “Japheth”.

617. Que “Noach tenha gerado três filhos” signifique que daí surgiram três gêneros de doutrinas, vê-se por todas aquelas coisas que precederam, ou seja, que os nomes não significam outra coisa a não ser Igrejas ou, o que é a mesma coisa, doutrinas; assim, também, aqui. Mas aqui são nomeadas somente por causa da série ou da conexão com as coisas que precederam, a saber, que foi previsto pelo SENHOR que o homem desse gênio pudesse ser dotado de caridade, mas de forma que três gêneros de doutrinas nascessem daí, sobre quais doutrinas se dirá na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor, onde se tratará de Shem, Cham e Japheth.

618. Que “Noach foi justo e íntegro”, que “andou com DEUS” e, aqui, que “gerou três filhos”, é dito no passado e, todavia, se refere ao futuro. Cumpre saber que o sentido interno é tal que não tem qualquer conta dos tempos, o que também é favorecido pela língua original, na qual, por vezes, um e o mesmo vocábulo é explicável, seja em que tempo for, do mesmo modo que não distingue entre vocábulos. Assim os interiores são manifestos mais claramente. Essa língua deriva isso do sentido interno, que é muito mais múltiplo do que se poderia crer; daí, ela não se deixa limitar pelos tempos e pelas distinções.

619. Vers. 11: “*E a terra foi corrompida diante de DEUS; e a terra foi cheia de violência*”. Pela “terra” é significada aquela raça, de que se tratou antes; foi dita “corrompida” por causa das medonhas persuasões, e “cheia de violência” por causa das horrendas cobiças. Diz-se “DEUS”, aqui e na seqüência deste capítulo porque agora não havia mais Igreja alguma.

620. Que pela “terra” seja significada aquela raça de que se tratou antes, vê-se pelas coisas que foram mostradas a respeito da significação da terra e do humos. “Terra” é um vocábulo que é muitíssimas vezes nomeado na Palavra, e por ela é significada a terra onde havia a verdadeira Igreja do SENHOR, como a terra de Canaan, e, também, a terra onde não havia a Igreja, como a terra do Egito e dos gentios; assim, é tomada pela raça que aí habita. E, porque é tomada no lugar da raça, também o é por qualquer um que ali está. Diz-se “terra” por causa do amor celeste, como a terra de Canaan e “terra dos gentios” por causa dos amores impuros. Mas diz-se “humos” por causa da fé que é inseminada, pois, como foi mostrado, a terra é o continente do humos e o humos é o continente do campo cultivado, como o amor é o continente da fé e a fé é o continente das cognições da fé que são inseminadas. Aqui, a “terra” é tomada pela raça em que havia perecido tudo o que é do amor celeste e da Igreja. Pelo sujeito se conhece o que é predicado.

621. Que a terra estivesse “corrompida” pelas medonhas persuasões, e “cheia de violência” pelas horrendas cobiças, vê-se pela significação do vocábulo “corromper” e do vocábulo “violência”. Na Palavra, um vocábulo nunca é tomado em lugar do outro, mas é invariavelmente aplicado àquele que apropriadamente

exprime a coisa de que se trata; e, na verdade, de tal maneira que somente pelos vocábulos empregados imediatamente se manifesta o que está no sentido interno. Assim é o caso aqui, com os vocábulos “corromper” e “violência”: “corromper” é atribuído às coisas que são do entendimento quando este é assolado, e “violência” às coisas que são da vontade quando ela foi devastada. Assim, “corromper” se refere às persuasões e “violência” às cobiças.

622. Que “corromper” se refira às persuasões, vê-se em *Isaiás*:

“Não farão o mal, e não corromperão em todo o monte da Minha santidade, porque a terra será cheia de ciência de [a cum] JEHOVAH” (11:9);

e, semelhantemente, no capítulo 65:25, onde “fazer o mal” se refere à vontade ou às cobiças, e “corromper” ao entendimento ou persuasões do falso. No mesmo:

“Ai da nação pecadora, povo carregado de iniquidade, da semente de malfeitores, dos filhos corruptores” (1:4);

aí, como em outro lugar, “nações e semente de malfeitores” estão em lugar dos males que são da vontade, ou das cobiças; “povos e filhos de corruptores”, em lugar dos falsos que são do entendimento, ou das persuasões. Em *Ezequiel*:

“Corrompida estás, mais do que elas em todos os caminhos teus” (16:47);

aí, “corromper” se refere às coisas que são do entendimento, da razão ou do pensamento, porquanto “caminho” é um vocábulo que significa a verdade. Em David:

“Fizeram o que é corrupto, e abominável tornaram a obra” (Salmo 14:1);

onde “corrupto” está em lugar das medonhas persuasões, e “abominável” em lugar das horrendas cobiças, que estão na obra ou pelas quais a obra é feita. Em *Daniel*:

“Após as sessenta e duas semanas será cortado o Messias, e não para ele [et non Illi]; e a cidade e o santuário serão corrompidos pelo povo do chefe que vier, e o seu fim (será) com inundação” (9:26);

semelhantemente, “corromper” está em lugar das persuasões do falso, a que se refere a “inundação”.

623. Que a “terra estivesse cheia de violência” por causa das horrendas cobiças, e ainda mais pelas cobiças que são do amor de si, ou do desmesurado orgulho, vê-se pela Palavra. Diz-se “violência”, quando se faz violência às coisas santas, profanando-as, como o fizeram os antediluvianos, que imergiram os doutrinários da fé em cobiças de todo gênero. Como em *Ezequiel*:

“Desviarei deles as Minhas faces, e profanarão o Meu recôndito; e que venham ali os arrombadores, e o profanarão. Faze a cadeia, porque a terra está cheia do juízo dos sangues, e a cidade está cheia de violência” (7:22-24).

Aí são descritos os violentos, e que eles são tais como foi dito. No mesmo:

“O seu pão comerão com solicitude, e suas águas beberão em desolação, para que seja devastada a sua terra da plenitude dela, por causa da violência de todos os habitantes nela” (12:19);

o “pão que comerão com solicitude” são as coisas celestes; as “águas que beberão em desolação” são as espirituais, às quais “fizeram violência” ou profanaram. [2] Em *Isaías*:

“Os tecidos deles não serão por vestimenta, nem serão cobertos em suas obras; as obras deles são obras de iniquidade, e ato de violência há nas palmas das mãos deles” (59:6),

onde “tecidos e vestimenta” são atribuídos às coisas que são do entendimento ou do pensamento, e “iniquidade e violência” às coisas que são da vontade ou das obras. Em *Jonas*:

“Serão convertidos cada um do seu caminho mau, e da violência que há nas palmas das mãos deles” (3:8);

onde “caminho mau” é predicado aos falsos que são do entendimento, e “violência” aos males que são da vontade. Em *Jeremias*:

“Virá num ano de rumor, e (haverá) violência na terra” (51:46);

“rumor” são as coisas que são do entendimento, e “violência” as que são da vontade. Em *Isaías*:

“Nenhuma violência fez, e nenhum dolo em sua boca” (63:9);

onde “violência” são as coisas que são da vontade, e “dolo na boca” as que são do entendimento.

624. Que aqui se trate do estado em que não há Igreja, vê-se por isto, que aqui e na seqüência deste capítulo se diz “DEUS”, mas no que precede se disse “JEHOVAH”. Quando não há a Igreja, se diz “DEUS”, mas, quando há a Igreja, se diz “JEHOVAH”. Assim como no capítulo primeiro de *Gênesis*: quando não havia a Igreja, foi dito “DEUS”, mas no seguinte, quando havia a Igreja, foi dito “JEHOVAH DEUS”. “JEHOVAH” é santíssimo, e não se encontra em lugar algum a não ser na Igreja; “DEUS”, porém, não é tanto, porque não há nação que não tenha tido deuses, pelo que o nome “DEUS” não é tão santo. A ninguém foi permitido nomear “JEHOVAH” a não ser aquele que estivesse na cognição da verdadeira fé, mas “DEUS”, qualquer um o pode.

625. Vers. 12: *“E viu DEUS a terra, e eis, foi corrompida, porque toda carne corrompeu o caminho seu sobre a terra”*. “Que DEUS tenha visto a terra” significa que DEUS conhecia o homem; “que estava corrompida” significa que nada havia senão o falso; “porque toda carne corrompeu o caminho seu sobre a terra” significa que o corpóreo do homem tinha destruído todo entendimento do vero.

626. Que “DEUS viu a terra” signifique que DEUS conhecia o homem, qualquer um pode ver. Com efeito, DEUS, que conhece todas e cada uma das coisas desde a eternidade, não precisa ver se algo é ou não é tal. “Ver” é um atributo hu-

mano que, por isso, como foi dito no versículo 6 e em outro lugar, aqui se diz segundo as coisas que aparecem no homem, e até a ponto de também se dizer que viu com os olhos.

627. “Porque toda carne corrompeu o caminho seu sobre a terra”. Que isso signifique que o corpóreo do homem tinha destruído todo entendimento do vero, vê-se pela significação de “carne”, de que se tratou antes, no vers. 3, ou seja, que é todo o homem, em geral, e o corpóreo em particular, ou todo o corpóreo. E vê-se também pela significação de “caminho”, que é o entendimento do vero ou a própria verdade. Que o “caminho” seja atribuído ao entendimento do vero, ou à verdade, pode-se ver pelas coisas que foram referidas antes aqui e ali, e, além disso, pelas passagens que seguem. Em Moisés:

“Disse JEHOVAH: Ergue-te, desce depressa daqui, porque se corrompeu o teu povo... afastaram-se depressa do caminho que lhes ordenei; fizeram para si [imagem] fundida” (Deut. 9:12,16);

aí, os “preceitos” são as verdades. [2] Em Jeremias:

“Cujos olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos do homem, para dar ao varão conforme os seus caminhos, e conforme o fruto de suas obras” (32:19);

os “caminhos” são a vida segundo os preceitos; o “fruto das obras” é a vida pela caridade. Assim, “caminho” é atribuído aos veros, que são dos preceitos e dos mandamentos, como também “filhos do homem” e “varão”, como foi mostrado acima, em Jeremias 7:3, 17:10. Em Oséias:

“Visitarei sobre ele os caminhos dele, e as obras deles dar-lhe-ei” (4:9).

Em Zacarias:

“Voltai de vossos caminhos maus, e de vossas obras más... Assim como JEHOVAH Zebaoth pensou em fazer-nos conforme nossos caminhos, e conforme as nossas obras” (1:4,6).

de modo semelhante, mas o contrário das coisas anteriores, porque são “caminhos maus” e “obras más”. Em Jeremias:

“Dar-lhes-ei um só coração, e um só caminho” (32:39);

o “coração” está em lugar do bem, e o “caminho” em lugar do vero. Em David:

“O caminho dos Teus mandamentos faze-me entender... O caminho da mentira, remove de mim; e concede-me graciosamente a Tua lei. O caminho da verdade escolhi, pelo caminho dos Teus preceitos correrei” (Salmo 119:26,27,29,30,32 e 35);

onde “o caminho dos mandamentos e dos preceitos” se diz do caminho da verdade, ao qual o “caminho da mentira” é oposto. [3] No mesmo:

“Os caminhos Teus, Ó JEHOVAH, faze-me conhecer; Tuas sendas ensina-me; guia o meu caminho na Tua verdade, e ensina-me” (Sal, 25:4,5);

de modo semelhante, o “caminho” está claramente em lugar da verdade.

Em *Isaías*:

“Com quem se aconselhou JEHOVAH, e (quem) O instruiu, e ensinou-Lhe a vereda do juízo, e ensinou-Lhe a ciência, e o caminho das inteligências O fez conhecer?” (40:14),

tratando-se claramente do entendimento do vero. Em *Jeremias*:

“Assim disse JEHOVAH: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai acerca das veredas do século, qual é o caminho bom, e andai nele” (6:16);

semelhantemente, em lugar do entendimento do vero. Em *Isaías*:

“Conduzirei os cegos num caminho que não conheceram, em veredas que não conheceram os conduzirei” (42:16);

O “caminho”, a “vereda”, a “senda”, a “praça” e a “rua” são atribuídos aos veros, porque conduzem ao vero, como também em *Jeremias*:

“Fizeram-nos tropeçar em seus caminhos, nas sendas do século, para andar nas veredas, caminho não aplanado” (18:15).

Semelhantemente, no livro dos *Juizes*:

“Nos dias de Jael cessaram as sendas, e os transeuntes das veredas iam por sendas tortuosas; cessaram as ruas em Israel” (5:6).

628. O sentido interno aqui é que todo homem, qualquer que fosse, na terra onde havia a Igreja, “tinha corrompido o seu caminho”, de modo que não compreendia o vero, porque todo homem se tornou corpóreo, não somente aqueles de que se tratou no versículo anterior, mas também aqueles que são chamados “Noach”, de que se trata aqui e no versículo seguinte em particular, porque, tais eles eram antes de serem regenerados. Essas coisas precederam porque se tratará na seqüência da regeneração deles. E, porque pouco restou da Igreja, agora é dito “DEUS” e não “JEHOVAH”. Neste versículo é significado que nada havia de vero, e no que agora segue, que nada havia de bem. Somente os havia nas relíquias que estavam naqueles que são chamados “Noach”, pois, sem relíquias, não pode haver regeneração. Havia-os também nos doutriniais que conheceram. Mas não havia o entendimento do vero, que não existe senão onde há vontade do bem; onde não há vontade, aí também não há entendimento, e qual é a vontade, tal é o entendimento. Nos antiqüíssimos havia vontade do bem, porque havia amor ao SENHOR e, daí, entendimento do vero. Mas, aqui, o entendimento do vero pereceu inteiramente com a vontade. Permaneceram com eles, com os que são chamados Noach, uma espécie de vero racional e bem natural; por isso, também, eles puderam ser regenerados.

629. *Vers. 13: “E disse DEUS a Noach: O fim de toda carne veio diante de Mim, porque a terra está cheia de violência pelas faces deles. E eis, Eu os des-*

truo com a terra". Que "DEUS tenha dito" significa que, assim, foi; "o fim de toda carne veio diante de Mim" significa que o gênero humano não poderia deixar de perecer; "porque a terra está cheia de violência" significa que não havia mais vontade alguma do bem; "eis, Eu os destruirei com a terra" significa que o gênero humano pereceria com a Igreja.

630. Que "DEUS disse" signifique que, assim, foi, vê-se por isto, que em JEHOVAH nada há senão o Ser.

631. Que "o fim de toda carne veio diante de Mim" signifique que o gênero humano não poderia deixar de perecer, vê-se pelas próprias palavras e também pela significação de "carne", que é todo o homem em geral e o homem corpóreo em particular, de que se tratou anteriormente.

632. Que "terra cheia de violência" signifique que não havia mais vontade alguma do bem, vê-se pelas coisas que foram ditas e mostradas, anteriormente, a respeito da significação de "violência", no versículo 11. No versículo precedente foi dito a respeito do entendimento do vero; neste, diz-se da vontade do bem, que um e outro pereceram no homem da Igreja.

633. A coisa se passa assim: no homem não existe entendimento algum do vero nem vontade alguma do bem, nem mesmo com aqueles que foram da Igreja Antiquíssima. Mas, quando se tornam celestes, parece como se a vontade do bem e o entendimento do vero estivessem neles, mas isto é do SENHOR, só, o que também sabem, reconhecem e percebem. Assim, também, se dá com os anjos. Isso chega a um tal ponto que, aquele que não sabe, não reconhece nem percebe que é assim, não tem absolutamente entendimento algum do vero nem da vontade do bem. Em qualquer homem, como também em qualquer anjo, ainda que sejam os celestíssimos, o seu *proprium* nada é senão o falso e o mal. Pois se sabe que os céus não são puros diante do SENHOR, e todo bem e todo vero procedem do SENHOR, somente. Mas como o homem e o anjo podem ser aperfeiçoados, assim, pela Divina misericórdia do SENHOR, são aperfeiçoados e recebem como que um entendimento do vero e uma vontade do bem; mas que eles os tenham, isto é somente uma aparência. Qualquer homem pode ser aperfeiçoado e, conseqüentemente, receber esse dom pela misericórdia do Senhor, segundo os atos de sua vida e em conformidade com os seus males hereditários implantados pelos pais.

634. Mas é extremamente difícil dizer, de sorte a ser compreendido, o que é o entendimento do vero e a vontade do bem, num sentido próprio, pelo fato de que tudo o que o homem pensa, acredita ser do entendimento, porque, assim, o chama; e, tudo o que ele deseja, acredita ser da vontade, porque, assim, o chama. E, torna-se mais difícil dizer de modo a ser compreendido, porque hoje a maioria também ignora que o intelectual é distinto do voluntário, pois que quando pensam algo, dizem que o querem, e, quando querem algo, dizem que o pensam; assim, também pela razão de chamarem as coisas assim. Além disso, outra causa por que dificilmente se compreende é porque estão nos corpóreos somente, ou, a vida deles

está nos extremos. [2] Por essas causas, ignoram também que exista em cada homem uma espécie de interior, e algo ainda mais interior, e até um íntimo, e que o seu corpóreo e sensual sejam o extremo, as cobiças e as coisas da memória sejam interiores, as afeições e as coisas racionais sejam ainda mais interiores, e a vontade do bem e o entendimento do vero sejam os íntimos. E essas coisas são tão distintas entre si que nada existe de mais distinto. O homem corpóreo, de todas essas coisas, faz uma só e as confunde; a causa disso é que ele acredita que, quando seu corpóreo morre, todas as coisas devem também morrer, quando, todavia, é, então, que ele começa pela primeira vez a viver e, realmente, pelos interiores que sucedem em sua ordem. Se os interiores não fossem assim distintos, e se sucedessem, os homens na outra vida nunca teriam podido ser espíritos, ser espíritos angélicos e ser anjos, que são distintos assim, segundo os interiores. Daí haver três céus distintíssimos entre si. Por essas explicações, pode-se agora ver suficientemente o que é o entendimento do vero e a vontade do bem num sentido próprio, e que só podem ser atribuídos ao homem celeste, ou aos anjos do terceiro céu.

635. Que no fim dos dias da Igreja antediluviana tenha perecido todo entendimento do vero e toda vontade do bem, isto é significado pelas coisas que foram ditas no versículo anterior e neste. Nos antediluvianos que estavam imbuídos de medonhas persuasões e horrendas cobiças, isso se deu a tal ponto que sequer algum vestígio havia. Mas, naqueles que são chamados “Noach”, permaneceram as relíquias, as quais, todavia, não puderam apresentar coisa alguma do entendimento nem da vontade, mas somente o vero racional e o bem natural, pois qual é o homem, tal é a operação das relíquias. Pelas relíquias eles puderam ser regenerados, e as persuasões não impediam nem absorviam a operação do SENHOR pelas relíquias. Radicadas, as persuasões ou princípios do falso impendem toda operação, e, se não forem extirpados, o homem nunca pode ser regenerado. Sobre essas coisas se trata-ra na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor.

636. Que “os destruirei com a terra” signifique que o gênero humano pereceria com a Igreja, vê-se pelo fato de aqui se dizer “com a terra”. Com efeito, a “terra”, num sentido amplo, significa o amor, como foi dito anteriormente, e, assim, a Igreja celeste. Aqui, como não havia amor, nem restasse coisa alguma de celeste, ela significa o amor de si e o que é contrário aos celestes da Igreja. Mas o homem foi da Igreja, porque tinha os doutriniais da fé, pois, como foi dito, a terra é o continente do humos, e o humos é o continente do campo cultivado, assim como o amor é o continente da fé e a fé é o continente das cognições da fé.

637. Que “os destruirei com a terra” signifique que o gênero humano pereceria com a Igreja, o caso se passa assim: se a Igreja do SENHOR fosse inteiramente extinta na terra, o gênero humano não poderia de modo algum existir, mas todos pereceriam com tudo o que existe. Acontece com a Igreja como com o coração, como foi dito anteriormente: enquanto o coração vive, as vísceras adjacentes e os membros podem viver, mas, logo que o coração morre, todas e cada uma das coisas também morrem. A Igreja do SENHOR na terra é como o coração; daí é que o

gênero humano e também aquele que está fora da Igreja têm vida. A causa é inteiramente ignorada por quem quer que seja, mas para que se saiba algo a respeito, acontece com todo o gênero humano numa terra como com o corpo e as suas partes, no qual a Igreja está em lugar do coração. E, se não existisse a Igreja com a qual o SENHOR Se unisse por intermédio do céu e do mundo dos espíritos, como com uma espécie de coração, haveria disjunção; e, com a disjunção entre o SENHOR e o gênero humano este pereceria imediatamente. Essa é a razão pela qual, desde a primeira criação do homem, sempre existiu alguma Igreja. E todas as vezes em que a Igreja começou a perecer, ainda assim permanecia com alguns. [2] Essa foi também a causa do Advento do SENHOR ao mundo; se Ele, pela Sua Divina Misericórdia, não tivesse vindo, todo o gênero humano nesta terra teria perecido, porque, então, a Igreja estava em seus extremos e mal subsistia algum bem e vero. Que o gênero não possa jamais viver a não ser que esteja conjunto ao SENHOR por intermédio do céu e do mundo dos espíritos, a causa é que o homem, considerado em si mesmo, é muito mais vil que os animais; se fosse entregue a si próprio, precipitar-se-ia à sua própria ruína e de todos, pois não deseja outra coisa senão a destruição sua e de todos. A sua ordem era que um amasse ao outro como a si mesmo, mas agora cada um ama a si mais do que aos outros, e, assim, tem ódio aos outros. Os animais brutos, porém, são inteiramente diferentes. Há para eles uma ordem segundo a qual eles vivem; assim, vivem inteiramente segundo a ordem em que estão, enquanto o homem vive inteiramente contra a ordem. Por isso, se o SENHOR não tivesse tido misericórdia dele, e não o conjungisse a Si por meio dos anjos, não teria podido viver um minuto sequer. Isso o homem ignora.

638. *Vers. 14: “Faze para ti uma arca de madeiras de gofer¹⁹; com compartimentos farás a arca, e a betumarás dentro e fora com betume.* Pela “arca” é significado o homem dessa Igreja; pela “madeira de gofer” as suas concupiscências; pelos “compartimentos” são significadas as duas partes do homem, que são da vontade e do entendimento; por “betumá-la por dentro e por fora” é significada a conservação por causa da inundação das cobiças.

639. Que pela “arca” seja significado o homem dessa Igreja, ou da Igreja chamada Noach, pode-se ver muito bem pela sua descrição na seqüência e depois pelo fato de que a Palavra do SENHOR envolve coisas espirituais e celestes, isto é, que a Palavra do SENHOR é espiritual e celeste. Se a arca, com sua betumação, dimensão e construção, bem como o dilúvio, significassem não mais do que está dito na letra, não haveria absolutamente coisa alguma espiritual e celeste, mas somente alguma coisa histórica, que para o gênero humano não seria de uso maior do que o histórico semelhante descrito pelos profanos. Mas, visto que, em toda parte, a Palavra do SENHOR contém e envolve, em seu seio ou seus recessos, coisas

19 “Gofer” (ou *gopher*) é transliteração de nome hebraico que Swedenborg conserva no latim, mas que alguns traduzem como cipreste.

espirituais e celestes, vê-se claramente que pela “arca” e por todas as coisas que são ditas a respeito da arca são significados arcanos ainda não desvendados. [2] É também de modo semelhante em outro lugar, onde se trata da “pequena arca” em que Moisés foi encerrado e que foi posta na vegetação junto à margem do rio, *Êxodo* 2:3. E arcanos ainda mais elevados foram significados pela “arca santa” no deserto, que foi construída segundo a figura mostrada a Moisés no monte Sinai, e que teria sido unicamente uma espécie de ídolo e objeto de um culto idolátrico, se nela todas e cada uma das coisas não tivessem sido representativas do SENHOR e do Seu reino. Semelhantemente, o templo de Salomão, que nunca foi santo por si mesmo, nem por causa do ouro, da prata, do cedro e das pedras ali, mas por cada uma das coisas que por estes eram representadas. É semelhante aqui: se a arca e a sua construção, com cada uma das coisas do culto, não significassem algum arcano da Igreja, a Palavra não seria a Palavra do SENHOR, mas uma espécie de letra morta, como em algum escritor profano. Que a “arca” signifique o homem da Igreja, ou a Igreja que se chamou “Noach”, vê-se daí.

640. Que pela “madeira de gofer” sejam significadas as concupiscências e pelos “compartimentos” as duas partes desse homem, que são a vontade e o entendimento, ninguém ainda o sabe; nem pode alguém saber de que modo essas coisas são significadas, a menos que se diga antes, como foi o caso com aquela Igreja. A Igreja Antiquíssima, como já foi dito muitas vezes, conhecia pelo amor tudo o que fosse da fé, ou, o que é o mesmo, pela vontade do bem teve o entendimento do vero. Mas os seus descendentes foram atraídos pelo hereditário a tal modo que deixassem dominar neles as cobiças que são da vontade, nas quais também imergiram as coisas doutriniais da fé, donde se tornaram nefilins. Como, pois, o SENHOR previu que, se o homem permanecesse de uma tal natureza, pereceria eternamente, foi daí provido pelo SENHOR que o voluntário fosse separado do intelectual, e o homem fosse formado não pela vontade do bem, como era antes, mas que pelo entendimento do vero fosse dotado da caridade, que parece ser uma vontade do bem. Essa nova Igreja, que é chamada “Noach”, tornou-se tal e, assim, foi de uma índole inteiramente diversa da Igreja Antiquíssima.

641. Como esse homem da Igreja devia ser reformado quanto a essa parte do homem que se chama entendimento, antes que pudesse ser reformado quanto à outra que se chama vontade, aqui se descreve de que maneira as coisas que são da vontade eram separadas das que são do entendimento e, por assim dizer, cobertas e reservadas, para que ninguém a tocasse. Porque, se as coisas que são da vontade, isto é, as que são da cobiça, fossem excitadas, ele pereceria; é como se verá na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Essas duas partes, entendimento e vontade são tão distintas no homem que nada há de mais distinto. Isso me foi dado saber também pelo fato de que as coisas intelectuais dos espíritos e anjos influem na parte esquerda da cabeça ou cérebro, mas as voluntárias na direita; é o mesmo quanto à face. Quando os espíritos angélicos influem, é como se auras suavíssimas influíssem com brandura. Mas quando os espíritos maus influem, é como

uma inundação, por assim dizer, na parte esquerda do cérebro com fantasias e persuasões medonhas, e na direita com cobiças. O influxo deles é como se fosse uma inundação de fantasias e de cobiças.

642. Por aí se pode ver o que envolve a descrição dessa primeira arca, que era construída de “madeira gofer”, o que eram os “compartimentos” e, depois, por que devia ser “betuminada com betume por fora e por dentro”, a saber, que a outra parte, que é da vontade seria conservada da inundação, e que somente apareceria a parte que é do entendimento, a qual é descrita no versículo 16 pela “janela”, pela “porta”, e pelos [andares] “ínfimos, segundos e terceiros”. Essas coisas são talvez inacreditáveis, porque ainda não se tinha chegado a idéia alguma e porque não tiveram um tal conceito sobre a Palavra do SENHOR. Mas são, todavia, veríssimas. Mas estes são arcanos mínimos e mais gerais que o homem desconhece; se lhe fossem ditos os mais singulares não compreenderia um deles sequer.

643. Quanto ao que concerne, pois, à significação mesma dos vocábulos, como que “madeiras gofer” signifiquem as concupiscências, e “compartimentos” signifiquem uma e outra parte do homem, pode-se ver pela Palavra. A madeira gofer é uma madeira abundante em enxofre, como o abeto e muitas de seu gênero. Por causa do enxofre, é dito que ela significa as concupiscências, porque facilmente pega fogo. Os antiqüíssimos compararam e assemelharam as coisas que se acham no homem ao ouro, à prata, ao bronze, ao ferro, à pedra e à madeira; seu celeste íntimo ao “ouro”, o celeste inferior ao “bronze”, e o íntimo daí ou corpóreo à “madeira”. Mas o espiritual íntimo compararam e assemelharam à “prata”, o espiritual inferior ao “ferro”, e o ínfimo daí à “pedra”. Quando essas coisas são nomeadas na Palavra, são significadas aquelas no sentido interno, como em *Isaías*:

“Por bronze trarei ouro, e por ferro trarei prata, e, por madeira, bronze, e, por pedras, ferro; e porei por teu censo a paz, e por teus exatores a justiça” (60:17);

aí se trata do reino do SENHOR, onde não há tais metais, mas as coisas celestiais e espirituais, quais coisas são aí significadas. Isso se vê claramente também pelo fato de se dizer “paz e justiça”. Aí, “o ouro, o bronze e a madeira” se correspondem, e significam as coisas celestes ou voluntárias, como foi dito; e “a prata, o ferro e a pedra” se correspondem, e significam as coisas espirituais ou do entendimento. [2] Em *Ezequiel*:

“Serão saqueadas as tuas riquezas, e depredadas as tuas mercadorias; tuas pedras e tua madeira” (26:12);

que “riquezas e mercadorias” não signifiquem riquezas e mercadorias mundanas, mas celestes e espirituais, vê-se claramente. Assim também as pedras e a madeira, onde as “pedras” são as coisas que pertencem ao entendimento, e “madeira” as que são da vontade. Em *Habacuque*:

“A pedra clama da parede, e a trave responde da madeira” (2:11);

a “pedra” é o ínfimo do entendimento, e a “madeira” o ínfimo da vontade,

que responde quando algo é tirado do conhecimento dos sentidos. No mesmo:

“Ai daquele que diz à madeira: Acorda, e à pedra silente: Levanta. Ela ensinará. Eis aqui, gravado com ouro e prata, e nenhum espírito em seu meio. Mas JEHOVAH está no templo de Sua santidade” (2:19 e 20);

aqui, também, “madeira” está em lugar da cobiça, “pedra”, do entendimento ínfimo; por isso a esta é atribuído “estar em silêncio” e “ensinar”. Que “não há espírito em seu meio” significa que nada representa de espiritual e celeste. É como num templo, onde a pedra e a madeira, bem como o ouro e a prata a eles ligados, nada pensam a respeito das coisas que eles representam. [3] Em *Jeremias*:

“Nossas águas por prata bebemos, nossas madeiras vêm por preço” (Lam. 5:4),

onde “águas e prata” significam as coisas que são do entendimento e a “madeira” as que são da vontade. No mesmo:

“...Os que dizem à madeira: Tu és meu pai! E à pedra: Tu nos geraste” (Jer. 2:27);

aí, a “madeira” está em lugar da cobiça, que é da vontade, pela qual há a concepção; e a “pedra” em lugar do conhecimento dos sentidos, pelo qual há a geração. Daí haver, aqui e acolá, nos Profetas, a expressão “servir à madeira e à pedra” em lugar das esculturas de madeira e pedra, pela qual é significado que serviriam às cobiças e às fantasias; também por “cometer adultério com a madeira e a pedra”, como em *Jeremias 3:9*. Em *Oséias*:

“O povo interroga à sua madeira, e o seu cajado lhe indica, porque um espírito de escortação o seduz” (4:12),

em lugar de interrogar a escultura de madeira ou às cobiças. [4] Em *Isaías*:

“Preparada desde ontem, a tophete, sua fogueira de fogo e muita madeira, o sopro de JEHOVAH como um rio de enxofre ardente” (30:33);

aqui, “fogo, enxofre e madeira” estão em lugar das cobiças horrendas. A “madeira” significa em geral as coisas que são os ínfimos da vontade; a “madeira preciosa”, como o cedro e similares, significa os bens, como a madeira de cedro no templo, como a madeira de cedro aplicada na purificação da lepra (*Lev. 14:4,6,7*), e a madeira atirada nas águas amargas em Marah (*Êx. 15:25*), das quais se falará, pela Divina misericórdia do Senhor, nesses lugares. Ao contrário, a “madeira não preciosa” e que se tornava escultura, como a que se usava para fogueira e outras similares, significam as cobiças, como, aqui, a madeira gofer por causa do enxofre. Como em *Isaías*:

“Dia da vingança de JEHOVAH; os seus rios serão convertidos em pez, e o seu pó em enxofre, e a sua terra estará em pez ardente” (34:9);

a “pez” está em lugar das medonhas fantasias, o “enxofre” em lugar das horrendas cobiças.

644. Que pelos compartimentos sejam significadas as duas partes do

homem, que são da vontade e do entendimento, vê-se pelas coisas que foram ditas, ou seja, que essas duas partes, vontades e entendimento, são muito distintas entre si, e isso a um tal ponto que, como foi dito, o cérebro humano é dividido em duas partes, que são chamados hemisférios; ao seu hemisfério esquerdo pertencem as coisas do entendimento, ao seu direito as da vontade. Essa é a distinção mais geral. Além disso, tanto a vontade quanto o entendimento se distinguem em partes inumeráveis, porque há tantas divisões das coisas intelectuais e tantas divisões das coisas voluntárias do homem que nunca podem ser expressas ou enumeradas quanto aos gêneros universais e ainda menos quanto às espécies. O homem é assim como uma espécie de céu muito pequeno que corresponde ao mundo dos espíritos e ao céu, onde todos os gêneros e todas as espécies de coisas de intelectuais e voluntários são, pelo SENHOR, distintos de uma forma tão ordenada que nada há de mais distinto. Sobre isso se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. No céu, essas divisões são chamadas “sociedades”, na Palavra “habitáculos”; e pelo SENHOR, “moradas” [*mansiones*] (*João 14:2*). Mas aqui, “compartimentos”, porque são atribuídos à arca, pela qual é significado o homem da Igreja.

645. Que por “betumá-la por dentro e por fora com betume” signifique a conservação por causa da inundação das cobiças, vê-se pelo que foi dito anteriormente. Com efeito, o homem dessa Igreja era para ser reformado, primeiro, quanto às suas coisas intelectuais; por isso foi conservado da inundação das cobiças, as quais teriam destruído toda a obra da reforma. Na verdade, no texto original não se lê “betumar com betume”, mas emprega-se um vocábulo que quer dizer “proteção”, derivado de expiar ou propiciar, e por isso envolve algo semelhante. A expiação ou propiciação do SENHOR é a proteção contra a inundação do mal.

646. *Vers. 15: “E, assim, a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, cinqüenta côvados a sua largura, e trinta côvados a sua altura”.* Pelos números, aqui como antes, são significadas as relíquias, que eram poucas; o “comprimento” é o seu santo; a “largura” é o vero; e a “altura” é o bem.

647. Que estas expressões tenham uma tal significação, não pode deixar de parecer estranho e muito distante [do sentido da letra], como os números “trezentos, cinqüenta e trinta” significando as relíquias e, mesmo, que eram poucas; e depois que o “comprimento, largura e altura” signifiquem o santo, o vero e o bem. Mas, além das coisas que foram ditas e mostradas acima sobre os números, no versículo 3, deste capítulo, onde “cento e vinte” significa as relíquias da fé, qualquer um pode ver também por isto, que aqueles que estão no sentido interno, como os bons espíritos e anjos, estão fora de todas as coisas que são terrestres, corpóreas e meramente mundanas, e, assim, fora de todas as coisas que são dos números e das medidas. E todavia, o SENHOR lhes concede perceber a Palavra plenamente, e, na verdade, com completa abstração de tais coisas. E como esta é uma verdade, daí se pode ver claramente que elas envolvem coisas celestes e espirituais, e que são tão afastadas do sentido da letra que nem mesmo pode parecer que seja assim, como são todas as coisas celestes e espirituais em todas e cada uma das coisas. Por con-

seguinte, daí o homem pode saber também quão insensato é querer-se explorar as coisas que são da fé a partir dos sentidos e dos conhecimentos, e não crer nelas antes que, assim, as compreenda.

648. Que os números e as medidas na Palavra signifiquem coisas celestes e espirituais, pode-se ver claramente pela medição da Nova Jerusalém e do Templo em *João* e em *Ezequiel*. Cada um pode ver que a “Nova Jerusalém” e o “Templo” significam o reino do SENHOR nos céus e nas terras, e que o reino do SENHOR nos céus e nas terras não está sujeito a medidas terrestres, ainda que sejam designadas em números as dimensões quanto ao comprimento, a largura e altura. Daí qualquer um pode concluir que pelos números e medidas são significadas as coisas santas, como em João:

“Foi-me dada uma cana semelhante a um cajado, e apresentou-se um anjo; disse-me: Levanta-te, e mede o templo de DEUS, e o altar, e os que nele adoram” (Apoc. 11:1).

E sobre a Nova Jerusalém:

“Da Jerusalém celeste, o muro [era] grande e alto, tendo doze portas, e sobre as portas doze anjos, e nomes escritos que são as doze tribos dos filhos de Israel. Do oriente, três portas; do norte, três portas; do sul, três portas; e do poente, três portas. O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles doze nomes dos apóstolos do Cordeiro. O que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e suas portas e seu muro. A cidade estende-se em quadrado, e seu comprimento é tanto quanto também a largura. Mediu pois a cidade com a cana, em estádios, doze mil; seu comprimento, largura e altura eram iguais. Mediu o muro cento e quarenta e quatro côvados, que é a medida de homem, isto é, de anjo” (Apoc. 21:12,17).

[2] Aqui, em toda parte ocorre o número doze, que é um número santíssimo, porque significa as coisas santas da fé, como foi dito acima, no versículo 3 deste capítulo, e será mostrado nos capítulos 29 e 30 de *Gênesis*, pela Divina misericórdia do Senhor. Por isso é acrescentado também que é “medida de homem, isto é, de anjo”. Acontece de modo semelhante com o novo templo e a nova Jerusalém, em *Ezequiel*, os quais são também descritos segundo as medidas, *cap. 11: 3, 5, 7, 9, 11, 13, 14, 22, 25, 30, 36, 42, 47; 41: 1 ao fim; 13:5-15; Zacarias 2:5,6*, onde também os números em si mesmos nada significam, mas o santo celeste e espiritual abstraído dos números. Dá-se semelhantemente com todos os números das dimensões da arca, *Êx. 25:10*; do propiciatório, da mesa de ouro, do habitáculo, do altar, *Êx. 25:17, 23; 26; e 27:1*; e todos os números e dimensões do templo, *I Reis 6:2,3*; além de muitos outros.

649. Aqui, porém, os “números ou medidas da arca” não significam outra coisa senão relíquias que havia com o homem dessa Igreja, quando era reformado, e, mesmo, que essas relíquias eram poucas. É o que se vê pelo fato de que nesses números predomina o “cinco”, que na Palavra significa ‘algum’ ou ‘pouco’,

como em *Isaías*:

“Restarão nela respigos, como no sacudir da oliveira, duas, três bagas no cume do ramo mais alto, quatro, cinco, nos ramos da frutífera” (17:6);

onde “duas, três e cinco” estão em lugar do que é pouco. No mesmo:

“Um mil diante da ameaça de um, diante da ameaça de cinco fugireis, até que fiquéis de resto, como o mastro sobre o cume do monte” (30:17);

onde também se fala de poucos. Também o mínimo da multa paga sobre a restituição, era a “quinta parte” (*Lev. 5:16, 24; 22:14; Núm. 5:7*). E o mínimo do aumento, quando se resgatasse a besta, a casa, o campo e os dízimos, era a “quinta parte” (*Lev. 27:13, 15, 19, 31*).

650. Que com “comprimento” signifique as coisas santas, a “largura” o vero e a altura os bens, que são descritos pelos números, não pode ser tão confirmado pela Palavra, porque são atribuídas a todas e cada uma das coisas do sujeito ou coisa de que se trata. Assim como o “comprimento”: aplicado ao tempo significa o perpétuo e o eterno, como a “longura dos dias” [ou “longos dias”] (*Salmo 23:6; 21:5*); e aplicado ao espaço significa o santo que daí se segue. Assim também acontece com a “largura e altura”. A dimensão trina de todas as coisas é para os terrestres, mas tais dimensões não podem ser atribuídas aos celestes e espirituais. Quando são atribuídas, entende-se, abstratamente da dimensão, uma perfeição maior e menor, e depois, sua qualidade e quantidade, como aqui: a qualidade consiste em que eram relíquias, e a quantidade delas em que eram poucas.

651. *Vers. 16: “Uma janela farás para a arca, e a um côvado a terminarás de cima; e uma porta para a arca no lado dela porás; com ínfimos, segundos e terceiros a farás”.* Pela “janela, que devia ser terminada a um côvado de cima” é significado o entendimento; pela “porta do lado” é significada a audição; pelos “ínfimos, segundos e terceiros” são significadas as coisas do conhecimento, as racionais e as intelectuais.

652. Que a “janela” signifique o entendimento, e a “porta” a audição, e que, assim, neste versículo, se trate da parte intelectual do homem, pode-se ver pelas coisas que foram ditas anteriormente, a saber, que o homem dessa Igreja era reformado assim. Há no homem duas vidas, uma é da vontade e outra é do entendimento. Tornam-se duas vidas, quando a vontade se torna nula e, no lugar da vontade, existem cobiças. A outra parte, a do entendimento, é, então, a que pode ser reformada e, depois, por meio dela, pode existir uma vontade nova, a tal ponto que constituam uma só vida, a saber, caridade e fé. Como então o homem era tal que não tinha nenhuma vontade, mas em lugar dela meras cobiças, essa parte que é da vontade era fechada, como foi dito no versículo 14, e a outra parte, ou do entendimento, era aberta, do que se trata neste versículo.

653. A coisa se passa assim: quando o homem é reformado, o que se faz por meio de lutas e tentações, então, se associam a ele espíritos maus tais que não

Ihe excitam outra coisa senão as do conhecimento e as racionais, e os espíritos que excitam as cobiças são então mantidos inteiramente afastados dele. Pois há dois gêneros de maus espíritos, a saber, os que agem nos raciocínios do homem e os que agem em suas cobiças. Os espíritos maus que excitam os raciocínios do homem extraem todos os seus falsos e tentam persuadi-lo de que os falsos são veros e até mudam os veros em falsos. Contra tais espíritos o homem deve combater, quando está em tentações, mas é o SENHOR, por meio dos anjos que são adjuntos ao homem, Quem combate. Depois de terem sido separados, e os falsos serem como que dissipados, então, o homem está preparado para receber a verdadeira fé, pois os princípios do falso são obstáculos. Quando está assim preparado para que possa receber a verdadeira fé, então, podem ser inseminadas nele, pela primeira vez, as sementes celestes, que são as sementes da caridade. As sementes da caridade não podem jamais ser inseminadas num humos onde os falsos reinam, mas onde reinam os veros. Assim se dá a reforma ou regeneração do homem espiritual; assim também se deu com o homem dessa Igreja que se chamou “Noach”. Daí é que aqui se trata, então, da “janela e porta da arca”, e dos “seus compartimentos ínfimos, segundos e terceiros”, coisas essas que pertencem todas ao homem intelectual ou espiritual.

654. Ora, é conhecido nas Igrejas de hoje que a fé vem pela audição. Mas a fé não é de modo algum o conhecimento [*cognitio*] das coisas que são da fé, ou o conhecimento das coisas em que se deve acreditar. Isso é somente o conhecimento [*scientia*]. Mas a fé é o reconhecimento. O reconhecimento, porém, não pode jamais existir em alguém a não ser que haja ali o principal da fé, que é a caridade, isto é, amor para com o próximo e misericórdia. Quando há caridade, então, há reconhecimento, ou seja, há fé. Quem entende de outra maneira está tão afastado da cognição da fé quanto a terra está afastada ou distante do céu. Quando a caridade, que é a bondade da fé, está presente, então, está presente o reconhecimento que é a verdade da fé. Por isso, quando o homem é regenerado segundo as coisas dos conhecimentos, as coisas racionais e as coisas intelectuais, é para o fim de que seja preparado o humos, ou sua mente, para receber a caridade, da qual, ou por cuja vida, ele então pense e aja. Então, e não antes, ele é reformado e regenerado.

655. Que pela “janela, que devia ser terminada a um côvado de cima” seja significado o intelectual, qualquer um pode ver pelas coisas que ora foram ditas, e, depois, por isso, que o intelectual não pode ser comparado a outra coisa senão a uma janela em cima, quando se trata da construção da arca e pela “arca” é significado o homem da Igreja. Semelhantemente, na Palavra chama-se “janela” o intelectual do homem, quer seja a razão, quer seja o raciocínio, isto é, sua vista interna. Como em *Isaías*:

“Aflita, pelo turbilhão arrojada, não consolada; porei de ágata teus sóis [janelas²⁰], e as tuas portas de pedra de carbúnculo, e todo o teu termo de pedras de desejo” (54:11,12);

aí, em lugar de “janela” há “sóis” por causa da luz que é emitida ou transmitida; “sóis ou janelas” aí são as coisas intelectuais, e isso pela caridade; por isso são assemelhadas à ágata; as “portas” são as coisas racionais daí; e o “termo” é o conhecimento e o sentido. Trata-se aí da Igreja do SENHOR. [2] Todas as “janelas” no templo de Jerusalém representavam a mesma coisa, as “de cima” dentre elas representavam as coisas intelectuais, as “médias” as coisas racionais, e as “ínfimas” os conhecimentos e coisas do sentido, porquanto eram três andares (*I Reis 6:4,6,8*). Semelhantemente se dá com as “janelas” da nova Jerusalém em *Ezequiel 40:16,22,25,33,36*. Em *Jeremias*:

“Subiu a morte em nossas janelas, veio aos nossos palácios, para aniquilular a criança da praça, os jovens das ruas” (9:21);

onde são significadas as janelas médias do compartimento, as quais são as coisas racionais que foram extintas; “criança na praça” é a verdade nascente. [3] Como as “janelas” significam as coisas intelectuais e racionais que pertencem ao vero, significam também os raciocínios que pertencem ao falso. Como no mesmo livro:

“Ai do que edifica a sua casa não em justiça, e seus aposentos não em juízo... o que diz: Edificarei para mim uma casa de dimensões, e aposentos espaçosos; e talha para si janelas, e soalhos de cedro, e pintada de vermelho” (22:13,14);

as “janelas” estão em lugar dos princípios do falso. Em *Sofonias*:

“Deitar-se-ão no meio dela os bandos de bestas, toda fera de sua raça; tanto o pelicano quanto o ouriço [chippod] pernoitarão em suas romanzeiras; uma voz cantará na janela, a assolação no limiar” (2:14);

tratando-se da Assíria e de Nínive; “Assíria” é o entendimento, que aqui está devastado; a “voz que canta na janela” está em lugar dos raciocínios e fantasias.

656. Que pela “porta do lado” seja significada a audição, pode-se ver agora daí, e não é necessário que seja confirmado por expressões semelhantes na Palavra. Com efeito, dá-se com o ouvido em relação aos órgãos sensoriais internos do mesmo modo que uma porta do lado ou uma janela em cima, ou, o que é a mesma coisa, a audição, que pertence ao ouvido, é para o entendimento, que pertence aos sensoriais internos.

657. Que pelos “ínfimos, segundos e terceiros” sejam significadas as

ⁱ Somente em referência à construção da arca, o vocábulo usado no hebraico para “janela” equivale a “luz”, “aquilo que brilha”; daí haver aqui “sóis”. (Nota da *Edição Tertia*).

coisas dos conhecimentos, as racionais e as intelectuais, é o que se segue também daí. Há três graus de coisas intelectuais no homem; o ínfimo deles é o conhecimento, o médio é o racional, o supremo é o intelectual. Esses graus são tão distintos entre si que nunca são confundidos. Mas isso o homem ignora, pois ele põe a vida somente nos conhecimentos e nas coisas dos sentidos. E, quando se apega a isso, nem sequer pode saber que o racional é distinto do conhecimento, e ainda menos do intelectual, quando todavia o caso é que o SENHOR, pelo intelectual no homem influi em seu racional, e pelo racional nos conhecimentos da memória e, daí, na vida dos sentidos, a visão e a audição. Esse é o influxo verdadeiro e essa é a verdadeira interação da alma com o corpo. Sem o influxo de vida do SENHOR nas coisas intelectuais no homem – ou antes, nas coisas voluntárias, e pelas voluntárias nas intelectuais, e pelas intelectuais nas racionais, e pelas racionais nos seus conhecimentos que pertencem à memória – não pode existir vida alguma no homem. E, ainda que o homem esteja nos falsos e males, há, contudo, influxo de vida do SENHOR por meios das coisas voluntárias e intelectuais, mas as coisas que influem são recebidas na parte racional, segundo a sua forma, e fazem que o homem possa raciocinar, possa refletir, possa entender o que é o vero e o bem. Sobre essas coisas se dirá, porém, na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor. Também se dirá como se dá com a vida nos animais.

658. Esses três graus, que em geral se chamam graus das coisas do entendimento no homem, a saber, entendimento, razão e conhecimento [*intellectus, ratio et scientia*], foram também significados, como foi dito, pelas janelas dos três andares do templo de Jerusalém (I Reis 6:4,6,8), como também, anteriormente, pelos rios que saíam do jardim do Éden do oriente, onde o “oriente” significa o SENHOR, “Éden” o amor que é da vontade, “jardim”, a inteligência daí, os “rios” a sabedoria, a razão e o conhecimento; sobre isto, vejam-se as coisas que foram ditas no capítulo 2, vers. 10 a 14.

659. *Vers. 17: “E Eu, eis que Eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para destruir toda carne, em que há espírito de vidas, de sob os céus. Tudo o que há na terra expirará”.* Pelo “dilúvio” é significada a inundação do mal e do falso; “para destruir toda carne, que há espírito de vidas, de sob os céus” significa que toda a posteridade da Igreja Antiquíssima se perderia; “tudo o que há na terra expirará” significa os que eram daquela Igreja e se tinham chegado a uma tal condição.

660. Que pelo “dilúvio” seja significada a inundação do mal e do falso, vê-se pelas coisas que foram ditas anteriormente sobre a descendência das Igreja Antiquíssima, que foram possuídos por horrendas cobiças e nelas imergiram os doutriniais da fé; daí lhes vieram as persuasões do falso, que extinguíam todo vero e bem e, ao mesmo tempo, bloqueavam o caminho para que as relíquias não pudessem operar; daí não podiam outra coisa, senão se perderem. Quando o caminho das relíquias está bloqueado, o homem não é mais homem, porque não pode mais ser protegido pelos anjos, mas é inteiramente possuído pelos maus espíritos, que não

procuram nem desejam outra coisa senão extinguir o homem. Daí houve a morte dos antediluvianos, a qual é descrita pelo “dilúvio” ou uma total inundação. O influxo das fantasias e das cobiças dos maus espíritos também não é diferente de uma espécie de dilúvio; por isso, também, na Palavra, aqui e acolá, isto se chama “dilúvio” ou inundação, o que será visto, pela Divina misericórdia do Senhor, nos preliminares do capítulo seguinte.

661. *“Para destruir toda a carne, em que há espírito de vidas, de sob os céus”*. Que isso signifique que se perderia toda a descendência da Igreja Antiquíssima, vê-se daí e também da descrição deles, dada anteriormente, ou seja, que tinham recebido sucessivamente dos pais, pelo hereditário, um gênio tal que se imbuíram mais do que outros em persuasões medonhas. E, assim, se tornaram, principalmente, porque tinham introduzido em suas cobiças os doutriniais da fé que tinham consigo. Coisa diferente ocorre com aqueles que não têm nenhum doutrinial da fé, mas vivem inteiramente na ignorância. Esses não podem fazer assim, não podem profanar assim as coisas santas e dessa maneira bloquear o caminho das relíquias, nem, conseqüentemente, repelir para longe de si os anjos do SENHOR. [2] As relíquias, como foi dito, são todas as coisas da inocência, todas as coisas da caridade, todas as coisas da misericórdia e todas as coisas da verdade da fé que o homem desde a infância recebeu e aprendeu do SENHOR. Todas e cada uma delas são encerradas. Se o homem não as tivesse, nunca poderia haver coisa alguma da inocência, da caridade e da misericórdia em seu pensamento e em suas ações, pelo que não haveria coisa alguma de bem e de vero; daí ele seria pior do que as bestas ferozes. Aconteceria de modo semelhante se ele tivesse tais relíquias, mas que, por horrendas cobiças e medonhas persuasões do falso, tivesse fechado o caminho de modo que elas não pudessem operar. Foram esse antediluvianos que a si mesmo se perderam que foram entendidos por “toda a carne em que há espírito de vidas, de sob os céus”. [3] A “carne” significa, como foi mostrado antes, todo o homem em geral e o homem corpóreo em particular; “espírito de vidas” é toda vida em geral, mas propriamente a vida daqueles que tinham sido regenerados, assim, aqui, a posteridade da Igreja Antiquíssima, se bem que não restasse nela nenhuma vida da fé. Mas, porque tinham recebido dos pais alguma semente que, assim, sufocaram, aqui é chamada “espírito de vidas” ou “em cujo nariz havia o fôlego do espírito de vidas”, como no capítulo seguinte, versículo 22. “Carne de sob os céus” significa meramente o corpóreo; “do céu” são as coisas do entendimento do vero e as da vontade do bem, as quais, quando são separadas do corpóreo, o homem não pode mais viver. O que sustém o homem é a sua conjunção com o céu, isto é, com o SENHOR por meio do céu.

662. *“Tudo o que há na terra expirará”*. Significa aqueles que eram dessa Igreja e se tornaram tais. Que a “terra” não significa toda a orbe terrestre, mas somente aqueles que foram da Igreja, foi mostrado antes. Assim, aqui não se entende jamais algum dilúvio, ainda menos um dilúvio universal, mas a expiração ou sufocação dos que existiram ali, quando se separaram das relíquias, assim das

coisas do entendimento do vero e da vontade do bem, conseqüentemente, dos céus. Que a “terra” signifique a região onde havia a Igreja, e, assim, aqueles que existiam ali, sejam estas passagens por confirmação, além de outras que antes foram referidas da Palavra. Em *Jeremias*:

“Assim disse JEHOVAH: *Desolada será toda a terra, e consumação não farei; por causa disso pranteará a terra, e se enegrecerão os céus em cima*” (4:27,28);

aí, a “terra” está em lugar dos que habitam onde está a Igreja, que foi devastada. Em *Isaías*:

“*Abalarei o céu, e sacudida será a terra de seu lugar*” (13:13);

a “terra” está em lugar do homem que vai ser devastado onde há a Igreja. Em *Jeremias*:

“*Haverá traspassados de JEHOVAH naquele dia, desde uma extremidade da terra até à outra extremidade da terra*” (25:33),

onde a “extremidade da terra” não significa todo o globo terráqueo, mas somente a região onde havia a Igreja e, por conseguinte, homens que eram da Igreja. No mesmo:

“*A espada eu chamo a espada sobre todos os habitantes da terra; veio o tumulto até à extremidade da terra, porque o pleito de JEHOVAH é contra as nações*” (25:29,31),

onde, também, não se entende todo o mundo, mas somente a região onde havia a Igreja e, assim, os seus habitantes ou o homem da Igreja; as “nações” aí estão em lugar dos falsos. Em *Isaías*:

“*Eis JEHOVAH, que sai de seu lugar para visitar a iniquidade dos habitantes da terra*” (26:21);

semelhantemente. No mesmo:

“*Ou não ouvistes? Ou não vos foi anunciado desde o início? Ou não entendes os fundamentos da terra?*” (40:21).

No mesmo:

“*JEHOVAH que cria os céus, Ele é DEUS que forma a terra e que a faz, Ele mesmo que a estabelece*” (45:18);

a “terra” está em lugar do homem da Igreja. Em *Zacarias*:

“*O dito de JEHOVAH que estende os céus, que funda a terra, e que forma o espírito do homem no seu meio*” (12:1);

a “terra” está claramente em lugar do homem da Igreja. “Terra” se distingue de “humor” assim como o homem da Igreja se distingue da Igreja mesma, ou como o amor e a fé.

663. Vers. 18: “*E estabelecerei Minha aliança contigo; e entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua esposa, e as esposas de teus filhos contigo*”. “Estabele-

cer aliança” significa que seria regenerado; “que ele entrasse na arca, e os seus filhos, e as esposas de seus filhos” significa que seria salvo; os “filhos” são os veros, as “esposas” são os bens.

664. No versículo precedente tratou-se daqueles que se perderiam; aqui, porém, trata-se dos que deviam ser regenerados e, assim, seriam salvos, os quais são chamados “Noach”.

665. Que “estabelecer aliança” signifique que seria regenerado, pode-se ver claramente pelo fato de que nenhuma aliança pode instalar-se entre o SENHOR e o homem a não ser a conjunção pelo amor e a fé. Assim, “aliança” significa conjunção. Com efeito, é o casamento celeste que é a aliança mesma. O casamento celeste ou a conjunção não pode existir senão nos que são regenerados; assim, no sentido mais lato, é a própria regeneração que é significada pela aliança. O SENHOR “entra em aliança com o homem”, quando o regenera. Por isso, a aliança com os antigos não representava outra coisa. Pelo sentido da letra não se compreende outra coisa senão que a aliança com Abraão, Isaque e Jacob, e tantas vezes ajustadas com os descendentes deles, se refere a eles mesmos. Mas eles foram tais que não puderam ser regenerados, pois punham o culto somente nos externos e tinham como santas as coisas externas, sem que as internas lhes fossem adjuntas. Por isso, as alianças ajustadas com eles não eram outra coisa senão representações da regeneração, assim como todos os ritos e, assim, como os próprios Abraão, Isaque e Jacob, que representavam as coisas que são do amor e da fé. E, mesmo os pontífices e sacerdotes, quaisquer que fossem, mesmo os que celerados, por semelhante modo puderam representar o sacerdócio celeste e santíssimo. Nas representações, nada se aplica à pessoa, mas à coisa que é representada. Assim, todos os reis de Israel e de Judá, mesmo os que eram péssimos, representavam a realeza do SENHOR. Até mesmo o Faraó que exaltou José sobre a terra do Egito. Por esses e por muitos outros exemplos – sobre os quais se falará na seqüência, pela Divina misericórdia do Senhor, pode-se ver que as alianças tantas vezes estabelecidas com os filhos de Jacob não eram outra coisa senão rituais que tinham uma representação.

666. Que “aliança” não signifique outra coisa senão a regeneração e as coisas que são da regeneração, pode-se ver em várias passagens da Palavra, onde o próprio SENHOR é chamado “Aliança”, pois que Ele é o único que regenera e a Quem o homem regenerado visa, e é Tudo em todas as coisas do amor e da fé. Que o SENHOR seja Ele mesmo a Aliança, vê-se em Isaías:

“Eu, JEHOVAH, chamei-Te em justiça, e Te tomo pela Tua mão, e Te guardo, e Te darei por Aliança do povo, por luz das nações” (42:6),

onde “aliança” está em lugar do SENHOR; “luz das nações” é a fé. É semelhante ao capítulo 49;6,8. Em *Malaquias*:

“Eis que Eu envio o Meu anjo, e de súbito virá ao Seu templo o SENHOR, a Quem vós buscais, e o Anjo da aliança, a quem vós desejais. Eis que vem. Quem suportará o dia do Advento Seu?” (3:1,2);

onde o SENHOR é chamado “Anjo da aliança”. O Sábado é chamado “aliança eterna” em *Êxodo* 31:16, porque significa o SENHOR mesmo e o homem celeste regenerado por ele. [2] Como SENHOR mesmo é a Aliança, vê-se que a aliança é tudo o que conjunge o homem ao SENHOR, e, assim, o amor e a fé, bem como as coisas que são do amor e da fé, porquanto elas são do SENHOR e nelas o SENHOR está; assim, a própria aliança está naqueles que a recebem. Essas coisas só existem com o regenerado, em quem tudo o que pertence ao Regenerador ou o SENHOR, pertence à aliança ou é a aliança. Como em *Isaías*:

“A misericórdia minha de ti não se afastará, e a aliança de Minha paz não se apartará” (54:10);

onde a “misericórdia e a aliança de paz” são o SENHOR e as coisas que pertencem ao SENHOR. No mesmo:

“Inclinai o vosso ouvido e vinde a Mim, ouvi e viva [a vossa alma]; e firmarei convosco uma aliança de eternidade, as misericórdias firmes de David. Eis que o dei por testemunha do povo, por chefe e legislador do povo (55:3,4);

onde “David” está em lugar do SENHOR; “aliança de eternidade” nas coisas e pelas coisas que são do SENHOR, as quais são entendidas por “ir a Ele” e “ouvir para que viva a alma”. [3] Em *Jeremias*:

“Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que Me tenham todos os dias, para seu bem e de seus filhos depois deles. E tratarei com eles uma aliança de eternidade [saeculi], que não Me afaste de após eles, para lhes fazer bem. E Meu temor porei no coração deles” (32:39,40),

em lugar dos que devem ser regenerados e, depois, das coisas que estão no regenerado, as quais são “um só coração, e um só caminho”, isto é, caridade e fé, que são do SENHOR, e, assim, da aliança. No mesmo:

“Eis, dias vêm, dito de JEHOVAH, e firmarei com a casa de Israel, e com a casa de Judá uma aliança de paz. Não como a aliança que firmei com os pais deles, porque eles tornaram nula a Minha aliança; mas esta é a aliança, que farei com a casa de Israel depois daqueles dias: porei a Minha lei no meio deles, e sobre o coração deles a inscreverei, e lhes serei por DEUS, e eles Me serão por povo” (31:31,33);

aqui se explica claramente o que é a “aliança”, ou seja, que é o amor e a fé no SENHOR, os quais estão no regenerado. [4] No mesmo livro, o amor se chama “aliança do dia” e a fé “aliança da noite” (33:20). Em *Ezequiel*:

“Eu, JEHOVAH, lhes serei por DEUS, e Meu servo David será por príncipe no meio deles, e tratarei com eles uma aliança de paz, e farei cessar a fera má da terra, e habitarão confiantemente no deserto, e dormirão nas selvas” (34:24,25);

aí se trata claramente da regeneração. “David” está em lugar do SENHOR. No mesmo:

“David, príncipe deles pela eternidade... tratarei com eles uma aliança de paz, aliança de eternidade haverá com eles; porei o Meu santuário no meio deles pela eternidade” (37:25,26),

onde semelhantemente se trata da regeneração. “David” e “santuário” estão em lugar do SENHOR. No mesmo:

“Entrei em aliança contigo, e foste para Mim; e te lavei nas águas, e te limpei [ablui] os sangues teus de sobre ti, e te ungi com óleo” (16:8,9),

onde claramente se trata da regeneração. Em Oséias:

“Firmarei por eles uma aliança naquele dia, com a fera do campo e com a ave dos céu, e o réptil da terra” (2:18),

em lugar da regeneração; “fera do campo” está em lugar das coisas que são da vontade; “ave dos céus”, as coisas que são do entendimento. Em David:

“Redenção enviou ao Seu povo, ordenou para sempre a Sua aliança” (Salmo 111:9),

expressões que estão em lugar da regeneração. Diz-se “aliança” porque ela é dada e recebida. [5] Os que, porém, não foram regenerados, ou, o que é mesma coisa, os que põem o culto nos externos e que estimam e honram como deuses a si próprios e as coisas que cobiçam e pensam, e se separaram do SENHOR, diz-se deles que “tornam nula a aliança”, como em Jeremias:

“Abandonaram a aliança de JEHOVAH seu DEUS, e se curvaram a outros deuses, e os serviram”(22:9).

Em Moisés:

“Os que transgredissem a aliança servindo a outros deuses, ao sol, à lua e aos exércitos dos céus, fossem apedrejados” (Deut. 17:2 et seq.);

o “sol” está em lugar do amor de si, a “lua” está em lugar dos princípios do falso; o “exército dos céus em lugar dos falsos mesmos. Daí se vê agora o que é a “arca da aliança” na qual estava o testemunho ou a aliança, que é o SENHOR mesmo (Êx. 24:4,7; 34:27; Deut. 4:13, 23); o que é o “sangue da aliança” que é o SENHOR mesmo (Êx. 24,6,8), que é, somente Ele, o Regenerador. Daí “aliança” é a própria regeneração.

667. Que “ele entraria na arca, e seus filhos, e sua esposa, e as esposas de seus filhos” signifique que seria salvo, vê-se pelas coisas que anteriormente foram ditas e pelas que se seguem, que ele foi salvo, porque foi regenerado.

668. Que os “filhos” sejam os veros e as “esposas” sejam os bens, também foi mostrado antes, no capítulo 5, versículo 4, onde se dizem “filhos e filhas”, mas aqui “filhos e esposas”, porque “esposas” são esses bens que foram adjuntos aos veros. Porquanto nenhum vero pode jamais ser produzido, se não tiver seu bem

ou prazer de onde proceda. No bem e no prazer está a vida, mas não no vero, a não ser a que ele tira do bem e do prazer. Daí o vero é formado e germinado. Semelhantemente, acontece com a fé que é do vero, procedente do amor que é do bem. Acontece com o vero como acontece com a luz: se não procede do sol ou de uma flama, a luz não existe; a luz é formada daí. O vero é apenas uma forma do bem, e a fé é somente uma forma do amor. O vero é daí formado, segundo a qualidade do bem, e a fé segundo a qualidade do amor ou da caridade. Essa é, então, a causa por que são nomeadas “esposa e esposas”, que significam os bens adjuntos aos veros. Daí é que se diz, no versículo seguinte, que “dois, de todas [as espécies] entrariam na arca, macho e fêmea”, pois sem a adjunção do bem não há regeneração.

669. Vers. 19: *“E de todo vivente, de toda carne, pares de todos, farás entrar na arca para serem vivificados contigo; macho e fêmea serão”*. Pela “alma vivente” são significadas as coisas que são do entendimento; por “toda carne”, as que são da vontade; “pares de todos farás entrar na arca” significa a regeneração deles; “macho” é o vero, “fêmea” é o bem.

670. Que pela “alma vivente” sejam significadas as coisas que são do entendimento, e por “toda carne” as que são da vontade, pode-se ver pelas coisas que foram ditas anteriormente, e, depois, pelas que se seguem. Pela “alma vivente”, na Palavra, é significado todo animal em geral, qualquer que seja, como no capítulo 1, versículos 20, 21 e 24; e no capítulo 2, versículo 19. Aqui, porém, porque imediatamente se lhe acrescenta “de toda carne”, são significadas as coisas que são do entendimento, pela razão de que se falou antes, a saber, que o homem dessa Igreja seria regenerado primeiro quanto às coisas intelectuais. Por isso, também, no versículo seguinte se nomeia primeiro a “ave”, que significa as coisas do entendimento ou racionais, e, a seguir, trata-se das “bestas”, que são as coisas da vontade. A “carne” significa em particular o corpóreo que pertence à vontade.

671. Que “pares de todos farás entrar na arca para serem vivificados” signifique a regeneração deles, pode-se ver pelas coisas que foram ditas no versículo precedente, isto é, que os veros não podem ser regenerados a não ser pelo bem e pelo prazer, e as coisas que são da fé não o podem a não ser pelas coisas que são da caridade. Por isso se diz aqui “pares de todos entrariam”, tanto o que procede dos veros que são do entendimento quanto o que procede dos bens que são da vontade. No homem não regenerado não existe entendimento do vero nem vontade do bem, mas apenas parece como se existissem; são até chamados assim na linguagem comum. Pode, contudo, haver veros racionais e dos conhecimentos, mas não são vivos; são semelhantes aos que há com os gentios. Até os há nos animais, mas são apenas análogos. No homem, tais coisas não são vivas antes de ele ter sido regenerado e, assim, elas terem sido vivificadas pelo SENHOR. Na outra vida, percebe-se clarissimamente o que é vivo e o que não é vivo. O vero que não é vivo é imediatamente percebido como alguma coisa material filamentososa e fechada; o bem que não é vivo como alguma coisa lenhosa, óssea e petrificada. Mas o vero e o bem que é vivificado pelo SENHOR é aberto, vital, cheio do espiritual e celeste, sempre evi-

denciado pelo SENHOR, e isso em cada idéia e em cada ação, e mesmo nos mínimos de uma e outra. Por essa razão é que agora se disse que “pares entrassem na arca para serem vivificados”.

672. Que o “macho” seja o vero e a “fêmea” o bem, foi dito e mostrado antes. Em cada mínima parte do ser humano existe o equivalente a uma espécie de casamento. Tudo o que é do entendimento é assim ligado a alguma coisa de sua vontade; sem essa ligação ou casamento, nada é produzido.

673. Vers. 20: “*Da ave, segundo a sua espécie, e da besta, segundo a sua espécie, de todo réptil do humo segundo a sua espécie, pares de todos entrarão para ti, para serem vivificados*”. A “ave” significa as coisas do entendimento; as “bestas”, as coisas da vontade; “o réptil do humo” significa umas e outras, mas as ínfimas; “pares de todos entrarão para serem vivificados” significa, como antes, a regeneração destes.

674. Que a “ave” significa as coisas intelectuais ou racionais, foi mostrado antes, n.º. 40; e também que a “besta” signifique as coisas da vontade ou as afeições, nos. 45, 46, 142, 143 e 246. Que o “réptil do humo” signifique tanto um como outro, mas o ínfimo, qualquer um pode ver pelo fato de que o que “rasteja no humo” é o ínfimo. Que “pares de todos entrarão para serem vivificados” signifique a regeneração destes, foi dito no versículo precedente.

675. Quanto ao que se diz, “a ave segundo a sua espécie, a besta segundo a sua espécie, e o réptil segundo a sua espécie”, cumpre saber que, em cada homem, há inúmeros gêneros de coisas do entendimento e da vontade, e, ainda mais, inumeráveis espécies, as quais são distintíssimas entre si, ainda que o homem o ignore. Mas, na regeneração o SENHOR extrai todas e cada uma dessas coisas em sua ordem, e as separa e dispõe, para que possam ser dirigidas para os veros e bens e conjungidos a eles; isso se faz com variedade segundo os estados, os quais são também inumeráveis. Todas essas coisas não podem jamais tornar-se perfeitas, mesmo na eternidade, visto que cada um dos gêneros, cada uma das espécies e cada um dos estados compreende o indefinido no simples, e ainda mais no composto. O homem sequer sabe o que é isto, e ainda menos pode saber de que modo é regenerado. É isso o que o SENHOR disse a Nicodemos sobre a regeneração do homem:

“O vento [spiritus] sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem ou para onde vai; assim é todo aquele que é gerado pelo espírito” (João 3:8).

676. Vers. 21: “*E tu, toma para ti de toda comida que se come, e ajunta para ti, e será para ti e para eles por comida*”. “Que tomasse para si de toda comida que se come” significa o bem e o prazer; “que ajuntasse para si” significa os veros; que “fosse para ele e para eles por comida” significa uma e outra coisa.

677. No que concerne à comida para o homem que está sendo regenerado, a coisa se passa assim: antes que o homem possa ser regenerado, ele deve ser

provido de todas as coisas que podem servir como meios – de bens e prazeres das afeições para as coisas da vontade, de veros provenientes da Palavra do SENHOR, e, também, de confirmações tiradas de outra parte, para as coisas do entendimento. Antes que o homem possa ser assim provido, não pode ser regenerado. Essas coisas são a “comida”. Essa é a razão por que o homem só pode ser regenerado quando chega à idade adulta. Mas para cada homem há comidas peculiares e, por assim dizer, próprias para ele, as quais lhe são providas pelo SENHOR, antes que seja regenerado.

678. Que “tomasse para si de toda comida que se come” signifique os bens e os prazeres, pode-se ver pelas coisas que foram ditas, a saber, que os bens e os prazeres, e não tanto os veros, constituem a vida do homem, pois os veros recebem a sua vida dos bens e dos prazeres. Todo conhecimento e todo racional do homem, da infância até à velhice, não lhe podem ser insinuados a não ser por meio do bem e do prazer. E, como é por essas coisas que sua alma vive e é sustentada, por isso são chamadas “comida” e são de fato comida, pois sem elas a alma do homem não pode jamais viver. Isso é o que qualquer um pode saber se somente quiser observar.

679. Que “ajuntar para si” signifique os veros, vê-se daí, pois sobre eles se atribui “ajuntar”, os quais estão na memória do homem, onde foram recolhidos. E além disso, está implícito que estes e aqueles, ou seja, os veros e bens, são ajuntados no homem antes de ele ser regenerado. Com efeito, sem os veros e os bens recolhidos, pelos quais o SENHOR opere como por meios, o homem não pode jamais ser regenerado, como foi dito. Daí se segue, agora, porque “seria para ele e para eles por comida” significa uns e outros.

680. Que os bens e veros sejam a genuína comida do homem, qualquer um pode ver. Com efeito, o que é destituído desses não tem vida, mas é morto. A comida de que sua alma se nutre, quando é morto, são os prazeres do mal e os deleites dos falsos, os quais são a comida da morte; e, também, se nutre das coisas corpóreas, mundanas e naturais, que não têm vida alguma em si. Ademais, um tal homem nem sabe o que é a comida espiritual e celeste; tanto é que, todas as vezes em que se nomeia “comida” ou “pão” na Palavra, pensa que alguma comida corpórea é significada. Assim como na Oração do SENHOR: “Dá-nos o pão de cada dia” pensa somente que é o alimento do corpo. E os que estendem as idéias para além daí, dizem ser também as outras coisas necessárias para o corpo, tal como as vestes, os meios de subsistência e coisas semelhantes. E mesmo disputam energicamente que nenhuma outra comida é entendida, quando, todavia, podem ver claramente que as coisas precedentes e as seguintes envolvem somente as coisas celestes e espirituais e tratam do reino do SENHOR; e podem também saber que a Palavra do SENHOR é celeste e espiritual. [2] por aí e por outras coisas semelhantes pode-se ver muito bem o quanto o homem de hoje é corpóreo, e que, como os judeus, nada quer compreender do que se diz na Palavra senão no sentido material e mais grosseiro. O SENHOR mesmo ensinou claramente o que é significado em Sua Palavra

pela “comida” e pelo “pão”, dos quais assim se diz em João:

“JESUS disse: Trabalhai pela comida, não a que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dá” (6:27);

a respeito do pão, no mesmo:

“Vossos pais comeram maná no deserto, e morreram. Este é o pão que do céu desceu, para que aquele que dele comer não morra. Eu sou o Pão vivo que desce do céu, se alguém comer deste pão, viverá eternamente” (6:49,51, 58);

mas hoje há pessoas semelhantes àquelas que, ouvindo essas palavras, disseram:

“Duro é este discurso; quem o pode ouvir? E tornaram atrás e já não andavam com Ele” (vers. 60, 66);

a estes o SENHOR disse:

“As palavras que Eu vos falo são espírito e são vida” (Ibid. vers. 63).

[3] Acontece semelhantemente a respeito da “água”, que significa as coisas espirituais da fé, da qual o SENHOR assim disse em João:

“JESUS disse: Todo aquele que bebe dessa água, terá sede de novo; mas aquele que beber da água que Eu lhe der, não terá sede eternamente; mas a água que Eu lhe der, se tornará nele uma fonte de águas que jorra para a vida eterna” (4:13,14);

mas hoje há aqueles, como a mulher com quem o SENHOR falava na fonte, que respondem:

“SENHOR, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem venha aqui para tirá-la”. (Ibidem, vers. 15).

[4] Que a “comida” na Palavra não signifique outra coisa que a comida espiritual e celeste, que é a fé no SENHOR e o amor, vê-se por muitas passagens na Palavra, como em *Jeremias*:

“A sua mão o inimigo estendeu sobre todas as coisas desejáveis de Jerusalém, porque viu que as nações vieram ao seu santuário, a cujo respeito ordenaste: Não virão na congregação contigo; todo o povo está gemendo, buscando pão; deram suas coisas desejáveis por comida, para restaurarem a alma” (Lam. 1:10, 11).

Onde não se entende nenhum outro pão ou comida senão o que é espiritual, pois que se trata do santuário. No mesmo:

“Clamei aos amantes meus, eles me enganaram; meus sacerdotes e meus anciãos na cidade expiraram, porque buscavam comida para si, e para restaurarem a sua alma” (1:19);

semelhantemente. Em Davi:

“todos eles te esperam, para dar sua comida em seu tempo; dá-lhes, eles a recolhem; abres a tua mão, enchem-se de bens” (Salmo 104:27,28);

em lugar, semelhantemente, da comida espiritual e celeste.

[5] Em Isaías:

“Todos os que tendes sede, ide às águas; e vós que não tendes prata, ide, comprai e comei; e ide, comprai, sem prata e sem preço, vinho e leite” (55:1);
onde o “vinho” e o “leite” estão em lugar da bebida espiritual e celeste. No

mesmo:

“Uma virgem conceberá e parirá um filho; e chamarás o Seu nome Immanuel; manteiga e mel comerá, para que saiba reprovar o mal e escolher o bem. Sucederá, por causa da abundância em produzir leite, comer-se-á manteiga, pois manteiga e mel comerá todo o remanescente no meio da terra” (7:14,15,22);

aí, “comer mel e manteiga” é o celeste espiritual; “restante” está em lugar das relíquias, das quais se fala também *Malaquias*:

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja comida em Minha casa” (3:10);

os “dízimos” estão em lugar das relíquias; sobre a significação de “comida”, vide outras coisas, nos números 56 a 58 e 276.

681. Na outra vida, pode-se saber muito bem o que é a comida celeste e espiritual. A vida dos anjos e espíritos não se sustenta por alguma comida como no mundo, mas “de toda palavra que sai da boca do SENHOR”, como o SENHOR mesmo o ensina, em Mateus 4:4. Eis o que acontece: o SENHOR, só, é a vida de todos; d’Ele procedem todas e cada uma das coisas que os anjos e espíritos pensam, falam e fazem, e não somente as que o são pelos anjos e bons espíritos, mas também as que o são pelos espíritos maus. Que esses falem e façam o mal, é porque recebem e pervertem todas as coisas boas e verdadeiras que são do SENHOR. Qual é a forma do recipiente, tal é a recepção e a afeição. Pode-se comparar isso aos vários objetos que recebem a luz do sol e, de acordo com a forma, a disposição e determinação das partes, mudam a luz recebida em cores desagradáveis e feias, enquanto outros objetos mudam a luz em cores agradáveis e belas. Assim é que todo o céu e todo o mundo dos espíritos vivem de tudo o que procede da boca do SENHOR, e daí é que cada um tem a sua vida. De fato, não somente o céu e o mundo dos espíritos, mas também todo o gênero humano. Sei que não se há de crer que seja assim, mas, pela experiência contínua de vários anos, posso asseverar que é inteiramente verdadeiro. Os maus espíritos no mundo dos espíritos não querem acreditar que é assim; por isso, muitas vezes isto lhes foi demonstrado ao vivo, a ponto de que, com indignação, foram forçados a confessar que a coisa se passa assim. Se os anjos, os espíritos e os homens fossem privados dessa comida, num instante expirariam.

682. Vers. 22: *“E fez Noach segundo tudo o que lhe mandou DEUS, assim o fez”*. Que “Noach tenha feito segundo tudo o que lhe mandou DEUS” significa que assim se fez. Aqui se diz “fez” duas vezes, envolvendo um e outra coisas [o bem e a verdade].

683. Que o vocábulo “fez”, dito duas vezes, signifique as duas coisas; cumpre saber que na Palavra, principalmente nos profetas, uma única coisa é descrita duplamente, como em *Isaías*:

“Passou em paz, o caminho com seus pés não percorreu. Quem operou e fez?” (41:3,4),

onde, todavia, um se refere ao bem e o outro ao vero, ou um às coisas que são da vontade e o outro às que são do entendimento. Assim, “passar em paz” envolve as coisas que são da vontade; “não percorrer o caminho com seus pés”, as que são do entendimento. Dá-se de modo semelhante com “operar” e “fazer”. Assim estão conjugadas na Palavra as coisas que são da vontade e do entendimento, ou as que são do amor e da fé, ou ainda, as coisas celestes e as espirituais, de sorte que em cada uma dessas coisas há o equivalente a um casamento, e eles se referem ao casamento celeste. Aqui é semelhante, quando um vocábulo é repetido.

Das Sociedade que Constituem o Céu

684. Há três céus: o primeiro, onde estão os bons espíritos; o segundo, onde estão os espíritos angélicos; e o terceiro, onde estão os anjos. E cada um é mais interior e mais puro do que outro, e, assim, são muitos distintos entre si. O primeiro céu, tanto quanto o segundo e o terceiro, é distinto em inúmeras sociedades, e cada sociedade consiste de muitos, os quais, por sua harmonia e unanimidade, constituem como se uma única pessoa, e todas as sociedades juntas como um único homem. As sociedades são distintas entre si segundo as diferenças de amor mútuo e de fé no SENHOR. Essas diferenças são tão inumeráveis que nem mesmo os gêneros mais universais podem ser contados. Não existe a mínima diferença que não seja disposta numa ordem muito exata, de modo que concorra, com a máxima unanimidade, para a unidade geral, e para que a unidade geral concorra para a unanimidade das partes e, daí, para a felicidade de cada um e de todos. Daí, cada anjo e cada sociedade é uma imagem de todo o céu e como se fosse um pequeno céu.

685. As consociações são admiráveis na outra vida. Elas são, comparativamente, como as afinidades nas terras, a saber, que se reconhecem como pais, filhos, irmãos, consangüíneos e afins. O amor é segundo essas diferenças e as diferenças são em número indefinido. As percepções comunicativas são tão refinadas que não podem ser descritas. Não se leva absolutamente em conta o relacionamento de pais, filhos e consangüíneos afins na terra, nem pessoa alguma, qualquer que tenha sido, quanto às dignidades, às riquezas e coisas semelhantes, mas somente quanto às diferenças de amor mútuo e de fé, das quais cada um recebe do

Senhor a faculdade de ser receptáculo, quando viveu no mundo.

686. É a misericórdia do Senhor, isto é, o amor para com todo o céu e todo o gênero humano, assim o Senhor, só, Quem determina todas e cada uma das sociedades. Essa Misericórdia é que produz o amor conjugal e daí o amor dos pais para com os filhos, amores esses que são os fundamentais e principais. Daí procedem todos os amores restantes, com uma variedade indefinida, que são ordenados em sociedades de uma forma muito distinta.

687. Como assim é o céu, nenhum anjo ou espírito pode ter alguma vida a não ser que esteja em alguma sociedade e, assim, em harmonia com as outras. Não existe sociedade que não esteja em harmonia com as outras, pois não existe vida alguma que seja dissociada da vida dos outros. E ainda mais, nenhum anjo ou espírito ou sociedade pode ter vida alguma, isto é, ser afetado pelo bem, querer, ser afetado pelo vero, pensar, a não ser que haja conjunção sua, por meio dos outros de sua sociedade, com o céu e com o mundo dos espíritos. Dá-se de modo semelhante com o gênero humano: o homem, qualquer e quem quer que seja, não pode viver, isto é, ser afetado pelo bem, querer, ser afetado pelo vero, pensar, a não ser que esteja igualmente conjunto com o céu por meio dos anjos presentes com ele, e com o mundo dos espíritos, e mesmo com os infernos, por meio dos espíritos que com ele estão. [2] Porque cada um, enquanto vive no corpo, está em alguma sociedade de espíritos e anjos, embora o ignore completamente. E se não estivesse conjunto ao céu e ao mundo dos espíritos, por meio da sociedade em que se encontra, não poderia viver um instante sequer. É como acontece no corpo humano: a parte que não estiver conjunta às demais por meio de fibras e vasos, e, assim, pelas relações das funções, não é parte do corpo, mas é logo dissociada e rejeitada como não tendo mais vida. [3] Quando eles chegam à outra vida, as sociedades nas quais e com as quais os homens estiveram na vida do corpo lhes são mostradas. E, quando chegam a essas sociedades, após a vida do corpo, estão na sua mesmíssima vida que tiveram no corpo, e por essa vida é que começam uma vida nova. E assim, segundo a vida que tiveram no corpo, ou descem aos inferno ou são elevados ao céu.

688. Como tal é a conjunção de todos com cada um e de cada um com todos, assim também é com as coisas mais singulares das afeições e com as mais singulares do pensamento.

689. Daí resulta o equilíbrio de todos e de cada um quanto às coisas espirituais e naturais, de sorte que ninguém pode pensar, sentir e agir a não ser por muitos; e, entretanto, cada um supõe que o faz livremente por si. Da mesma forma, nada existe que não esteja em equilíbrio com o seu oposto e com os intermediários do oposto, de modo que, cada um por si e todos juntamente, vivem em perfeitíssimo equilíbrio. Por causa disso, mal nenhum pode suceder a alguém, sem que logo seja posto em equilíbrio, e, quando o mal é preponderante, logo esse mal ou o malfeitor é castigado pela lei do equilíbrio como se fosse por si mesmo, mas isso sem-

pre com o fim de daí se extrair um bem. A ordem celeste consiste em tal forma, e daí em tal equilíbrio, que é formada, disposta e eternamente conservada pelo SENHOR, só.

690. Além disso, cumpre saber que não há sociedade alguma inteiramente a absolutamente igual [*similis*] a outra, tampouco numa sociedade alguém que seja igual a outro, mas há uma concordante e harmônica variedade de todos. Essas variedades foram de tal modo ordenadas pelo SENHOR que tendem para um único fim, ao qual se chega pelo amor e pela fé nEle; daí existe a união. Por isso não existe para um indivíduo um céu que seja absolutamente igual ao céu e à alegria celestes de outro; mas, assim como se dá com as variedades de amor e de fé, assim também se dá neles com o céu e a alegria.

691. Essas coisas, a respeito das sociedades em geral, vêm de experiência contínua e prolongada, de que se falará em particular, pela Divina misericórdia do Senhor, na seqüência.

[Fim do Capítulo Sexto do *Gênesis*]